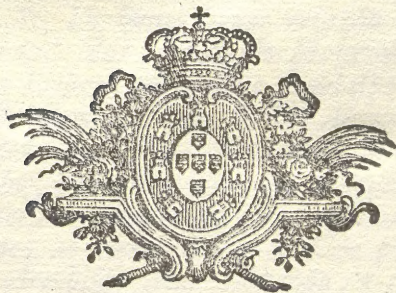
DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SETIMA

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I.
DA DECADA VII.

LIVRO I.

CAP. I. *De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca: e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas.* Pag. 1.

CAP. II. *De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahão, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.* 13.

CAP.

CAP. III. *De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenhas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.* 30.

CAP. IV. *De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tratos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerraremse as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.* 38.

CAP. V. *De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Cafár, a buscar as galés que estavam em Baçorá: e de como tomou algumas náos de Ormuz: e de outras cousas que passáram.* 46.

CAP. VI. *De como o Viso-Rey despachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceo a D. Affonso de Noronha com ElRey do Chembe, e se embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a náo Santa Cruz desappareceo.* 50.

CAP. VII. *Do que aconteceo a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada*

que

que o Viſo-Rey ordenou pera o Eſtreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abaſſia: e do que aconteceo a Vaſco da Cunha com ElRey de Chembe ſobre as pazes. 57.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos no Eſtreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquicó: e do que aconteceo ao Padre Meſtre Gonçalo até á Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve deſde a Rainha Sabá até eſte Claudio: e do que o meſmo Padre paſſou com o Emperador.* 66.

CAP. IX. *De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, perſuadio a Tartacan, que lançaſſe a Biſcan fóra das terras de Dio, como fez: e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega: e de outras couſas que paſſáram.* 83.

CAP. X. *De como ſe levantáram contra o Idalcan alguns Capitães ſeus: e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas.* 88.

CAP. XI. *De como o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas alevantou Mealecan por Rey de Viſapôr: e dos contratos que com elle fez: e de como paſſou a Pondá, e o entregou a Calabatecan.* 93.

CAP. XII. *De como faleceo o Viſo-Rey D. Pe-*

Pedro Maſcarenhas: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa. 103.

LIVRO II.

CAP. I. *De como por morte do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas ſuccedeo na governança da India Franciſco Barreto: e da Armada que ſe queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.* 111.

CAP. II. *De como o Governador Franciſco Barreto paſſou a Pondá a ſe ver com o Mealecan: e de como proveo as Tanadarias daquellas partes, e mandou D. Antão de Noronha a tomar poſſe de todo Concan.* 117.

CAP. III. *Dos recados que paſſáram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xeque ſobre a Alfandega: e de outras muitas couſas que ſuccedêram.* 122.

CAP. IV. *Das couſas que ſuccedêram em Ceilão: e dos ardís de que o Madune uſou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois ſe concertou com elles pera o deſtruirem, como fizeram.* 132.

CAP. V. *De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidiſotão, matou ElRey Bramá,*

e

e se apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas cousas que succedêram. 136.

CAP. VI. *De como Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, veio com grandes exercitos sobre Pegú, e tornou a conquistar aquelle Reyno: e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza, onde a Rainha estava: e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú, quando os veio soccorrer.* 148.

CAP. VII. *Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa: e da perdição da náo Algaravia nova: e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira por Capitão mór ao Malavar: e do que aconteceo a Mealecan até Bilgão: e dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.* 155.

CAP. VIII. *De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan: e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados, e o Mealecan com Anel Maluco fugíram pera o Izamaluco, e do que lá lhes succedeo.* 163.

CAP. IX. *Do que aconteceo a D. Antão de Noronha no Concan: e dos recontros que te-*

teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande vitoria que alcançou do Xacoli. 167.

CAP. X. *De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães ao Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e D. Antão de Noronha.* 175.

CAP. XI. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.* 180.

LIVRO III.

CAP. I. *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a Cambaya por Tristão de Paiva, e sobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Mestre Gonçalo, que estava na Abassia: e da Armada que despedio pera o Estreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das cousas que Miguel Rodrigues, Fios secos, fez pela costa do Idalcan.* 186.

CAP. II. *Do que aconteceo a Tristão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficáram*

ram nos baixos de Pero dos Banhos acabáram a naveta, e nella vieram a Cochim. 192.

CAP. III. *Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceo a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.* 198.

CAP. IV. *Do que succedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem: e das desavenças que teve com Bernaldim de Sousa, Capitão da fortaleza de Ormuz: e do que lhe aconteceo no Estreito de Baçorá.* 203.

CAP. V. *Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.* 208.

CAP. VI. *Da Armada que este anno de sincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as náos até o Reyno.* 213.

CAP. VII. *De como o Patriarca, e o Embaixador do Preste tratáram com o Gover-*

vernador Francisco Barreto sobre sua ida: e dos entretimentos, e escusas de que usou, e do conselho que sobre isso tomou, em que se assentou fosse o Bispo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Sousa. 220.

CAP. VIII. *Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio para o Norte, e D. Diogo de Moronha se foi ver com elle a Baçaim.* 227.

CAP. IX. *De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Francisco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquistáram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.* 230.

CAP. X. *Da famosa Ilha de Salsete de Baçaim: e do seu espantoso Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.* 236.

CAP. XI. *Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.* 250.

CAP. XII. *De como o Governador Francisco Barreto houve ás mãos as fortalezas de Assari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar posse dellas por mandado do Governador: e de outras cousas, em que proveo até se partir pera Goa.* 261.

CAP. XIII. *Do que aconteceo na jornada*

a Pero Barreto: e do engano que com elle uʃou o Principe do Cinde: e de huma façanhoʃa ſerpente, que hum ʃoldado chamado Gaʃpar de Montarroio matou. 270.

CAP. XIV. *De como Pero Barreto Rolim deʃtruio a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde naʃceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda.* 276.

LIVRO IV.

CAP. I. *Do que aconteceo á náo S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim deʃtruio a Cidade de Dabul.* 285.

CAP. II. *De como o Governador Franciʃco Barreto paʃʃou á terra firme em buʃca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras couʃas.* 290.

CAP. III. *De algumas couʃas, em que o Governador Franciʃco Barreto proveo: e de alguns Capitães que deʃpachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrenegado.* 298.

CAP. IV. *Do que aconteceo na viagem a Manoel Travaʃʃos, até lançar o Biʃpo no Por-*

Porto de Arquicó: e do que ſuccedeo ao Biſpo até Baroá. 304.

CAP. V. *Do que ſuccedeo a Balthazar Lobo de Souſa na viagem até á Ilha de S. Lourenço: e da deſcripção deſta Ilha, e das de Comoró: e qual ſeja a Minuthias de Ptolomeu.* 310.

CAP. VI. *Do que aconteceo ao Biſpo D. André de Ouviedo até chegar a ſe ver com o Emperador da Ethiopia: e do que com elle paſſou.* 319.

CAP. VII. *De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma aſperiſſima prizão: e das grandes guerras que por iſſo ſe levantáram em todas aquellas Ilhas contra os noſſos Portuguezes.* 326.

CAP. VIII. *Da differença que ha antre Perſas e Arabes ſobre a opinião de ſuas ſeitas: e de como o Rey da Perſia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que ſeguiſſem ſua ſeita.* 334.

CAP. IX. *De huma relação de Nizamoxá, e de ſua morte: e de como o que lhe ſuccedeo no Reyno ſe ajuntou com o Cutubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha prezo.* 339.

LIVRO V.

CAP. I. *Das cousas, que acontecêram na guerra de Goa: e de hum assalto que os nossos deram na outra banda, em que houve algum desarranjo: e de como os inimigos entráram a Ilha de João Lopes.* 347.

CAP. II. *Da Armada que este anno de sincoenta e sete partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos: e de huma breve relação da devoção, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, a que elles chamam o Corpo Santo.* 352.

CAP. III. *Das cousas que succedêram em todo este anno em Maluco: e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça, e soltáram aquelle Rey.* 359.

CAP. IV. *Da embaixada que o Governador Francisco Barreto mandou a ElRey de Chaul, e sobre que: e de como os Mouros entráram na Ilha de Chorão, donde foram lançados com grande damno seu: e de como o Governador mandou metter nella D. Francisco Mascarenhas.* 369.

CAP. V. *De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno, e os Mouros começáram a fallar em pa-*

pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra. 376.

CAP. VI. *Da Armada com que o Governador Francisco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que nisso passou.* 384.

CAP. VII. *De como o Governador Francisco Barreto mandou desapossar D. João de Ataíde da Capitanía de Ormuz, pera onde foi D. Antão de Noronha: e do que mais fez até se partir pera Goa.* 391.

CAP. VIII. *De como o Governador Francisco Barreto se partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.* 395.

DE-

DECADA SETIMA.

LIVRO I.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João supplicou ao Papa provesse o Imperio da Abassia de Patriarca: e de huma breve relação do Patriarca D. João Bermudes, que lá foi em tempo do Governador D. Estevão da Gama: e de outras muitas cousas.

EPOIS que ElRey D. João despedio a Armada pera a India este anno de 1553, de que foi por Capitão mór Fernão de Alvares Cabral, logo determinou de prover em duas cousas: huma, mandar successor ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha; e a outra, supplicar ao Papa lhe concedesse Patriarca, e Bispos pera o Imperio

da Abaſſia, pela muita inſtancia com que aquelles Imperadores lho tinham mandado pedir; porque deſejavam de dar obediencia á Santa Sé Apoſtolica, e renunciar os Patriarcas hereges, que de Alexandria lhes mandavam, por quem havia tantas centenas de annos ſe governavam. E era eſte deſejo tão antigo, que já o Imperador Zeriaco treſavô de Claudio, que ao preſente reinava, por morte do Patriarca que os regia, não quiz acceitar mais outro de Alexandria, e dizia » que antes perderia todos os ſeus Reynos, » que conſentir mais lhe vieſſem Patriarcas » hereges; » e aſſim dez annos, que depois viveo, lhe não entrou algum em ſeus Reynos. E depois ſeu filho Alexandre eſteve na meſma opinião treze annos, até que o povo ſe lhe queixou, por lhe irem faltando Sacerdotes pera lhe adminiſtrarem os Sacramentos; pelo que lhe foi neceſſario mandar a Alexandria pedir Patriarca, donde lhe mandáram dous; hum delles ſe chamava Marcos, e o outro Jacob, que lhe havia de ſucceder. E aſſim foram ambos continuando muitos annos, até falecer o Jacob, e ficar o Marcos ſó adminiſtrando aquelle Imperio, (que he o que D. Rodrigo de Lima, que lá foi por Embaixador no anno de vinte e ſeis, ainda achou vivo, e confeſſou ao Padre Franciſco Alvares, que foi neſta jornada,

da, ſegundo elle o refere no livro que della compoz, que era de cento e vinte annos, porque quando fora áquelle Imperio fizera ſetenta, e que havia ſincoenta que o adminiſtrava, a fóra alguns que depois viveo.) Eſte quando lá vio D. Rodrigo, e hum Religioſo, que ſeguia a Igreja Latina Romana, (ſegundo conta o meſmo Padre Franciſco Alvares,) dava graças a Deos, e dizia, que ſe chegava o tempo de ſe cumprir huma profecia, que havia nos livros Abexins, que dizia, » que aquelle Imperio não teria » mais de cem Patriarcas provídos por Ale- » xandria, e que apôs elles viriam outros pro- » vídos pelo Summo Pontifice de Roma, e » que elle era o derradeiro dos cento. » No que ſe enganou, porque até hoje perſeveram Patriarcas hereges, poſto que alguns annos depois lhe foi hum Catholico, provído pelo Papa Paulo III, que foi o D. João Bermudes, que D. Chriſtovão da Gama levou, como fica dito no Cap. V. do VII. Liv. da quinta Decada. E porque deſte Patriarca não fallámos mais, depois que Dom Chriſtovão da Gama foi lá morto, nem tivemos tão inteira informação de ſuas couſas como agora, que no-la mandáram da Ethiopia, o faremos aqui brevemente, e o daremos melhor a conhecer.

Eſte homem era Portuguez, e tinha ido

a Abaſſia com D. Rodrigo de Lima, quando lá foi por Embaixador em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, e levou comſigo hum ſeu ſobrinho, chamado Dom Garcia de Noronha, ſegundo hum Tratado, que elle meſmo fez das couſas que lhe ſuccedêram no tempo que eſteve na Abaſſia, ſendo Patriarca. E depois de D. Rodrigo de Lima de lá vir, faleceo naquelle Imperio o Patriarca Marcos, de que atrás fallámos, por cuja morte o D. João Bermudes perſuadio ao Imperador da Abaſſia, que mandaſſe dar obediencia á Igreja Romana, e pedir ao Summo Pontifice Patriarca Catholico; e como elle lhe eſtava affeiçoado, deſpedio-o pera Roma com cartas ao Papa, em que lhe pedio lho mandaſſe a elle por Patriarca. E indo neſta jornada, que foi o anno de trinta e ſinco, ou trinta e ſeis, foi cativo de Turcos, e levado ao Cairo, donde por ſua induſtria ſahio, e foi ter a Roma, e o ſanto Padre o ouvio muito bem, e leo as cartas do Imperador Claudio. E ſabendo o riſco em que aquella Chriſtandade ficava, logo ſagrou o D. João Bermudes em Patriarca, e o enviou com cartas a Portugal pera ElRey D. João o III., em que lhe dava conta daquelle negocio, e lhe pedia » quizeſſe ſoccorrer aquelle Imperador, pois » nenhum dos Principes Chriſtãos tinha me-

» lhor

» lhor apparelho pera isso. » E esta foi a causa, por que ElRey o despedio em companhia do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, a quem deo por regimento mandasse huma boa Armada de soccorro áquelle Imperador, e nella lhe enviasse o Patriarca. E como o Viso-Rey D. Garcia de Noronha achou a fortaleza de Dio de cerco, em cujo soccorro se occupou todo aquelle verão, e no seguinte faleceo, não teve tempo pera o mandar. E o Governador D. Estevão da Gama, que lhe succedeo, achando estas instrucções nos papeis de D. Garcia de Noronha, quiz fazer aquella jornada, que na quinta Decada contámos, assim pera este effeito, de que então não tinhamos tão perfeita informação, como pera o das galés. Em fim, morto Dom Christovão da Gama, ficou o Patriarca naquelle Reyno até que o Imperador teve aquella batalha com o Grada Amet, que cortou a cabeça a D. Christovão da Gama, em que o desbaratou, e matou com a ajuda dos Portuguezes, como na mesma quinta Decada se verá no IV. Cap. do IX. Liv., e o Imperador tornou a cobrar seu Reyno, de que andava quasi esbulhado.

E como todas aquellas cousas, Embaixadas, e petições que fez ao Papa, foram feitas por necessidade, vendo-se agora poderoso, e estava entregue de todo ás maldi-

tas,

tas, e excommungadas ſeitas dos hereſiarcas Eutichiano, e Dioſcoro Alexandrino, e tinha mandado trazer de Alexandria Patriarca herege, ſendo ainda vivo D. Chriſtovão da Gama; e porque o elle não ſoubeſſe, tinha-o poſto no Reyno de Ambea, mettido em hum Moſteiro, que eſtava n'um grande lago de trinta leguas, onde o mandou levar aſſim, depois que ſe vio deſaſſombrado dos Mouros. E como aquelle Patriarca era máo, e herege, vendo-ſe favorecido do Imperador, logo começou a tratar maldades contra o D. João Bermudes, pera o deſacreditar, e fazer aborrecido a todos. E pera iſto fallou ſecretamente com huns Frades hereges, e os induzio a que lançaſſem de noite em certa parte da caſa de D. João Bermudes, hum vaſo de ouro da Igreja; e achando-o ao outro dia menos, começáram a fazer grandes eſtrondos publicamente, dizendo que D. João Bermudes o tomára: e fizeram ainda mais, que lhe foram dar de ſupito em caſa, achàram o vaſo na parte, onde o elles tinham poſto, do que ſe elle reſentio, e enfadou muito por entender a perverſidade de tão má gente, que foi a cauſa de não querer eſtar alli mais, nem ficar naquella terra. E indo-ſe pera Tigare, foi por todo aquelle caminho maldiçoando os lugares, e povoações por onde paſſava, e di-

dizia algumas vezes aos que o acompanhavam, que via humas formigas negras desstruir toda aquella terra, como de feito aconteceo; porque dahi a muito pouco tempo entráram por ella huns Cafres muito barbaros, chamados os Galas, e a destruíram de todo, como adiante se verá nesta Decada. Chegado o D. João Bermudes a Baroá, deixou-se alli ficar alguns annos esperando embarcações, em que se pudesse passar á India, até que ao porto de Daleca foram ter huns navios nossos, de cujos Capitães, ou em que tempo nos não souberam dar certa informação, e nelles se embarcou pera a India, e depois pera o Reyno. E em Lisboa se aposentou em S. Sebastião da Pedreira, fóra da Cidade, onde o nós vimos; e alli viveo alguns annos, e ainda em tempo de ElRey D. Sebastião era vivo, e depois morreo com mostras de muito grande Catholico, e ainda de santidade.

E todavia desejando agora ElRey Dom João o III. de tornar a accender aquella Christandade, pera que de todo se não apagasse, supplicou ao Papa Julio III., que ao presente governava a Igreja de Deos, mandasse hum Patriarca, e dous Bispos áquelle Imperio, por cartas que tinha de novo daquelle Imperador, em que lhe significava a grande vontade, e desejo com que queria

dar

dar obediencia á Santa Igreja Romana; porque tornavam a apertar com elle os trabalhos, e guerras, que o faziam buſcar eſte ſoccorro, e remedio. Daqui tomou ElRey D. João motivo pera eſcrever ao ſeu Embaixador que tinha em Roma, que inſtaſſe muito ſobre aquelle negocio, e pediſſe ao Padre Ignacio de Loyola, viſta a importancia delle, lhe déſſe alguns Religioſos doutos, e virtuoſos pera mandar áquelle Imperio.

Vendo o Summo Pontifice aquelle tão ſanto zelo de ElRey D. João, quillo ſatisfazer; e tratando com o Padre Ignacio de Loyola, Fundador da Companhia de Jeſus, ſobre aquella materia, elle lhe offereceo alguns Varões eſcolhidos pera as dignidades que pedia. E neſte Março de ſincoenta e ſinco andando o Papa Julio III. occupado neſta obra, veio a falecer, e ſuccedeo-lhe na Cadeira de S. Pedro Marcello II., que tambem faleceo no primeiro dia de Maio ſeguinte. E por ſeu falecimento foi eleito Paulo IV., que approvando por boa a tenção de ElRey D. João, pedio ao Padre Ignacio lhe déſſe os Religioſos ſobre que já ſe fallava, e elle lhe apreſentou pera Patriarca o Padre João Nunes Barreto, Portuguez, que já tinha andado em Africa, exercitando as obras de miſericordia no reſgate dos

ca-

cativos, que era irmão do Padre Ignacio Nunes, que eſtava por Reitor da Companhia da India, ambos Varões de vida exemplar, e de muitas letras, e virtude. E pera Biſpos os Padres Belchior Carneiro, Portuguez, e André de Oviedo, que então eſtava por Reitor da Companhia em Napoles. E eſte ſagrou logo com titulo de Biſpo Hierapolitano, e ao Belchior Carneiro paſſou letras pera o ſagrarem na India, e lhe deo titulo de Biſpo Niceno; e a ambos paſſou letras, em que os fazia Coadjutores, e futuros ſucceſſores do Patriarca. Eſtes Varões chegáram ao Reyno acompanhados de outros Padres doutos, e virtuoſos, que o Padre Ignacio elegeo pera eſta Miſsão, e foi já a tempo, que eſtavam as náos de verga d'alto pera partirem pera a India. E porque não era poſſivel embarcar-ſe o Patriarca tão depreſſa, ordenáram os Prelados da Companhia, que foſſem alguns Religioſos naquella Armada pera paſſarem diante a Abaſſia a fazerem a ſaber áquelle Imperador da eleição do Patriarca, e Biſpos, e de como ficavam no Reyno pera ſe partirem nas náos ſeguintes; e pera ſaberem o animo com que aquelle Imperador eſtava, porque quando o Patriarca chegaſſe, ſoubeſſe o que havia de fazer.

E parece certo que tinha Deos noſſo Senhor

nhor poſtos os olhos nas couſas do Oriente; porque no meſmo tempo em que o Summo Pontifice eſtava occupado neſta obra do Patriarca da Abaſſia, chegáram áquella Cidade Simão Sulaca, Biſpo de Caerimi, Cidade cabeça da grão Meſopotamia; e Mar Elias, Biſpo de Ninive, e ſe lançáram aos pés do Vigario de Chriſto, e lhe deram a obediencia de Catholicos, por ſi, e por todos os ſeus ſubditos; porque até então ſeguíram os erros do falſo Neſtor, cuja cabeça era o Patriarca de Antioquia, que o Summo Pontifice recebeo com muita alegria, e contentamento; e ſagrou ao Simão Sulaca em Patriarca de Muſal; e ao Mar Elias em Biſpo de outro lugar ſeu ſuffraganeo. E elles deram a obediencia de Catholicos por ſi, e pelos mais Biſpos de ſuas jurdições, e os deſpedio com grandes Breves Apoſtolicos. E no meſmo tempo ſagrou tambem a Mar Joſeph em Arcebiſpo de Ninive, pera ir ás terras do Malavar inſtruir aquelles Chriſtãos do Apoſtolo S. Thomé por ſerem governados por Mar Abrahão, Arcebiſpo Neſtoriano, como todos os atrás foram, que eram provídos pelos Patriarcas de Babylonia, a quem tambem paſſou Breves Apoſtolicos; e com elle mandou o Biſpo D. Ambroſio Monte Celi, ſeu Penitenciario, de caſta Italiano, Frade Dominico, pera ir em companhia

nhia do Patriarca de Muſal, e dahi paſſar aos Georgianos a ver ſe os podia reduzir á obediencia da Igreja Romana.

Chegados eſtes Patriarcas, e Biſpos a Muſal, tomou o Patriarca poſſe, e ajuntou os Biſpos ſuffraganeos, e deram obediencia ao Papa. O que ſabido pelo Patriarca de Antioquia, ſe paſſou a Babylonia, e alli ſe fez cabeça dos hereges Neſtorianos, ficando aquelle Patriarcado dividido em dous; mas o Catholico durou pouco, porque o matáram os Turcos; e preſumio-ſe que por ordem do Patriarca de Babylonia. E o Arcebiſpo de Ninive com o Biſpo D. Ambroſio, que ainda eſtavam com elle, tiveram tempo pera fugir aos hereges, e foram ter a Ormuz, e dalli á India eſte verão em que andamos; e por ordem do Governador Franciſco Barreto paſſáram á Serra, elle, e o Mar Joſeph, e tomou poſſe daquelle Arcebiſpado, e depoz o Mar Abrahão com ſentimento dos Chriſtãos que o acceitáram. E o D. Ambroſio depois de o deixar de poſſe daquella Chriſtandade, ſe tornou pera Goa, e em S. Domingos leo a ſagrada Theologia aos Religioſos daquella Ordem. E depois indo-ſe embarcar a Cochim pera o Reyno, faleceo naquella Cidade, e jaz enterrado na Caſa de S. Domingos. Foi eſte homem douto nas Letras Divinas, e humanas,

nas, grande Mathematico, e Geografo; muito viſto nas letras Gregas, e Caldeas. E antre os papeis que lhe ficáram ſe achâram algumas lembranças deſtas couſas, que nos hum Religioſo da Ordem de S. Domingos deo, de que nos aproveitámos pera eſtas informações.

E já que eſtamos com eſta Chriſtandade, e ſeus Biſpos nas mãos, parece que não ſerá deſpropoſito fazermos hum breve diſcurſo de todas ſuas couſas até darem obediencia á ſanta Sé Apoſtolica, poſto que o mais proprio lugar dellas he a onzena Decada, pera onde guardámos a relação de tudo. E por iſſo não faremos aqui mais, que tocar de paſſagem o ſubſtancial; porque ſenão chegarmos áquelle tempo ou pela muita idade, ou pelo pouco goſto, da parte dos homens, e ſeus eſquecimentos, com que procedemos neſte negocio, ao menos ficará já aqui eſta lembrança.

CA-

CAPITULO II.

De huma breve relação da Christandade das terras do Malavar, e de seus Bispos: e de como o Arcebispo de Goa, e Primaz da India D. Fr. Aleixo de Menezes, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, por ordem do Papa Clemente VIII. governou aquella Igreja, e ficou suffraganea ao Arcebispado de Goa por morte do Arcebispo Mar Abrahão, e depois os foi visitar em pessoa: e dos grandes trabalhos que passou até a reduzir ao gremio da Igreja Catholica: e do Synodo Diocesano que ordenou, em que tirou infinitos erros, e abusões: e de outras cousas.

NO primeiro Cap. do X. Liv. da nossa quarta Decada, que já anda impressa, damos larga conta, e relação das partes, por onde o Bemaventurado Apostolo S. Thomé andou prégando a nova Lei de seu Mestre Christo Jesus nosso Redemptor; e no fim desta setima se verá sua morte, e milagres. E neste Capitulo diremos brevemente de como se governou até agora aquella Igreja, fundada por elle nos Reynos do Malavar, assim no espiritual, como no temporal. Passado o Santo Apostolo da Ilha Sacotorá (como se verá em sua lenda) a estas partes da India, mi-

milagrosamente veio aportar á costa do Malavar, e não se sabe em que porto; mas devia de ser em hum dos Reynos de Cochim, porque logo por elle começou a semear a semente da Lei Evangelica, ou fosse no Reyno de Cranganor, ou no de Coulão, em que tinha ainda hoje Igrejas suas, vai pouco nisso; mas por ambos estes Reynos andou convertendo muitas almas á Lei de Christo, e nelles lhe acudíram, e o seguíram homens virtuosos, que elle acceitou por discipulos, e instruio mui bem na Lei do santo Evangelho. E depois de ver o muito fruito que tinha feito por aquellas partes, tratando de passar a outros Reynos, sagrou os discipulos que lhe melhor parecêram em Bispos, e os deixou governando aquella Christandade, e elle se passou pera as partes de Tartaria, China, e outras, como temos dito no Cap. I. do Liv. X. da nossa quarta Decada, e por ellas andou convertendo grande número de infieis, e idólatras, até se passar a Meliapor, onde foi morto, e onde cada dia resplandece com muitos milagres.

Os Bispos que deixou naquellas partes do Malavar governando aquella Christandade, fundáram Igrejas na Cidade de Cranganor, e na de Coulão, que ainda hoje se vem nos mesmos lugares, e conservam em mui-

muitas coufas fua memoria, e antiguidade, e antre ellas em huns padrões, e em laminas de metal, de terras, e rendas, que aquelles Reys concedêram pera a fabrica daquelles Templos, que nós ainda achámos na Feitoria de Cochim, que andáram des do principio daquella fortaleza, por entrega da cafa, de Feitor a Feitor, ha bem poucos annos. E querendo eu faber dellas, pera por obrigação do officio as recolhermos na Torre do Tombo, como coufa tão antiga, e tanto pera fe guardar, e honrar, já nos não fouberam dar razão dellas, nem os Feitores que de lá vem a fabem dar. Em fim, paffados muitos tempos depois da morte do Bemaventurado Apoftolo S. Thomé, fuftentando-fe aquella Chriftandade na Fé, e doutrina que lhe elle enfinou, fazendo o tempo mudança naquelles Reynos, como o tem feito em todas as Monarquias do Mundo, até a ellas irem os Mouros Arabios, feguidores da falfa doutrina, e lei de Mafamede, que fe apofentáram pelos pórtos maritimos de todo aquelle Malavar, como ainda hoje eftam, parece que avexados delles os Chriftãos, fe recolhêram ás ferras, e matos daquelles Reynos, onde fundáram fuas povoações, e vivêram naquella primeira doutrina até lhe faltarem os Bifpos, e Sacerdotes della, que fe mandáram foccorrer ao Patri-

triarca de Babylonia, que era cabeça dos hereges Nestorianos, que os provêram de hum Arcebispo Metropolitano, com titulo de Arcebispo do Indo; e de dous Bispos suffraganeos, hum com titulo de Bispo de Sacappa, e o outro de Macina, que não sabemos hoje onde sejam, mais que acharmo-los assim nomeados em suas escrituras; mas por conjecturas se presume que sejam pera a parte do Cathayo, e China, por onde o glorioso Santo andou fazendo grande conversão. E este nome de Arcebispo do Indo reteve até á morte de Mar Abrahão, que (como no primeiro Capitulo dissemos) foi sagrado em Roma, e viveo até os annos de 1597., seguindo sempre os erros Nestorianos, de que toda aquella Christandade estava insada; porque depois que foi governada por Arcebispos Armenios, que eram seguidores daquella falsa seita, perdêram o lume da Fé, em que estavam doutrinados pelo Santo Apostolo, e misturáram nella aquelles falsos, e diabolicos erros Nestorianos, em que aquelles Prelados os foram creando.

Em fim, morto o Arcebispo Mar Abrahão, tendo-se já havia muitos annos extinguidos os Bispos suffraganeos de Sacappa, e de Macina, sendo Summo Pontifice em Roma Clemente VIII., avisado disso, passou dous Breves Apostolicos, hum feito a

vin-

vinte e hum de Janeiro de noventa e ſete, e outro a vinte e ſete do meſmo mez de noventa e oito, em que mandava ao Arcebiſpo de Goa D. Fr. Aleixo de Menezes » que » como Primaz da India Oriental mandaſſe » tomar poſſe daquella Igreja, e Arcebiſpa» do, e de toda aquella Chriſtandade do » glorioſo Apoſtolo S. Thomé; e não con» ſentiſſe mais entrar nella Biſpo, nem Pre» lado Armenio, por ſerem todos hereges; » e que creaſſe no dito Arcebiſpado Gover» nador, e Vigario Apoſtolico, pera o go» vernar aſſim no eſpiritual, como no tem» poral, em quanto a Igreja Romana a não » provía de Biſpos. »

E porque fallamos no temporal, he de ſaber, que os Prelados deſta Chriſtandade são Juizes no temporal dos Chriſtãos ſeus ſubditos; o que parece foi tambem dado em privilegio ao Bemaventurado S. Thomé Apoſtolo por aquelles antigos Reys Gentios, o que até hoje ſe guarda infallivelmente, ſem nunca ſe quebrar.

Por virtude deſtes Breves, tratou logo o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes com muita caridade do proveito eſpiritual daquelles proximos, e zelo do ſerviço de Deos noſſo Senhor. E porque tambem lhe ficava em obrigação como Primaz da India, por aquella Igreja não ter Cabido, a quem per-

tencesse o governo della, no tempo da Sé vagante, e elle ser Metropolitano de todas as Igrejas da India, determinou mandar prover nisso, como fez, pera tornar a sometter, e sujeitar aquella Igreja á obediencia da Romana; o que tratáram as pessoas que a isso enviou, por todos os modos que lhe parecêram necessarios. Mas como todos aquelles Sacerdotes Christãos estavam entregues áquellas diabolicas, e abominaveis heresias do Heresiarca Nestor, não quizeram obedecer aos rogos, e persuasões que sobre isso lhe fizeram; do que o Arcebispo Dom Fr. Aleixo de Menezes sentio gravissima dor, e grande desconsolação; e todavia não desistio de obra tão santa, e de tão grande obrigação sua, antes por espaço de dous annos foi continuando por seus Ministros naquelle negocio, em que todos faziam pouco, ou nenhum fruito, antes achavam a todos cada vez mais endurecidos.

Pelo que commovido o Arcebispo de piedade de ver tantas mil almas, que do tempo do Apostolo S. Thomé se conservavam na Fé de nosso Senhor Jesus Christo, no meio de tanta gentilidade, e espalhadas por tão diversas partes, rodeadas de tantos idolos, e pagodes, em que o demonio era cada hora tantas vezes venerado, e sujeitas suas Igrejas, e Templos a tantos, e tão diver-

sos

ſos Reys todos idólatras, ſem poderem ter communicação com outros Chriſtãos até os Portuguezes entrarem com ſuas Armadas neſte Oriente, onde começáram a povoar Cidades, e fundar fortalezas: E vendo quanto eſte negocio era de ſerviço de Deos, depois de lho mandar encommendar por todas as Religiões, determinou de elle em peſſoa viſitar aquella Chriſtandade, pera ver ſe com ſua preſença os podia obrigar, moderar, e trazer á obediencia da Santa Igreja Romana, com tão grande zelo deſta obra, que lhe não deixava tempo, nem lugar pera ver os grandes trabalhos, riſcos, e perigos a que com ella ſe offerecia; e aſſim poz logo em effeito ſua ſanta determinação, provendo ſua Igreja de Governador, pera em ſua auſencia a ficar governando. E no principio do anno de noventa e nove ſe embarcou pera Cochim, acompanhado de muitos Clerigos, Conegos, e outros Sacerdotes, e de criados, e doutra mais gente neceſſaria ao ſerviço de ſua peſſoa, e dignidade. Chegando áquella Cidade, foi mui bem recebido; e depois que tomou ſuas informações, ſe partio pera as ſerras, onde os Chriſtãos viviam, acompanhado de muitos moradores daquella Cidade.

Entrando o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes naquella Chriſtandade, começou lo-

go a visitar as Igrejas , e Prelados dellas, em quem achou muito grandes difficuldades , pelas larguezas , e simonias com que viviam , offerecendo-se-lhe tantos trabalhos, e riscos de sua pessoa , que por muitas vezes esteve perdido; mas como a obra a que hia era tão santa, favoreceo-o nosso Senhor nella de maneira , que se livrou de todos com muita prudencia , e soffrimento, e de muitas conjurações que contra elle fizeram, levando ávante seu intento com as esperanças em Deos nosso Senhor , por cujo respeito estava offerecido a tudo que lhe acontecesse, que houve por bem, e foi servido, pelos merecimentos do seu Santo Apostolo Thomé , de sahir , e levar ao cabo o que tanto desejava. E assim com muita clemencia , e bondade quietou todos os tumultos que contra elle se levantáram; e por fim de muitas admoestações, orações, e prégações, que fez por todas suas Igrejas, os trouxe á luz da verdade , e á confissão da santa Fé Catholica, dando todos os Sacerdotes, como cabeças, e todos os mais subditos, obediencia á Santa Igreja Romana; o que o Arcebispo festejou muito no íntimo de seu coração com grandes alegrias , e louvores a Deos nosso Senhor, cuja a obra era.

Finalmente, vendo o Arcebispo que tinha alcançado o fim tão desejado de seus tra-

ba-

balhos, tratou de ajuntar Synodo Diecesano em alguma parte mais accommodada daquella Christandade; assim pera mais a confirmar na Fé Catholica, como pera nella plantar de novo os santos, e bons costumes da Igreja Romana, e extirpar tantas abominações, vicios, e heresias, como antre elles havia, e pera reformação de sua vida, e bons costumes. E assentou que se fizesse este ajuntamento na Igreja de Diamper, o que fez logo a saber á Cidade de Cochim, e ao Capitão della D. Antonio de Noronha, que assentou com os Vereadores, e muitos moradores, de se acharem presentes a tão boa, e santa obra, pera onde logo partíram com grande alvoroço, por verem recolher na manada de Christo ovelhas tão bravias, e montezinhas.

Tanto que o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se dispoz pera isto, fez logo chamamento de todos os Sacerdotes, e pessoas principaes que havia naquelle Arcebispado, fazendo-lhes a saber por suas cartas, que havia de começar o Synodo a vinte dias de Junho, em que cahia a terceira Dominga depois da festa do Pentecoste; ao que todos logo acudíram com grande alvoroço. E no tempo determinado se ajuntáram naquelle lugar de Diamper as pessoas seguintes.

Pre-

Prelados, e Sacerdotes, cento ſincoenta e tres, a fóra Diaconos, e Subdiaconos, e outros Procuradores dos póvos, com outras peſſoas principaes, ſeiscentos e ſeſſenta, a fóra todo o povo do lugar de Diamper, e doutros vizinhos, e ſinco Religioſos da Companhia, Theologos, e doutos na lingua Malavar, e dous delles na Caldea, e Aſſyria, Fr. Braz de Santa Maria da Ordem de Santo Agoſtinho, Theologo, e Confeſſor do meſmo Arcebiſpo, com outros Conegos da Sé de Goa, Clerigos ſeus criados, e outros Religioſos, que foram em companhia do meſmo Arcebiſpo, e o Capitão de Cochim, Cidade, e alguns moradores. O Synodo ſe havia de celebrar na Igreja da vocação de Todos os Santos. Depois do Arcebiſpo fazer ſuas preparações, e admoeſtações, e tomar ſuas informações, entrou na materia do Synodo, na primeira acção, que continha ſinco Decretos, todos de preparações, e admoeſtações pera atalhar alguns inconvenientes; e aſſim foi proſeguindo nas acções, de que daremos breve relação.

A ſegunda foi de dous Decretos, em que todos os preſentes fizeram profiſsão, e Proteſtação da Santa Fé Catholica, tomandolhes o Arcebiſpo a todos juramento da Fé, dando a obediencia ao Papa em ſuas mãos.

A terceira de vinte e dous Decretos. O pri-

primeiro continha quatorze Capitulos de coufas pertencentes á doutrina da Fé Catholica, e todos os mais pera defterrar as abusões, ritos Neftorianos, e máos coftumes daquella Chriftandade, e pera emendar, e alimpar as Efcrituras, Miffaes, e Breviarios, que andavam falfificados com muitos erros, e herefias mifturadas, e as principaes verdades Catholicas tiradas; e fe deo ordem pera fe rezar o Officio Divino a feu modo, conformando-fe com o Breviario Romano, e pera fe defterrarem dos feus livros, e catalogos muitos hereges, de quem elles rezavam por Santos, com outras coufas em grande bem daquella Chriftandade.

A quarta acção continha vinte e tres Decretos fobre os Sacramentos do Bautifmo, e Confirmação, de que até então não havia ufo, e no Bautifmo andavam muito defviados da Santa Igreja Catholica, e mifturados infinitos erros, herefias, e defordens intoleraveis, e abominações mui prejudiciaes; que tudo fe emendou, reformou, e alimpou de infinitas herefias Neftorianas.

A quinta acção continha nove Decretos de doutrina do fanto Sacramento da Eucariftia, e do modo que fe havia de dar aos Chriftãos; porque tudo andava corrupto, e inficionado de muitas herefias: com mais quinze Decretos fobre o fanto Sacrificio da Mif-

Miſſa, em que catholicamente ſe tiráram mil abusões, e erros, que naquella Igreja ſe uſavam.

A ſexta acção era de quinze Decretos, que continham a doutrina do Sacramento da Penitencia, que tiráram, e degradáram infinitos erros que nelle havia, e ſe declarou, e enſinou o modo que ſe havia de ter conforme á Igreja Catholica; porque ſe não uſava deſte Sacramento em quaſi todo eſte Arcebiſpado, antes era aborrecido nelle. Com mais tres Decretos da doutrina do Sacramento da Extrema-Unção, de que antre aquelles Chriſtãos até então não havia conhecimento, nem ſe ſabia o effeito, e efficacia, e inſtituição delle, pela falta de Miniſtros Catholicos; em que ſe dava ordem de como ſe haviam de uſar, e ſe dava a conhecer ſua virtude, e effeitos.

A ſetima acção era de vinte e tres Decretos, que continham o Sacramento da Ordem Sacerdotal, em que mui doutamente ſe tiráram as abusões, que naquelle Arcebiſpado ſe uſavam, torpezas, e ritos dos ſeus Sacerdotes, e deſterráram as manifeſtas ſimonias, que antre todos corriam. E ſe mandou trasladar os Breviarios, e livros de rezar ao modo da Igreja Catholica em lingua Surana, e accreſcentar-lhe o Symbolo de Santo Athanaſio, e tirar delles infinitas here-

re-

resias, que andavam em uso; e ordenou o Arcebispo Freguezias com seus Parocos. E porque lhe tirou as simonias, de que aquelles Sacerdotes se sustentavam, pedio o Synodo a ElRey nosso Senhor, que mandasse prover aquelles Vigarios, como faz a todos os da India, e lhes ordenasse mil e quinhentos cruzados cada anno, pera se repartirem por todos. E o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes se offereceo, e se obrigou por sua vontade aos prover de suas rendas, em quanto ElRey o não fazia, como fez, em quanto foi o recado ao Reyno; com que ElRey D. Filippe nosso Senhor, como muito Catholico, e Christianissimo Principe, logo como o soube lhes ordenou dous mil cruzados, cobrados na Alfandega de Dio, que lhes são mui bem pagos. Assim mais pedio o Synodo a ElRey, que mandasse prover aquellas Igrejas de vinho pera se dizerem as Missas, o que elle com o mesmo zelo mandou, que lhes déssem duas pipas delle cada anno; e em quanto este recado tardou os proveo o Arcebispo cada anno de sua casa com pipa e meia. Continha mais esta setima acção dezeseis Decretos de doutrina sobre o Sacramento do Matrimonio, de que até então usavam mui desviados da Igreja Catholica, destruindo mil abominações, de que por todo aquelle Arcebispado se usava;

e

e reformou, e emendou outros infinitos erros, que até então eſtavam introduzidos.

A oitava acção continha quarenta e hum Decretos de reformação das couſas daquella Igreja, e do uſo dos ſantos Oleos, pedras de Ara, Calices, e outras couſas do que até então não uſavam, e hum catalogo de todos os dias de feſta, que a Igreja celebra, e outras muitas couſas neceſſarias, e importantes.

A nona, e derradeira acção continha vinte e ſinco Decretos, todos de reformação daquella Chriſtandade, em que lhes dava muito bom modo de viver, e lhes tirou infinitos erros, e abusões; enſinando-lhes muito ſantos, e bons coſtumes pera ſe poderem governar. Eſte Synodo ſe celebrou, e acabou com muita quietação, e applauſo de toda aquella Chriſtandade, e o Arcebiſpo deo ordem pera ſe trasladar em lingua Aſſyria, e Caldea, e ſe repartir pelos Prelados de todo aquelle Arcebiſpado. E ordenou o Padre Franciſco Roz da Companhia, por ſaber bem eſtas linguas, pera ficar adminiſtrando todo aquelle Arcebiſpado; e mandou depois ao Summo Pontifice o Synodo, pera que viſſe o modo que ſe tivera na reformação daquella Chriſtandade, que com entranhas de pai, e bom, e verdadeiro Paſtor o feſtejou com muitas graças, e louvores que deo ao

Al-

Altiſſimo Deos, e proveo ao Padre Franciſco Roz em Biſpo daquella Chriſtandade, fazendo-o ſuffraganeo ao Arcebiſpado Metropoli de Goa, que hoje eſtá de poſſe, fazendo muitos ſerviços a noſſo Senhor, e grande fruito por toda aquella Chriſtandade.

E porque ſe veja quanto aprouve á Divina Mageſtade eſte Synodo, ſerá bem que não paſſemos por hum caſo que nelle aconteceo muito milagroſo, e foi eſte. O dia que ſe acabou o Synodo, ordenou o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes huma Prociſsão, em que déſſem todos graças a Deos noſſo Senhor pela mercê que lhes fizera em deixar acabar aquella obra tanto em ſeu ſerviço, como foi trazer aquelles póvos á luz da verdade. E eſtando a Prociſsão ordenada dentro na Igreja, eſperando que déſſe o tempo algum jazigo pera poder ſahir pera fóra, porque havia tres dias que chovia ſem ceſſar, por ſer na força do inverno; e neſte dia mais que nos outros, parecia que ſe tinham abertas as cataratas do Ceo, com o que todos eſtavam parados, e ſe recolhêram por onde puderam, por não caberem na Igreja. O Arcebiſpo veſtido em Pontifical, eſteve nos degráos do Altar muito eſpaço, eſperando que ceſſaſſe alguma couſa aquelle diluvio de agua; e vendo que todavia hia por diante com tanta braveza, que começá-

çáram aquelles tenros Chriſtãos (que são mui dados a agouros, e prognoſticos) a resfriar daquelle alvoroço. E o que era ainda peior, que alguns que ainda não eſtavam bem nas couſas da Fé, diſſeram a outros, que ſeriam tão fracos como elles, que aquella obra não era de Deos, pois elle não dava tempo pera ſe poder fazer a Procisſão. E ou o Arcebiſpo foſſe aviſado diſſo, ou o ſuſpeitaſſe, quaſi àgaſtado contra todos, mandou que ſahiſſe a Cruz fóra da Igreja, e que ſe proſeguiſſe a Procisſão, havendo que era menos inconveniente molharem-ſe todos, que ficar aquelle agouro nos corações de alguns fracos. E dando o recado ao que levava a Cruz, foi pera ſahir, e não ſe atreveo com a grande força da agua que chovia. O que viſto pelo Arcebiſpo, do lugar donde eſtava brádou que ſahiſſe, que ſahiſſe a Cruz, como logo fez. Em ſahindo fóra da porta da Igreja, e em ſe levantando em alto, couſa maravilhoſa! ſupitamente ceſſou a chuva, e ficou o ar tão claro, ſereno, e bem aſſombrado, que não ſe vio no meio do verão outro mais alegre dia; com que a Procisſão ſe proſeguio, e acabou com grandes louvores de Deos noſſo Senhor. Os que dantes eſtavam com aquellas dúvidas, vendo tão claro milagre, lançáram de ſi todas fóra, e leváram eſtas novas a ſeus póvos, fican-

cando toda aquella Chriſtandade confirmada na verdade do que o Arcebiſpo lhe tinha enſinado no Synodo, e na obediencia que todos tinham dado á Santa Igreja Romana.

Outro caſo aconteceo tambem de não menos admiração. Eſte foi, que em quanto durou o Synodo, como o Arcebiſpo no principio delle tinha mandado, que todos os que quizeſſem diſputar das couſas da Fé, pôr duvida, ou fallar nas que ſe decretavam, o pudeſſem fazer livremente, e vir com ſuas dúvidas publicamente á Congregação de todos, onde lhes elle ſatisfaria; induzidos alguns pelo demonio, e afferrados ainda a ſeus erros, e com o odio que tinham á Santa Igreja Romana, ſe ajuntáram fóra; e dadas as mãos pera ſe unirem neſte mal que queriam fazer, em virem encontrar o que ſe decretava, e baralharem a Congregação; e entrando com eſtes intentos na Igreja, tanto que chegavam ao Arcebiſpo, que eſtava veſtido em Pontifical, ficavam como mudos, e tolhiam-ſe-lhes os pés, e as mãos, ſem poderem bullir comſigo, nem ainda fallar, e aſſim ſe tornavam pera fóra, e lá pelejavam huns com os outros, e ſe reprendiam de cobardes, acanhados, e pera pouco, pois ſe ſahiam fóra ſem pôrem por obra a determinação que levavam. E tornando-ſe a ratificar em ſeus damnados inten-

tentos, entravam outra vez de novo na Igreja, onde lhes acontecia o mesmo que da primeira: andando nestes propositos tres dias continuos, que gastáram em entrar, e sahir, sem fazerem cousa alguma do a que hiam; até que convencidos interiormente de seus proprios males, confessáram sua culpa, e pedindo perdão della, se reduzíram, e deram obediencia á Santa Igreja Romana, e ao Arcebispo em seu nome. Acabado o Synodo, foi o Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes visitar todas as Igrejas daquella Christandade, fazendo dar á execução todas as cousas que no Synodo se determináram; e deixando tudo posto em ordem, se tornou pera Cochim, e dahi pera Goa.

CAPITULO III.

De como ElRey D. João este anno de 1554. elegeo pera Viso-Rey da India a D. Pedro Mascarenhas: e da Armada com que partio: e do que succedeo na viagem até chegar á Cidade de Goa.

HAvendo quatro annos que D. Affonso de Noronha estava na India, desejou ElRey de o mandar vir, e prover naquelle lugar de hum Fidalgo, a que todos tivessem muito grande respeito, e que fosse muito rico, porque tratasse mais do que cumpria ao

bem

bem daquelle Eſtado, que ao ſeu particular; e que tambem não tiveſſe filhos, porque a governança da India não andaſſe de promeio. Eſta era a razão, por que o Senado de Roma não conſentia elegerem-ſe Legados pera andarem nos exercitos com os Conſules, que foſſem ſeus parentes, porque o haviam por grande prejuizo. E huma das couſas, que ſe deve louvar mais naquelle grande governo do Imperio da China, he, que nas eleições que fazem dos Officiaes da Juſtiça, e Fazenda pera todas as Provincias, nunca elegem ſenão peſſoas de huma pera outra mui diſtantes, e onde não tenham parentes, nem amigos, porque aſſim poſſam governar mais livremente, ſem haver quem lhes faça fazer deſordens. Aſſim querendo ElRey eleger pera eſte Imperio Oriental, tão apartado delle, huma peſſoa livre, e deſintereſſada, não achou por então outra que o foſſe mais que D. Pedro Maſcarenhas, que elle tinha dado por Mordomo mór do Principe D. João ſeu filho, (que era fallecido no principio deſte anno de ſincoenta e quatro em que andamos, em idade de dezeſeis annos,) e commettendo-o pera iſſo, ſe lhe eſcuſou com dizer » que era de mais de ſe» tenta annos, e que não tinha já forças, nem » diſpoſição pera os trabalhos de tão com» prida viagem, como era a da India; e

» que

» que tambem não se atrevia a mandar, e
» governar gente tão livre, e voluntaria co-
» mo nella havia. » E por muitas vezes que
lhe ElRey nisso fallou, sempre lhe pedio de
mercê que o escusasse; mas ElRey pelo que
lhe relevava, (que era servir-se delle esses
poucos annos que vivesse, por sua muita
prudencia, authoridade, e mais partes ne-
cessarias pera quem ha de governar a India,
ou pelo que outros diziam, que desejavam
de o lançar fóra do Reyno alguns privados
pela sombra que lhe elle fazia, e pelo mui-
to respeito que lhe ElRey tinha,) não de-
sistio do negocio, antes lhe lançou o Infan-
te D. Luiz, que era muito grande seu ami-
go, e a quem o D. Pedro tinha muito gran-
de respeito, que pelo gosto que sentio a El-
Rey, apertou com D. Pedro muitas vezes,
sem o poder render áquelle negocio, até
que o Infante concluio com lhe dizer » que
» hum delles havia de ir á India; que se el-
» le se não quizesse embarcar, que elle o fa-
» ria, porque assim o tinha promettido a El-
» Rey seu Senhor, e irmão. » Vendo Dom
Pedro Mascarenhas a grande obrigação em
que o Infante o punha, lhe disse » que an-
» tes elle queria tomar sobre si aquelles tra-
» balhos, e ir acabar por esse mar, que não
» inquietar-se S. A. »

Dada esta palavra, mandou ElRey a
D.

D. Pedro Maſcarenhas, que fizeſſe ſeus apontamentos, como fez, e lhe concedeo tudo, porque o menos que pedio foi pera ſi, que foi, que os oito mil cruzados de ordenado, que os Viſo-Reys tinham na pimenta da Caſa da India, ſe pagaſſe delles em Goa; porque elle não havia miſter couſa alguma no Reyno, que tinha muita renda, e não queria poupar nada na India, ſenão gaſtar tudo em ſerviço de S. A. E aſſim lhe concedeo Provisão, pera que todos os Fidalgos, e moradores da Caſa de ElRey, que ſe embarcaſſem na ſua Armada, venceſſem ſoldo, e moradia em quanto andaſſem na India. E affirma-ſe, que algumas vezes pedíra de mercê a ElRey, que lhe diſſeſſe a peſſoa que lhe havia de ſucceder na governança, ſe Deos fizeſſe delle alguma couſa na India; e que até niſſo o quizera ſatisfazer, e lho diſſera; mas o mais certo he, que ſempre ſe eſcuſou diſſo: todavia ao tempo que o deſpedio, lhe diſſe » que tiveſſe muita conta com Franciſco Barreto, porque » tinha grande ſatisfação de ſeus ſerviços; » no que claramente lhe deo a entender, que lhe ſuccedia. Só o cargo de Capitão mór do mar da India, que lhe pedio pera Fernão Martins Freire ſeu ſobrinho, filho de ſua irmã, (ſobre quem elle queria deſcarregar a mór parte dos trabalhos do governo,) ſe

ſe lhe não concedeo, porque houve no Conſelho ſobre aquelle negocio differentes pareceres; mas deo-lhe por regimento, que puzeſſe na India em conſelho de Capitães velhos, ſe era neceſſario aquelle cargo; e que aſſentando-ſe que ſim, o proveſſe em quem lhe pareceſſe.

Deſpachadas as couſas da India, e as náos, foi ElRey em peſſoa fazellas á véla, e o Infante D. Luiz levou o Viſo-Rey Dom Pedro Maſcarenhas até o metter dentro na náo, e fez-ſe á véla por fim de Março deſte anno de ſincoenta e quatro. A Armada era de ſeis náos muito formoſas, S. Boaventura, em que o Viſo-Rey hia. A Conceição, de que era Capitão Manoel de Caſtanhoſo. De Santa Cruz, Belchior de Souſa, da companhia de Fernão de Alvares Cabral, do anno paſſado, que tinha arribado ao Reyno. A náo Eſpadarte, de que era Capitão Fernão Gomes de Souſa, que hia deſpachado com a Capitanía de Cochim. Da náo Framenga era D. Manoel Tello, que levava a Capitanía de Dio. E da outra náo era Capitão Franciſco de Gouvea. Embarcáram-ſe neſta Armada dous mil homens de armas, em que entravam mais de quatrocentos moradores da Caſa de ElRey, antre Fidalgos, e de todos os outros fóros.

Os Fidalgos conhecidos são os ſeguintes:

tes : Fernão Martins Freire , D. Francisco Mascarenhas , filho do Capitão dos Ginetes , sobrinho do mesmo Viso-Rey , o que depois foi Conde de Santa Cruz , e Viso-Rey da India. D. Pedro Mascarenhas , irmão de D. João Mascarenhas , que sustentou o segundo cerco de Dio. Ruy Barreto Mascarenhas de Ludo ; D. Rodrigo Coutinho de Montemór o Novo , filho de D. Gonçalo Coutinho , o que os Mouros matáram no Bori , como no fim da quarta Decada Liv. X. Cap. III. fica dito. João Lopes Leitão ; Lourenço de Sousa , filho de Alvaro de Sousa de Aveiro ; Christovão Pereira Homem ; D. João Béllez , primo de ElRey de Béllez , que se fez Christão , e ficou em Lisboa , quando aquelle Rey veio pedir soccorro pera cobrar seu Reyno. Este D. João casou depois na India com huma parenta dos Reys , ou dos Guaziz de Ormuz. D. Antonio de Noronha , de alcunha o Catarraz , que depois foi Viso-Rey da India , que trouxe mil cruzados de ordenado cada anno pera seu entretimento.

Partidas as náos , foram seguindo sua derrota , em que todas tiveram muitos contrastes , e por fim tomáram differentes pórtos. A náo Framenga , de que era Capitão Dom Manoel Tello , arribou ao Reyno destroçada. A Espadarte foi muito tarde tomar Momba-

baça, e dahi paſſou a invernar a Ormuz. As náos Santa Cruz, e Conceição tomáram por fóra da Ilha de S. Lourenço, e foram tomar Cochim entrada de Novembro. A náo S. Franciſco chegou tarde a Moçambique, e ficou alli invernando: ſó o Viſo-Rey, que levava melhores Officiaes, paſſou o Cabo de Boa Eſperança cedo, e chegou a Moçambique entrada de Agoſto; e fazendo ſua aguada, e tomando provimentos, ſe partio pera Goa, e ſurgio na barra a vinte e tres de Setembro, onde foi viſitado da Cidade, e Fidalgos, e logo deſembarcou, e ſe foi pera Goa, ſem querer aguardar que lhe fizeſſem recebimentos, por vir anojado pelo falecimento do Principe D. João; e o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha lhe entregou a India, e ſe foi logo pera Pangim negociar ſua embarcação. Simão Botelho, Veador da Fazenda, acudio logo a deſcarregar a náo do Viſo-Rey, e a recolher o cofre do cabedal; e mandou que ſe tiraſſe logo o cofre, que vinha no porão, tendo a náo ainda toda a carga dentro em ſi; e deſcuidando-ſe os Officiaes de lhe metterem outro laſtro, deo-lhe hum dia hum tempo rijo, e achando-a deſalaſtrada, e com o pezo todo em ſima, a virou logo, e a aſſoçobrou; e acudindo-lhe o Veador da Fazenda com todos os Officiaes, já lhe não pudéram valer,

o que ſentio tanto, que ſe foi metter Frade em S. Domingos, onde viveo alguns annos Sacerdote, e morreo religioſamente. O Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas apoſentou-ſe nas caſas do Sabayo, o antigo apoſento dos Governadores; e porque eram de dous ſobrados, e de mui compridas eſcadas, e elle era velho, e muito magro, davam-lhe muito trabalho; pelo que mandou negociar as caſas da fortaleza, em que os Capitães ſe coſtumavam agazalhar, e paſſou-ſe pera ellas, e foi o primeiro Viſo-Rey que alli ſe apoſentou, e depois o fizeram todos; porque na verdade he apoſento mais proprio pera os que governarem, por eſtar ſobre o caes; e nada póde entrar pelo rio aſſima, que elles não vejam. Eſte anno caſou o noſſo Catholico Rey D. Filippe com a Rainha Maria de Inglaterra, com cujo caſamento ſe eſperava a total reparação das couſas da Fé naquelle Reyno.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Capitães de Baçaim, e Chaul ajuntáram navios, e se foram lançar sobre a barra de Surrate, sabendo estarem dentro as galés: e de como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas mandou seu sobrinho Fernão Martins Freire com huma Armada áquelle negocio: e dos tratos que teve com Caracen, Capitão de Surrate: e de como se assentou cerrarem-se as galés: e da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa.

RECOlhidas as galés a Surrate, e tomada a barra pelas caravelas, como no fim da Sexta Decada no Cap. ultimo do X. Liv. fica dito, logo corrêram as novas a Baçaim, e Chaul, onde estavam por Capitães Francisco de Sá dos Oculos, e João de Mendoça Cação, que com muita pressa armáram dez navios de remo cáda hum: embarcando-se nelles com muita gente, e munições, deram á véla pera Surrate, em cuja barra acháram as caravelas, e surgíram todos nos poços, onde se deixáram estar até lhes vir recado do Viso-Rey, a quem escrevêram de sua jornada. O navio que Dom Fernando de Menezes despedio a Mascate com as novas da vitoria, chegou a Goa huma

ma noite, juntamente com as das galés ſe-
rem recolhidas a Surrate; e dando-ſe as no-
vas a D. Affonſo de Noronha, que eſtava
na cama, ſaltou fóra della em camiſa com
tamanho alvoroço, que como doudo aſſim
mal compoſto ſahio fóra á ſala, onde já ha-
via muitos Fidalgos, parentes, e amigos,
que com elle eſtavam em Pangim; e ven-
do-o os criados daquella maneira, chegá-
ram a elle, e lhe pedíram que ſe recolheſ-
ſe, e ainda apegáram delle pera o levarem;
mas o bom velho que eſtava como deſaſſi-
ſado com as novas do filho, por ſerem tão
boas, reſiſtio a todos, dizendo » que o dei-
» xaſſem, ainda que eſtiveſſe pouco honeſto, »
e todavia tomou hum roupão que lhe trou-
xeram, e aſſim em pé eſteve perguntando ao
Capitão do navio muito particularmente pe-
la batalha, porque o filho nas cartas ſe re-
portava a elle. E depois que ſoube tudo, o
mandou ao Viſo-Rey, que já eſtava reco-
lhido; e dando-lhe a nova, a recebeo com
muito alvoroço, e fez mercê ao Capitão do
navio, mandando logo que ſe repicaſſem to-
dos os ſinos da Cidade, por onde ſe eſpalhá-
ram tão boas novas. Ao outro dia pela ma-
nhã foi o Viſo-Rey a Pangim a viſitar Dom
Affonſo de Noronha, e dar-lhe os parabens
da vitoria do filho.

Paſſado eſte alvoroço, aſſentou o Viſo-
Rey

Rey de mandar logo huma Armada a Surrate, pera o que fez preparar trinta navios de remo, e dous galeões. E porque desejava de fazer seu sobrinho Fernão Martins Freire Capitão mór do mar da India, ajuntou todos os Capitães do conselho, e sem lhes declarar esta sua tenção, lhes mostrou o Capitulo do Regimento de ElRey sobre aquelle negocio, como no primeiro Capitulo dissemos; e como os mais dos que alli estavam eram de tanta authoridade, que qualquer delles lhes parecia lhe cabia aquelle lugar, votáram sobre o caso, e concordáram ser muito necessario haver aquelle cargo, apontando pera isso muitas razões. E sendo todos conformes, mandou o Viso-Rey fazer hum auto pelo Secretario, em que todos se assignáram.

Feito isto, logo alli nomeou pera aquelle cargo seu sobrinho Fernão Martins Freire, o que tomáram todos muito mal; porque aquelle Fidalgo era Reinol, criado sempre em Corte, e nunca cursára a milicia; mas caláram-se, porque não podiam fazer outra cousa. Nomeado o Capitão mór do mar, começou logo a correr com a Armada, a que deo tanta pressa, que quando foram dez de Outubro, sahio pela barra fóra com todos os navios, de que eram Capitães D. Francisco Mascarenhas, D. Diogo

go Lobo, Gaſpar de Mello, Ruy de Mello da Camara, Pero Barreto, e Jeronymo Barreto Rolim, ambos irmãos, e primos de Franciſco Barreto, que foi Governador da India; Fernão Peres de Andrade, Baſtião Machado, André Pereira, Manoel Travaços, Jeronymo de Meſquita, João de Souſa, Ruy de Mello Pereira, Vicente Bello, Heytor Nunes de Goes, Antonio Ribeiro, Antonio de Siqueira, Barnabé de Sá, Affonſo Pereira de Lacerda, Heytor de Mello Pereira, Franciſco de Mello Pereira, Chriſtovão de Mendoça, Diogo de Mendoça, Franciſco Sodré, Gemez Barreto em hum galeão, Pero Rodrigues Barriga Feitor da Armada em outro, carregados ambos de provimentos, e munições pera a Armada. Deo o Viſo-Rey por regimento ao Capitão mór, que ſe não ſahiſſe de ſobre a barra de Surrate, até lhe entregarem todas as galés; e que tanto que lá chegaſſe, deſpediſſe os Capitães de Baçaim, e Chaul pera ſuas fortalezas, e que ficaſſem com elle todos os navios que lá tinham; e lhes eſcreveo cartas de agradecimentos pela preſteza com que acudíram ao ſerviço de ElRey. O Capitão mór foi em breves dias ſurgir ſobre a barra de Surrate, onde achou aquellas Armadas; e os Capitães de Baçaim, e Chaul o viſitáram: vendo as cartas do Viſo-Rey que

lhes

lhes elle deo, lhes entregáram logo todos os navios que tinham, e cada hum em ſeu navio ſe foram pera ſuas fortalezas.

Caracem, Capitão de Surrate, (que era genro de Coge Çofar,) tanto que ſoube ſer o Capitão mór do mar da India naquella barra, logo o mandou viſitar, e fazer muitos cumprimentos, que elle agradeceo; e em companhia do que lhe levou o recado, enviou hum homem, que elle pera iſſo elegeo, por quem lhe mandou pedir da parte do Viſo-Rey da India » lhe mandaſſe entregar as » galés, e os Turcos que dentro eſtavam, » por ſerem inimigos dos Portuguezes; por» que pelos contratos das pazes os não po» dia recolher em nenhum dos ſeus pórtos; » e que não quizeſſe que chegaſſem as cou» ſas a rompimento, porque o Viſo-Rey vi» nha muito apoſtado a correr com elle em » muita amizade, por ſaber quão affeiçoado » fora ſempre ás couſas dos Portuguezes. » Caracem recebeo bem eſte recado, e ao Enviado fez muitas honras, e reſpondeo » que » quanto ao Turcos, que lhe mandava pe» dir, eram idos pera Cambayete; e que ain» da que alli eſtiveram, não era licito entre» gar homens, que com trabalho ſe recolhê» ram a ſeu porto; e que quanto ás galés » não lhe convinha entregallas, porque ti» nha ſuas náos em Meca, e que chegando

» lá

» lá as novas ſe lhas entregaſſe, lhe lança-
» riam os Turcos mão dellas. » Com eſta re-
ſpoſta, e deſengano tornou o Capitão mór
a fazer grandes requerimentos a Caracem,
ſobre o que foram, e vieram muitos reca-
dos, e por fim do negocio ſe reſumio Ca-
racem niſto » que elle deſejava de ſuſtentar
» a amizade dos Portuguezes, e reſalvar as
» náos que tinha em Meca, e ſobre tudo
» ſuſtentar ſeu credito; e que o melhor meio
» que pera iſſo havia era, que ſe cerraſſem
» as galés em tres, ou quatro partes de fei-
» ção, que mais não pudeſſem ſervir, e que
» aſſim ficaria elle cumprindo com ſua obri-
» gação, e o Viſo-Rey ſatisfeito, pois elle
» deixava as galés em eſtado, que tanto mon-
» tava como queimadas. » A eſta reſolução
lhe mandou dizer o Capitão mór » que não
» podia acceitar aquelles partidos, ſem dar
» conta diſſo ao Viſo-Rey; que elle deſpe-
» dia logo hum navio ligeiro, e com o que
» elle lhe mandaſſe ſe reſumiria. » E com iſ-
to deſpedio o navio com cartas pera o Vi-
ſo-Rey, em que lhe relatava tudo o que
era paſſado, deixando-ſe ficar no porto em
que eſtava até lhe tornar reſpoſta.

Chegado o Catur a Goa, poz o Viſo-
Rey aquelle negocio em Conſelho; e aſſen-
tou-ſe, que ſe acceitaſſe o que Caracem pro-
mettia, porque era o mais que elle podia
fa-

fazer, pelas razões que dava; e com isto despedio o mesmo navio, por quem mandou o assento que se tomou, e escreveo a Caracem huma carta de muitos cumprimentos. Chegada a resposta, e dada a carta do Viso Rey a Caracem, assentou com o Capitão mór, que se cerrassem as galés em seis partes cada huma, e que fossem a isso pessoas que o vissem; ao que mandou o Capitão mór Ruy Freire, hum Fidalgo seu parente, e com elle o Patrão mór da India. Chegados estes homens a Surrate, Caracem os recebeo bem, e aposentou na Cidade, e logo mandou vir muitos officiaes, que começáram aquella obra; o que fizeram á vontade dos nossos, em que se detiveram sete dias; e aqui os deixaremos, porque he necessario continuar com D. Fernando de Menezes, que deixámos em Mascate.

Este Fidalgo depois de se prover do necessario, deo á véla pera Goa com toda a Armada que lhe ficou, levando as galés que tomou repartidas pelos Capitães, que no fim da sexta Decada no Cap. XX. do Liv. X. dissemos. E como traziam vento em pôpa, chegáram alguns dias de Novembro a Goa. E logo na barra achou D. Fernando de Menezes recado de seu pai, como seu tio Dom Nuno Alvares era falecido, e lhe mandou dó feito pera desembarcar. D. Fernando o

sen-

ſentio tanto, que deſembarcou em Pangim ſó, onde ſeu pai o recebeo com muito amor, e alvoroço; os outros Capitães foram entrando pelo rio dentro com as galés dos Turcos diante; e aſſim ellas, como a mais Armada, formoſamente embandeiradas, ſalváram a Cidade com toda a artilheria até ſurgir no caes. Os Capitães todos juntos foram ao Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, que os recebeo com muita honra, e palavras, e ſobre tudo com obras, porque a todos fez mercês; e depois diſto foram todos a viſitar D. Affonſo de Noronha, que os recebeo mui honradamente, e com palavras de muitos louvores. Ao outro dia foi D. Fernando de Menezes em huma manchua com poucos parentes, que pera iſſo eſcolheo, a viſitar o Viſo-Rey, que o eſperou á porta da ſala, onde o abraçou, e lhe diſſe muitas, e mui aviſadas palavras de honra, e louvor ſeu, e de todos os que o acompanháram. Paſſada eſta viſita, que foi breve, recolheoſe D. Fernando pera ſeu pai, e tratáram logo de ſua embarcação.

CA-

CAPITULO V.

De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Cafár, a buſcar as galés que eſtavam em Baçorá: e de como tomou algumas náos de Ormuz: e de outras couſas que paſſáram.

DEpois do Turco ter deſpachado Ale Chelobi pera tomar as galés a Moradobec, (como no fim da ſexta Decada no Cap. XX. do X. Liv. fica dito,) havendo que era homem arriſcado, e de não muito negocio, deſpedio nas ſuas coſtas hum Janiſſaro, chamado Cafár, grande coſſairo, esforçado, e de bom conſelho, (que foi o que tomou Luiz Figueira, como na outra Decada atrás no Cap. III. do IX. Liv. ſe diſſe,) e lhe deo por regimento, que onde quer que achaſſe Ale Chelobi lhe tomaſſe as galés, e as levaſſe ao porto de Meca. O Cafár ſe foi a Suez, e negociou duas galés, e dous Bargantins, hum delles a galeota que foi de Luiz Figueira. E ſahindo-ſe do Eſtreito o Agoſto paſſado, foi correndo a coſta da Arabia, e chegando á enceada da Macieira, achou as novas da perdição das galés; e lançando eſpias em terra pera ſaber da noſſa Armada, deixou-ſe alli ficar até lhe tornar recado de como já era partida pera

a

a India. E como era cossairo, e muito prático nas cousas daquelle mar, determinou de se ir na esteira da Armada, porque sempre lhe ficaria por ella cousa que preasse. E seguindo sua derrota, antes que chegasse á ponta de Dio, desemmasteou, e deixou-se ficar ao mar pera esperar pelas náos que haviam de vir de Ormuz, que forçado haviam de ir demandar aquella paragem. E andando aqui, lhe foram cahir nas mãos por vezes quatro náos; huma de hum foão Salgado, outra de hum Cirieiro de Dio, e as outras duas de Taná, ou Chaul, em que tomou só em dinheiro cento e sincoenta mil cruzados. E porque as náos lhe faziam estorvo, metteo-lhes alguns Turcos, e as despedio pera Meca, e em sua companhia hum dos Bargantins, e os Portuguezes que achou nas náos, deixou ir nellas prezos a ferro. Indo assim estes navios, vieram apparecer a huma galeota de hum Balthazar Lobato, que tambem vinha de Ormuz, que vendo as náos, e reconhecendo-as, as foi demandar, sem saber o que era passado. Os Portuguezes que hiam nellas, em vendo a galeota, e conhecendo-a, parece que inspirou Deos em todos hum mesmo conselho, porque a hum mesmo tempo se soltáram, e tomáram as armas, e remettendo com os Turcos, os mettêram todos á espada. O Bargantim ou-

vin-

vindo a revolta, e vendo a galeota, acolheo-se o mais que pode. Balthazar Lobato chegou a huma das náos, e entrou dentro, e dos Portuguezes soube tudo o que era passado, e a paragem em que as galés ficavam; e acháram antre estes cativos João de Quadros, e tomando parecer sobre o que fariam, assentáram, que se fossem por dezesete gráos de mar em fóra demandar Chaul, ou Dabul, porque assim se desviariam da paragem em que os Turcos ficavam; e mudando o rumo, foram seu caminho. O Cáfar ficou naquella parte alguns dous, ou tres dias mais esperando por hum galeão de hum Gomes Farinha, que lhe disseram ficava atrás; e vendo que tardava, emmasteou, e deo á véla pera o Estreito de Meca, e foi governando pelos mesmos dezesete gráos, pera ir demandar os Ilheos de Curia Muria. E quiz a desaventura, que aos dous dias déssem com as mesmas náos, que hiam em companhia de Balthazar Lobato; e demandando-as, as alcançou, e as tornou a tomar. Balthazar Lobato vendo as galés, deo á véla toda, e foi-lhe fugindo tudo o que pode, e o Cáfar apôs elle com o bastardo dado; e como o vento era fresco, foi-o entrando, e a tiro de camello lhe atirou huma bombardada a amainar. Os que hiam na galeota, que seriam perto de trinta pessoas, tomáram antre

tre si conselho sobre o que fariam, e foram todos de parecer, que pois a galé os entrava, e lhe não podiam fugir, que amainassem, já que não podiam pelejar com a galé; que menos mal era serem cativos, que metterem-nos no fundo, porque logo se resgatariam. Só hum Francisco Anes, da obrigação de Fernão de Sousa de Tavora, requereo, e brádou » que tal não fizessem, e que » se deixassem ir seu caminho, que Deos os » ajudaria; e que quando lhe não pudessem » fugir, que não sabia cousa mais honrada, » que morrerem todos com as armas nas » mãos; » mas como elle era só, amaináram a véla, e entregáram-se. O que visto pelo Francisco Anes, despio huma coura de laminas, que tinha armada, e tirou hum morrião, que levava na cabeça, e a espingarda, e a espada, e deo com tudo ao mar, dizendo » que já que suas armas lhe não haviam de valer, que não queria que fossem » a poder dos inimigos. » O Cafár metteo todos a banco; e ao Francisco Anes pelas armas que lançou ao mar (que não faltou quem lho dissesse) tratou mal; e tomando as náos comsigo, se foi na volta da costa da Arabia, e entrou em Meca prospero. Depois se resgatáram todos estes homens. O Grão Turco logo soube da destruição de sua Armada, o que sentio muito, por lhe ficar

aquelle Eſtreito ſem guarda, além da grande perda que recebeo em quinze galés, que daquella pancada perdeo, com tanta artilheria, e a melhor chuſma que tinha no Eſtreito, o que tudo lhe cuſtou hum poço de ouro; e com aquella mágoa mandou com muita preſſa reformar as mais galés que havia ainda em Suez, das da companhia do Baxá Eunuco, que foi cercar a fortaleza de Dio, ſendo Capitão Antonio da Silveira.

CAPITULO VI.

De como o Viſo-Rey deſpachou as náos pera irem a Cochim tomar a carga: e do que aconteceo a D. Affonſo de Noronha com ElRey do Chembe, e ſe embarcou pera o Reyno onde chegou: e como a náo Santa Cruz deſappareceo.

VEndo o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, que de ſeis náos com que partíra do Reyno, não havia mais novas, que da Conceição, e Santa Cruz, que eſtavam em Cochim, e que a ſua ſe perdêra na barra, determinou negociar alguma náo mais pera mandar pimenta ao Reyno, pelas neceſſidades em que ficava. Pelo que ſe contratou com hum Antão Martins, caſado em Goa, que tinha naquelle porto huma mui formoſa náo, chamada S. Paulo, que fez

no

no rio de Ancola, que por ser grande, nova, e estar muito bem negociada, a escolheo D. Affonso de Noronha pera ir nella: o Viso-Rey lhe deo todas as cousas que lhe foram necessarias, e o Antão Martins, senhorio da náo, mandou por Capitão della hum genro seu, chamado Antonio Fernandes; e como foi tempo, se embarcou pera Cochim, despedindo-se D. Affonso de Noronha do Viso-Rey, que correo muito pontual com suas cousas, e levou licença sua pera em Cochim acabar de concluir as pazes, que tinham começadas com ElRey do Chembe.

Chegado áquella Cidade, tratou sobre este negocio que desejava de acabar, pera levar as novas disso a ElRey; e corrêram antre elle, e o Rey da Pimenta recados, e vieram assentar, que se vissem pera concluirem as pazes; o que D. Affonso de Noronha logo poz por obra; e negociando todos os navios que pode, se partio pera o Chembe, acompanhado do Capitão, Alcaide mór, e dos casados principaes, e foi surgir defronte do Pagode, donde lhe mandou recado, e a pedir-lhe abbreviasse aquelle negocio, porque estava pera se embarcar pera o Reyno, e não se podia deter. Mas como estes Gentios tem grandes superstições, e nada fazem sem eleição de horas, e sem

consultarem com seus Pagodes tudo, foram-lhe seus Bramanes achando tantos inconvenientes, que de dia em dia gastáram seis, ou sete, sem acharem hum bom. Vendo D. Affonso de Noronha tamanha dilação, mandou-lhe dizer » que se hia embar» car pera o Reyno, e que se não podia de» ter mais que aquelle dia, e que visse o » que determinava. » ElRey lhe mandou pedir » que se detivesse até o outro dia, que » sem dúvida lhe viria fallar, e que lhe man» dasse Christovão de Azevedo Alcaide mór » com o lingua, e alguns piães pera o acom» panharem, » o que logo lhe mandou. E ao tempo que esperava por ElRey, ouvíram em terra grandes gritas, e apôs ellas víram vir fugindo Christovão de Azevedo, e recolher-se ao seu balão, que estava com a prôa em terra; e chegando a D. Affonso de Noronha muito affrontado, lhe disse: » Ah Senhor, que nunca vi tão má gente » como esta; chegando ás casas de ElRey, » deram em mim, e feríram o lingua, e ma» táram-me alguns moços, e eu milagrosa» mente escapei: ide-vos, que aqui não ten» des que fazer. » Vendo D. Affonso de Noronha tamanha maldade, poz os olhos nos Ceos, e levou as mãos ás barbas, dizendo: » Ah Senhor, não se pudéra agora fa» zer troca, de quatro annos que governei

» a

» a India por hum ſó, pera me vingar deſ-
» te negocio?» e aſſim fervendo em ira, e
furor mandou levar ancora, e foi-ſe com
aquella magoa pera Cochim. E porque ſe
fazia tempo de ſe embarcar, mandou dar
preſſa ao aviamento das náos, e a carga prin-
cipalmente da náo Santa Cruz, que eſtava
aberta, que foi viſta pelos Officiaes, que ju-
ráram que eſtava pera fazer viagem; porque
a cubiça dos homens he tamanha, que faz
ter em pouco todos os perigos da vida,
pondo os Officiaes os olhos, não no riſco
que corria huma náo aberta pelo meio, ſe-
não no proveito que eſperavam daquella via-
gem, por não haver naquelle anno mais que
tres náos. D. Affonſo de Noronha foi cor-
rendo com a carga, e deſpachando muitas
couſas de Juſtiça, porque os Viſo-Reys, e
Governadores, que acabavam ſeu tempo, por
eſpecial Provisão tinham os meſmos pode-
res, em quanto eſtavam em Cochim, na Juſ-
tiça, e carga das náos.

Recolhida a carga, deram á véla até quin-
ze de Janeiro deſte anno de 1555, em que
com o favor Divino entramos, embarcan-
do-ſe neſta Armada muitos Fidalgos, pera
irem requerer ſeus ſerviços; e dos que pu-
demos ſaber os nomes, são os ſeguintes:
D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-
Rey D. Affonſo de Noronha; D. Manoel
Maſ-

Maſcarenhas, irmão do Conde de Santa Cruz, que faleceo pouco depois de chegar ao Reyno; Gil Fernandes de Carvalho; e D. Jeronymo de Caſtello-branco, que ſe embarcáram na náo Santa Cruz com Belchior de Souſa; porque a náo de D. Affonſo de Noronha hia muito pejada, e deſappareceo no caminho, ſem nunca ſe ſaber como, nem onde; mas preſumio-ſe que ſe abrio pela prôa, por onde já abríra vindo do Reyno, e acabáram alli aquelles dous Fidalgos, e esforçados Cavalleiros, que todos geralmente ſentíram, ſem chegarem a lograr o galardão de ſeus feitos, nem pendurarem nos Templos da Europa os pendões de ſeus troféos, porque a morte invejoſa delles os atalhou em flor; mas por muito que ella faça, não o poderá fazer á memoria que neſta noſſa eſcritura lhe temos dado, porque ſobre iſſo não tem ella poder algum. A náo Conceição, e S. Paulo, em que D. Affonſo de Noronha hia, chegáram ao Reyno. Foi eſte D. Affonſo de Noronha, filho de Dom Fernando de Menezes, ſegundo Marquez de Villa-Real, e de Dona Guiomar Freire, Senhora da Villa de Alcoutim, por cujo caſamento ſe ajuntou aquelle Condado á caſa de Villa-Real, e ElRey D. João lhe fez mercê, que os primeiros filhos dos Marquezes ſe intitulaſſem Condes de Alcoutim. Foi eſ-

eſte D. Affonſo de Noronha caſado com Dona Maria Deça, irmã de D. Pedro Deça, o de Santos o Novo, teve della D. Fernando de Menezes o Gago, que he eſte que com elle veio á India, e tomou as galés. Dom Miguel de Noronha, D. Jorge de Noronha, e outro. Teve mais Dona Catharina Deça, que ſendo Dama da Rainha Dona Catharina, caſou com D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal: ſeu filho D. Fernando com tomar as galés na India o não vimos deſpachado, nem luzirem nelle muitas mercês; ainda que ſe dizia, que lhe ſahíram com as fortalezas de Çofala, e Moçambique. Viveo D. Affonſo de Noronha pobre; e tanto, que depois de ſer de ſetenta annos, ſervio a Infante Dona Maria de ſeu Mordomo mór, e Governador de ſua caſa. Foi de meã eſtatura, bem aſſombrado, homem de verdade, continente, de pouco artificio, pelo que foi havido por de não muito negocio: morreo de mais de ſetenta e ſinco annos, com muitos filhos, e netos honrados. E a elle tambem Deos noſſo Senhor o honraria na Gloria, porque era muito bom Chriſtão. Algumas couſas fez na India muito boas, bateo patacões de prata, que foi a melhor moeda que na India houve, porque por ſua pureza corria em todos os Reynos eſtrangeiros. Começou a fortaleza, que eſtá no mon-

te

te dos Reys Magos, ſobre o banco da barra pera defensão daquelle canal, ſe vieſſem galés contra Goa, do que ſe temia, a que poz nome *Caſtello-Real*; mas ficou imperfeita, e aſſim eſteve muitos annos, porque não coſtumavam os Viſo-Reys acabar o que os outros começáram, por lhes não approvarem ſuas couſas. E ſendo Governador da India Manoel de Souſa Coutinho, ſe reformou, e ao ſopé mandou fabricar huma forte couraça, que corre até á borda da agua, pera ficar mais ſenhora da barra, que continuou Mathias de Albuquerque, e o Conde da Vidigueira D. Franciſco da Gama a acabou, e mandou alimpar, e perfeiçoar a fortaleza, que D. Affonſo de Noronha fez, que eſtava hum mato bravo, e fazer nella caſas pera apoſento dos Capitães; e em ſeu tempo ſe começou da outra banda da praia defronte hum forte, que ſe chama S. Franciſco, ſobre o banco grande, que reſponde a eſtoutro, com o que ambas aquellas barras ficam ſeguras, e ſe podem cerrar com huma cadeia de maſtos, que não deixem paſſar embarcação alguma, por pequena que ſeja; e com eſtas obras corre a Cidade de Goa, e faz as deſpezas do dinheiro de hum por cento, que os moradores concedêram pera a fortificação da Cidade.

CA-

CAPITULO VII.

Do que aconteceo a Fernão Martins Freire em Surrate: e da Armada que o Viso Rey ordenou pera o Estreito de Meca: e do recado que mandou ao Imperador da Abassia: e do que aconteceo a Vasco da Cunha com ElRey de Chembe sobre as pazes.

DEpois da chegada de D. Fernando de Menezes a Goa, a poucos dias chegáram ao Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas as novas das náos que tomou o Cafár, o que elle sentio muito, e determinou de mandar huma Armada ao Estreito de Meca, pera ver se se podia encontrar com aquelle cossairo; pera o que mandou preparar alguns navios de alto bordo, e outros de remo, e ajuntar marinheiros pera esta jornada. Dom Pedro Mascarenhas, filho de D. Nuno Mascarenhas, que tinha vindo com o Viso-Rey, (e era hum Fidalgo de grande opinião, e desejoso de servir a ElRey em lugares honrosos,) tanto que teve esta nova se foi ao Viso-Rey, e lhe pedio de mercê aquella Armada, pera começar a servir a ElRey por aquelle lugar, pera delle subir a outros, que elle trabalharia por merecer. O Viso-Rey lhe respondeo por termos, que nem lho

lho concedeo , nem lho negou de todo; e todavia ſempre elle eſperou que lha déſſe. O Viſo-Rey corria com ella em ſegredo, ſem ſe declarar com alguem ; e porque a coſta do Malavar eſtava ſó , deſpedio pera ella a Gomez da Silva, (hum Fidalgo Gallego grande cavalleiro, em quem muitas vezes temos fallado em noſſas Decadas,) e lhe deo huma galé, e ſinco navios, que por então lhe pareceo baſtavam. Andando occupado niſto, lhe chegáram cartas do Rey da Pimenta, com outras do Capitão de Cochim, em que lhe pedia aquelle Rey lhe mandaſſe hum Capitão velho, com ſeus poderes, pera aſſentar com elle os contratos das pazes; porque D. Affonſo de Noronha, pela grande preſſa que tivera de ſe embarcar pera o Reyno, não quizera acabar aquelle negocio , pondo-lhe a culpa que elle tinha ; porque como ſe ſentio culpado , quiz dar eſta deſculpa, (couſa muito ordinaria neſtes Gentios de todo o Oriente, e ainda de muitos Chriſtãos da noſſa Europa, o que ſe ſente mais culpado, acudir primeiro a fazer o queixume , por ſaberem quão ordinario he no Mundo a primeira informação fazer mais impreſsão nos animos dos homens.) O Viſo-Rey, poſto que não faltou quem lhe diſſe a verdade do caſo, quiz diſſimular, e enſacar aquelle Rey ; porque como era chega-

gado de tão pouco á India, não quiz logo entrar com terror, nem moſtrar-ſe pouco ſoffrido; porque quando tambem foſſe neceſſario, haviam de achar nelle rigor, e caſtigo. E dando conta daquelle negocio aos Capitães do conſelho, pareceo a todos bem ſua determinação, e logo alli elegeo a Vaſco da Cunha, que acabára de ſer Capitão de Chaul, pera ſe ir ver com aquelle Rey, por ſer hum Fidalgo muito prudente, de grande conſelho, e muito reſoluto nos negocios da India; e lhe deo todos os ſeus poderes pera aſſentar as pazes com aquelle Rey, e ſe fez á véla com ſinco, ou ſeis navios, quaſi no meſmo tempo que Gomez da Silva partio pera o Malavar; e em quanto faz ſeu caminho, continuaremos com Fernão Martins Freire, que deixámos em Surrate no negocio das galés.

Alli eſteve no poço, em quanto Ruy Freire, e o Patrão mór ſe detiveram em cortar as galés, que foram ſete dias, e em todos elles corrêram antre o Capitão mór, e o Caracem muitos recados, com preſentes, e brincos curioſos de hum pera outro. Concluido o negocio, e desfeitas as galés em ſeis partes cada huma, ordenou o Capitão mór ficar naquella enceada Pero Barreto Rolim com dez navios pera eſperar as náos, que haviam de vir do Achém ſem Cartazes;

e

e elle ſe fez á véla pera Baçaim. E porque neſta jornada de Pero Barreto não ſuccedeo couſa notavel, o deixaremos aqui.

Fernão Martins Freire achou em Baçaim muito dinheiro, que o Viſo-Rey lhe tinha mandado, com que fez huma paga aos ſoldados; e depois de fazer alguns negocios, deo á véla pera Goa, aonde chegou em poucos dias, e o Viſo-Rey pelo honrar o eſperou no rio na ſua manchua, e o recolheo nella com muitas honras, e depois lhe fez mercês a elle, e a todos. E porque não eſperava mais que por elle pera ſe declarar na Armada que fazia pera o Eſtreito, o commetteo com ella; mas ſobre mais navios, e couſas que lhe pedio, deſarmáram; o que viſto pelo Viſo-Rey, mandou chamar Dom Pedro Maſcarenhas, que lha tinha pedido, e o commetteo com ella; e como elle tinha já ſabido que Fernão Martins Freire lha engeitára, tomou-ſe tanto diſſo pelas couſas que ambos tinham paſſado, que em ſe ſahindo do Viſo-Rey, fretou hum navio, em que logo ſe embarcou pera Dio, onde invernou com D. Diogo de Noronha, Capitão daquella fortaleza, e o anno ſeguinte ſe embarcou pera o Reyno ſem querer ver o tio. Vendo-ſe o Viſo-Rey deſarmado de Fernão Martins, e de D. Pedro, deo a Armada a Manoel de Vaſconcellos,

los, que foi correndo com ella com muita pressa.

E porque trazia muito encommendado de ElRey mandar visitar o Imperador da Abassia, e mandar-lhe as cartas que lhe escrevia sobre o Patriarca, e Bispos, que o Papa lhe tinha concedido, ajuntou a conselho o Bispo D. João de Albuquerque, e os Prelados das Religiões, e lhes deo conta daquelle negocio, e a todos pareceo bem que se mandasse hum Religioso da Companhia, e com elle Diogo Dias do Preste, que se achou presente naquelle conselho, por ser hum dos que lá andáram em tempo de Dom Christovão da Gama, e que a voltas da visitação apalpasse o animo com que aquelle Imperador estava na mudança dos costumes, e recebimento do Patriarca Catholico; e que achando-o facil, como ElRey desejava, ficasse o Religioso com elle instruindo-o nos costumes Romanos, e preparando-o pera quando chegasse o Patriarca; porque se não havia de abalar de Goa senão depois que soubesse se estava capaz do que se pertendia.

Concluidos nisto, nomeou o Provincial da Companhia, o Padre Mestre Gonçalo, por ser hum Varão douto, e de vida exemplar; e por companheiro ao irmão Fulgencio Freire, que fora Feitor de Baçaim;

e

e pera o levar, mandou o Viso-Rey negociar huma galeota, de que fez Capitão Fernão Farto, (por ser o mais antigo homem daquelle Estreito, e ter entrado nelle sete, ou oito vezes,) que partio de Goa em Fevereiro, em que tambem Manoel de Vasconcellos se fez á véla com a sua Armada, que era de tres navios d'alto bordo, e sinco fustas, de cujos Capitães não achámos os nomes, que foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos, porque he necessario continuarmos com Vasco da Cunha, que deixámos partido pera Cochim.

Chegando este Fidalgo áquella Cidade, despedio Christovão de Azevedo, Alcaide mór, com recado ao Rey da Pimenta » de » como era chegado com poderes do Viso- » Rey, pera acabar de concluir as pazes com » elle, por lhas elle mandar pedir por suas » cartas; que elle estava prestes pera tudo, » que visse o modo que nisso queria ter; e » por lhe elle mandar dizer, que estava mui » alvoroçado pera cumprir tudo o que es- » crevêra ao Viso-Rey, que se fosse ver com » elle, o fez; » e foi surgir com huma somma de embarcações, que em Cochim se ajuntáram defronte do Pagode de Vaigeta, onde logo teve recado de ElRey de visitação, e lhe pedio » que aquelle dia descan- » çasse, que ao outro pela manhã se viriam; »

no que o enganou, porque gaſtou quatro em recados, e entretimentos, e ao quinto lhe mandou dizer » que ſe queria que ſe viſ-
» ſem, havia de ſer á borda da agua, com
» ſó ſinco Portuguezes de eſpadas, e rode-
» las, e que elle havia de ter dez dos ſeus
» Naires. » Niſto não reparou Vaſco da Cunha, e lhe mandou dizer » que era diſſo mui-
» to contente; » e aſſim ſe ficou preparando pera as viſtas do dia ſeguinte. Eſtando já preſtes, eſperando que ElRey chegaſſe, havendo que não haveria dúvida nas viſtas, chegou hum Naire, que ſervia de lingua de ElRey, e diſſe a Vaſco da Cunha » que El-
» Rey lhe mandava pedir, que ſe não enfa-
» daſſe, que lhe ſuccedêra hum negocio de
» muita importancia, porque o não podia
» ver; que lhe rogava muito, que ficaſſe pe-
» ra o outro dia, que ſem dúvida ſe viria
» ver com elle. » Vaſco da Cunha muito enfadado daquelles enganos, levou o Naire pelos cabellos, e apunhando da eſpada, diſſe ao lingua: » Dizei a eſte Naire que lhe não
» córto a cabeça, porque leve a ElRey eſ-
» te recado; que lhe vá dizer, que a mim
» me chamam Vaſco da Cunha, que ſou
» muito conhecido por toda a India, e que
» melhores eſcravos tenho na minha eſtreba-
» ria pera ſervirem os meus cavallos, do que
» elle he. » O lingua diſſe » que não ſe coſ-

» tumava a fallar assim aos Reys ; » do que Vasco da Cunha se irou tanto , que arrancou da espada , e disse ao lingua » que se » lhe não dava aquelle recado , lhe havia de » cortar a cabeça. » O lingua muito medroso lho deo ; mas como era em lingua Malavar , que Vasco da Cunha não entendia , sería qual elle quizesse. Vasco da Cunha soltou o Naire , que se tornou muito assombrado pera a terra , e lá contou a ElRey o que lhe succedêra. Tanto que se elle desembarcou , mandou Vasco da Cunha levar ancora , e tomar o remo pera se ir pera Cochim ; e sendo hum tiro de espingarda affastado da terra , lhe capeáram da praia : o que visto por Christovão de Azevedo , chegou-se ao navio de Vasco da Cunha , e lhe disse » que o bom sería tornar a voltar a » ver o que aquelle Rey queria ; » ao que elle muito apaixonado lhe respondeo » que » se tirasse de diante delle , porque mais me- » recia elle que lhe cortassem a cabeça , que » ao Rey da Pimenta ; » e passando por diante , se foi pera Cochim , ficando assim estas cousas , sem se tomar nellas conclusão. Era isto na semana Santa , e logo dia de Pascoa pela manhã entrou Gomez da Silva , Capitão mór do Malavar , pela barra dentro com quatro , ou sinco parós de Malavares , que tomou com todo seu recheio. E recolhen-

lhendo allì as náos de Malaca, China, Bengala, e mais partes, se partio pera Goa, aonde chegou com huma formosa frota de navios, carregados de muitas fazendas. Quasi no mesmo tempo surgio tambem na barra de Goa a náo Espadarte da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que foi invernar a Ormuz, como dissemos. E porque Fernão Gomez de Sousa, que nella vinha por Capitão, trazia a Capitanía de Cochim, o despachou logo o Viso-Rey pera ir entrar nella; e o mesmo fez a Affonso Pereira de Lacerda, Capitão que lá estava, pera de lá ir servir a Capitanía de Columbo em Ceilão; e despachou tambem Dom Duarte Deça, pera ir entrar na Capitanía de Maluco, que foi embarcado na náo Conceição, de que era Capitão D. Jorge Deça, que estava despachado com aquellas viagens. Despedidos estes Capitães, e recolhidas as Armadas, se cerrou o inverno.

CAPITULO VIII.

Do que aconteceo a Manoel de Vaſconcellos no Eſtreito: e de como Fernão Farto lançou os Padres em Arquico: e do que aconteceo ao Padre Meſtre Gonçalo até á Corte daquelle Imperador: e de todos os Reys que houve deſde a Rainha Sabá até eſte Claudio: e do que o meſmo Padre paſſou com o Imperador.

PArtido Manoel de Vaſconcellos de Goa, como diſſemos atrás no Cap. VII., e em ſua companhia Fernão Farto, que levava os Padres pera irem a Abaſſia, foram ſeguindo ſua derrota até haverem viſta da coſta da Arabia, e Manoel de Vaſconcellos ſe foi lançar com toda a ſua Armada a Monte de Felix, como levava por regimento, pera alli eſperar as náos que haviam de vir do Achem; e alli eſteve, até ſe lhe gaſtar a monção, ſem lhe vir cahir alguma nas mãos. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar em Maſcate, pera recolher as náos de Ormuz, e lhe ir dando guarda até Goa, por ſe recearem do coſſairo Cafár, ſe fez á véla, e foi ſurgir naquelle porto, onde deſapparelhou, e eſteve até Setembro, e entrada de Outubro, em que recolheo a ſi todos os navios. E porque eſta jornada não foi de mais effeito, concluimos aqui com ella.

Tan-

Tanto que Fernão Farto houve viſta da coſta de Arabia, foi demandar a boca do Eſtreito da banda do Achém, por onde entrou, e foi dalli tomar Maçuá. E no porto de Arquico lançou os Padres, e Diogo Dias do Preſte, e elle ſe foi pelo Eſtreito pera tomar falla das galés; e achando certeza que não ſe bullia com ellas, e que ſó as de Cafár eſtavam varadas, voltou pera Goa, e deo relação ao Viſo-Rey do que paſſava. Os Padres depois que deſembarcáram em Arquico, com algum apparelho que alli acháram, foram ter ás terras do Barnagais, que os recebeo bem, e lhes deo todo o neceſſario pera paſſarem á Corte do Imperador Claudio, a que os ajudáram alguns Portuguezes que alli eſtavam, que os recebêram, e agazalháram muito bem, e ſe negociáram pera os acompanhar, como fizeram, e partíram de Baroá muito bem provídos de tudo, e foram na derrota da Provincia de Gorajé, onde o Imperador eſtava, que he toda de Gentios, e jactão-ſe de procederem dos Romanos, que alli ficáram, de quando aquellas Provincias foram ſuas; e em poucos dias chegáram á Corte, onde foram muito bem recebidos de noventa e tres Portuguezes, homens muito limpos, e honrados, que ficáram da companhia de D. Chriſtovão da Gama. Eſtava neſte tempo aquelle Impe-

rio muito attribulado, e quasi perdido com guerras, que lhe faziam dous crueis inimigos: huns, eram os Mouros de Adel favorecidos dos Turcos de Zebit, que já des do tempo de D. Christovão da Gama continuavam, como no Cap. XIII. do VIII. Liv. da nossa quinta Decada démos larga conta; e os outros, huns Cafres crueis, e barbaros, chamados os Gallas, que confinão pelo certão com as terras daquelle Imperio, que faziam muitas, e mui continuas entradas por ellas com grandes damnos, e cruezas, com o que aquelle Imperador andava inquieto, e attribulado. Os Portuguezes, que dissemos, cujo Capitão era Gaspar de Sousa, agazalháram na Corte os Padres muito honradamente, e fizeram saber ao Imperador de sua chegada, que os mandou visitar, e prover.

E primeiro que passemos daqui, será bem que demos relação de todos os Reys, que reináram nesta parte da Ethiopia, des da Rainha Sabá até hoje; porque no Cap. X. do VII. Liv. da nossa quinta Decada a não démos de mais, que daquelles Imperadores, que succedêram depois que descubrimos a India, pela não termos tão perfeitamente como hoje, que no-la mandou de lá o Padre Belchior da Silva, Sacerdote Theologo Prégador, Canarim de nação, nasci-

cido em Goa, que no anno de noventa e
oito, ſendo Viſo-Rey da India o Conde da
Vidigueira, o mandou por adminiſtrador da
Chriſtandade daquelle Imperio até prover de
Religioſos em quantidade, havendo commo-
didade pera ſe embarcarem. E como eſte ho-
mem era curioſo, tirou de huns livros an-
tigos, que achou em huma daquellas Igre-
jas, o catalogo de todos os Reys, que reiná-
ram na Ethiopia ſobre o Egypto, depois
da Rainha Sabá, a quem ſe deve dar mais
credito que a outros eſcritores; porque
ſempre os Chroniſtas proprios tem mais au-
thoridade no fundamento de ſeus Reynos,
e origem de ſeus Reys, que os alheios.

E porque entre alguns eſcritores ha gran-
de controverſia ſobre eſta Rainha Sabá, que
alguns cuidáram mal, que he a meſma que
Candaſſes, diremos agora o que ſobre iſto
eſcrevem, e ſe he eſta a que chamam Ni-
tochris, Nicaula, ou Candaſſes, e a diffe-
rença que ha de huma a outra. Joſefo, e
Herodoto conformam ambos no tempo do
reinado deſta Sabá, ou Nitochris (como lhe
elles chamam.) Dizem eſtes, que depois que
em Egypto reinou Mene, que fundou Mem-
fis, (poſto que Apolodoro diz, que a fun-
dou Ephapho,) reináram trezentos e trin-
ta Reys, de que os dezoito foram Ethio-
pes. E depois deſtes reinou Nitochris, que
Jo-

Josefo diz, que foi Rainha do Egypto sobre a Ethiopia, e que fora visitar a ElRey Salamão.

As historias Abexins dizem, que a Rainha Candasses, por outro nome Guindich, era da Cidade de Acuxuma, e que em seu tempo entrára a Christandade naquella terra, pelo modo que se conta nos Actos dos Apostolos, onde diz que apparecêra hum Anjo a S. Filippe, e lhe dissera, que se alevantasse, e se fosse pera o meio dia, e seguisse aquella estrada deserta, que vai de Jerusalem a Gaza; o que S. Filippe fizera, e naquelle caminho encontrára hum Eunuco da Rainha Candasses, que vinha de visitar o Templo de Jerusalem, e hia sobre huma carreta lendo huma profecia de Isaias; e que S. Filippe lhe perguntára se a entendia: e respondendo-lhe que não, lha declarára, e por ella se converteo logo alli, e S. Filippe o bautizára. E que chegando este Eunuco á Rainha, lhe contára tudo o que passára com o Santo, e ella se converteo logo, e o seu Reyno com ella. Pelo que se verá a grande differença que ha da Rainha Candasses á Rainha Sabá; porque esta concorreo em tempo de ElRey Salamão, que foi antes da vinda de Christo; e a outra no de S. Filippe, que ha muitos annos de differença. E segundo parece a alguns doutos,

não

não era muito que neſta Rainha Sabá ſe a-
cabaſſe a Dinaſtia 21. e ElRey Seſac. Di-
zem mais Joſefo, Nauclero, e Cedreno,
que antre as couſas que a Rainha Nicaula
levou, e offereceo a Salamão, foi a arvo-
re, ou parra de Balſamo, e que dalli por
diante ficou plantada em Judéa; poſto que
Solmo diz, que eſta precioſa parra, depois
que os Romanos ſe ſenhoreáram do Egy-
pto, a plantáram em muitas partes. Era eſ-
ta Rainha tamanha Senhora, que ſe eſten-
dia ſeu Imperio des do mar do Egypto até
o de Çofala.

Já que eſtamos com eſtas couſas entre
mãos, ſerá bom que moſtremos que Provin-
cias são as de Ophir, e Tharſis, onde Sa-
lamão Rey de Jeruſalem mandava buſcar as
couſas precioſas pera o Templo, pelas va-
rias opiniões que ha ſobre iſſo antre os eſ-
critores. E trataremos primeiro da de Ophir,
que todos tem por Çofala; porque parece
que aſſim chamavam então a toda aquella
Cafraria, donde hia o ouro pera o Tem-
plo de Salamão; e que o Rey de Çofala,
que todos tem por Ophir, devia de ſer na-
quelle tempo Senhor de tudo o que hoje
poſſue o Manamotapa; e como ſe nomeava
por Rey de Çofala, comprendia debaixo
deſte titulo todas as terras que poſſuia. Mas
a verdade he, que Ophir he huma Provin-
cia

cia de Manamotapa, que ſe chama Maſcapa, onde eſtá huma grande, e formoſiſſima ſerra, que ſe chama Afura, ou Aufur, que tem muita ſemelhança no nome com Ophir. Eſta ſerra ſe vê de muito longe por ſer muito alta, e não deixam ſubir a ella nenhum Portuguez, porque he mui rica de ouro; e alguns que lá foram ás eſcondidas, achàram ruinas de grandes edificios que alli eſtiveram, que os Mouros muito antigos affirmáram, pelo ouvirem aſſim a ſeus antepaſſados, que já alli eſtivera a Rainha Sabá. Mas o mais certo he, que teve alli fortaleza, e feitoria, como tambem o foi aquelle grande edificio, chamado Zimbaoe, que eſtá no Reyno de Butua. E eſtas fortalezas, ou feitorias mandou aquella Rainha fazer pera ſenhorear aquellas minas de ouro, por ſerem as mais proſperas de toda aquella Cafraria, de que ella (conforme as eſcrituras Abexins) foi ſenhora, e depois della ſeu filho Salamão, e daqui ſe tirou o ouro, que ella levou a offerecer ao Templo de Jeruſalem.

Pelo que ſe enganam os que dizem, que Ophir era huma Ilha poſta no mar do Sul, que foi deſcuberta por Chriſtovão Colon, que devem de dizer pola Heſpanhola. E alguns fazem Çamatra a Ophir, e outros a põe por outras partes, não ſei com que fundamento. E prova mais eſta minha opinião

a

a tradição dos livros Caldeos dos Chriſtãos das ſerras de S. Thomé, que dizem Ophir, e Aufur, e que eſta he Çofala, conforme ao que me eſcreveo o Biſpo da meſma ſerra D. Franciſco Roz.

A Provincia Tarſis, onde Salamão tambem mandava ſuas Armadas a buſcar couſas pera o Templo, por ſem dúvida tenho ſer todo aquelle ſeio de Pegú, e Tanaçarim, que em alguma couſa parece eſte nome. E em Oneſecrito author Grego achámos, que fallando na Tapobrana, diz, que era de ſinco mil eſtadios, e que eſtava apartada dos póvos Praſis ſobre o Gange eſpaço de vinte jornadas. E deixando ſe falla aqui de Çamatra, ſe de Ceilão, porque iſſo tenho averiguado no Cap. V. do I. Liv. da minha quinta Decada, onde ſe iſto verá muito bem, vamos á Provincia Tarſis, que tenho pola de Pegú, e Tanaçarim, que Oneſecrito chama Parſijs, que diz eſtar ſobre o Gange, em que differe tão pouco, que não he mais que na primeira letra ſer T, ou P. Eſta Provincia he riquiſſima de ouro, e pedraria, e infinidade de marfim, pela grande cópia, e número de Elefantes que nella ha. E as Armadas de que a Divina Eſcritura falla, que Salamão mandava a Ophir, e Tarſis, ſendo tão diſtante como he o de Çofala a Pegú, não ha pera que pôr dúvida a iſ-

isso, porque as cousas hiam-se buscar aonde as havia. E ainda não duvido que as náos que hiam a Pegú buscar as cousas que disse, que passassem diante a Malaca, e a Çamatra, e a Manancabo, e ainda a Timor a buscar o ouro, e a rica, e formosa madeira de Aguila, e de Sandalo branco, e vermelho, e todas as mais cousas preciosas que ha por aquellas partes. E como faziam tão differentes viagens donde se haviam de esperar monções, de força, e necessidade se haviam de deter o tempo de tres annos, que a Escritura Divina diz.

E quanto ao que diz Rabano, author que se tem por grave, que Ophir era huma Ilha deserta no mar da India, onde havia muitas feras, e muito ouro, não lhe acho fundamento; porque se era deserta, e cheia de bichos peçonhentos, quem a penetrou, e vio o seu ouro pera dar razão delle? E hoje temos descuberto tudo o que ha neste mar do Oriente, a que chamamos India, assim intra, como extra Ganges, e não sabemos Ilha alguma que tenha ouro, nem ainda terra firme, senão os Reynos de Pegú, e Sião, e Manancabo, e Çamatra. Se não se estas Armadas passáram adiante ás Ilhas de Salamão, que estam junto á terra firme da nova Guinea, onde diz haver muito ouro, que ha poucos annos que são sabi-

bi-

bidas de nós. E pela ventura que destas Armadas se ficassem chamando as Ilhas de Salamão, porque não acho donde pudessem ter este nome. Tornemos agora á Rainha Sabá.

Alguns escritores duvidam que ella fosse Rainha herdeira direitamente daquelle Reyno, e allegam pera isso Lei feita por Salamão, em que defende, que na herança daquelle Reyno nunca succeda femea, como o affirma o Bispo Zagazabo, de que démos relação no Cap. V. do I. Liv. da nossa quarta Decada, de quando foi por Embaixador a Portugal em companhia de D. Rodrigo de Lima, que era douto, assim nas letras Divinas, como humanas; e trata isto muito bem em hum livro, que compoz das cousas da Ethiopia, muito diligentemente. Ao que alguns escritores dão suas razões, e vem mais a concordar, que se chamaria Rainha por ser mulher de Rey, como he costume antre os Reys Christãos, principalmente no nosso Reyno de Portugal, onde as mulheres dos Reys, depois de viuvas, em quanto vivem, não perdem o tal nome, nem a veneração que se lhes deve. Mas a mim me parece que foi verdadeira herdeira daquelle Reyno, e que succedeo nelle a seu pai por não ter filho, assim como succedeo no de Castella a Catholica Rainha Dona Isabel.

E

E posto que o Bispo Zagazabo allegue aquella Lei, póde ser não seja feita por Salamão Rey de Jerusalem, senão por seu filho Salamão, que houve nesta Rainha Sabá, como logo diremos; porque o Rey de Jerusalem não era Senhor dos Reynos da Ethiopia pera lhes dar Leis. E que seja verdade que esta Rainha Sabá viera prenhe de ElRey Salamão, quando o foi visitar a Jerusalem, se verá muito claro no Tratado do Padre Francisco Alvares, que quando foi áquelle Imperio com D. Rodrigo de Lima, diz que achára huma Chronica em lingua Abexim, em cujo principio dizia, que fora feita em Hebraico, e depois em Caldeo, que começava desta maneira:

Sabendo a Rainha Maqueda os grandes, e admiraveis edificios que ElRey Salamão fazia em Jerusalem, determinou de os ir ver, e carregou alguns camellos de ouro pera as despezas daquella obra. E indo seu caminho, sendo perto da Cidade de Jerusalem, estando pera passar hum ribeiro, que se servia com huma ponte de páo, ou por dous formosos madeiros, arrebatada de hum espirito profetico, descavalgou, e posta de giolhos adorou aquelles madeiros, dizendo: » Que nunca Deos permittisse que seus pés » tocassem aquellas traves sobre que havia » de padecer ainda o Salvador do Mundo; »

e

e foi rodeando o rio, e buſcando váo. E chegando a Jeruſalem, ſe apreſentou a Salamão, e lhe offereceo os dões que levava, e lhe pedio » que mandaſſe tirar dalli aquel» les madeiros, » dizendo a razão porque. E vendo os edificios, diſſe: » Que não lhe ſou» beram dizer da grandeza daquella obra, » e que verdadeiramente era muito maior do » que lhe diſſeram; e que ſe ſoubera a ma» gnificencia della, não trouxera tão peque» nos dões; mas que tornaria a ſeus Rey» nos, e que de lá lhe offereceria outros ma» iores; » e nos dias que eſteve em Jeruſalem, houve Salamão nella hum filho, que ſe ficou creando na Corte até idade de dezeſeis annos, que era tão feroz, e ſoberbo, que por ſe queixarem os póvos delle ao pai, o mandou pera Ethiopia, onde a mãi reinava, e lhe nomeou o Reyno de Gazé; e que viera a ſer tamanho Senhor, que ſenhoreára de mar a mar, e que no da India trazia de contino ſetenta náos groſſas pera defensão de ſeu Eſtado. Tudo até aqui he da Chronica Abexim, que o Padre Franciſco Alvares refere no livro que compoz daquella viagem. Donde inferimos o que diſſemos, que não ficou ao marido deſta Rainha Sabá herdeiro algum por ſua morte, e que o filho que houve de Salamão veio a herdar tudo; e que antes de vir a ſer Rey ſe cha-

ma-

mava Mihilecha, e a mãi mandou que se chamasse Salamão como o pai, e nelle se começa o catalogo dos Reys que depois della houve, como o nós aqui fazemos.

Salamão, Amna Sahacam, Baren Gabo, Sabacio, Thoasca, Adona, Ausayo, Omacio, Choâ, Luvo, Autata, Bahaca, Savada, Adina, Gotolea, Safalea, Elgabul, Bautaul, Bavares I. Bavares II. Mahase, Nalque, Balzol.

No oitavo anno deste Balzol, dizem suas escrituras que nasceo Christo, e depois de seu Nascimento reináram os Reys seguintes.

Chempas Gad, ou Bhur Sagad, Grima Cafár, Sarado, Cucu Bacheon, Sargay, Zeray, Sana Asgad, Cheona Gaya, Macugna, Safarad, Agdar.

Abraha, e Cabaha, ambos irmãos, que reináram juntos, e conformes, em cujo tempo foi á Ethiopia hum Patriarca, chamado Minatos, e por outro nome Pantaleão, que prégou a Lei de Christo; e posto que no principio fugíram delle, depois que entendêram sua doutrina, a tornáram a ouvir, e muitos se convertêram á Fé de Christo, e lhe puzeram nome Abasalão, que quer dizer, pai da paz. A elles succêderam os seguintes.

Haspha, Arfid, Anci, todos tres irmãos, que governáram successivamente, Arada, Asa dadova, Amamid.

No

No reinado deſte Amamid foram ter a Abaſſia muitos Frades ſantos a prégar a Lei de Chriſto, e dous Reys Chriſtãos com grandes exercitos por via do mar Roxo, e os naturaes ſe recolhêram pera os matos, e os Reys ficáram ſenhoreando a terra; mas ſuas eſcrituras os não nomeam, nem dizem ſe reináram juntos, mas dizem que depois delles houve os Reys ſeguintes.

Thazena, Caleb, Gabra Maſcal, Conſtantinus, Baſgar, Zanſagad, Frey Senay, Adoraza, Aidar, Madai, Calaudamo, Grima Asfar, Zergaza, Digna Michael, Bud Gaza, Arma, Asbanani, Digna Zana, Ambaſa o dem o Delnaad.

Todos eſtes Reys dizem que vem por linha direita da Rainha Sabá, ou de Salamão ſeu filho, e que eſtoutros que ſe ſeguem são de outro Tribu; por onde parece que aquelles dous Reys, que entráram a conquiſtar aquelle Reyno, ſe acabáram nelle.

Hicu Namale, Agba Acheon, Bhar Sagad, Hesba Sarad, Cama Aſgad, Udamo Arad, Anda Cheon, Ccifa Arad, Ud Doma, David, Theadros, Iſac, Andreas, Asbi navi, Anda Jeſus, Bad Linavi, Jarai acob, Beda Mariad, por outro nome Zeriaco.

Heſcander, por outro nome Alexandre, que faleceo no tempo que Vaſco da Gama deſcubrio a India, que foi o com

que

que fallou Pero de Covilhã, que foi por terra.

Anda Cheon, por outro nome Naut, que reinou doze annos.

David ſeu filho, que ficou menino debaixo da tutoria de ſua mãi Helena, que he o que mandou o Imperador Mattheus ao Reyno, e a quem ElRey D. Manoel mandou D. Rodrigo de Lima.

Oena Saged, filho de David, em cujo tempo foi D. Chriſtovão da Gama áquelle Imperio.

Claudio, ou Athana Saged, filho de Bena Saged, que he eſte que reina neſte tempo, e eſte foi morto pelos Mouros, e ſuccedeo-lhe elle.

E tornando a continuar com o Padre Meſtre Gonçalo, depois de deſcançar alguns dias, muito bem ſervido, e agazalhado de todos os Portuguezes, foi levado ao Imperador Claudio, que o recebeo muito bem, e elle lhe deo as cartas de ElRey, e do Viſo-Rey, eſcritas em lingua Portuguez, e Abexim, que elle recebeo com muito alvoroço, e por ellas entendeo a tenção de ElRey; e deſpedindo o Padre, mandou que o proveſſem de todo o neceſſario; e dahi a alguns dias o ouvio, preſentes os ſeus Grandes, e elle lhe deo a embaixada que levava, que continha o ſeguinte.

» Que

» Que ElRey de Portugal ſeu irmão lhe
» mandava pedir, que a exemplo de ſeu pai,
» e avô, ſeguiſſe o verdadeiro caminho de
» ſua ſalvação, e communicaſſe com os Ca-
» tholicos, dando a obediencia á Santa Sé
» Apoſtolica, e Igreja Romana, como ca-
» beça de toda a Chriſtandade; que elle ti-
» nha ſignificado ao Summo Pontifice ſeu de-
» ſejo, conforme ás cartas que elle ſobre
» aquelle negocio lhe eſcrevêra. Que movi-
» do de ſeu ſanto zelo, lhe tinha concedido
» hum Patriarca, e dous Biſpos, que fica-
» vam em Lisboa, pera virem na primeira
» Armada; que havia elle de eſtimar muito
» o amor com que o Vigario de Chriſto ſe
» movia a acudir a ſeus rogos, e a lhe man-
» dar os mais eſcolhidos Varões que pode,
» pera o inſtruirem a elle, e aos ſeus nos
» coſtumes Romanos, pera poderem digna-
» mente ſer chamados irmãos dos Fieis, e
» filhos da Igreja. » ElRey ouvio mui bem
tudo o que lhe o Padre diſſe; mas como eſ-
tava traſtornado de ſeus primeiros intentos,
e tinha determinado de não mudar os coſ-
tumes antigos de ſeus antepaſſados, ficou tur-
bado, e confuſamente reſpondeo com pala-
vras duvidoſas, ou por ſer inconſtante de
natureza, ou por eſtar perſuadido, e acon-
ſelhado dos ſeus, moſtrando-ſe logo muito
arrependido do que ſobre iſſo tinha eſcrito

a ElRey ; e respondeo ao Padre » que elle » não sabia de carta alguma que escrevesse » a ElRey de Portugal seu irmão sobre a- » quella materia , porque nunca tivera ten- » ção de mudar as ceremonias , que havia » tantas centenas de annos se usavam naquel- » les Reynos ; que se alguma cousa fallava » a carta , o seu Secretario a escreveria , sem » lho elle mandar. Mas que por sima de tu- » do elle era grande servidor de ElRey de » Portugal , e não deixava de lhe agradecer » a boa vontade , zelo , e trabalho , que na- » quellas cousas tinha mostrado. » O Padre Mestre Gonçalo vendo a tenção de ElRey, não tratou de apertar logo com elle , mas deixou-se ficar alli , administrando os Sacramentos aos Catholicos , e visitando o Imperador algumas vezes , tornando-o a palpar pera ver se achava nelle alguma mudança , declarando-se com elle , e mostrando-lhe pela Escritura quão necessario era pera se salvarem , deixarem o Bautismo da Circumcisão , e tomarem o da agua , e darem com isso a obediencia á Igreja Romana ; mas como elle estava obstinado , e resoluto com os seus Grandes de não consentir mudança na lei , desenganou o Padre de todo. E por fim de razões disse » que bem podia ir o Pa- » triarca , porque folgaria de o ver , e que » em Maçuá acharia todo o apparelho neces-

» ſario pera ſeu caminho ; e que depois de » ſer lá , Deos noſſo Senhor tinha poder pe» ra o encaminhar a ſeguir o que foſſe me» lhor pera ſua ſalvação. » Com eſte deſengano ſe deixou o Padre ficar até á monção, em que o haviam de ir buſcar , exercitando com os Catholicos o officio da caridade ; e aſſim o deixaremos até ſeu tempo.

CAPITULO IX.

De como D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , perſuadio a Tartacan , que lançaſſe a Biſcan fóra das terras de Dio , como fez : e de como D. Diogo de Noronha lançou mão de todo o rendimento daquella Alfandega : e de outras couſas que paſſáram.

NO fim da ſexta Decada no Cap. XIX. do X. Liv. démos conta de como D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , tomou a fortaleza , que os Mouros tinham na Cidade , e de como deitou fóra da Ilha os Abexins ; e com tudo iſto nunca quiz bulir na Alfandega , que ſe arrecadava a metade pera o Abiſcan , (por huma Proviſão de ElRey de Cambaya , por não romper com elle ;) mas como o Abiſcan era homem inquieto , e muito ſoberbo , não deixou de buſcar todos os modos pera tornar a met-

ter pé na Ilha de Dio, até determinar de o fazer por força, e commetteo a entrada por alguns paſſos, que lhe D. Diogo de Noronha mandou defender com as manchuas pelo rio, e com ſoldados; com o que teve eſte verão grandes trabalhos, e inquietações. E vendo D. Diogo de Noronha que nunca teria bom vizinho no Abexim, tratou de o lançar fóra de todo daquellas terras, porque antes queria vizinhar com qualquer outro Mouro, que com elle; e pera iſto teve eſte modo.

Na ſexta Decada no Cap. XVI. do X. Liv. démos conta, como os Senhores da Provincia de Cambaya ſe levantáram cada hum com o que governava, quando víram ElRey morto. Deſtes foi hum delles Tartacan, Turco de nação, (que governava aquella parte de Junager até o Pagode de Jaquete,) e era valoroſo, de boa natureza, e muito bem inclinado. A eſte deſpedio Dom Diogo de Noronha hum homem ſeu em hum navio ligeiro, por quem o mandou viſitar, e a pedir-lhe mandaſſe hum homem de confiança, porque tinha que tratar com elle couſas, que importavam muito a elles ambos. Eſte homem recebeo elle muito bem, e eſtimou a viſitação; e logo mandou embarcar no meſmo navio hum Mouro, chamado Melique Xeque, Guzarate de nação, homem

mem de que elle fiava muito, a quem Dom Diogo de Noronha recebeo honradamente; e recolhendo-se com elle a huma camera, lhe disse estas palavras:

» Mandei pedir a Tartacan hum homem » de confiança pera saber delle, qual era a » razão, que pois o tempo lhe offerecia tá- » manhas occasiões pera se fazer grande Se- » nhor, e ainda Rey de todo Cambaya, » porque se descuidava naquelle negocio, » sendo elle hum Capitão dos maiores, e » mais benemeritos que havia em todo aquel- » le Reyno, e em quem melhor estava tu- » do; que pois isto assim era, porque con- » sentia alli tão seu vizinho Abiscan, que era » hum Abexim fraco, falso, e sem mereci- » mento algum, e de quatro dias naquelle » Reyno, e vir elle a ter tanto bico, pelo » descuido delle Tartacan, que lançára mão » de hum Estado tamanho, como aquelle que » possuia? Que convinha a seu credito, e » authoridade lançallo fóra daquellas terras, » e apossar-se dellas, com o que ficaria o mór » Senhor de todos os de Cambaya, e que » elle o ajudaria por mar, e por terra, pe- » lo grande gosto, e proveito que tinha de » o ter a elle por vizinho. » Com isso lhe dis- se outras muitas cousas, e o metteo em tan- tas vaidades, que o fez cuidar poder ser ain- da Rey de Cambaya. O Melique Xeque lhe agra-

agradeceo aquellas lembranças, e lhe disse;
» que elle as faria a Tartacan, a quem si-
» gnificaria as obrigações em que lhe ficava
» por aquella vontade. » E despedindo-o Dom
Diogo de Noronha, o tornou a enviar no
mesmo navio. Chegado elle a Junager, deo
conta a Tartacan de tudo o que tratára com
elle D. Diogo de Noronha, e lhe fez tam-
bem sobre aquellas cousas muitas admoesta-
ções, com o que levado Tartacan de vai-
dade, e de ambição, quiz logo pôr mãos
áquella obra, e começou a ajuntar suas gen-
tes, e poz em campo passante de vinte mil
homens, e despedio recado a D. Diogo de
Noronha de sua determinação, e pedir-lhe
» que o favorecesse com huma Armada pe-
» la costa de Madre Faval, porque elle co-
» meçava a marchar. » E assim neste mez de
Abril, em que andamos, partio de Junager;
e entrando pelas terras do Abiscan, tomou
logo as Cidades de Por, Mangalor, Pate,
e outras; e D. Diogo de Noronha, tanto
que teve seu recado, despedio alguns na-
vios pela costa até Gogá, que não fizeram
mais, que andarem á vista da terra por cum-
primento. Abiscan tanto que soube que o ou-
tro lhe entrava por suas terras, e os damnos
que por ellas hia fazendo, ajuntando suas
gentes, o foi buscar, e encontrando-se vie-
ram a batalha, em que o Abexim foi des-
ba-

baratado de todo, e o Tartacan o foi seguindo até o lançar fóra das terras, e o metter pelas de Cambaya, onde se acolheo; e desta vez ficou o Tartacan senhor de todo aquelle Estado, deixando-se ficar na Villa de Nova Nager alguns dias, até concertar, e assegurar as cousas da terra. Alli o mandou D. Diogo de Noronha visitar, e antre ambos corrêram todo aquelle tempo grandes cumprimentos; e ficáram correndo em tanta amizade todo o tempo que andou por aquellas terras, que vinham os do seu exercito á Ilha, e a ver a fortaleza com licença de D. Diogo, que foi nisto tão liberal, que entráram de huma vez perto de quinhentos Mouros na fortaleza; e quando lhe deram rebate, já as suas casas estavam cheias delles; e acudindo D. Diogo de Noronha com a gente que havia, os lançou fóra sem escandalo. Este descuido, ou confiança deste Capitão lhe estranhou ElRey tanto, que dizem que por elle (e por aquella palavra que disse, quando tomou a fortaleza da Cidade aos Abexins, como na sexta Decada no Cap. XIX. do X. Liv. dissemos) o não poz nas succesſões da governança da India. Apossado o Tartacan do Estado do Abiscan, se recolheo pera Junager, e deixou por Governador naquellas partes a Melique Xeque, que veio a Dio a fallar com Dom

Dio-

Diogo de Noronha, e ficou fazendo ſeu aſſento na Villa de Nova Nager. Tanto que D. Diogo vio recolhido o Tartacan, logo deitou mão de toda a Alfandega, que era o que elle pertendia, e lançou fóra os officiaes Mouros, que alli eſtavam da mão do Abiſcan, e começou a arrecadar os rendimentos pera ElRey, e daqui lhe ficou a poſſe que até hoje dura.

CAPITULO X.

De como ſe levantáram contra o Idalcan alguns Capitães ſeus: e dos tratos que houve antre Anel Maluco, e o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas.

NO Cap. VIII. do IX. Liv. da quinta Decada démos larga conta de como por morte de Maluco Rey de Viſapôr, e do Decan, ſuccedeo Abrahemo ſeu irmão, que foi o que ſe concertou com o Governador Martim Affonſo de Souſa, pera que lhe entregaſſe Mealecan ſeu tio, que o Acedecan Senhor de Bilgão, e de todo o Concan tratava de metter de poſſe do Reyno, concertando-ſe o Idalcan com o Governador, que mandaſſe a Mealecan pera o Reyno, ou pera Maluco, e por iſſo lhe largou as terras firmes de Salſete, e Bardes, o que o Governador não fez. Succedeo eſte verão

rão em que andamos alevantar-se contra El-Rey Abrahemo hum grande Capitão seu, chamado Anel Maluco, Governador de todo o Concan, e em authoridade, e poder outro Acedecan. Este sentindo-se offendido, e aggravado de ElRey, como tinha muita gente, posse, e poder, e sobre tudo a maldade, e tyrannia, que em todos estes Mouros de contino reina, solicitou outros Capitães principaes do Reyno, que tambem sentio desgostosos, e fizeram todos antre si huma conjuração contra ElRey, e tratáram de o desapossar do Reyno. E para esta maldade ter alguma côr de desculpa, affirmáram pertencer o Reyno mais a Mealecan, que estava em Goa, que ao sobrinho Abrahemo.

Assentados nisto, quizeram-se valer de Rama Rajo Rey do Canará, e do Viso-Rey da India, pera quem logo despedíram seus Embaixadores em muito segredo. O que enviáram ao Viso-Rey, entrou na Ilha de Goa muito encubertamente, e vio-se com elle em segredo; e da parte de Anel Maluco lhe deo conta de tudo o que estava antre elles ordenado, pedindo-lhe » que lhe qui-
» zesse dar Mealecan pera o fazerem Rey,
» e favorecellos pera isso; e que pera o fa-
» zer com mór gosto, e vontade, elles of-
» fereciam pera ElRey de Portugal todas as
» terras do Concan com suas Alfandegas, e
» Ta-

» Tanadarias, que montavam todos os an-
» nos de vantagem de hum milhão de ouro. »
O Viſo-Rey deo orelhas áquelle negocio, e informou-ſe bem da poſſe daquelles Capitães, e achou que eram os principaes do Reyno, e que ſem dúvida levariam ávante o que pertendiam; e certificado bem deſte negocio, o poz em conſelho dos Fidalgos velhos, e de alguns moradores, e Cidadãos principaes; e debatida a materia, aſſentáram todos » que ſe deviam de acceitar os
» partidos que commettiam, porque ſe ſe a-
» juntaſſem ao Eſtado as terras do Cancan,
» ficaria proſperiſſimo; e que ſegundo as cou-
» ſas eſtavam diſpoſtas, ſe arriſcava pouco
» entrar na liga; quanto mais, que elles não
» queriam mais que entregarem-lhe o Mea-
» lecan; porque pera o metterem lá de poſ-
» ſe do Reyno, elles baſtavam, e o Rey de
» Biſnagá, que era o mais poderoſo de to-
» dos os vizinhos, a quem ſempre ſe havia
» de favorecer pera tornar a cobrar aquelle
» Reyno que fora ſeu, pelo grande provei-
» to, e ſegurança que diſſo reſultava ao Eſ-
» tado da India; porque nunca elle fora proſ-
» pero, ſenão no tempo em que o Reyno
» de Biſnagá eſtava inteiro, o que não teve
» depois que o Idalcan lhe tomou algumas
» Cidades, que vizinhavam com Goa; por-
» que o commercio dos Canarás fora ſem-

» pre

» pre mais proveitoſo em commum, que to-
» dos. » Depois de todos votarem niſto lar-
gamente, o fez o Viſo-Rey por derradeiro,
e diſſe » que lhe parecia bem dar-ſe-lhe o
» Mealecan, e todo o favor que foſſe neceſ-
» ſario pera ſua paſſagem; mas não que ſe
» metteſſe na liga o Rey de Biſnagá, porque
» como era muito poderoſo, logo havia de
» querer lançar mão dos Reynos do Decan;
» e que pela ventura lhe creſceria a cubiça
» de ſe tornar a fazer ſenhor da Ilha de Goa,
» (que era a mais eſtimada, e religioſa cou-
» ſa, que os Canarás ſempre tiveram.) Que
» o poder dos conjurados era tamanho, que
» baſtava pera tudo ſem mais ajuda. E que
» ſe ſe achaſſe naquelle jogo o Rey de Biſ-
» nagá, toda a honra havia de ficar ſua, pe-
» lo poder que trazia; e que não vinha bem
» aos Portuguezes, pelo credito em que eſ-
» tavam, que lhes era neceſſario ſuſtentar. »
Tantas couſas diſſe ſobre iſto, que conven-
ceo a todos, e aſſentáram, que ſe déſſem al-
guns Portuguezes aos Capitães da liga pera
os ajudarem. Eſta reſolução foi a total per-
dição daquella jornada; porque tanto que o
Idalcan foi aviſado de todo aquelle nego-
cio, e que ElRey de Biſnagá ficava fóra da
liga, logo lhe mandou Embaixadores a lhe
pedir ſoccorro contra os alevantados, com-
mettendo-lhe grandes partidos, que elle ac-
cei-

ceitou, quando se vio engeitado da outra parte. Assentado aquelle negocio, despedio o Viso-Rey o Embaixador com os apontamentos do que se lhe havia de conceder, que eram os seguintes.

» Que tanto que os Capitães tomassem » em Pondá posse de Mealecan, logo lhe en- » tregariam as Tanadarias do Concan pera as » prover de Capitães, e que começariam logo » as terras a render pera ElRey de Portugal.

» Que todas as cousas que estavam as- » sentadas nas pazes passadas ficassem no es- » tado em que estavam; sem se innovar cou- » sa alguma nellas.

Chegado este Enviado a Bilgão, onde estava Anel Maluco com os conjurados, assignáram os contratos, e os tornáram a mandar ao Viso-Rey, com outros que continham o seguinte.

» Que o Viso-Rey alevantaria na Cida- » de de Goa a Mealecan por Rey de Vi- » sapôr, e que em pessoa o iria entregar a » Calabatecan dentro em Pondá, porque alli » o havia de esperar com dez mil homens, » e que dalli o havia de levar a Anel Malu- » co, e aos conjurados onde estivessem.

Despedido este Embaixador, ficáram elles ajuntando suas gentes; e o Viso-Rey tambem como teve este recado, fez seus preparamentos pera aquella jornada.

CA-

CAPITULO XI.

De como o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas alevantou Mealecan por Rey de Visapôr: e dos contratos que com elle fez: e de como passou a Pondá, e o entregou a Calabatecan.

TEndo o Viso-Rey prestes, e negociadas as cousas que pertendia pera aquella jornada, que determinava fazer com grande magestade, porque era muito vão, e grandioso, ordenou hum dia pera o auto do alevantamento do Mealecan em Rey, e deo recado aos Vereadores, pera que com todos os moradores se achassem presentes, o mais custosamente que pudessem; e que ordenassem todas as festas possiveis pera obrigarem muito áquelle Rey, com que haviam de ficar tendo tanta vizinhança, e amizade. E o mesmo pedio a todos os Capitães, e Fidalgos. Tinha o Viso-Rey mandado ordenar no terreiro do Paço hum formoso cadafalso, toldado todo por sima, e elle todo alcatifado, e guarnecido de pannos de ouro, e sedas, e o terreiro todo enramado, e embandeirado, e pelas janellas muitos instrumentos alegres, e guerreiros; e elle pera sua pessoa tinha mandado fazer grandes opas de borcados ricos, e todos os seus criados,

e

e guarda veſtidos muito cuſtoſamente. E para ElRey Mealecan tinha mandado fazer muitas Cabayas de borcado a ſeu modo, e de veludos de cores, de eſcarlatas finas, e quatro cavallos formoſiſſimos guarnecidos á gineta de jaezes de prata dourados, com caparazões riquiſſimamente broslados. Ao dia aprazado abalou o Viſo-Rey de ſua caſa acompanhado de todos os Fidalgos, e Cidadãos a cavallo, todos tão ricamente trajados, que foi couſa muito pera ver. E em ſua companhia muita ſomma de trombetas, charamellas, e atabales; e com eſta pompa chegou ás caſas do Mealecan, que já eſtava eſperando por elle a cavallo com dous filhos ſeus, e muitos criados; e tomando-o o Viſo-Rey á ſua mão direita, o levou comſigo até o cadafalſo, onde ſe ſubíram, e aſſentáram cada hum em ſua cadeira, debaixo de hum muito rico, e formoſo docel de borcado, e alli o alevantou por Rey de Viſapôr, e de todo o Decan, conforme a ſeu coſtume; o que ſe fez com muitos inſtrumentos, e ſalvas de artilheria, e muitas feſtas, momos, e invenções, que a Cidade lhe tinha ordenado. Foi eſte auto feito com a mór mageſtade, e ſolemnidade que podia ſer, e com tão grande concurſo de gente, Mouros, e Gentios, que não cabiam pela Cidade. Acabado eſte auto, fez o Viſo-Rey com aquel-

aquelle Rey novos contratos, que o Secretario do Eſtado apreſentou, que ElRey com ſeus filhos aſſignou, cuja ſubſtancia era o ſeguinte.

» Que elle dava, e doava a ElRey de » Portugal, e a todos ſeus ſucceſſores, daquel- » le dia pera todo ſempre, as terras firmes de » Salſete, e Bardes, e todo o Concan com » ſuas Alfandegas, Tanadarias, e jurdições.

» Que as fortalezas de Pondá, Banda, » e Curale ſe entregariam logo a Capitães » Portuguezes, tanto que elle foſſe entregue » a Calabatecan.

» Que ficariam em Goa ſua mulher, e » filhos em refens, até ſe ſegurarem as cou- » ſas do Balagate.

» Que todos os mais concertos, que eſta- » vam feitos com Anel Maluco, ſe guarda- » riam muito inteiramente.

» E que elle Mealecan depois de eſtar no » Reyno, poderia mandar levar de Goa vin- » te cavallos forros dos direitos, e dous mil » pardáos de fazendas, e brincos, ſem pa- » garem direitos, nem lagimas. »

Aſſignados eſtes contratos, tornou o Viſo-Rey a levar ElRey pera ſua caſa, e começou a preparar as couſas pera a paſſagem, mandando ajuntar toda a gente de armas que havia na Ilha de Goa, e nas mais circumvizinhas, e deo recado aos Capitães pera ajunta-

tarem a ſoldadeſca toda de Goa, e ao Capitão da Cidade, pera que eſtiveſſe preſtes, e apparelhado com todos os moradores de cavallo. Ordenado iſto tudo, mandou o Viſo-Rey ao Tanadar mór Antonio Ferrão, que com todos os piães Gentios, e Chriſtãos ſe paſſaſſe da outra banda do paſſo de Sant-Iago, porque ao outro dia ſe havia de abalar, como fez, e partio de Goa neſta ordem.

Os Capitães das bandeiras da ſoldadeſca, que eram ſinco, (Martim Affonſo de Miranda, D. Fernando de Monroy, Dom Antão de Noronha, Baſtião de Sá, e Fernão Martins Freire,) foram diante com ſua ſoldadeſca, que ſeriam perto de tres mil homens; e logo apôs elles abalou o Viſo-Rey de Goa, e tomou Mealecan, novo Rey, á ſua mão direita. Hia o Viſo-Rey veſtido de huma opa roſſagante de borcado alto com muitas pontas de pedraria, e ſobre os hombros hum muito rico, e formoſo colar de pedraria, huma eſpada, e adaga de ouro eſmaltada. Levava diante de ſi a ſua guarda com ſua libré de cores, e no meio o ſeu Capitão da guarda, e mais atrás doze formoſos ginetes ajaezados de ouro, e prata, com telizes de damaſco de cores, franjados de ouro, e detrás delles o ſeu Eſtribeiro ricamente veſtido; mais atrás ſeis Porteiros de

maſ-

massas de prata, e quatro de canas; e detrás de todos o seu Veador; e detrás delle hum Rey de Armas de Portugal, com huma opa rica, e no peito as armas Reaes em huma lamina de ouro grande; e diante de tudo isto hiam atabales, trombetas, e charamelas, e outros instrumentos. Detrás do Viso-Rey hia Gaspar de Mello Capitão da Cidade, com duzentos moradores de formosos ginetes, e armados de fortes, e galantes armas.

Com esta magestade chegou ao Passo de Sant-Iago, onde se aposentou aquella noite, e a outro dia despedio os Capitães das bandeiras, e Gaspar de Mello Capitão da Cidade, com todos os moradores, por Capitão geral de todo aquelle exercito, e com elles hum Capitão do Rey novo, pera irem tomar posse da fortaleza de Pondá, e espe-rarem alli até elle chegar. Estes Capitães passáram á outra banda, e foram marchando pera Pondá; e antes de chegarem á fortaleza, lhes sahio hum Capitão, chamado Meale, que estava nella da mão do Idalcan, que não quiz entrar na liga; e com duzentos de cavallo escolhidos veio commetter a nossa dianteira, e traváram huma arrezoada escaramuça, em que os nossos lhes derribáram dezesete, e feríram muitos, e com este toque se foram recolhendo; e não se fiando

da fortaleza, desviando-se della, se foram pera o certão: os nossos chegáram á fortaleza, que acháram despejada, e fóra della assentáram suas tendas, e se valáram á roda; e o Capitão Gaspar de Mello partio a gente toda em quatro quartos pera vigiarem de noite.

Aqui aconteceo hum caso de muito enfadamento, e que houvera de dar grande trabalho ao Estado; e foi este. Hia na companhia Francisco Barreto, que não quiz levar bandeira, porque esperou que Gaspar de Mello (que era seu tio) lhe largasse o governo de toda a gente de pé, e que ficasse elle com a de cavallo, e elle assim lho pedio; mas não lho quiz conceder, porque entendeo que os Capitães das companhias o não haviam de consentir. E como este Fidalgo era homem naturalmente arrogante, amigo de honra, e de mandar, aquella noite sahio a roldar os quartos, e acabava-se o primeiro que vigiava D. Fernando de Monroy, (que me contou isto,) e perguntou aos soldados, quem lhe succedia, que lhe disseram, que Martim Affonso de Miranda; e despedindo hum pagem, lhe mandou por elle dizer, que viesse vigiar. Martim Affonso estava-se já armando pera se ir vigiar, quando este pagem chegou, e em lhe dando o recado de Francisco Barreto, tomou-se tan-

to

to diſſo, que ſe tornou a deſarmar, e lançar na cama, e deo recado aos ſeus » que » ſe outra vez tornaſſe alguem com outro re» cado, o não acordaſſem; » e aſſim o fizeram, porque Franciſco Barreto tornou a ſegundar; e foi a couſa de feição, que ficou D. Fernando de Monroy vigiando ambos os quartos.

Ao outro dia pela manhã, eſtando os Capitães aſſentados ao ſoalheiro em converſação, chegou o Martim Affonſo de Miranda, armado em huma coura de laminas, huma gineta na mão, e fallou a todos. Franciſco Barreto, que eſtava alli, quiz galantear ſobre elle fazer vigiar dous quartos a D. Fernando de Monroy; mas como Martim Affonſo hia enfadado, e tomado, ſoffreo-lhe mal as galanterias; e aſſim de palavra em palavra chegáram a ſe deſcompor, e a levar mãos ás armas, ao que acudio todo o exercito, e ſe repartio em dous bandos. Gaſpar de Mello, Capitão geral, acudio áquelle negocio; e mettendo-ſe no meio d'ambos, liou-ſe com elles; e como era á porta da fortaleza, e elle homem muito grande, e forçoſo, aos impuxões os foi mettendo dentro, e fechou ſobre ſi as portas, e deſpedio hum correio com huma carta ao Viſo-Rey, em que lhe dava conta do negocio. Eſta carta lhe deram já de noite; e ven-

do a importancia do caſo, ſe paſſou logo a Gaçaim, onde eſtava por Tanadar André Gorjão, e com elle, e com poucos de ſua guarda, e criados ſe foi pelo rio aſſima a Derubate; e dahi em huma faca andeira partio pera Pondá, onde chegou á meia noite; e entrando na fortaleza, mandou vir perante ſi aquelles Fidalgos, e os reprendeo. E fallando primeiro com Franciſco Barreto, lhe diſſe: » Se quer vós, Senhor, que ſois » hum Fidalgo, de quem ElRey confia a In- » dia, em tal tempo, e em terra de infieis » fazerdes eſta união? Que conta haveis de » dar a ElRey de couſa tão mal feita, co- » mo foi pordes hoje a India em balanço? » E fallando com Martim Affonſo de Miranda, o reprendeo tambem aſperamente, mas com palavras graves, e muito honradas, (porque de todas aquellas tres partes, que o grão Capitão Gonçalo Fernandes de Cordova punha ao que havia de governar, que são, ſer clemente, ter mão larga, e boca prudente; eſta he a mais neceſſaria que todas, porque com taes palavras me póde hum Viſo-Rey reprender, ou negar huma couſa, que lho agradeça tanto, como ſe ma dera.) O Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas os fez logo amigos, ficando o reſto da noite na fortaleza; e pela manhã ſe partio pera o Paſſo de Sant-Iago, onde ficava o Rey novo.

Al-

Alli ſe deteve tres dias até lhe vir recado, que era chegado Calabatecan, a quem havia de entregar ElRey; pelo que logo paſſou da outra banda, onde os noſſos Capitães o eſperavam com tendas armadas. Alli ſe aſſentou o Viſo-Rey debaixo de humas arvores, e com elle ElRey, cada hum em ſua cadeira rica, em ſima de formoſas alcatifas; e aſſim da Cidade, como dos paſſos todos da Ilha, houve todo aquelle dia grandes ſalvas de artilheria, e o meſmo ſe fez no exercito. Eſtando aſſim, chegou hum Capitão de dous mil cavallos, que o Calabatecan mandava pera acompanhar ElRey até Pondá; e deſcendo-ſe, chegou ao Viſo-Rey com as mãos cruzadas, e lhe fez ſeu acatamento, e depois ſe poz de joelhos diante de ElRey, e com as mãos no chão lhe metteo a cabeça antre as pernas, em ſinal de ſua ſujeição, como antre elles ſe coſtuma. Levava eſte Capitão as mangas da Cabaya, que eram largas, com huma ſomma de pagodes de ouro, moeda do Balagate, que cada huma valerá quinhentos reis; e ao abaixar que fez, ſe lhe eſpalháram todos pelas alcatifas; e depois de alevantado, foram recolhidos pelos pagens do Viſo-Rey, ſobre o que houve algumas rebatinhas, que tambem deram goſto. Coſtumavam os Mouros neſtes Reynos iſto, deixarem aquelle dinhei-

nheiro aos pés de ſeu Rey em ſinal de vaſſallagem.

Feito iſto, abalou o Viſo-Rey com toda aquella mageſtade Real pera Pondá, e fóra da fortaleza acháram Calabatecan, que aſſim a cavallo fez ſua cortezia a ElRey, e o Viſo-Rey ſe agazalhou com ElRey, e Calabatecan, ficando fóra o mais exercito; o noſſo com as coſtas na porta da fortaleza, e o dos Mouros hum pouco deſviado, tendo aquella noite muito grande vigia. Ao outro dia fez o Viſo-Rey entrega do Mealecan a Calabatecan, do que mandou fazer hum auto pelo Secretario, em que elles, e os Capitães Mouros ſe aſſignáram; e depois deram todos a menagem nas mãos de ElRey, conforme a ſeu coſtume, e fizeram ſeus juramentos, e ſolemnidades. Ao outro dia ſe deſpedio ElRey do Viſo-Rey, e elle lhe deo hum Capitão com cem ſoldados pera o irem ſervindo, e acompanhando até Viſapôr. O Calabatecan levou ElRey a huma aldêa, que eſtava adiante, pera alli eſperar recado do Anel Maluco, a quem deſpedio logo correio com cartas de tudo o que era paſſado. O Viſo-Rey deixou na fortaleza de Pondá a D. Antão de Noronha com ſeiscentos ſoldados com ſeus Capitães, pera lhes darem mezas; e Coge Cemaçadim, com gente de cavallo pera andar quietando as aldê-

dêas, e povoações. E por se achar abalado do trabalho daquelle caminho, se recolheo pera Goa, sem acabar de concluir nas cousas do Concan.

CAPITULO XII.

De como faleceo o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

CHegado o Viso-Rey a Goa, se deitou logo em cama, por vir muito mal disposto; e como era de setenta annos, idade mais pera o repouso, que pera o trabalho, foi-se logo achando mal, e a declarar-se-lhe huma febrezinha lenta; e affirmava-se, que lhe nascêra do trabalho daquella noite, que acudio a Pondá ás differenças daquelles dous Fidalgos. Em fim, a febre apertou com elle de feição, que começáram os Medicos a desconfiar, e disseram ao seu Confessor, que fizesse com elle, que tratasse das cousas de sua alma; o que lhe elle disse com palavras muito prudentes, e de muita consolação, que lhe elle agradeceo, dando logo de mão a todas as cousas, e se recolheo com elle, fazendo seu testamento muito de vagar, ordenando todas suas cousas muito bem; depois tomou os Divinos Sacramentos da Eucaristia, e Extrema-Unção, e fez to-

todos os mais autos de Catholico Chriſtão, e bom penitente.

Depois de tudo iſto feito, e elle muito conſolado, e conforme com a vontade de Deos, ſentindo-ſe no cabo, mandou chamar Franciſco Barreto; e chegado elle, lhe diſſe, que ſe aſſentaſſe em huma cadeira de eſtado, que tinha ao longo da cama; o que elle não quiz fazer; e depois de porfiar hum pouco, lhe diſſe: » Aſſentai-vos, Senhor, » neſſa cadeira, que o quer aſſim S. A., e » vós lho mereceis, » e então ſe aſſentou; e o Viſo-Rey praticou com elle ſó algumas couſas, e lhe pedio » que tanto que noſſo » Senhor o levaſſe pera ſi, recolheſſe ſeus » criados, que ficavam deſagazalhados, por» que não tivera tempo de lhes fazer bem.» Franciſco Barreto lhe reſpondeo » que Deos » noſſo Senhor lhe daria ſaude pera os go» vernar a todos, o que elle eſtimaria mais » que todas as governanças; e que quando » elle diſſo foſſe ſervido, elle faria o que lhe » devia; » e com iſto lhe diſſe outras palavras muito graves, moſtrando muito grande ſentimento de o ver naquelle eſtado. Era iſto aos quinze dias do mez de Junho de quinhentos e ſincoenta e ſinco annos, e aos dezeſeis faleceo com muitas moſtras de verdadeiro Chriſtão, e de arrependido peccador, e com grande mágoa, e dor de todos,

dos, tendo governado nove mezes. Abrio-se seu testamento, e achou-se mandar, que o enterrassem na Sé de Goa, e que seus ossos fossem depois levados pera o Reyno; e assim o leváram a sepultar com a mór pompa funeral que podia ser, e se lhe fizeram seus Officios, e sahimentos com grande solemnidade, e tristeza de todos. Neste auto assistíram todos os Fidalgos, e Vereadores, vestidos de dó.

Era D. Pedro Mascarenhas filho do Capitão dos ginetes D. Fernão Martins Mascarenhas. Foi Estribeiro mór de ElRey Dom João, e depois vendeo este cargo ao segundo Conde da Vidigueira; e conta-se delle huma cousa que lhe disse, que se lhe notou a grande vaidade, e foi, que perguntando-lhe o Conde, quando lhe comprou o cargo, pelas obrigações delle, lhe respondêra, que pelas não querer saber lho vendia. Foi depois General das galés do Reyno: e neste cargo cobrou nome de muito bom Capitão. Depois o mandou ElRey por Embaixador a Alemanha a cousas muito importantes, onde esteve alguns annos com a mór casa, e apparato que todos os Embaixadores, que até então houve, e ficou por sua prudencia, authoridade, liberalidade, e todas as mais partes, muito querido do Imperador Carlos Quinto, e muito acreditado

do com todos os Potentados de Alemanha.

Depois foi por Embaixador a Roma, e de lá trouxe os Padres da Companhia ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. I. do VIII. Liv. temos dito,) e cobrou em todas estas cousas tanto credito com ElRey, que quando ordenou casa ao Principe Dom João seu filho, lho deo por Mordomo mór, e lhe entregou todo o governo de sua casa; porque quiz ElRey que tivesse seu filho muito grande respeito á sua idade, e muita authoridade. Foi casado duas vezes, e de nenhuma teve filhos: a primeira com Dona Filippa Henriques, filha de Simão de Miranda, Camareiro mór do Cardeal D. Henrique; e a segunda com Dona Helena, filha de Pero Mascarenhas, o das differenças com Lopo Vaz de Sampaio, que era seu sobrinho, filho de seu primo com irmão João Mascarenhas, e neto de D. Nuno Mascarenhas, irmão do Capitão dos ginetes Dom Fernando Martins Mascarenhas, pai deste D. Pedro; e por não haver filhos de nenhuma destas mulheres, perfilháram elle, e sua mulher Dona Helena Mascarenhas a Dom João Mascarenhas, (o que foi Capitão de Dio, quando foi o segundo cerco,) e a Dona Helena sua mulher, filha de D. João de Castello-branco, que era sobrinha dambos;

bos ; porque D. João Maſcarenhas era filho de ſeu irmão D. Nuno Maſcarenhas , e D. Helena filha de D. Catharina , filha de Pero Maſcarenhas , que foi caſada com eſte D. João de Caſtello-branco , filho de Dom Martinho de Caſtello-branco , Conde de Villa-Nova.

Foi eſte Viſo-Rey homem mui inteiro na juſtiça ; e tanto que chegou á India , mandou fazer hum rol de todos os cargos que eſtavam vagos , e que hiam vagando ; e mandou lançar pregões , que todos os criados de ElRey , que na India andavam ſervindo , acudiſſem com ſeus papeis pera os deſpacharem , o que todos fizeram , e elle os foi deſpachando conforme a ſeus ſerviços , ſem dar cargo algum a criado ſeu ; porque dizia , que os cargos que eram de ElRey , não ſe haviam de dar ſenão a ſeus criados que o ſerviam , e não aos dos Viſo-Reys , a quem não tinha obrigação alguma.

Aqui ſe conta delle huma couſa igual a todas as ſuas , e foi , que andando elle deſpachando eſtes homens , lhe apreſentou ſeus papeis hum criado de hum valído do Reyno , que havia tres annos que andava na India : eſte tardando-lhe o deſpacho , appareceo muitas vezes diante do Viſo-Rey , (por lhe vir muito encommendado do amo ,) e lhe fez ſuas lembranças , e de huma lhe diſſe :

» V.

» V. S. não me deſpacha, ſendo eu hum ho-
» mem, que ha tres annos que ando neſtas
» partes ſervindo, e que mereço me façam
» mercê? » O Viſo-Rey mui ſevero lhe re-
ſpondeo: » Ando agora deſpachando os de
» vinte, e quinze annos; como chegar aos
» de tres, então terei lembrança de vós. »

Eſtando hum dia no tronco fazendo au-
diencia aos prezos, e vindo diante delle hum,
que trazia hum grilhão nos pés por dividas
de ElRey, lhe diſſe » que havia muito que
» alli eſtava prezo daquella maneira, por-
» que devia a ElRey huma quantia de di-
» nheiro, e que ElRey lhe devia muito mais,
» mas que lho não queriam deſcontar, e le-
» var em conta. » Perguntando o Viſo-Rey
pelo caſo, e ſabendo ſer verdade, mandou
chamar logo o Veador da Fazenda, e lhe
diſſe: » Aquelle grilhão que aquelle homem
» tem, tirai-lho, e lancem-no a mim, e a
» vós, já que ſomos Officiaes de ElRey, e
» não queremos pagar ſuas dividas; » e lo-
go mandou ſoltar o homem, e que ſe lhe
abateſſe a divida da que ſe lhe devia. Fol-
gou muito de ouvir os homens, e de lhes
fazer juſtiça. Todos os dias tinha certas ho-
ras limitadas pera ouvir partes, o que fa-
zia deitado em huma camilha.

Tanto que entrou na India, quiz tirar
alguns coſtumes, ſobre o que fez algumas
leis,

leis, que não foi poſſivel guardarem-ſe. Huma dellas era, defender os ſombreiros altos de tomar a chuva, e Sol, por eſcuſar aos homens os gaſtos dos que lhos traziam; e elle tambem os não trouxe, e uſou de huns ſombreiros de lã com ſeus cordões, a que ſe chamáram muito tempo delle os Maſcarenhas. Depois vendo que o Sol era intoleravel, e as chuvas deſcompaſſadas, tornou a largar os ſombreiros altos, com condição, que os trouxeſſem eſcravos proprios, cativos, por forrarem as deſpezas dos que os trazem, que são Gentios, a que communmente chamam bois de ſombreiro. Quiz defender os cavallos aos Fidalgos, pelas deſpezas que lhes faziam; o que lhe mandava ElRey tambem em ſeu regimento, e que ſó os caſados os tiveſſem; mas atalhou-o a morte.

Defendeo que nenhuma mulher pública andaſſe em Palanquim, ſenão deſcuberta. Ordenou na fortaleza de Ormuz ſeiscentos ſoldados, com obrigação de dormirem dentro na fortaleza (iſto no inverno;) mas que no verão não pagariam mais de quatrocentos. Em Baçaim ordenou outros ſeiscentos pera ſegurança daquella fortaleza pelas alterações de Cambaya. Em Chaul cento. E fez regimento, que os Capitães das fortalezas não tiveſſem outras vigias, ſenão os ſoldados

da

da obrigação dellas, porque coſtumavam a pagar muitas vigias fantaſticas; e que no número dos da obrigação das fortalezas entraſſem os homens que lhe davam a elles, a fóra outras couſas muito bem ordenadas. E em tudo viveo tão puro, e morreo com tantas moſtras de contrição, que ſe póde crer que eſtará no Ceo gozando do galardão de ſuas obras.

DECADA SETIMA.

LIVRO II.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas ſuccedeo na governança da India Franciſco Barreto : e da Armada que ſe queimou na ribeira de ElRey com hum foguete.

ESTANDO o corpo do Viſo-Rey Dom Pedro Maſcarenhas em ſeu ataude, poſto na Capella mór da Sé de Goa, mandou o Chanceller trazer o cofre das ſucceſsões, que eſtavam em S. Franciſco; e abrindo-o, tirou a primeira, e a entregou ao Secretario, que a amoſtrou em alto ao povo, pera que viſſe que eſtava cerrada, e ſellada com o ſello pendente das Armas Reaes, e a deo ao Capitão da Cidade, que naquelle au-

auto presidia, pera que com o Ouvidor geral a examinassem bem, se estava inteira, e sem se nella tocar. Feito isto, a abrio o Secretario, e a foi lendo alto, e achou-se nella Francisco Barreto, que estava presente vestido de dó; e em o nomeando, foi logo levado nos braços de todos, e na Capella mór deo a menagem do Estado da India nas mãos do Capitão da Cidade Gaspar de Mello, na fórma costumada naquelles Estados.

Feito este auto, que foi aos dezeseis de Junho deste anno de sincoenta e sinco, enterráram o corpo de D. Pedro Mascarenhas, e o Governador Francisco Barreto se recolheo a S. Francisco, até lhe despejarem os Paços; e a primeira cousa que fez, foi mandar chamar todos os criados, que foram do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e os consolou, e recolheo em sua casa, e se servio delles nos mesmos cargos, que o Viso-Rey lhes tinha dados. E todos os officios, de que tinha provídas algumas pessoas, os confirmou, e nada revogou do que o Viso-Rey tinha feito.

E não havendo mais que oito dias, que o Governador estava de posse, succedeo a mór perda, e desaventura, que nunca a India teve, e foi, que vespera de S. João, já de noite, lançou hum homem hum foguete de humas casas, junto a nossa Senhora do

Ro-

ſario, que o demonio encaminhou pera a ribeira das Armadas, e foi cahir ſobre o galeão S. Mattheus, que eſtava varado, cuberto de palha, que tomou logo fogo com tanta braveza, que foi eſpanto; e como eſtava a balravento dos mais galeões, que eſtavam varados tambem junto delle, e o vento era rijo, foi-ſe pegando o fogo de galeão em galeão com tamanho eſtrondo, e terremoto, que parecia que ſe aſſolava toda a Cidade. O Governador vendo aquelle incendio, acudio á ribeira com todos os Fidalgos, moradores, e ſoldadeſca que havia, e arremettêram a deſcubrir todos os galeões que eſtavam varados, e aos mais que eſtavam no mar, que dos que o fogo tinha tomado poſſe, não houve remedio algum. O Governador andava como doudo, mettido pela agua, e pela lama, e ainda antre os galeões que ardiam, arriſcado ás labaredas, e traves que cahiam, por remediar que a mais Armada ſe não perdeſſe. E neſte trabalho o ſeguíram todos; e houve ſoldados, que commettêram neſte negocio grandes temeridades, mettendo-ſe nos galeões que ardiam, por verem ſe lhe podiam valer; mas nada aproveitou, e muitos ſe recolhêram muito queimados, e abrazados, a quem o Governador abraçou, e a hum lançou a cadeia que trazia ao peſcoço, e a outro deo o ſeu

 an-

annel de ſinete, e a outros outras peças, que depois mandou reſgatar; e aſſim andava animando a todos por acudirem ao trabalho, promettendo mercês, que depois fez; e foi eſta diligencia que poz, tal, que foi parte pera ſe ſalvar toda a mais Armada. Durou eſte incendio toda aquella noite, e o dia ſeguinte, em que ſe queimáram, e conſumíram ſeis galeões Reaes, quatro caravelas, e duas formoſas galés, couſa que todos ſentíram muito, porque era a mór força que o Eſtado tinha. O Governador o ſentio em eſtremo, e houve aquella deſaventura em principio de ſeu governo, por grande moſina ſua, e mandou tirar grandes devaſſas, e inquirições ſobre aquelle negocio, e deitar grandes pregões, em que perdoava graviſſimos caſos a quem lhe deſcubriſſe quem queimára a Armada, ſem nunca ſe poder ſaber couſa alguma; pelo que houve muitas ſuſpeitas, e juizos temerarios, mas a verdade foi, que hum João Rodrigues, de alcunha o Calandar (que he o meſmo que peregrino) foi o que lançou o foguete que diſſemos, ſem ter tal tenção, e depois que vio o incendio ſe paſſou pera o Balagate, e dahi pera Cambaya, onde andou muitos annos como peregrino, e dalli cobrou a alcunha Calandar. Foi eſte homem depois caſado em Ormuz, onde viveo muitos annos. O Gover-

vernador ſempre ſuſpeitou que aquelle damno fora mandado fazer por ordem do Idalcan, pelo favor que ſe deo a Mealecan; e receando-ſe da mais Armada, armou muitas manchuas pera andarem de longo da Armada, e da ribeira, vigiando; e ordenou, que os Capitães da ſoldadeſca vigiaſſem de noite aos quartos na ribeira, pera acudirem aonde foſſe neceſſario: eſtes Capitães vigiavam huns na varanda da Igreja das Chagas, e outros nas terecenas dos maſtos. Em todo eſte inverno houve muitos banquetes, jogos, e paſſatempos, e aos ſoldados ſe deram mezas muito abaſtadas.

Como o Governador Franciſco Barreto era homem de grande animo, determinou de em ſeu tempo tornar a renovar aquella perda, e fazer outros tantos navios, como os que ſe queimáram, e logo mandou armar algumas quilhas, e trazer dos rios vizinhos muita madeira pera começar a pôr as mãos á obra, como fez, pedindo á Cidade ajuda pera iſſo, que lhe ella deo, e acudio com o que pode; e os Bramanes de Goa tomáram á ſua conta fazerem huma galé, que foi huma das mais formoſas peças que vi, e delles tomou o nome, e ſe chamou a galé Bramana; e os mais Gentios ourives, e mercadores deram de ſerviço pera ajuda de outra galé dous mil e quinhentos

pardáos. O Governador por não perder tempo, despedio correios pera as fortalezas do Norte, Chaul, e Baçaim, e escreveo áquelles Vereadores, e povo, que o quizessem ajudar com alguma cousa pera a reformação da Armada; » o que lhe elles concedêram com muito gosto; e passou Provisões pera os Capitães, e Feitores daquellas fortalezas, pera que dos rendimentos dellas armassem logo em cada huma dellas dous galeões, e duas caravellas: e escreveo aos Officiaes de Dio, que mandassem pera isso áquelles Feitores todo o dinheiro que as náos de Meca rendessem em Agosto; e tal pressa deo em seu tempo, que quando chegou Dom Constantino (que lhe succedeo) lhe tornou a entregar outras tantas vasilhas novas, como adiante melhor diremos. E de se querer poupar a fazenda de ElRey, succede muitas vezes mór perda della; porque de se não determinarem os Viso-Reys, e Governadores a fazerem humas terecenas, ao menos pera galés, e navios de remo, ficam todos os invernos arriscados a outra semelhante desaventura, gastando-se pelo miudo muito mais do que esta obra poderia custar; porque todos os annos se despendem, só em cubrir toda a Armada de palha, dous mil pardáos; e em tantos annos com estas despezas se poderiam ter feitas dez terecenas.

E

E poſto que os galeões não caibão nellas, por tão barato havemos cubrirem-ſe de telha, como de palha; porque ainda que ſe quebrem muitas, não deve de montar a metade do que cada anno ſe gaſta na palha, a fóra o riſco que correm, que val tanto, quanto o ſeguro de toda a Armada: mas eſtes deſcuidos, e deſordens (que aſſim lhe podemos chamar) naſcem de alguns Viſo-Reys, e Governadores eſtarem com olho em ſeus reſpeitos particulares, e tambem de outros, quando ſuccedem, não quererem acabar as obras, que os que acabáram tinham começadas; porque a poucos vimos parecer bem as couſas daquelles, e muitas, em que tinham feito grandes deſpezas, ſe perdêram por eſſe reſpeito, que não apontamos por não infamarmos a alguem.

CAPITULO II.

De como o Governador Franciſco Barreto paſſou a Pondá a ſe ver com o Mealecan: e de como proveo as Tanadarias daquellas partes, e mandou D. Antão de Noronha a tomar poſſe de todo Concan.

Depois de Mealecan ficar entregue a Calabatecan, (como atrás temos dito no Cap. X. do I. Liv.,) ſe recolheo pera aquella aldeia a eſperar o recado de Anel Maluco;

co; e em quanto alli eſteve, lhe acudíram todos os moradores das povoações ao redor ao verem, e darem ſua obediencia como a ſeu Rey. O Governador Franciſco Barreto, tendo por novas eſtar ainda alli, deſpedio hum correio com huma carta, em que lhe pedia » ſe não abalaſſe, porque lhe impor» tava muito verem-ſe; a que elle reſpondeo, » que o faria, e que viſſe onde queria que » o eſperaſſe; » com o que ſe começou a preparar, e ordenar ſua paſſagem, que quiz foſſe com tamanha mageſtade, como a do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, por não diminuir na authoridade do Eſtado. E mandou logo ajuntar toda a ſoldadeſca em ſeis bandeiras, cujos Capitães eram, Martim Affonſo de Miranda, (de quem o Governador depois de ſucceder na governança ſe moſtrou mais amigo, que de todos os Fidalgos, porque não cuidaſſe que pelos deſgoſtos paſſados lhe ficára tendo má vontade) Alvaro Paes de Soto-Maior, D. Fernando de Monroy, Jeronymo Barreto Rolim, Pantaleão de Sá, e D. Alvaro da Silveira. E deo recado ao Capitão da Cidade, que já era Jorge de Mendoça, (porque Gaſpar de Mello eſtava prezo, por huma affronta que dentro na Camara fez a hum Vereador,) pera que ajuntaſſe toda a gente de cavallo que na terra havia; e ao Tanadar mór, pera que tambem

bem o fizeſſe á gente das Ilhas, e aldeias de ſua obrigação.

Preſtes tudo, paſſou o Governador a Gaçaim, e dalli mandou recado a Mealecan, e ao Accedecan, que o eſperaſſem no campo de Pondá, porque ahi o iria ver, e viſitar; e mandou logo paſſar toda a gente a Salſete, e elle ſe paſſou por derradeiro, e de lá paſſou á terra firme pelo lugar de Durubate, (por onde D. Pedro Maſcarenhas paſſou aquella noite,) e foi marchando pera Pondá, com o meſmo apparato, poder, e na meſma ordem, que o Viſo-Rey tinha paſſado. Neſta ordem chegáram a Pondá, onde eſtava D. Antão de Noronha, que o ſahio a receber com toda a gente que tinha, poſta em armas, e lhe deo grandes ſalvas de arcabuzaria, e fez outras muitas feſtas; e aquelle dia ſe apoſentou o Governador na fortaleza. Ao outro dia chegou Mealecan com o Calabatecan, e mais Capitães que com elle eſtavam. O Governador o ſahio a receber fóra; e depois de paſſadas as cortezias ordinarias, ſe recolhêram em tendas, que pera iſſo eſtavam armadas, e tornáram de novo a confirmar os contratos, que eſtavam aſſentados com o Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, e lhe paſſou ElRey Proviſões pera logo lhe entregarem as fortalezas de Bandá, Curale, e outras daquellas

par-

partes ; porque das ſujeitas á jurdição de Pondá, logo mandou tomar poſſe, e as proveo de Tanadares, e recebedores, Mouros, e Gentios.

Paſſadas eſtas couſas, ſe deſpedio Mealecan do Governador, e ſe tornou pera a meſma aldeia a eſperar o recado de Anel Maluco, pera começar a ſubir o Gate. O Governador ficou dando ordem ao recebimento das Tanadarias da jurdição de Pondá, que eram doze, Autrúos, Pernás, Batigacão, Ajuré, Soppá, Orubá, Daúr, Atigará, Chandovari, Sanguiſſer, Armarbarca, e Dobati. Todas eſtas arrendou a Gentios naturaes, aſſim, e da meſma maneira que corriam em tempo dos Mouros, ſem innovar couſa alguma nos Foraes, antes lhes fez muitos favores, e deo muitas liberdades; e deixou hum Jorge Manhãs, de ſua obrigação, por recebedor de todas, com poderes de Veador da Fazenda, e lhe ordenou mil piães da terra, com ſeus Naiques, repartidos por todas as Tanadarias pera ſua ſegurança, e pera o favor da arrecadação de ſuas rendas.

Feito iſto, em que gaſtou alguns dias, deixou na fortaleza D. Fernando de Monroy com quinhentos homens, e recolheo D. Antão de Noronha pera o mandar tomar poſſe das Tanadarias de Bandá, Curale,

le, e das mais daquellas partes, e de todo o mais Concan, que era o mais importante, e partio-ſe pera Goa.

Chegado áquella Cidade, deſpedio logo D. Antão de Noronha pera o Concan com quinhentos ſoldados Portuguezes, debaixo de tres bandeiras, cujos Capitães eram, Jorge de Moura, João Lopes Leitão, e hum João Pereira, que, ſegundo nos parece, era Chriſtovão Pereira Homem, e lhe deo mais oitenta moradores de cavallo, muito bem concertados, e por Capitão do campo hum D. João, que foi Mouro, e em Goa ſe fez Chriſtão, (hum dos principaes Capitães do Reyno do Idalcan, bom Cavalleiro, e muito fiel,) e lhe deo mil e quinhentos piães com ſeus Naiques. Neſta jornada paſſáram com D. Antão de Noronha por aventureiros muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e dos que pude ſaber os nomes, são os ſeguintes.

D. Luiz de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, Alexandre de Souſa, que foi Capitão de Chaul, Alvaro Pereira, Ruy Barreto, João de Mello da Cunha, Jeronymo de Souſa, Diogo de Vaſconcellos, Luiz Pinto Pimentel, Garcia Queimado, Vaſco Correa, e outros. E pera Tanadar da fortaleza de Bandá hia Antonio Ferrão, Tanadar mór de Goa, e pera Juiz da Alfandega Antonio do Valle. Preſtes D. Antão de

No-

Noronha, passou-se a Bardés, e dalli tomou o caminho de Bandá, onde o deixaremos, porque he necessario continuarmos com outras cousas, que neste tempo succedêram.

CAPITULO III.

Dos recados que passáram antre D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, e Melique Xeque sobre a Alfandega: e de outras muitas cousas que succedêram.

ATrás no Cap. IX. do I. Liv. démos conta de como Tartacan deitou fóra das terras de Dio ao Abiscan, e de como deixára por Governador naquellas partes que elle possuia, a Melique Xeque Guzarate. Este como se vio alli com o poder, e mando, começou logo a querer puxar por ametade do rendimento da Alfandega de Dio, assim como a arrecadava o Abiscan; e assim o mandou tratar com D. Diogo de Noronha, de quem se tinha mostrado grande servidor, e amigo, apresentando-lhe o direito que nisso tinha. D. Diogo de Noronha vendo sua tenção, e requerimento, o mandou desenganar, affirmando-lhe » que na Ilha de Dio » ninguem havia de ter quinhão, porque to- » da era de ElRey de Portugal: que se con- » tentasse Tartacan de possuir as terras, que » foram do Abiscan. » Sobre isto corrêram

mui-

muitos recados, ſem D. Diogo de Noronha deferir a elles; antes mandou fortificar os paſſos da Ilha, e proveo os rios de manchuas, porque lhe não pudeſſe entrar na Ilha. Vendo o Melique Xeque quão duro o achava naquelle negocio, o mandou commetter em ſegredo com cem mil Madrafaris, que cada hum tem dous larins de prata, que venham a montar ſincoenta mil patacões, pera que lhe largaſſe ametade da Alfandega; e que quando não quizeſſe, que lhe fazia a ſaber, que havia de mandar carregar as náos de Cambaya na Cidade de Gogá, e que lhe havia de impedir todas as fazendas, que por terra coſtumavam ir a Dio, com o que aquella Alfandega ſentiſſe maior perda, que ſe lhe largára ametade do ſeu rendimento.

Eſte ponto poz D. Diogo de Noronha em conſelho das peſſoas principaes que alli eſtavam, e quaſi todos foram de parecer » que ſe havia de largar a ametade da Al» fandega, antes que perdella toda; porque » ſe Melique Xeque fazia o que dizia, fica» ria aquella Alfandega deſerta, e que o » tempo podia depois offerecer outra occa» ſião, em que ſe lançaſſe mão da Alfandega.» Depois de votarem todos ſobre iſto largo, o fez D. Diogo de Noronha, e diſſe: » Que » elle era de contrario parecer de todos; » porque quanto aos inconvenientes que apon-

» pontavam, eram de feição, que se podiam
» atalhar. E que irem as náos de Cambaya
» carregar a Gogá, isso se lhe poderia de-
» fender com a Armada, que elle logo lan-
» çaria ao mar. E que quanto ás fazendas,
» que vinham por terra, era o que impor-
» tava menos, que só as náos de Meca era
» o substancial, e que essas forçado haviam
» de vir a Dio, sem lho ninguem poder de-
» fender. E que quando isso não tivera re-
» medio, ainda era de parecer, que antes
» ElRey de Portugal perdesse tres, ou qua-
» tro annos todo o rendimento daquella Al-
» fandega, que dar nella quinhão a ElRey
» de Cambaya; porque tendo-se este nego-
» cio assim em tezo, se enfadariam os Mou-
» ros da guerra, e os mercadores chamariam
» pelos proveitos, que todos os de Cambaya
» tinham de trazerem suas fazendas áquella
» Ilha, e que forçado se haviam de tornar
» a largar, e que assim ficaria toda aquella
» Alfandega livre pera o Estado.» Isto pa-
receo tão bem a todos, que se tornáram a
retratar, e seguíram o parecer do Capitão
D. Diogo de Noronha.

Com esta resolução mandou D. Diogo
de Noronha dizer ao Melique Xeque » que
» quanto ao dinheiro com que o commettia,
» não era elle homem que por nenhum the-
» souro da vida fosse contra o serviço de seu
» Rey:

» Rey : que dos ameaços que lhe fazia lhe
» dava pouco, porque elle iria em pessoa a
» Gogá, e traria as náos que lá carregassem,
» e as tomaria por perdidas. E que a lhe de-
» fender a passagem por terra ás fazendas,
» folgaria muito, porque então o obrigaria
» ao ir buscar a Nova Nager, onde estava,
» e lançallo fóra daquellas terras, que elle
» tinha tyrannizadas a ElRey de Cambaya,
» e tornar-lhas a entregar. » Com esta respos-
ta começou Melique Xeque a lançar gente
de guerra da outra banda, e a defender a
passagem aos mercadores; o que sabido por
D. Diogo de Noronha, despedio hum Lou-
renço Pereira por Embaixador a ElRey de
Cambaya a pedir-lhe que houvesse por bem
ficar aquella Alfandega toda a ElRey de
Portugal, porque assim lhe vinha melhor,
que comer ametade della aquelle alevanta-
do, porque era bem enfraquecello no cabe-
dal, pera se não poder sustentar em sua ty-
rannia; porque quando ElRey se quizesse
restituir em seu Estado, o pudesse fazer com
mais facilidade. Este homem chegou a Cam-
bayete, e achou o Rey moço em poder do
Ithimitican, porque havia pouco tinha fu-
gido de Madre Maluco pera elle, por ar-
rufos que teve; mas cumprio-se nisto aquel-
le adajo Italiano, que diz, fugio da certã,
e foi dar nas brazas; assim este fugio do que

o

o fez Rey, e o trazia na liberdade que queria, pera outro tyranno que logo o fechou, e encerrou de feição, que ninguem o via, e elle ficou governando tudo, ficando o moço como huma estatua, sem eleição de querer em nada; porque como o tinha debaixo de sua chave, fazia tudo o que queria, e mandava soberanamente, com capa de dizer, que ElRey o mandava assim; e por derradeiro lhe veio a tirar o Reyno, e entregallo aos Magores, como adiante na nona Decada se verá.

Chegado Lourenço Pereira ao Ithimitican, deo-lhe o recado de D. Diogo de Noronha, que elle logo ouvio bem, e mandou que se detivesse até saber a vontade de ElRey; e assim ficou muitos dias sem lhe darem resposta, porque era homem de pouco negocio, e tacanho; e os homens que hão de negociar com Mouros, o hão de fazer com a mão aberta. E não só o não ouvíram sem isso, mas ainda o tratáram mal, como fizeram a este. Do que D. Diogo de Noronha foi logo informado, e despedio Diogo Pereira, (hum Cavalleiro honrado de sua obrigação, homem prudente, liberal, e grandioso no trato de sua pessoa, e casa,) que chegando á Corte, achou o Lourenço Pereira muito mal tratado do Ithimitican, porque lhe fez muitas, e públicas descortezias,

e estava como reteudo, e encurralado. Diogo Pereira se vio com o Ithimitican, e tratou com elle o negocio que levava a cargo, sobre o que levou differente modo, e com tudo isso não lhe respondeo a proposito, de que avisou a D. Diogo de Noronha pelo mesmo Lourenço Pereira, que se foi pera Dio; e sabendo das avexações que lhe lá fizeram, tomou-se disso tanto, que logo determinou de se vingar do Ithimitican. E tendo noticia certa, que tinha huma náo sua em Meca com cartaz, que lhe passou o Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, pera ir descarregar em Gogá, e que se esperava por ella na entrada de Agosto, determinou de se satisfazer nella; pera o que armou quatro navios, de que deo a Capitanía a Duarte Paim de Mello, e lhe deo por regimento, que se fosse pôr na enceada dos Rabãos; e que como aquella náo apparecesse, a fizesse arribar a Dio, sem tocar nella, nem fazer força alguma, nem affronta aos mercadores. Duarte Paim de Mello se foi pera aquella enceada, onde esteve poucos dias, porque logo houve vista da náo, que era muito formosa, e vinha a mais rica que nunca partio do porto de Judá; porque como era forra, embarcáram-se nella todos os mercadores grossos com todo o ouro, prata, coral, e outras fazendas ricas, da

mór

mór parte das outras náos, que eram obrigadas a ir a Dio a pagar os direitos. O Duarte Paim vendo a náo, a foi demandar, e a fez amainar, e recolheo dentro o Capitão, e Officiaes, ſem haver alteração alguma da ſua parte; porque como vinham com ſeguro, não houve refuſar. E como os teve no ſeu navio, os quietou, e ſegurou, affirmando-lhes, que o Capitão de Dio não queria mais, que fazer com elles certa diligencia; e indo ſeu caminho, foram ſurgir na bahia de Dio, e todos os navios á roda della. D. Diogo de Noronha mandou recado a Duarte Paim de Mello, que não deixaſſe entrar, nem ſahir della peſſoa alguma até ſeu recado, porque não foſſe a Cambaya algum primeiro que o ſeu. E no meſmo dia deſpedio hum correio muito apreſſado, com huma carta pera Diogo Pereira, em que mandava, que tanto que aquella viſſe, logo de noite ſe partiſſe deſconhecido pera Cambayete, onde acharia hum navio, e que ſe embarcaſſe logo nelle, e ſe vieſſe pera Dio. Eſte correio chegou á Cidade de Amadabá em poucos dias, e deo a carta a Diogo Pereira, que tanto que a vio, diſſimulou com o negocio; e em anoitecendo, ſe veſtio em trajos de Mouro, e poſto em hum formoſo cavallo ſe partio pera Cambayete, onde chegou ao outro dia; e achando o navio

que

que lhe D. Diogo de Noronha tinha mandado, se embarcou nelle, e se veio pera Dio. D. Diogo de Noronha, tanto que o teve lá, mandou descarregar a náo em muitas embarcações, sem dar pelos requerimentos que os mercadores lhe fizeram; e que se mettessem todas as fazendas na Alfandega pera pagarem os direitos, o que lhe mandou fazer com favor, dizendo aos mercadores, que assás de amizade lhes fazia em lhes não tomar a náo com todo o recheio. Vendo os mercadores que não tinham remedio, antes de se lhes bullir nas fazendas, mandáram commetter a D. Diogo de Noronha com dez mil Venezianos de serviço, e que os deixasse ir pera Gogá; mas como Dom Diogo de Noronha o não vencia interesse algum, pelejou com quem lhe levou o recado. Pagos os direitos, lhes tornáram suas fazendas, e lhes deo licença pera se irem pera Gogá, dizendo aos mercadores » que » dissessem ao Ithimitican, que soubesse tra» tar bem os homens, que lhe lá mandavam » os Capitães de Dio. » Isto sentio elle muito, mas soffreo; porque como tinha tyrannizado o Reyno, não quiz bullir em cousa alguma por não perder tudo. Este anno rendeo a Alfandega de Dio com esta grande pancada, cento e vinte mil pardáos, de que se fizeram as despezas da fortaleza; e

mandou depois ao Governador Francifco Barreto feffenta mil pardáos.

Pouco depois difto na entrada de Setembro, entrou pela barra de Dio dentro huma fufta muito embandeirada, atirando muitas bombardadas. A efte tempo andava Dom Diogo de Noronha paffeando em huma varanda fobre o mar; e vendo entrar o navio com tanto alvoroço, (como tinha por cartas do inverno, que o Vifo-Rey D. Pedro Mafcarenhas ficava mal,) houve que era morto, e que elle fuccedia na governança, porque a merecia a ElRey. O Capitão do navio entrou na fortaleza, e lhe pedio alviçaras, que Francifco Barreto era Governador da India, por morte do Vifo-Rey D. Pedro Mafcarenhas, e lhe deo cartas do mefmo Governador. D. Diogo de Noronha ouvindo aquillo que não efperava, ficou fobrefaltado; e chamando pelos criados, mandou que lhe levaffem o Capitão do navio ao tronco, porque fora com tamanho alvoroço dar-lhe novas da morte de hum tão honrado Fidalgo, como o Vifo-Rey Dom Pedro Mafcarenhas; e affim foi levado o pobre homem nos ares, e mettido no tronco. D. Diogo de Noronha deitou as cartas do Governador por effe chão, e começou a paffear, e a dizer: » D. Diogo na India, e » Francifco Barreto Governador della? ora

» isto he acabado: faze-te D. Diogo Cleri-
» go, já que não prestas pera nada. » Depois
que se andou desaffogando hum espaço, cha-
mou o Alcaide mór, e lhe mandou, que
soltasse o Capitão do navio, e que emban-
deirasse a fortaleza, e desparasse a artilheria,
e que festejasse aquelle doudo de Francisco
Barreto, porque não queria que dissessem,
que de inveja o deixára de fazer; e que El-
Rey podia dar a sua governança a quem
quizesse. E tomando o dinheiro que tinha
junto, (que era os sessenta mil pardáos que
dissemos,) o mandou embarcar no mesmo
navio, em companhia de outros, e respon-
deo ao Governador ás suas cartas. Este di-
nheiro chegou a Goa depois das náos do
Reyno, que o Governador festejou muito,
porque lhe foi a muito bom tempo; e es-
creveo a D. Diogo de Noronha cartas che-
ias de obrigações, e agradecimentos, dos
muitos serviços que tinha feitos a ElRey na-
quella fortaleza. Agora deixaremos hum pou-
co estas cousas, porque he necessario con-
tinuemos com as que succedêram neste tem-
po em Ceilão, primeiro que entremos nas
do verão.

CAPITULO IV.

Das couſas que ſuccedêram em Ceilão: e dos ardís de que o Madune uſou pera inimizar Tribuli Pandar com os Portuguezes: e de como depois ſe concertou com elles pera o deſtruirem, como fizeram.

FUgido Tribuli Pandar da prizão, em que D. Duarte o tinha, (como já na ſexta Decada no Cap. XII. do Liv. X. fica dito,) foi-ſe elle pôr no lugar de Bandale (depois que fez os damnos que diſſemos.) O Madune como era manhoſo, e aquellas deſavenças todas lhe ficavam cortadas á medida do que deſejava, deſpedio logo peſſoas de recado a Tribuli Pandar, por quem o mandou perſuadir a ſe vingar das affrontas, que os Portuguezes lhe tinham feito, offerecendo-lhe pera iſſo toda ajuda que quizeſſe, de gente, e dinheiro; o que lhe o Tribuli Pandar acceitou, e elle lhe mandou ſeiscentos Chingalás com ſeus Modeliares; e com a gente que mais ajuntou, começou a fazer muito grande guerra aos noſſos, e deſtruio os lugares de Paneturé, Caleturé, Macú, Berberi, Galé, e Beligão, e derribou por elles todos os noſſos Templos, que os Frades de S. Franciſco em todos eſtes lugares tinham, e nelles feitos muitos Chriſtãos com gran-

grande edificação, e exemplo de vida, recebendo alguns delles desta vez glorioso martyrio por mãos deste Barbaro, que a nenhuma cousa perdoava; e a muitos dos Christãos cativou, tratou mal, e ainda metteo a tormentos. Nesta conjunção chegou Affonso Pereira de Lacerda (que atrás deixámos partido de Cochim) pera ir succeder naquella Capitanía; e depois de tomar posse della, sabendo os grandes damnos, que o Tribuli Pandar tinha feitos, tratou de lhe fazer toda a guerra que pudesse, pera o que fez suas preparações. O Madune, que não perdia occasião, tanto que vio o Tribuli Pandar bem homiziado com os Portuguezes, despedio embaixadores a Affonso Pereira de Lacerda, por quem o mandou visitar, e offerecer-lhe contra o Tribuli Pandar tudo o que lhe fosse necessario; o que Affonso Pereira de Lacerda lhe acceitou, e agradeceo, fazendo antre ambos concertos, que cada hum por sua parte fizesse guerra ao Tribuli Pandar, e não levassem mão della, até de todo o não destruirem; porque em quanto fosse vivo, havia de dar trabalhos áquella Ilha. Estes concertos se fizeram com condição, que se arrecadariam pera ElRey de Portugal os direitos da terra, e pórtos, que antigamente lhe pagavam, que o Madune lhe trazia usurpados, e eram os seguintes:

» Dos

»Dos pórtos de Licão mil fanões, de
» Belicote trezentos, as terras da Rainha tres
» mil e trezentos, as de Mapano fetecentos,
» as de Muliara dous mil, o Regir dous mil
» e quinhentos, o porto do Matual tres mil
» e trezentos e vinte, o de Columbo dous
» mil, Paneturé quinhentos e feffenta, o por-
» to de Maçú, Beligão, e Galé, e Chuca-
» ri nove mil e fetecentos.» E affentáram mais,
que o Capitão prendeffe o Camareiro mór
do Rey da Cota, e feu cunhado Alaca, Mo-
deliar, e hum filho do Capitão preto, (que
eram as tres peffoas de que mais o Madu-
ne fe temia,) fazendo os Embaixadores crer
ao Capitão, que eftes eram os induzidores
das coufas do Tribuli Pandar, que o favo-
recêram nos damnos que tinha feito; por-
que havia o Madune, que como não tivef-
fe eftes contra fi, logo lhe fería muito fa-
cil fazer-fe fenhor de toda a Ilha.

Feitos todos eftes contratos á vontade do
Madune, fem Affonfo Pereira de Lacerda
entender fuas invenções, logo fe prepararam
pera profeguirem a guerra; e o Capitão pren-
deo as peffoas que o Madune pertendia, e
o Camareiro mór mandou no começo do ve-
rão pera Goa, a quem o Governador Fran-
cifco Barreto recebeo bem, e o mandou en-
tregar aos Frades de S. Francifco, onde ef-
teve, e lhe mandou dar todo o neceffario,
e

e o tratáram com tantos mimos, que o vieram a fazer Chriſtão, e o bautizáram com grandes feſtas, ſendo o Governador Franciſco Barreto ſeu Padrinho, e lhe poz o ſeu nome; e depois o tornou a mandar pera Ceilão com mimos, e honras.

Aſſentados os contratos antre o Madune, e Affonſo Pereira de Lacerda, deſpedio o Madune hum filho ſeu baſtardo, chamado Rajú, (que foi o mór inimigo, e que mór trabalho deo áquella fortaleza que todos, e que lhe poz dous muito apertados cercos, hum ſendo Capitão Manoel de Souſa Coutinho, e outro João Correa de Brito, como na nona, e decima Decada ſe dirá.) Eſte Rajú com grande exercito foi contra o Tribuli Pandar pela parte de Caleturé. Affonſo Pereira de Lacerda mandou Ruy Dias Pereira com duzentos homens, e Antonio de Eſpindola com cento, pera irem cada hum por ſua parte accommetter a Cidade de Palanda, onde o Tribuli Pandar eſtava, porque o Rajú havia de ir por outra parte, porque aſſim lhe não pudeſſe eſcapar. Chegados todos a ella, aſſentados ſeus exercitos, commettêram os noſſos a Cidade com muita determinação; e poſto que o Tribuli Pandar ſe defendeo muito valoroſamente, todavia ella foi entrada com morte de muitos de dentro; e o Tribuli Pandar

ven-

vendo-ſe perdido, teve modo com que eſcapou, e fugio pera Tanavaré, e os noſſos lhe entráram as caſas, e cativáram ſua mulher, que era filha do Madune, e havia pouco tinha recebido; e lhe tomáram todo o ſerviço de ſua caſa, e peſſoa, e com iſſo ſe recolhêram pera Columbo, e o Rajú pera Ceitavaca. O Tribuli Pandar não ſe havendo por ſeguro em Tanavaré, ſe paſſou ás ſete Corlas, até onde o Rajú depois o ſeguio, e lhe ficou pondo cerco muito devagar, como adiante ſe verá.

CAPITULO V.

De como hum Capitão Pegú, chamado Ximidiſotão, matou ElRey Bramá, e ſe apoderou do Reyno, e mandou matar Diogo Soares de Mello: e de outras muitas couſas que ſuccedêram.

DEixámos as couſas de Pegú no Cap. IX. do VII. Liv. da ſexta Decada, em ſe recolher o Bramá de ſobre a Cidade de Camambé, ſem a poder tomar. E porque em todos eſtes annos, que ſe mettêram em meio atégora, ſuccedêram muitas couſas notaveis, que deixámos de contar, porque foram eſpalhadas, nos pareceo bem recopilarmos todas neſte Capitulo, e neſte lugar, porque entram nellas alguns feitos famoſos de

Por-

Portuguezes, que não he bem se percão, nem nós o façamos á ordem que levamos nesta historia, que he contar as cousas alheias no tempo do inverno, em que somos entrados.

Pelo que se ha de saber, que em quanto o Bramá andou conquistando a Cidade de Sião, e de Camambé, se alevantou cá em Pegú hum grande Capitão, chamado Ximindo, e começou em segredo a convocar gente, e a se cartear com algumas Cidades principaes, pera em quanto o Bramá andasse ausente (cuidando que fosse devagar) se alevantar com o Reyno. Antre estas Cidades entrava tambem a de Pegú, que era a cabeça do Reyno, cujos moradores folgáram de elle tomar aquella empreza, por ser Pegú, e se livrarem da sujeição dos Bramás; e vindo ElRey daquella jornada, em que o deixámos, chegou a Pegú, sem saber ainda cousa alguma da conjuração, e se foi metter na Cidade, e despedio Diogo Soares de Mello pera se ir a Cosmim, que era o Bandel, onde o navio do trato já era chegado pera lhe fazer os direitos; e com isso despedio seus Capitães, pera que fossem descançar. E ficando só, e bem descuidado, lhe deram novas, que o Ximindo ficava na Cidade de Cevadi, (que era poucas leguas,) e que na de Pegú havia alguma alteração, porque

que ElRey eſtava na fortaleza, a huma parte da Cidade, onde ſe provêo, e fortificou muito bem; e deſpedio recado a Diogo Soares de Mello, pera que ſe tornaſſe logo pera elle, e fez chamamento de alguns Capitães de mais perto.

Eſte recado tomou a Diogo Soares de Mello no Bandel, e logo com muita preſſa ajuntou todos os Portuguezes que alli havia, e por todas as povoações daquelles rios, que ſeriam perto de duzentos, e ſe foi pelo rio aſſima pera Pegú, achando já os caminhos quaſi impedidos por ordem do alevantado, de que eſcapou por ſua induſtria, e esforço; e chegado á Cidade, ſe foi pela banda de fóra demandar os Paços de ElRey, e entrou pelos pateos, a tempo que elle eſtava em huma varanda; e em o vendo entrar, que o conheceo, ſe alevantou com grande alvoroço, e lhe diſſe de ſima: » Ah » irmão, (porque aſſim lhe chamava elle ſem» pre,) eu no meu Elefante, e tu no teu » cavallo, venha todo o Mundo; » e ſahindo pera fóra, o recebeo com muitas honras, e o mandou agazalhar com todos os Portuguezes dentro na fortaleza por ſua guarda. E aſſim todas as noites vigiavam cada quarto vinte e ſinco Portuguezes na ſua antecamara, onde ElRey todos os quartos os hia viſitar, e lhe dava grandes banquetes,

e

e dinheiro pera jogarem, e elle estava muitas vezes vendo o jogo, e aos que perdiam mandava dar mais dinheiro.

E chegando-lhe os Capitães que tinha mandado chamar, foi buscar o alevantado, dando a dianteira a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes todos. O Ximindo, que estava na Cidade de Cevadi, em lhe dando o recado que o Bramá o hia buscar, se sahio com todo o poder, e furtando-lhe a volta, deo sobre a Cidade de Pegú tão de supito, que a entrou logo, porque os conjurados lhe deram lugar pera isso, e a Rainha se fechou no castello com os seus ordinarios, e com alguns vinte Portuguezes que alli ficáram, e se defendêram muito valorosamente do Ximindo, que bateo o castello mui furiosamente; e affirmavam, que hum Fidalgo Capitão do navio da viagem provêra o alevantado de polvora, e munições pera isso. O Bramá teve recado disto pela posta; e voltando a grande pressa, chegou á Cidade de Pegú, e sabendo-o o Ximindo, se acolheo logo della, e foi fugindo pera os matos, já sem poder, porque todo se lhe foi. ElRey se deixou ficar fóra sem querer entrar na Cidade, e mandou alguns Capitães que fossem dentro, e matassem á espada todos os moradores della, mulheres, meninos, e ainda todos brutos animaes, porque

que na Cidade traidora nem a elles ſe havia de perdoar; e que ſó os que ſe acolheſſem ás caſas de Diogo Soares de Mello, (porque tinha alli ſeu fato, e criados,) ſe lhes perdoaſſe: o que os Capitães fizeram com tamanha crueza, e carniçaria, que foi eſpanto. O Capitão Portuguez, que alli eſtava com todos os que tinha em ſua companhia, parece que tiveram aviſo de Diogo Soares de Mello, e naquella revolta tiveram tempo de ſe acolherem ás ſuas caſas, (que ſe entulháram de gente, caſas, pateos, e até por ſima dos telhados, e ainda por derredor das paredes da banda de fóra,) aonde os Bramás não chegáram, porque lhe tinham tanto reſpeito, que chegando á viſta das caſas de longe, todos os que hiam a cavallo, ou em Palanquim, logo ſe apeavam por obediencia; eſcapando mais de doze mil almas, que áquelle circuito ſe acolhêram, e tudo o mais até os cães, e gatos foram mettidos á eſpada.

Acabado eſte cruel ſacco, chamou o Bramá Diogo Soares de Mello, e lhe diſſe, que foſſe com todos os Portuguezes, e que tomaſſem na Cidade tudo o que quizeſſem, porque a fazenda dos traidores razão era que ſe déſſe aos leaes; e mandou a hum Capitão Bramá, que lhe prendeſſe aquelle Capitão Portuguez, que alli eſtava fazendo as

via-

viagens, pelo favor que dera a ſeus inimigos, cujo nome calamos por razões que a iſſo nos movêram, por não affrontarmos filhos, e netos, que tem no Reyno bem honrados. Diogo Soares de Mello com os companheiros entráram pelas caſas, e tomáram o que pudéram, e elle foi levado por peſſoas, que ſabiam as caſas dos ricos; e affirma-ſe, que ſó em pedraria tomára pera ſi perto de tres milhões de ouro, e que os ſeus tambem houveram bom quinhão. Abaſtados elles, e ſatisfeitos, mandou o Bramá a todo ſeu exercito, que foſſe ſaquear a Cidade, o que os Bramás fizeram, ſem nella deixarem couſa alguma. Paſſado iſto, mandou ElRey queimar todos aquelles corpos mortos no campo em fogueiras mui grandes, que pera iſſo ſe fizeram; e depois da Cidade limpa, e deſpejada, entrou ElRey nella, e foi ver a Rainha ao caſtello, e fez muitas mercês, e honras aos Portuguezes que a defendêram. Diogo Soares de Mello naquelle alvoroço pedio de mercê a ElRey, que mandaſſe ſoltar o Capitão Portuguez, que tinha prezo, o que lhe elle concedeo, ainda que contra ſua vontade. Todas eſtas couſas ſuccedêram deſde a era de quarenta e oito até a de ſincoenta, em que ElRey ficou pacifico, e quieto.

E na entrada da primavera ſe foi recrear, e

e descançar dos trabalhos passados a huma Cidade muito fresca, chamada Satão, que está sobre aquelle formoso rio, de que era Senhor hum Pegú, que se chamava Ximi de Satão, que he tanto como dizer Duque de Satão; que por aggravos que tinha de ElRey, e com a ambição que lhe entrou de se fazer Rey, determinou de o matar. E estando ElRey mui descançado no campo, onde andava á caça, entrou de noite por huma janella, (com consentimento de sua guarda, que pera isso tinha peitado,) e ás adagadas o matou, tendo reinado dezesete annos. E como elle tinha negociado aquillo de boa feição, com alguns Capitães da sua banda, logo se apoderou das casas de ElRey; e de tal manha usou, que lhe acudíram os Pegús todos, por suas liberdades, e o appellidáram por Rey, e sahio dos Paços a dar nos Bramás, que estavam no exercito pera os matar a todos. Neste tempo estava tambem no arraial Diogo Soares de Mello com alguns Portuguezes, que ElRey nunca largava de si; e ouvindo nas suas tendas a revolta, acudio com os companheiros ás casas de ElRey. Os da conjuração, que andavam já soltos, deram nelle, e lhe matáram tres companheiros, e a elle feríram muito mal em hum braço; e vendo a cousa tão mal parada, puzeram-se em cavallos,

e se foram pera a Cidade de Ová, onde estava hum cunhado de ElRey, chamado Mandaragri.

Era este Mandaragri filho de huma Amã de ElRey Bramá, que lhe creára hum filho; que já era morto; e como andava das portas a dentro, sem se lhe fechar cousa alguma, e elle era mancebo muito nobre, e gentil-homem, tratou amores com huma irmã de ElRey, tambem moça, e muito formosa; e concertando-se ambos, vieram a effectuar seus desejos. Mas receando o mancebo que o viesse ElRey a saber, desappareceo hum dia, e foi-se pera outros Reynos apartados; e como nestas cousas o segredo dellas nunca dura muito, chegando aos ouvidos de ElRey o máo recado da irmã, mandou-a prender, e que se buscasse o Mandaragri pelo Mundo todo, promettendo muito a quem lhe descubrisse aonde estava: e assim mandou muitos Capitães, que se espalhassem por todos aquelles Reynos apôs elle. E como a paixão sempre tem termo, alguns grandes privados de ElRey, em o sentindo hum pouco brando, lhe pedíram, e aconselháram, que já que o máo recado era feito, devia de perdoar a sua irmã, e remediar aquillo com a casar com o Mandaragri, e fazello grande Senhor em seus Reynos. Tantas cousas lhe disseram neste caso,

ſo, que o abrandáram de todo, e mandou vir o Mandaragri, (que logo ſe deſcubrio,) e os caſou, e lhe deo titulo de Xemim, que he de Duque, e o trazia comſigo no exercito, muito mimoſo, e em lugar de filho; porque os não tinha.

O Xemim de Satão, que matou ElRey, depois que ſe apoderou do exercito, abalou contra a Cidade de Pegú, e Diogo Soares de Mello com os Portuguezes o ſahíram a receber, e a reconhecer por Rey; e elle lhe fez honras, e gazalhados, e o deſpedio que ſe foſſe pera Pegú, onde elle todos os dias que alli eſteve, depois que fugio do exercito, ſempre governou abſolutamente tudo como Rey, e os Pegús lhe obedecêram como eſſe. O tyranno do Xemim de Satão não quiz entrar na Cidade, porque lhe deram novas, que o outro Xemindo (de que atrás fallámos) depois de ſaber da morte de ElRey, ajuntára grandes exercitos, e que vinha muito poderoſo em buſca delle, appellidando-ſe Rey de Pegú; pelo que com muita preſſa ajuntou eſtoutro Xemim de Satão todo o poder que tinha, e o foi eſperar; e antes que ſe partiſſe, mandou chamar Diogo Soares de Mello, que com todos os Portuguezes o foiſſe acompanhar, o que elle logo fez. E antes de chegar aonde eſtava o Xemim de Satão, o leváram alguns

Ca-

Capitães no meio, e entráram com elle em huma varella, e alli o retiveram, dizendo-lhe, que mandasse buscar seu filho, que ficava em Pegú, pera tambem ir naquella jornada. Diogo Soares de Mello, como era prudente, logo se receou, e houve aquillo por ruim negocio, e despedio hum Fernão Rodrigues, que hoje vive na Cidade de Goa, e serve o officio de Modacadão dos Farazes, pera que fosse chamar o filho, e dissesse aos Portuguezes, que estavam em Pegú, que se puzessem em cobro, porque havia ruins sinaes; e áquelle Fidalgo Capitão da viagem lhe dissesse, que já víra o que tanto desejava; porque imaginou Diogo Soares de Mello, que elle o mexericára com o Xemim de Satão. Fernão Rodrigues trouxe o filho de Diogo Soares de Mello; e chegando com elle á escada da varella, onde o pai estava, lhe tomáram os Pegús o cavallo, e o prendêram, e despíram: o pai tanto que vio fazer aquella offensa ao filho, dando-lhe a paixão, lançou mão de huma cana mocissa (a que na India chamam bambuz) que alli estava cheia de boninas, que offerecêram ao Pagode, e arremettendo com os Pegús, os levou ás pancadas diante de si; e lançando a todos fóra da varella, arremetteo pera se sahir por outra porta; e sendo em baixo, foi cercado, e atado com as

mãos detrás ; e hum daquelles algozes levantou hum luzente traçado pera lhe cortar a cabeça ; e vendo-o elle , disse a hum Capitão , chamado Xemim da guedelha , grande seu amigo » que pois o queriam matar, » que fizesse esperar hum pouco , e lhe soltasse a mão direita , porque queria pedir a » Deos perdão de seus peccados ; » e Xemim da guedelha o fez assim , mandando-lhe desatar a mão direita ; e abaixando-se elle em giolhos , tomou hum tijolo , (que havia alli muitos ,) e com os olhos no Ceo deo com elle muitas pancadas nos peitos , com tanta força , que logo lhe arrebentou o sangue , dizendo : *Senhor , tibi soli peccavi* ; e alli naquelle breve tempo fez muito alto huma confissão de seus peccados em particular , dizendo : *Offendi-vos , Senhor , em tal , e em tal* ; e assim foi discorrendo por todos aquelles que lhe lembráram , com tantas lagrimas , e pancadas nos peitos , que moveo a todos a compaixão ; e naquelle acto lhe deo hum verdugo por detrás hum tamanho golpe , que lhe deitou a cabeça fóra dos hombros. E segundo aquelles exteriores , podemos crer da misericordia de Deos nosso Senhor que a haveria com elle.

O filho , que atrás dissemos , foi tão ditoso , que naquella revolta (quando o pai lançou ás pancadas a todos da varella) tor-

nou

nou a cavalgar no cavallo; e ſem terem tento nelle, deo comſigo em Pegú, onde ſe ſoube logo a morte de Diogo Soares de Mello. Paſſados poucos dias depois diſto, foi o Xemim de Satão buſcar o Xemindo; e chegando á viſta hum do outro, vieram a batalha, onde o Xemim de Satão foi desbaratado, e prezo, e o Xemindo paſſou adiante, e entrou pela Cidade de Pegú triunfando; e mandou levar por toda ella o Xemim de Satão, aſſim atado, com pregões que diziam, que aquelle era o traidor, que matára ElRey Bramá. E indo elle naquelle tranſe, paſſando pelas caſas que foram de Diogo Soares de Mello, pondo os olhos nellas, diſſe alto: » Eu mereço eſta morte, » e deshonra, porque mandei matar Diogo » Soares de Mello ſem razão, e por más » informações. » E depois de todas eſtas affrontas, lhe cortáram tambem a cabeça.

CAPITULO VI.

De como Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, veio com grandes exercitos ſobre Pegú, e tornou a conquiſtar aquelle Reyno: e das façanhas que os Portuguezes fizeram em defensão da fortaleza, onde a Rainha eſtava: e do que fez o Mandaragri Rey de Pegú, quando os veio ſoccorrer.

DEſta vez ficou Xemindo Rey de Pegú até eſte anno de ſincoenta e ſinco em que andamos, que o Mandaragri, cunhado de ElRey Bramá, (que, como diſſemos, foi fugindo pera a Cidade de Ová,) tornou ſobre elle; porque os Regedores daquelle Reyno o alevantáram por Rey, por ſer caſado com a irmã de ElRey Bramá, a quem de direito pertencia o Reyno. E vendo-ſe elle potente, e ſabendo das revoltas que em Pegú havia, e como o Xemindo matára a Xemim de Satão, e ſe intituláara Rey, ajuntando grandes exercitos, entrou pelo Reyno de Pegú; e depois de ter muitos recontros com a gente do tyranno, vieram ambos a batalha, que foi muito cruel, e por fim della ficou o Xemindo desbaratado de todo, e foi fugindo em trajos disfarçados pera os mais apartados matos dos fins do Reyno. O Man-

Mandaragri, vencida a batalha, ſe apoderou de todo o Reyno; e como ſe vio quieto, mandou lançar grandes pregões, que toda a peſſoa que lhe diſſeſſe onde eſtava o Xemindo, e lhe déſſe ordem pera o haver ás mãos, o faria grande Senhor em ſeus Reynos, e Eſtados; e tanta diligencia poz niſto, que o houve ás mãos por eſta maneira.

Fugindo o Xemindo, (como aſſima diſſemos,) ſe foi pôr nos matos mais eſcondidos, que havia nos fins do Reyno, e alli em trajos de lavrador ſe caſou com huma filha de hum, que neſtes matos vivia pobremente, onde começou a grangear a vida roçando, e ſemeando a terra, vivendo neſte eſtado mais de dous annos. E parece que devia de ſer mui affeiçoado a ſua mulher, porque ſe lhe deſcubrio de todo. E uſando ella da natureza das mulheres, (que he não poderem acabar comſigo guardar ſegredo em couſa alguma,) deo conta a ſeu pai de quem elle era, que vencido logo do intereſſe que ElRey promettia a quem o deſcubriſſe, diſſimulando ſe foi a Pegú, e deo conta daquelle negocio a ElRey, e ſe lhe offereceo ao entregar, como fez. ElRey o mandou trazer diante de ſi pera o conhecer; e vendo ſer o proprio, o mandou alli logo matar; e ſobre ſua vida, e morte fizeram os

Pe-

Pegús muitos Romances, que hoje em dia cantão em ſuas feſtas.

E tornando a continuar com a ordem de noſſa hiſtoria: tanto que o Mandaragri ſe vio ſenhor do Reyno de Pegú, quiz obrigar aos naturaes ao amarem, com beneficios, amor, e mercês; e logo repartio os titulos todos, e eſtados com os filhos dos que os poſſuíram, ſe eram já mortos; e ſe vivos, confirmava-os nelles: e deo outros muitos de novo, e provêo nelles todos os officios, ſem dar hum ſó, nem terras, rendas, nem outra couſa alguma a nenhum dos Bramás, que comſigo trouxe. Mas como a malicia dos Pegús he mui grande, e ſua natureza alterada, não ſe quietáram com tudo iſto, antes começou logo a haver antre elles muitos tumultos, a que o Bramá acudio com o caſtigo, abrazando Cidades, deſtruindo póvos, e mandando matar infinitos Pegús, e a todos os mais fez tirar as armas, e os inhabilitou de todo; e pera mais os domar, ordenou de fazer huma formoſa Cidade pera ſua Corte, pegada á velha, a que poz logo as mãos, e começou a levantar os muros de adobes em fórma quadrada, e tão grande, que he eſta Cidade huma das notaveis couſas do Mundo; de quina a quina tinha ſinco portas, e ſobre cada huma hum formoſo baluarte, e de hum a outro ſinco gua-

guaritas, e a mandou cercar de huma mui formoſa cava, de largura de hum bom tiro de pedra, e de ſinco braças de fundo; e no meio da Cidade fez apoſento pera ſi de tanta mageſtade, de caſas, ſalas, varandas, guaritas, pateos, e jardins, que era couſa eſpantoſa, e todos cercados á roda de hum groſſo muro, e de outra funda, e formoſa cava, cheias ambas da agua dos rios, que fez entrar, e ſahir por ellas; tudo iſto por ordem de Arquitectos Chins, que lhe fizeram os Paços pela fórma dos do Rey da China, que elle mandou trazer daquelle Reyno com grandes dadivas. Neſta obra trabalhúram os Pegús, e em outra de muita mageſtade, que mandou logo fazer pera os ter ſopeados, como Faraó ao povo de Iſrael; mas nem iſto baſtava pera os quietar, porque cada dia havia antre elles muitas alterações, a que elle acudia com rigor.

Em fim, depois de ter quieto tudo, o melhor que pode, ajuntou grandes exercitos de hum milhão e ſeiscentos mil homens de armas, pera ir conquiſtar alguns Reynos comarcãos, e deixou a mulher, e filhos na Cidade, e fortaleza velha, porque a nova ainda eſtava imperfeita, e ſe hia fazendo. Mettendo-ſe por eſſe certão, foi conquiſtando, e ſenhoreando todos os Reynos que havia, até chegar aos eſtremos do de

Cau-

Cauchi China, em que não quiz bullir, nem tocar; e o Aitão da Cidade, que era o Governador, o mandou visitar, e prover de mantimentos, e refresco mui abundantemente. Dalli voltou, levando comsigo muitos Chins, que se quizeram vir com elle; e desta vez ficou aquelle caminho aberto até hoje. E assim daquellas Provincias todas vem todos os annos á Cidade de Pegú muitos mercadores grossos com fazendas, almiscar, peças de sedas de differentes cores, e lavores, louça, e outras muitas cousas. E assim se lhe affeiçoou o Bramá, que tomou os Chins, que com elle quizeram ficar, por seus criados, e os fez muito honrados nos seus Reynos, que deixou naquelles que conquistou os mesmos Reys, sem querer delles mais, que o reconhecimento de vassallagem: só o Reyno de Camboja, que fica antre Sião, e Cauchi China, não pode senhorear por ser cousa grande, e o Rey muito poderoso.

Em quanto elle andou nestas conquistas, se alevantou outro tyranno, e foi com hum poderoso exercito sobre a Cidade de Pegú, e a Rainha com os Regedores se recolhêram á fortaleza, e mettêram dentro os Portuguezes que alli havia, e alguns Mouros das náos de Meca pera sua defensão; e aos Portuguezes, que seriam trinta, de que era Capitão hum Francisco Trigo, que elles an-

tre

tre si elegêram, entregáram as portas por homens de mais confiança, assim na lealdade, como no esforço.

O tyranno tanto que chegou a Pegú, logo se senhoreou da Cidade, e começou a bater a fortaleza em que a Rainha estava, que sempre fora entrada, senão houvera antre elles huma muito antiga abusão, que nunca se poderia entrar aquella fortaleza, senão fosse por huma certa porta daquellas, em que a Rainha tinha póstos os Portuguezes, e lhes tinha entregue as chaves de todas as mais, pera que elles as vigiassem, e roldassem, como faziam todas as noites. O inimigo foi combatendo a fortaleza, e poz todo seu poder sobre aquella porta das abusões, e a combateo, e commetteo por muitas vezes com grande determinação; mas os valorosos Portuguezes lha defendêram com muito grande estrago seu; e assim a Rainha os favorecia, e provía de tudo, como quem tinha nelles só todo seu remedio.

Disto foi ElRey lá por onde andava avisado por correios apressados; pelo que logo com muita pressa despedio alguns Capitães diante, e elle se desembaraçou de tudo, e partio apôs elles. E para o fazer mais desembaraçadamente, mandou pôr o fogo a toda a fazenda, e fato, que havia no exercito, pera os seus não terem que levar, que

os

os impediſſe ; e foi caminhando tão apreſſado, que andando mais de dous mezes de caminho affaſtado de Pegú, em menos de hum chegou áquella Cidade, que já achou deſcercada; porque os Capitães, que chegáram diante, deram nos inimigos, e os desbaratáram, e houveram o tyranno ás mãos, que logo foi eſpedaçado.

Chegado o Bramá a Pegú, aſſentou fóra o ſeu exercito; e como já tinha novas de tudo o que era paſſado, mandou Adechanchas, que era hum capado, Veador da fazenda, que foſſe á Cidade, e lhe trouxeſſe os homens, e o capado lhe levou os Mouros, que tambem eſtiveram na fortaleza; e vendo-os ElRey, ſe agaſtou muito, e diſſe ao capado: » Eu mando-te chamar homens, » e tu trazes-me gallinhas? Ora vai, e tra- » ze-me ſó os que tem nome de homens. » Tornou o capado á Cidade, e levou todos os Portuguezes, que ſe veſtíram muito galantes: ElRey lhes fez muitas honras, e lhes diſſe: » Vós-outros me fizeſtes a vontade, » agora vos quero eu fazer a voſſa, pedí o » que quizerdes. » Elles ficáram embaraçados, olhando huns pera os outros, ſem ſe ſaberem determinar no que pediſſem, e aſſim ficáram ſem lhe reſponder. Vendo El-Rey que lhe não reſpondiam, lhes mandou dar muitas peças de ouro, e lhes diſſe pa-

la-

lavras muito honradas, e de muito louvor da nação Portugueza. Feito isto, entrou na Cidade, e foi ver a Rainha, que lhe disse, que só os Portuguezes a livráram de a achar cativa, contando-lhe muitas façanhas que lhes víra fazer, e ella fez tambem mercês a todos.

Reinou este Rey sincoenta annos com tanta justiça, e inteireza, que se póde metter no conto dos famosos do Mundo. Por sua morte lhe succedeo naquella Monarquia seu filho Para Mandará, que tambem foi muito valoroso, e governou seus Reynos em muita paz, e justiça, como em seu lugar diremos.

CAPITULO VII.

Da Armada que este anno de sincoenta e sinco partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Leonardo de Sousa: e da perdição da náo Algaravia nova: e de como o Governador Francisco Barreto mandou D. Alvaro da Silveira por Capitão mór ao Malavar: e do que aconteceo a Mealecan até Bilgão: e dos tratos que o Idalcan teve com Anel Maluco sobre lho entregar.

PRestes a Armada, que ElRey determinava de mandar este anno á India, que era de sinco náos muito formosas, deram to-

todas á véla até vinte de Março. Era o Capitão mór dellas D. Leonardo de Sousa, que vinha na náo nossa Senhora da Barca; e os mais Capitães eram, Francisco Figueira de Azevedo em S. Filippe, Vasco Lourenço de Barbuda Carracão em S. Pedro, Jacome de Mello na Algaravia velha, e Francisco Nobre na Algaravia nova. Nesta Armada hia embarcado o Bispo Carneiro, e o Padre Antonio de Quadros, (que havia de ser Reitor do Collegio de Goa,) muito bom Theologo; e o Padre Francisco Rodrigues o Manquinho, mui douto em Canones, e muito acceito Prégador, de quem em Lisboa ouvimos a Rhetorica, e a Esfera no Collegio de Santo Antão, e outros Padres, que haviam de passar a Abassia; e por Provincial da India (que então se fez Provincia) hia o Padre D. Gonçalo da Silveira, irmão do Conde da Sortelha, Varão douto, de vida approvada, e que depois morreo martyr na Cafraria, como em seu lugar diremos. Levavam estes Padres muitos, e mui ricos ornamentos pera a Abassia, porque visse aquella Christandade a grande riqueza, e apparato com que a Igreja Romana celebrava o culto Divino, e folgassem de seguir seus costumes, e ceremonias.

Destas náos, as quatro chegáram a salvamento á India; só a náo Algaravia nova,

de

de que era Capitão Francisco Nobre, tomou a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço; e indo demandar Cochim, foi varar nos baixos de Pero dos Banhos, que estam em altura de sete gráos do Sul. Vendo-se Francisco Nobre varado em terra, se metteo no batel com alguns Officiaes; e recolhendo algum mantimento, e agua, com grande deshumanidade se foi pera Cochim, deixando toda a gente na Ilha, (que eram perto de quatrocentos homens,) e elle no batel foi ter a Cochim, e dahi se passou a Goa. Os da perdição, que estavam na Ilha, vendo que o Capitão os desamparára, e deixára sem remedio, e que lhes convinha tratarem delle, e de sua salvação, puzeram em conselho ordenarem algumas jangadas da madeira da náo, a que começáram pôr as mãos.

Mas D. Alvaro de Taíde, filho legitimo de D. Alvaro de Taíde, irmão bastardo do Conde da Castanheira, vendo que aquella determinação sería total perdição de todos, ajuntando-se com tres Padres da Companhia, que alli hiam, começáram a persuadir aos Officiaes, e a todos os mais, que da madeira da náo fizessem huma naveta, em que todos se salvassem; porque a náo ficou de feição que se podia desfazer, e assim a mór parte da fazenda, e mantimentos que levava, tinham posto em terra, e a

bom

bom recado pera ſeu provimento; poſto que na Ilha havia muita agua, cocos, e muito peixe, e mariſco, de que ſe podiam ſuſtentar muito tempo. Tanto trabalháram niſto, e tantas couſas diſſeram, que fizeram deſiſtir das jangadas, e começáram a pôr em terra toda a cordoalha, maçame, poleame, entenas, vergas, leme, e toda a mais madeira, e pregadura; e aſſim foram desfazendo a náo com muita facilidade, e recolhêram tudo em terecenas, e ordenáram armazens, em que recolhêram as fazendas, e mantimentos da náo pera a viagem, e aſſim armáram logo a quilha, e começáram a lavrar a madeira, e a forjar a pregadura, fazendo-ſe todos carpinteiros, ferreiros, ſerradores, cordoeiros, calafates, e todos os mais officiaes que lhe foram neceſſarios. E porque faltavam ſerras grandes, as fizeram de montantes; e aſſim com muito grande confiança em noſſa Senhora, a quem offerecêram a náo, foram continuando na obra com tanta alegria, e confiança, que já não ſentiam a perdição, nem os trabalhos, andando os Padres de contino conſolando, confortando, e animando a todos, e a obra foi creſcendo a olho, e tão bem feita, e prima, como ſe fora feita na ribeira de Lisboa, onde tudo eſtá á mão; e aſſim os deixaremos até ſeu tempo.

Che-

Chegado Francisco Nobre a Goa, e dando conta de sua perdição ao Governador, e de como aquella gente ficava nos baixos, fez logo negociar dous fustarrões grandes, e mandou Francisco Nobre em hum, e o Patrão mór em outro, pera que fossem aos baixos, e recolhessem a gente que lá ficou; o que elles não fizeram, nem acháram os baixos, e se tornáram. O Governador tanto que as náos chegáram, logo tratou da Armada, que havia de mandar ao Malavar, de que nomeou por Capitão mór Dom Alvaro da Silveira, com huma galé pera sua pessoa, e vinte navios de remo, cujos Capitães eram, Diogo Lopes de Lima Pereira, Gomes da Silva, Lopo de Brito, Christovão de Mello, Vicente Carneiro, Luiz Mendes de Vasconcellos, João Rodrigues de Sousa, João Ferreira, Jorge Gomes, Pedralvares de Cananor, Gonçalo Sanches, Belchior Godinho, Pero de Figueiredo, Balthazar Pimentel, Bastião Figueira, Luiz Castanho, Francisco Sanches, Ruy Fernandes, e outros, e fizeram-se á véla por fim de Setembro; e do que lhe succedeo este verão, daremos razão adiante, porque agora he necessario continuarmos com Mealecan, Rey novo do Balagate, que deixámos esperando por recado de Anel Maluco.

Este como teve todos os Capitães do seu ban-

bando juntos, o mandou buſcar, e o Accedecan o levou até Bilgão, e dalli paſſou até á Cidade de Cheri, tres leguas adiante, já em ſima do Gate, onde Anel Maluco o eſtava eſperando com todos os conjurados; e tendo recado de ſua chegada, o ſahíram a receber, e lhe fizeram ſua veneração como a Rey, e o tornáram a levantar por tal, conforme a ſeus coſtumes, com grandes feitas, e publicos alvoroços. Alli ſe deixáram ficar, ordenando as couſas neceſſarias pera irem pôr cerco a ElRey Abrahemo, que eſtava na Cidade de Viſapôr, que já tinha aviſo da chegada do Mealecan a Cheri, e tinha recolhido comſigo ſeus Capitães, muitos mantimentos, e munições, e eſtava muito bem fortificado; e com tudo iſto ſe quiz valer de dous ardís. O primeiro, deſpedir correios a Rama Rayo, Rey do Canará, por quem lhe mandou pedir o foſſe ſoccorrer, e que lhe faria todas as deſpezas do exercito, e outros partidos favoraveis. O outro ardil foi, deſpedir peſſoas de muita confiança, e ſegredo a Anel Maluco, por quem o mandou perſuadir a que deſiſtiſſe da empreza, e lhe entregaſſe Mealecan, e que lhe daria logo na mão ſetecentos mil pagodes de ouro, e o titulo de Accedecan com muitas rendas, e que a todos os Capitães da conjuração perdoava livremente, e lo-

logo lhe paſſou hum ſeguro Real pera elle, e todos os mais. Eſtas peſſoas tratáram eſte negocio com Anel Maluco por modos que o rendêram, e quiz acceitar os partidos, e entregar Mealecan, depois de lhe ter feito as ceremonias de Rey.

Eſtando já de todo pera ſe concluir eſta entrega, em muito ſegredo, chegou o caſo á noticia de Calabatecan, que o levou, que como Mouro de mór fé, e verdade que todos, ſe foi logo a Anel Maluco, e lhe fez huma falla muito grave ſobre aquelle negocio, em que lhe dizia:

» Que ſe tal fizeſſe, ficava o mais infa» mado homem de todos os da vida, por» que acabava de confirmar que era o trai» dor, e que ordíra aquellas couſas todas » contra juſtiça, além da deshumanidade que » tratava em entregar á morte hum homem, » que debaixo de ſua palavra ſe fora metter » em ſeu poder, e mais tendo-o alevantado » por Rey, e dada menagem de vaſſallo; e » que ainda aquelle ajuntamento que fizera » contra ElRey Abrahemo, poderia ter al» guma pequena de côr pera ſe poder livrar » da infamia de traidor; mas que aquella, » ſe entregaſſe Mealecan, nenhuma podia » ter com Mafamede, nem com os homens. » Que elle recebêra Mealecan das mãos do » Viſo-Rey da India, e que aſſignára hum

» aſſento que diſſo ſe fizera, e que em ne-
» nhuma maneira havia de quebrar ſua pa-
» lavra, nem conſentir que ſe entregaſſe ao
» ſacrificio hum homem innocente, que eſ-
» tava na Cidade de Goa muito ſeguro, e
» quieto com ſua mulher, e filhos; e que
» ſoubeſſe de certo, que ſobre iſſo havia el-
» le Calabatecan de perder a vida, e a al-
» ma. E que ſe eſtava arrependido do que
» tinha feito, que lhe tornaſſe a entregar
» Mealecan pera o pôr em Goa, donde o
» trouxera; e que depois delle poſto em ſal-
» vo, fizeſſe todos os partidos que quizeſſe
» com o Idalcan. Que ponderaſſe muito de-
» vagar aquellas couſas, e que ſe não deixaſ-
» ſe vencer de peitas, porque por derradei-
» ro ſempre haviam todos de ficar odiados
» com o Idalcan, que nunca já mais ſe ha-
» via de fiar delles, antes eſtava muito cer-
» to ſolicitar-lhes a morte, por não virem
» a tentar outra maldade ſemelhante. »

Tantas couſas lhe diſſe ſobre eſte caſo, que o envergonhou, e tornou a deſiſtir dos partidos, e de novo fez juramento de ſeguir Mealecan até o metter de poſſe do Reyno. Com eſta reſolução ſe prepararam pera iſſo.

CA-

CAPITULO VIII.

De como Rama Rayo Rey de Bisnagá mandou seu irmão Vingata Rayo em favor do Idalcan: e de como os Capitães da conjuração foram desbaratados, e o Mealecan com Anel Maluco fugíram pera o Izamaluco, e do que lá lhes succedeo.

CHegados os Embaixadores do Idalcan a Bisnagá, dando sua Embaixada áquelle Rey, e representando-lhe a necessidade em que o Idalcan estava, moveo-se a lhe acudir, e soccorrer, mandando com muita pressa fazer prestes seu irmão Vingata Rayo pera aquella jornada, que em breves dias hopoz em campo cento e sincoenta mil homens, e começou a marchar pera Visapôr. O Idalcan teve logo aviso do soccorro que se ordenava, pelo que foi detendo o Anel Maluco com huns partidos, e outros, e cada vez mais favoraveis, não se mostrando avaro, no que depois (se lhos acceitasse) não havia de cumprir. E assim foi dilatando o tempo até chegar Vingata Rayo, a quem logo o Idalcan avisou do estado em que os conjurados estavam, e onde ficáram, pedindo-lhe que logo os fosse buscar. Com este recado se apressou o Canará quanto pode, até chegar perto donde os inimigos estavam.

Mealecan, e Anel Maluco, que já estavam avisados do poder do Vingata Rayo, e que estava duas jornadas delles, tomando antre si conselho, assentáram de o não esperar, porque não tinham mais de trinta mil homens; e alevantando o campo, se foram recolhendo, derramando-se todos por onde melhor pudéram. Mealecan, Anel Maluco, Calabatecan, Camalcan, e outros Capitães com a gente de suas cevadeiras, com mulheres, e filhos, se foram recolhendo pera o Zamaluco, e da arraia delle mandáram pedir seguro áquelle Rey pera se recolherem nelle, que logo lhe mandou, e elles foram entrando pelo Reyno até chegarem a hum lugar affastado da Cidade de Amadanager, onde ElRey estava, e alli se detiveram aquelle dia. Ao outro seguinte mandou ElRey que lhe levassem Anel Maluco, e Calabatecan, e que Mealecan ficasse alli até seu recado.

Isto fez ElRey aconselhado de hum Capitão seu, chamado Cacem Beque, que o persuadio mandasse matar Anel Maluco, fazendo-lhe crer que por sua ordem, e conselho lhe fizera o Idalcan muitas vezes guerra. Anel Maluco tanto que vio, que o mandava ElRey levar, logo se temeo, e disse a Camalcan, que hia muito pejado naquelle negocio; que lhe pedia, recolhesse sua

mulher, e filhos, e se puzesse em sima de hum outeiro; e que se elle fizesse hum sinal com a touca, fugisse com elles, e se fosse pera o Reyno de Madre Maluco, que era seu amigo. Os que vieram chamar Anel Maluco, e Calabatecan, puzeram-nos em sima de hum Elefante, e o que o governava de sima levou de hum terçado, e foi pera matar Anel Maluco; mas elle se desviou, e lançou do Elefante abaixo, e o mesmo fez Calabatecan; e tirando a touca da cabeça, a lançou pera o ar; e em sendo no chão, foram ambos logo despedaçados. O Camalcan que teve tento no Anel Maluco, em lhe vendo lançar a touca pera o ar, tomando a mulher, e filhos em camelos mui andadores, e elle com sua gente em cavallos ligeiros, foi fugindo; e desviando-se do Reyno do Idalcan, e por sima delle, foi na derrota do Reyno de Madre Maluco, aonde chegou, e aquelle Rey o agazalhou; e honrou a mulher, e filhos de Anel Maluco, mostrando grande mágoa, e sentimento de seus trabalhos. Mortos Anel Maluco, e Calabatecan, mandou Cacem Beque levar o Mealecan pera outra aldeia mais desviada, e deo recado aos Capitães, que a isto mandou, que o matassem a elle, e a hum filho bastardo que comsigo levava; o que não pode ser em tanto segredo, que o não viesse a saber Bibia-

ma-

maná, mãi do Zamaluco, que era huma senhora muito bem inclinada; e indo-se ao filho, lhe deo conta daquillo, e lhe pedio não consentisse tal, porque Mealecan era filho de Cufocan, com quem elles tinham muito parentesco. ElRey que não sabia cousa alguma disto, (porque o Cacem Beque mandava fazer aquella execução sem lhe dar conta disso,) mandou com muita pressa hum Capitão capado, pera que tomasse o Mealecan, e o levasse á serra de Baulá, que era muito forte, e que alli ficasse em sua guarda, e se lhe désse todo o necessario. O capado fez tudo assim como lhe ElRey mandou, e se foi metter com elle naquella serra, onde o deixaremos até tornar a elle.

O Vingata Rayo vendo os inimigos desbaratados, mandou avisar ao Idalcan, e a saber delle o que mais queria que fizesse: elle lhe mandou as graças, e hum milhão de ouro pera as despezas daquelle exercito, e alguns cavallos formosissimos, ricamente guarnecidos; e não se quiz ver com elle, porque estes Reys nunca se fião huns dos outros. Recebida a moeda, e o presente, se foi recolhendo o Vingata Rayo pera Bisnagá, e o Idalcan ficou desalivado, e sahio da Cidade a ver as cousas do Reyno, e pera que seus vassallos o vissem; e despedio alguns Capitães em busca dos que escapáram, e outros

tros pera irem tomar posse da Cidade de Bilgão, e das mais terras que foram de Anel Maluco.

CAPITULO IX.

Do que aconteceo a D. Antão de Noronha no Concan: e dos recontros que teve com alguns Capitães do Idalcan: e da grande vitoria que alcançou do Xacoli.

PArtido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás temos dito no II. Cap. do Liv. II., logo o Governador despedio hum Joâo de Lima, Fidalgo Gallego, por Capitão mór de oito navios, com regimento, que se fosse de longo da costa, favorecendo D. Antão de Noronha, e pera o prover de munições, de que mandou metter nos navios huma boa quantidade. Partida esta Armada, chegou ao rio de Banda, onde soube estar D. Antão de Noronha, e foi por elle assima até á Cidade, onde o achou, provendo nas cousas daquella Tanadaria, e na arrecadação de suas terras. E depois que fez tudo o que era necessario, se partio pera Curale, que era dalli a tres leguas, onde tambem a Armada entrou; e commettendo a fortaleza, a achâram despejada, porque o Capitão que alli estava pelo Idalcan (que não quiz obedecer a Mealecan) fugio, e

não

não quiz esperar os nossos. D. Antão de Noronha se metteo nella, e a proveo de Tanadar; e mandou apregoar seguros Reaes, pera que todos os moradores, e lavradores a fossem povoar, e lavrar suas terras, e que lhes fariam todos os favores possiveis, e que corressem pelos Foraes antigos, assim nos fóros, como nas liberdades. Com isto começáram acudir todos, e D. Antão de Noronha os animava, honrava, e favorecia em tudo.

E havendo quatro dias que aqui estava, teve aviso que hum Capitão do Idalcan, chamado Xacoli Agá, andava recebendo as terras do Idalcan dabanda do Concan, que pertenciam a ElRey de Portugal, pela Doação que dellas lhe tinha feito Mealecan, e que determinava de o vir buscar, e dar-lhe batalha, e que trazia sete mil homens. Informado D. Antão de Noronha do seu poder, e de tudo o mais que lhe foi necessario, determinou de o esperar em campo, como fez, ordenando sua gente muito bem pera isso, lançando espias pera o avisarem do caminho, e ordem que o inimigo trazia; e soube que ficava em huma aldeia chamada Anuá, pelo rio de Carlim dentro, que he junto dos Ilheos queimados, doze leguas de Goa. E tomando parecer com seus Capitães sobre o que faria, assentáram, que fos-

fossem buscar os inimigos, e lhes déssem batalha, pelo que logo começáram a marchar em muito boa ordem, e com muitas espias diante, que a cada hora os avisavam de tudo; e a Armada se foi até o rio de Achará, legua e meia de Curale, donde tinham partido, onde estava assentado de irem dormir aquella noite. E antes da Armada chegar áquelle rio, deo com duas cotias, que tinham sahido de dentro, que foram logo tomadas, e nellas acháram a mulher, e filhos, e recamara do Xacoli, que elle mandava pera Cambaya; porque se receava que o Anel Maluco mettesse o Mealecan no Reyno, por não ter ainda novas do que lá passava, e queria segurar aquellas cousas, e ficar esperando recado pera ver em que o negocio parava, porque sua pessoa a todo tempo se podia recolher pera onde quizesse.

O Capitão mór da Armada, vendo a boa preza que tinha feita, metteo em huma fusta a mulher, e filhos do Xacoli, e os mandou ao Governador, que a estimou muito. D. Antão de Noronha chegou a Achará, e fóra da povoação assentou seu arraial, e o fortificou mui bem, porque haviam alli de passar aquella noite. Disto foi logo o Xacoli avisado; e entendendo que haviam os nossos de chegar cançados, despedio hum Capitão com mil homens, pera

ra que de noite lhe fosse dar hum assalto, que esperava ser de muito effeito, e assim o fez; porque estando os nossos na mór quietação da noite, deram os inimigos de sobresalto nelles, e os commettêram por onde estava D. João o Mourisco, Capitão do campo, que ficava a huma parte do exercito, hum pouco affastado; e como era muito vigilante, e tinha lançadas suas espias, por quem teve recado de sua vinda, quando já deram sobre elle, o acháram com as armas nas mãos. Os inimigos cuidando que os tomassem descuidados, arremettêram com aquelle ímpeto, dando-lhes huma surriada de bombas de fogo, e de arcabuzaria, com que fizeram algum damno; mas o D. João como estava sobre aviso, sahio a elles, e da primeira pancada que lhes deo, derribou setenta, e ferio muitos; e mettendo-se no meio delles, fez taes cousas, que os poz em desbarato; e mandando recado a D. Antão de Noronha, os foi seguindo até quasi pela manhã. E como os levava em desbarato, e derramados, foi fazendo nelles grandes crueldades, tomando-lhes muitos cavallos, e armas, que elles hiam largando pera se salvarem, cativando muitos, que de cançados cahiam.

D. Antão de Noronha em lhe dando recado, se poz logo a cavallo, e foi seguindo

do a D. João , despedindo a gente de cavallo toda , pera que o fosse favorecendo , e elle se foi apressando com todo o mais poder até chegar a elle , que já se vinha recolhendo carregado de despojos , e de cativos. D. Antão de Noronha abraçou a Dom João , e lhe disse palavras muito honradas ; e a todo o pião de sua companhia , que lhe apresentou cabeça de Mouro , lhe deo dous pagodes. E tanto que amanheceo , que buscáram o campo , achâram antre os seus mortos hum já sem cabeça , cujo tronco tinha oito palmos , e os braços , e pernas tão façanhosas , que parecia Gigante. Era homem alvo , e nos trajos parecia estrangeiro , e nobre. D. Antão de Noronha vendo a vitoria , que lhe Deos tinha dado , porque o inimigo se não reformasse , o foi seguindo , e ás oito horas do dia chegou ao rio de Carlin , e vio da outra banda o Xacoli com todo o seu exercito posto em armas em hum campo muito grande , e largo , e tinha todos os passos , e váos do rio tomados com espingardeiros , e bombeiros pera defenderem a passagem.

D. Antão de Noronha parou de estoutra banda , e esteve notando a ordem em que os inimigos estavam , e os passos que lhe tinham tomado ; e depois de tudo bem notado , mandou a Jorge de Moura , que com a gente de sua bandeira se passasse a hum Ilheo ,

que

que ficava no meio do rio, e que dalli varejasse com a espingardaria á outra banda, porque elle queria commetter a passagem. E mandou estender os mais Capitães das bandeiras de pé ao longo do rio, mettidos na agua pera tambem o favorecerem na passagem, porque determinava de com a gente de cavallo ser o primeiro que passasse; e assim commetteo o rio, mandando diante Dom Diogo Pereira o moço seu tio, que com a agua pelas silhas foi passando á outra banda, favorecido da nossa arcabuzaria.

O Xacoli vendo passar os nossos, acudio com a gente de cavallo áquella parte pera lhes defender a passagem, e a sua arcabuzaria, e bombaria começou a descarregar sobre os nossos de feição, que primeiro que chegassem á outra banda derribáram oito, em que entrou D. Diogo Pereira; mas de todos estes hum só perigou, e os mais passando por aquellas nuvens de pelouros, e fréchas, e pelas chammas das bombas,) que eram tantas, que parecia que todo o Ceo relampadejava,) chegáram á outra banda, e dos primeiros foi D. Antão de Noronha, que (ou fosse acaso, ou que o Xacoli o conhecesse por alguns sinaes que nelle visse) em pondo os pés em terra, arremetteo a elle com a lança no reste, e rompeo nelle hum façanhoso encontro; e D. Antão de Noro-

ro-

ronha, que era muito esforçado, e mui bom cavalleiro, tambem lhe poz a lança, mas nenhum delles recebeo damno; e os nossos de cavallo ficáram logo baralhados com os Mouros em huma muito aspera batalha.

D. Antão de Noronha se metteo no meio pelejando mui valorosamente, e esforçando os seus a fazerem o mesmo; trabalhando muito por se tornar a encontrar com o Xacoli, que andava capitaneando os seus. Os Capitães das bandeiras tanto que víram os de cavallo da outra banda, commettêram a passagem, e se puzeram da outra parte, ainda que com trabalho, e começáram outra muito aspera batalha com a gente de pé dos inimigos, andando D. João o Mourisco sempre diante com a sua gente pelejando com muito esforço. A batalha andava toda muito arriscada, porque todos andavam mui baralhados, trabalhando huns por vencer os outros, fazendo os nossos tantas cousas, que não se podem particularizar. Muitos dos moradores de cavallo fizeram grandes sortes, e antre todos se assinalou André de Villa-lobos, tio de D. Antão de Noronha, irmão de sua mãi, que era hum Cavalleiro muito determinado, robusto, e barbaçudo, que tinha já derribado quatro de cavallo; e remettendo a outro, que era hum Mouro, que elle via assinalar-se antre os outros, o encon-

controu de meio a meio, e o Mouro o fez a elle tambem; mas o ſeu encontro foi hum pouco a huma ilharga, e paſſou a lança por debaixo do braço eſquerdo a André de Villa-lobos, que como era muito acordado, e homem de grandes forças, apertou a lança do Mouro comſigo de feição, que a não pode o Mouro arrancar; e remettendo com André de Villa-lobos, liou-ſe com elle, e lançando-lhe huma mão ás barbas (que eram muito compridas) lhe deo huma volta, com que o teve ſopeado. André de Villa-lobos vendo-ſe aſſim, liou-ſe com o Mouro, e aos tombos foram ambos ao chão; mas levantando-ſe logo com muita preſſa, levou do terçado, e matou o Mouro. E ao meſmo tempo lançou mão das redeas do cavallo do Mouro, e fez ſubir nelle hum criado ſeu, que alli então chegou, e ſubindo-ſe elle no ſeu, tornou á batalha, que andava muito aſpera, e cruel; e como a noſſa arcabuzaria era muita, fez nos inimigos tal eſtrago, que começáram a perder o campo, e a ſe desbaratarem.

Vendo iſto D. Antão de Noronha, deo Sant-Iago, bradando *Vitoria, vitoria*; e de tal maneira apertou com os inimigos, que os arrancou do campo, ficando-lhes nelle eſtirados perto de quinhentos Mouros. D. João o Mouriſco, Capitão do campo, (que

(que este dia fez cousas notaveis,) vendo os inimigos desbaratados, foi-lhes seguindo o alcance duas leguas, favorecido das bandeiras de pé; e foram todos matando nelles á sua vontade, derribando-lhes ainda neste alcance mais de seiscentos Mouros, tomando-lhes muitos cavallos, armas, e outras cousas. D. Antão de Noronha ficou senhor do campo, e do exercito do inimigo, em que achou muitos despojos, e cavallos formosos, que repartio por alguns moradores a que tinham mortos os seus; e com esta vitoria se recolheo a Curale, onde se curáram os feridos. Dos mortos nossos não achámos o número certo, mas sabemos que não chegáram a trinta.

CAPITULO X.

De como o Governador Francisco Barreto teve novas do desbarato de Mealecan: e da vinda de alguns Capitães do Idalcan: e de como mandou recolher D. Fernando de Monroy, e D. Antão de Noronha.

O Governador Francisco Barreto teve logo aviso do desbarato do Mealecan, e de sua fugida, e de como o Idalcan despedíra alguns Capitães com muita gente pera tornarem a tomar as fortalezas de Bandá,

Cu-

Curale , Pondá , e outras , que eſtavam já por de ElRey de Portugal ; e receando-ſe de algum deſaſtre , praticou em conſelho dos Capitães velhos aquelle negocio ; e foram de parecer , que ſe largaſſem aquellas Tanadarias , e ſe recolheſſem os Capitães que nellas eſtavam , primeiro que foſſem cercados dos inimigos , porque depois dariam muito trabalho , e arriſcar-ſe-hia todo o Eſtado pera os deſcercar , e recolher.

Com eſta reſolução ſe foi o Governador logo pôr no Paço de Benaſtarim , com toda a gente que em Goa havia ; e mandou paſſar á outra banda o Capitão da Cidade com algumas companhias de ſoldados , e moradores de cavallo , pera irem recolher Dom Fernando de Monroy , e eſperallo ao caminho , porque havia já recado que os inimigos eram entrados nas terras ; porque lhe tinha eſcrito , que tanto que viſſe aquella carta , logo largaſſe a fortaleza , e ſe recolheſſe com muito tento , porque os inimigos eſtavam já perto delle ; e o meſmo eſcreveo a D. Antão de Noronha.

Dada eſta carta a D. Fernando de Monroy , eſteve duvidoſo ſe a cumpriria , e foiſe detendo até o ſegundo recado , que lhe chegou logo , e apreſſado. Com elle começáram a deſpejar a fortaleza muito devagar , e mandou diante toda a bagagem , ſem lhe fi-

ficar cousa alguma; e apôs isso se sahio com toda a gente posta em armas, por lhe vir recado, que já os inimigos chegavam á vista da fortaleza; e repartindo a gente em duas partes, tomou elle pera si a retaguarda com os Fidalgos, e Cavalleiros principaes que havia, que se foram pera elle; e assim foi marchando muito devagar, porque vissem os inimigos que lhes não fugia, o que foi quasi á sua vista, sem elles ousarem de o commetter; e assim chegou aonde Jorge de Mendoça, Capitão de Goa, o esperava, e juntos se recolhêram a Goa.

O Governador apressou os correios a D. Antão de Noronha, que estava em Curale, que já tinha aviso dos inimigos, que eram descidos abaixo pera o buscarem; pelo que se tinha fortificado em Curale, e provído de tudo abastadamente, porque determinava de os esperar alli, e se defender delles, tendo a Armada no rio pera tudo o que lhe fosse necessario. E nesta determinação estava, quando lhe deram a primeira carta do Governador, em que lhe mandava largasse tudo, e se recolhesse, porque estava assim assentado em conselho, por não ser possivel defender-se a tanta gente, quanta tinha por novas, que vinha descendo o Gate.

E vendo elle a pressa que o Governador lhe dava, respondeo-lhe » que estava Cu-

» rale muito ſeguro, e que eſperava em
» Deos de não perder couſa alguma do ga-
» nhado. » O Governador tomou iſto mal,
e deſpedio logo outra carta por duas vias,
em que lhe mandava » que ſobpena do ca-
» ſo maior, tanto que viſſe aquella, largaſ-
» ſe logo tudo, e ſe recolheſſe, porque os
» inimigos eram muitos, e que não queria
» lhe aconteceſſe hum deſaſtre, e que ſe re-
» colheſſe á viſta do mar pera ter favor na
» Armada. E ſendo caſo que os inimigos lhe
» tiveſſem atalhados os caminhos, e foſſe o
» poder tanto, que viſſe o perigo certo, em
» tal caſo cortaſſe as pernas aos cavallos,
» e ſe recolheſſe aos navios, porque pera
» iſſo lhe mandava mais outros, porque
» do mal ſempre ſe havia de eſcolher o me-
» nor. »

Dadas eſtas cartas a D. Antão de Noro-
nha, chamou os Capitães a conſelho, e lhas
leo, e pedio ſeus parecéres, e todos votá-
ram, que pois o Governador o mandava re-
colher, o devia fazer, porque aquelle ne-
gocio carregava ſobre elle; e com iſto ſe de-
terminou D. Antão de Noronha a partir, e
lhes diſſe: » Affirmo-vos, Senhores, que
» mais honra fora do Eſtado morrermos aqui
» todos, que recolhermo-nos deſta maneira,
» e largarmos a fortaleza de ElRey; mas
» já que não poſſo mais, recolher-me-hei. »
E

E ſahindo-ſe da fortaleza, poz-ſe no campo tão triſte, e melancolizado, que lho enxergáram todos.

E concertando ſua gente, deo a dianteira a D. João o Mouriſco, e as bandeiras de pé com toda a bagagem no meio, e elle com toda a gente de cavallo ficou na retaguarda, e mandou ao Capitão mór da Armada, que o foſſe eſperar em Bardés; e elle foi marchando com muitas eſpias ſobre os inimigos; e chegando a Bandá, recolheo Antonio Ferrão, e mais Officiaes, e aquella noite dormio no campo muito bem fortificado; ao outro dia chegou a Bardés, onde o Governador o eſperava com toda a gente que havia em Goa, pera o ir ſoccorrer, ſe foſſe neceſſario. E chegando D. Antão de Noronha ao Governador, muito triſte, lhe diſſe: » Muito melhor fora, Senhor, » não me mandardes ao Concan, que fa» zerdes-me vir fugindo ſem ver de que. » O Governador teve com elle palavras muito honradas; dizendo-lhe » que elle tinha » cumprido de ſua parte com a obrigação » de muito grande Capitão; que aquellas » affrontas elle as tomava ſobre ſi, porque » elle não era mais obrigado, que a cum» prir os mandados de ſeu Governador; » e com iſto ſe recolhêram pera Goa. Em ſe D. Antão de Noronha ſahindo de Curale,

chegáram os inimigos, que pela ventura esperáram que se sahisse elle, porque o não ousáram a commetter.

CAPITULO XI.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos do Reyno: e do que aconteceo a D. Alvaro da Silveira no Malavar: e das pazes que o Çamorim pedio, e se lhe concedêram.

NO mesmo tempo que o Governador Francisco Barreto tratou de mandar recolher os Capitães, que andavam no Conçan, deo tambem despacho ás náos do Reyno pera irem tomar a carga a Cochim; e escreveo a ElRey o Estado em que a India ficava, e da morte do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, e de sua succesão. Nesta Armada foi tambem a náo Espadarte, de que veio por Capitão Fernão Gomes de Sousa, da companhia do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, que tinha invernado em Ormuz, (como atrás dissemos no Cap. III. do I. Liv.) Estas náos tiveram boa viagem até o Reyno, e ElRey sentio muito a morte de Dom Pedro Mascarenhas.

Agora continuaremos com D. Alvaro da Silveira, Capitão mór do Malavar, que chegando áquella costa, começou a fazer grande

de guerra ao Çamorim; e a mór que se lhe podia fazer, foi tomar-lhes todos os pórtos; porque lhe não entrasse arroz, nem ansião; (porque todos os Reynos do Malavar se provêm destas cousas dos rios do Canará; e do Reyno de Cambaya, porque elles em si não tem mais que palmares,) e elle ficou com a Armada solta, correndo toda a costa; e dando nos lugares della, que queimou, abrazou, e destruio, e lhe cortou muitos palmares, e desfez, e tomou muitas embarcações; e os palmares sentíram elles mais que tudo, porque elles lhe dam todos os mantimentos de que tem necessidade, e de que se sustentam a mór parte do anno; que são cocos, assucar, azeite, vinho, vinagre, e todas as cousas pera os apparelhos de seus navios, e fabrica de suas casas. E assim costumava a dizer o Viso-Rey D. João de Castro, quando via algum soldado cortar alguma palmeira: » Ah sol- » dado, agora mataste hum Mouro. »

E porque dos rios da pedra, e Canharoto sahíram alguns parós a roubar, determinou de os castigar; e hum dia no quarto d'alva desembarcou nelles, e os destruio, e assolou de todo, sendo elle sempre dos dianteiros que sahiam em terra, com calções de cotonia a meia perna, saia de malha, e montante nas mãos, e pelejava co-

mo qualquer ſoldado. Em ambos eſtes rios achou grande reſiſtencia, e ſe vio em affronta ao recolher; porque carregáram os Mouros ſobre elle pera o embaraçarem, e ſe ſatisfazerem, o que não pudéram fazer pela boa ordem que tinha ao recolher; porque coſtumava naquelles aſſaltos ao embarcar, deixar duas companhias de arcabuzeiros, de cento cada huma, que ficavam franqueando a embarcação de huma, e outra parte, e deſta maneira lhe não aconteceo deſaſtre algum nunca; porque os deſarranjos, que são acontecidos antre nós, não ſuccedêram ſenão pela pouca ordem que alguns Capitães tiveram no recolher; porque mór governo, e prudencia ha de moſtrar o Capitão neſte negocio, que no commetter, pelas deſordens, e pouca diſciplina dos ſoldados da India, que aſſim como no commetter precedem a outras muitas nações, aſſim no deſarranjo do recolher são inferiores a todas. Em fim, foram tantos os damnos, que D. Alvaro da Silveira fez por toda aquella coſta, e poz a todos em tanto aperto de fome, que chegou a valer o fardo de arroz a tres pagodes, de que os meſquinhos, que são os que mais ſentem a guerra, foram chorar ao Çamorim; e os Naires, que ſempre são contrarios dos Mouros, os favorecêram niſſo, e fizeram aos Regedores muitos requerimentos.

O Çamorim vendo o pranto dos ſeus, enfadado da guerra, que ſempre ſe alevanta contra ſua vontade, (porque os Mouros a poder de peitas fazem tudo o que querem,) mandou Embaixadores a D. Alvaro da Silveira a pedir-lhe pazes; dando por ſatisfação, que nunca ſoubera da guerra, nem por ſua ordem ſe quebráram os contratos que eſtavam feitos. D. Alvaro da Silveira ouvio eſtes Embaixadores na ſua galé, e lhes reſpondeo » que não tinha licença do Go» vernador ſe não pera fazer guerra; que » mandaſſe elle a Goa, e que o Governa» dor lhe reſponderia como lhe pareceſſe.» Com eſta reſpoſta mandou o Çamorim negociar dous Naires de ſua caſa pera irem a Goa, e D. Alvaro da Silveira lhes deo alguns navios pera os acompanharem, concedendo ao Çamorim tregoas até vir recado do Governador.

E vendo D. Alvaro da Silveira que ficava de vago, determinou de ir caſtigar a Rainha de Olala, Senhora da Cidade de Mangalor na coſta Canará, que eſtava rebelde, e havia annos que não pagava pareas; e voltando pera lá, chegou áquelle porto huma madrugada, e deſembarcando em terra, commetteo a Cidade com grande determinação; e poſto que achou grande reſiſtencia, a entrou com morte de muitos

Mou-

Mouros; e ſendo dentro, lhe mandou pôr o fogo por algumas partes, porque os ſoldados ſe não deſmandaſſem nas prezas della; e ateando-ſe, ardeo a mór parte della, e hum formoſo pagode de muita devoção ſua.

Feito iſto, recolheo-ſe aos navios pelejando com os inimigos, de que ſe ajuntou hum grande eſquadrão pera á embarcação darem ſobre os noſſos; mas D. Alvaro da Silveira com as duas mangas de arcabuzeiros os deteve, e ſe embarcou muito a ſeu ſalvo, deixando no campo muitos dos inimigos eſtirados. E depois de embarcado ſe paſſou da outra banda, onde hoje temos a noſſa fortaleza; e mandou queimar outro pagode muito formoſo, e algumas povoações pelo rio aſſima, em que lhe fez muitos damnos, e deo muitas perdas; e com iſto ſe recolheo pera o Malavar a eſperar o recado do Governador.

Os Embaixadores do Çamorim chegáram a Goa, e foram ouvidos; e pondo-ſe aquelle negocio em conſelho, ſe aſſentou, que ainda que ſe entendia que o Çamorim nunca guardava fé, nem palavra, e que cada vez que os Mouros o peitavam, quebrava as pazes, que todavia ſe lhe concedeſſem, porque ſempre neſta parte era bem fazer do ladrão fiel, por eſcuſar os gaſtos das Armadas grandes daquella coſta. E que o

Vea-

Veador da Fazenda Antonio Peſſoa (que eſtava pera ir a Cochim fazer a carga das náos) levaſſe comſigo os Embaixadores, e lá com o Capitão mór D. Alvaro da Silveira, aſſentaſſe as pazes com as meſmas condições, com que já o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha lhas fizera. E aſſim ſe embarcou o Veador da Fazenda, e levou comſigo os Embaixadores. E chegando ao Malavar, ſe vio com o Capitão mór, e lhe deo conta daquelle negocio; e lançando os Embaixadores em terra, logo ſe tratáram as pazes; que ſe concluíram, e juráram na praia de Caleçut, eſtando o Çamorim preſente, o Capitão mór, e o Veador da Fazenda, o que ſe fez com grande ſolemnidade; e logo ſe apregoáram pela Cidade, e pela Armada. Concluido iſto, (que era na entrada de Janeiro deſte anno de ſincoenta e ſeis, em que com o favor Divino entramos,) ſe foi o Veador da Fazenda pera Cochim, e deſpachou as náos do Reyno, e a Armada ſe foi pera Goa, por não haver mais que fazer, deixando alguns navios naquella coſta pera acompanharem as náos da China, e Malaca.

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO III.

CAPITULO I.

Da embaixada que o Governador Franciſco Barreto mandou a Cambaya por Triſtão de Paiva, e ſobre que: e dos navios que mandou a recolher o Padre Meſtre Gonçalo, que eſtava na Abaſſia: e da Armada que deſpedio pera o Eſtreito, de que foi por Capitão mór D. Alvaro da Silveira: e das couſas que Miguel Rodrigues, Fios ſecos, fez pela coſta do Idalcan.

HUMA das couſas que o Governador Franciſco Barreto deſejava muito, era haver ás mãos a Cidade de Damão, por entender que convinha ao Eſtado da India, aſſim pera ſegurança das terras

ras de Baçaim, como pera apofentar naquella Cidade, e fuas terras muitos Cavalleiros honrados, e cafados pobres, porque fe efperava que fuas aldeias foffem de mais importancia. Sobre efte negocio teve alguns tratos fecretos com certos Capitães de Cambaya feus amigos, pera que o avifaffem do modo que teria naquelle negocio, e do eftado em que as coufas daquelle Reyno eftavam; e todos fe refumíram em que havia de mandar tratar aquillo com o Ithimitican, que governava tudo; porque o Rey era menino, e não fazia por fi coufa alguma, e que peitaffe ao tutor, e Governador; porque bem podia fer que lhe concedeffe o que tanto defejava. Sobre ifto tornou a mandar algumas peffoas, que foram, e vieram, por quem mandou faber o eftado de Damão, e o poder que dentro eftava; e foi certificado, que Cide Bofatá, e Cide Raná, Capitães Abexins, que comiam áquellas terras, tinham fete, ou oito mil homens de cavallo, em que entravam muitos Magores, e que tinham aquella Cidade muito bem provída de mantimentos, artilheria, e munições, e que cuftaria muito, fe a quizeffem tomar por armas.

Informado o Governador de tudo mui bem, affentou de mandar hum Embaixador com hum arrezoado prefente, pera ver fe o

podia render ao que pertendia; e pera este negocio elegeo a Tristão de Paiva, homem de muito bom entendimento, e que se lhe podiam encarregar todas as cousas de muita importancia; e lhe mandou armar alguns navios pera o pôrem em Cambayete, e lhe deo largo regimento sobre as cousas que havia de tratar com o Ithimitican; e que quando pelas cousas que levava, e por outras muitas promessas o não pudesse levar a lhe entregar a Cidade de Damão, com suas terras, e Tanadarias, que então lhe offerecesse ametade do rendimento da Alfandega de Dio pera ElRey de Cambaya, assim como d'antes os Reys seus antecessores a possuíram.

Prestes, e negociado, Tristão de Paiva se embarcou em os navios que estavam já provídos de tudo, com grandes apparatos de sua pessoa, e seis homens de cavallo, e outros muitos servidores; e o presente que levava, era de dez formosos ginetes Arabios, com seus telizes de damascos de cores, e duas duzias de coelhos machos, e femeas pera ElRey lançar em suas tapadas, pelos não haver em Cambaya. Embarcado Tristão de Paiva, foi seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Os Padres da Companhia, vendo que era necessario mandar-se saber do que o Padre Mestre Gonçalo passára com o Impera-

dor

dor da Ethiopia, porque pelo regimento que levára do Viso-Rey D. Pedro Mascarenhas, havia de estar esperando, ou elle, ou seu recado por navios, fizeram disso lembrança ao Governador Francisco Barreto; que vendo que tinha obrigação de acudir áquelle negocio, mandou negociar dous navios de remo, e elegeo pera esta jornada a João Peixoto, hum Cavalleiro muito honrado, e bem entendido nas cousas da guerra, e daquelle Estreito; e lhe deo por regimento, que entrasse as portas do Estreito de Meca, e soubesse novas de galés, (porque corria huma fama, que se armavam em Meca quinze,) e que se passasse a Maçuá a recolher o Padre Mestre Gonçalo, ou cartas suas, que forçado havia de achar. Estes navios partíram de Goa entrada de Fevereiro deste anno de 1556., e de sua jornada adiante daremos razão.

Neste mesmo tempo chegáram novas de Ormuz ao Governador, que as galés que estavam em Baçorá (que eram sete) se negociavam pera se tornarem pera o Estreito de Meca; e juntamente com isso lhe deram cartas do Rey que fora de Baçorá, e dos Senhores das Ilhas Gizares, em que lhe pediam os soccorresse com huma Armada, porque tinham os Turcos de cerco em Baçorá, e postos em estrema necessidade, e lhes

lhes tinham queimado duas galés, e que estava a cousa em estado, que com qualquer Armada que pelo mar os favorecesse, os acabariam de destruir; e que tornando a tomar aquella Cidade, offereciam pera ElRey de Portugal a fortaleza sobre o mar, e a metade do rendimento da Alfandega, como já offerecêram, quando D. Antão de Noronha lá fora, como na sexta Decada no Cap. IV. do IX. Liv. fica dito.

Este negocio poz o Governador Francisco Barreto em conselho; e assentou-se, que se lhe mandasse huma boa Armada, porque convinha ao Estado lançar dalli os Turcos, que eram muito ruins vizinhos pera a fortaleza de Ormuz. Com este acordo mandou o Governador negociar hum galeão, quatro caravelas, e dez fustas; e elegeo pera esta jornada a D. Alvaro da Silveira, que começou a correr com a Armada; e o Governador lhe passou todas as Provisões que lhe pedio, com poderes soberanos na Justiça, e Fazenda.

D. Alvaro da Silveira deo tanta pressa á sua Armada, que em Março se fez á véla, elle no galeão, e nas caravelas D. Pedro de Menezes, Tristão Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, filho de Braz Telles, e irmão de Fernão Telles, que foi Governador da India, e Jeronymo de Mesquita.

ta. Os Capitães das fustas eram, Antonio de Sampaio, Pero da Cruz, Vasco Correa, João Gallego, Cifal Pinheiro, Gaspar Vaz de Mesquita, Manoel de Magalhães, João Falcão, Jorge Barreto, e Francisco Gonçalves, que hia por Feitor da Armada.

Despedida esta frota, com que depois continuaremos, ficou o Governador despachando as cousas de Malaca, pera onde despedio D. João Pereira, filho de D. Manoel Pereira, segundo Conde da Feira, pera ir entrar na Capitanía de Malaca, por ser falecido D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que lá estava. E porque os Capitães do Idalcan, depois de se recolherem D. Antão de Noronha, e D. Fernando de Monroy, andáram fazendo alguns damnos nas terras de Salsete, e Bardés, quiz o Governador satisfazer-se, e mandou Miguel Rodrigues Coutinho, Fios secos, por Capitão mór de dez navios, pera andar de Goa até Dabúl, fazendo por aquella costa do Idalcan toda a guerra que pudesse.

CA-

CAPITULO II.

Do que aconteceo a Triſtão de Paiva em Cambaya: e de como os que ficáram nos baixos de Pero dos Banhos acabáram a naveta, e nella vieram a Cochim.

DEixámos no Capitulo atrás partido Triſtão de Paiva pera Cambaya, que chegou em poucos dias a Cambayete, e dalli foi por terra á Corte de Amadabá, onde chegou com grande apparato, e muito ſerviço de cavallos, carretas, camelos, e outras couſas de ſerviço. E antes de entrar na Cidade, o ſahíram a receber muitos Capitães, e o leváram aquelle dia a huma quinta, onde ficou, e a outro dia fez ſua entrada, acompanhado de todos os Capitães que eſtavam na Corte, e foi levado a ElRey, que o eſtava eſperando com grande mageſtade, acompanhado de Madre Maluco, (em cujo poder eſtava outra vez o Rey,) e outros Regedores. Triſtão de Paiva lhe deo a carta do Governador, e offereceo o preſente; que ElRey eſtimou muito, e ſobre tudo os coelhos, que logo mandou lançar em ſuas defezas, onde fizeram grande creação, e o mandou agazalhar bem, e dar todo o neceſſario. Paſſados alguns dias, entrou em negocios com os Regedores, a quem eſtava remet-

mettido, em que gaſtou mais de hum mez, e por fim lhe reſpondêram » que ElRey era » muito contente de dar a ElRey de Portu- » gal a Cidade de Damão com a ſua forta- » leza ſómente, com tanto que elle lhe lar- » gaſſe ametade do rendimento da Alfande- » ga de Dio, aſſim como já o tiveram os » Reys ſeus antepaſſados; e que as terras, » e Tanadarias da juriſdicção de Damão não » era licito largar-lhas, por ſerem da Co- » roa de Cambaya. » Triſtão de Paiva reſpon- deo aos Regedores » que elle não levava com- » miſsão do Governador pera acceitar Da- » mão ſómente; que mandaſſe ElRey em ſua » companhia hum Embaixador ao Governa- » dor Franciſco Barreto, pera tratar aquel- » le negocio com elle; e que ſendo conten- » te, fariam lá ſeus papeis. » Iſto pareceo bem aos Regedores, e mandáram logo negociar hum Turco, chamado Xeque Eſtabolim, da obrigação de Madre Maluco (que era o que governava tudo) por quem ElRey, e elle eſcrevêram ao Governador, e lhe mandáram tambem ſeus preſentes de peças, e brincos curioſos.

Eſte Turco ſe embarcou em companhia de Triſtão de Paiva em outro navio, com grande caſa, e acompanhamento, e chegáram em breves dias a Goa, onde foi muito bem recebido, e agazalhado; e entran-

do em negocios com o Governador, declarando a tenção de ElRey, que era largarlhe só a Cidade de Damão, lha não quiz acceitar, porque não servia de mais, que de fazer despezas ao Estado, sem proveito algum, e que ficava sendo de mais importancia a ElRey ametade do rendimento da Alfandega de Dio; e mais escusava pendenças, e enfadamentos dos Officiaes della com outros Mouros, que ElRey de Cambaya logo havia de metter nella; e que tambem não convinha ao Estado ter naquella Ilha nunca já mais o Rey de Cambaya cousa alguma, por acabar de lhe perder as saudades.

Consideradas estas cousas, despedio o Governador o Xeque Estabolim, e em sua companhia mandou Christovão de Couto, lingua do Estado, pera tornar a tratar de novo aquelle negocio com o Madre Maluco, e escreveo-lhe por elle » que muito me» lhor vinha a ElRey de Cambaya ter segu» ro ametade do rendimento da Alfandega » de Dio, que a Cidade, e terras da juris» dicção de Damão, porque sempre lhas ha» viam de comer Capitães alevantados. » Estes homens chegáram a Cambayete por fim de Março, e acháram alli por novas, que ElRey tornára a fugir do Madre Maluco pera Ithimitican, e que o Madre Maluco era recolhido pera a Cidade de Baroche, que

era ſua, (porque andavam eſtes tyrannos com o pobre Rey moço, dando-lhe xaque de hum pera outro, porque o que o tinha em ſeu poder, eſſe governava tudo,) pelo que o Xeque Eſtabolim ſe foi logo pera elle, deixando alli Chriſtovão do Couto, que ſabendo do negocio, ſe foi á Cidade de Amadabá, e deo as cartas do Governador a Ithimitican, que lhe reſpondeo » que ElRey era » menino, que como tiveſſe idade pera go» vernar, lhe mandaſſe o Governador ſeus » Embaixadores ſobre aquelle negocio, que » elle lhe reſponderia. » Com iſto ſe tornou Chriſtovão do Couto pera Goa, e deo relação ao Governador Franciſco Barreto de tudo o que paſſára.

Deſtas couſas foi logo D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, aviſado, e tomouſe muito de o Governador mandar tratar huma couſa de tanta importancia ſem lho fazer a ſaber, eſtando elle tão perto de Cambaya; pelo que deſpedio hum catur com cartas pera o Governador, em que lhe dizia » que ſe eſpantava muito delle, e dos » Fidalgos do Conſelho, commetter huma » troca tão deſigual, e offerecer ametade do » rendimento daquella Alfandega, que elle » cavára pera ElRey de Portugal, á cuſta » de tanto ſangue, e trabalho ſeu; que lhe » não quizeſſem roubar ſua honra, e fazer

» pouco caſo de couſa que lhe cuſtára tan-
» to, e que elle tinha pela de maior ſervi-
» ço de ElRey, que todos os da India. Que
» ſe deſejava a Cidade de Damão, pouco ha-
» via que fazer em a tomar; porque ſegun-
» do o Reyno de Cambaya eſtava diviſo, el-
» le ſe offerecia a lha entregar, porque com
» dous mil homens que lhe déſſe, iria até
» á Corte de Amadabá ſem reſiſtencia.» E
com iſto eſcreveo a todos os Fidalgos do
Conſelho, pedindo-lhes não conſentiſſem ao
Governador huma tamanha ſemrazão, e tan-
to contra o ſerviço de ElRey, dando-lhes
pera iſſo muitas razões.

Eſtas cartas foram dadas ao Governador, e a elles; e como os mais eram parentes de D. Diogo de Noronha, e lhe tinham mui-
to grande reſpeito, parecêram-lhes bem ſuas
razões, e fizeram lembranças ao Governa-
dor, que deſiſtio do negocio, e reſpondeo
a D. Diogo de Noronha » que eſtimava mui-
» to aquelle zelo do ſerviço de ElRey, e os
» offerecimentos que lhe fazia, e que no ve-
» rão ſeguinte ſe veria com elle em Baçaim.»
Com eſtas cartas ſe quietou D. Diogo de No-
ronha, e as couſas paráram. E nós o fare-
mos tambem neſtas, por contarmos o que
aconteceo aos que ficáram nos baixos de Pe-
ro dos Banhos.

Deixámos toda aquella gente trabalhan-
do

do na naveta com tanta diligencia, vontade, e gosto, que no fim de Março a puzeram no mar muito bem apparelhada; e embarcáram nella os mantimentos que tinham guardados, e fizeram aguada da muita que na Ilha havia, e ultimamente se embarcáram com grandes promessas, e romarias a nossa Senhora de Guadalupe de Cochim, a quem offerecêram a náo, e foram fazendo sua viagem muito bem, e com tempo prospero; e a Virgem Senhora nossa, que he a verdadeira guia, os encaminhou de feição, que os poz em Cochim no fim de Abril, sem passarem trabalhos, nem tormentas. Chegados ao porto, acudíram embarcações, em que todos se desembarcáram; e póstos na praia, se ordenáram em procissão, indo os Padres da Companhia diante cantando as Ladainhas; e por esta ordem foram até á Casa de nossa Senhora com grande devoção, e muitas lagrimas, levando apôs si toda a Cidade, que sahio a ver aquelle devoto espectaculo; e a naveta foi mettida dentro no rio, e descarregada do cabedal de ElRey, e de muita fazenda que nella mettêram; e a náo foi offerecida a nossa Senhora. E segundo nos parece, ella se vendeo, e o dinheiro se deo á Confraria: basta que ella foi feita em seu nome, e acabou bem.

CA-

CAPITULO III.

Do que Miguel Rodrigues Coutinho fez pela costa do Idalcan: e do que aconteceo a João Peixoto na jornada do Estreito: e de como deo em Suaquem, e matou aquelle Rey, e cativou alguma gente, e roubou os Paços.

PArtido Miguel Rodrigues Coutinho de Goa, como atrás dissemos no Cap. I. deste III. Liv., foi correndo toda a costa do Idalcan até á Cidade de Dabul; e desembarcou em todos os lugares maritimos delles, e os metteo a ferro, e a fogo, cativando, e matando muita gente, cortando os palmares, e assolando as fazendas, queimando navios grandes, e pequenos, e fazendo outros muitos damnos, com que a terra ficou destruida, e despovoada; e deixando tudo feito pó, e cinza, se passou a Dabul pera esperar as náos que haviam de vir de Meca. E estando surto no mar, lhe foi cahir nas mãos huma do Idalcan, que vinha de Meca carregada de muitas fazendas, e dinheiro; e pondo-se os navios em armas, a foram commetter com muita determinação, e a rodeáram, e batêram por todas as partes muitas horas, defendendo-se ella muito valorosamente, sem querer amainar, indo

do ſempre com todas as vélas demandar a terra, onde ſe ouviam as bombardadas muito claramente. E como o vento era freſco, e os mares pequenos, determinou-ſe Miguel Rodrigues Coutinho a inveſtilla, como fez, com todos os navios, repartidos em duas partes. E poſto que achàram em os Mouros (que eram mais de duzentos) mui grande reſiſtencia, todavia a poder de golpes ſe puzeram em ſima, e dentro nella tiveram huma muito aſpera, e arriſcada batalha, e de muito ſangue de ambas as partes, em que os noſſos moſtràram tanto ſeu esforço, que com morte da mór parte dos Mouros rendêram a náo, cuſtando tambem aos noſſos a vida de oito, ou dez homens, a fóra muitos feridos; e voltando com ella pera Goa, ſurgíram na ſua barra, onde as fazendas foram deſembarcadas, e a náo mettida dentro, e repartidas as prezas pelos Capitães, e ſoldados. Couberam ſó á parte de ElRey mais de trinta mil cruzados.

O Idalcan com os damnos que lhe fizeram por ſua coſta, e com a perda deſta náo, ficou tão quebrantado, e affrontado, que determinou de proſeguir na guerra de Goa; e mandou deſcer abaixo mais alguns Capitães, do que o Governador Franciſco Barreto foi logo aviſado, e mandou prover os rios todos de guarda, de navios, e manchuas, e

os

os paſſos de Capitães, e ſoldados, e deſpachou os provimentos pera todas as fortalezas; e pera a de Maluco foi hum formoſo galeão carregado de fazendas, munições, e outras couſas pera aquella fortaleza, de quem foi por Capitão Franciſco de Barros, que era provído daquellas viagens.

Agora he neceſſario que continuemos com João Peixoto, que deixámos no I. Cap. deſte III. Liv. partido pera o Eſtreito de Meca; que ſeguindo ſua derrota com os levantes que curſavam, foi haver viſta da coſta da Arabia, e de longo della foi embocar as portas do Eſtreito, que entrou de dia, por ſuſpeitar que nellas eſtavam as galés do Cafár, o que não era; e entrando dentro, tomáram algumas gelvas, em que cativáram alguns Mouros, de quem ſouberam não haver em Meca mais que as galés do Cafár, que eſtavam varadas. Com eſtas novas atraveſsáram a coſta da Abaſſia, e foram haver viſta da Ilha Çuaquem, já de noite. E entendendo João Peixoto que haviam de eſtar deſcuidados de poder haver embarcações de Portuguezes, determinou de ver ſe podia fazer huma boa preza; e parecendo bem aos companheiros, foram no quarto dante alva demandar a Ilha, onde deſembarcáram ſem ſerem ſentidos. E como os Paços de El-Rey ficavam ſobre o mar, os demandáram

em

em muito ſilencio; e ſentindo tudo quieto, os entráram, e foram mettendo á eſpada alguns, que acháram dormindo nas primeiras caſas. E chegando á porta da camara, em que ElRey dormia, a abalroáram com grande determinação, e preſteza; e tomando o Rey de ſobreſalto, ſem cuidar que lhe eſtava aquelle damno apparelhado, o matáram, e com elle algumas peſſoas, que acudíram aos gritos, e algumas mulheres, e outras peſſoas foram cativas, e ſaqueáram o que na camara havia; e com eſte proſpero feito ſe recolhêram aos navios, ſem lhes acontecer deſaſtre algum; e affaſtando-ſe da Ilha, foram ſurgir de longo da coſta, onde deſcançáram a mór parte da noite; e tanto que entrou o dia, foram correndo de longo della, abrazando, queimando, e deſtruindo alguns lugares, ſaqueando, e roubando muitas couſas, com que os ſoldados houveram o trabalho por bem empregado; e aſſim foram ter ao porto de Arquicó, pera recolherem o Padre Meſtre Gonçalo, onde ficáram eſperando por elle; que como foi tempo, em que lhe pareceo que era bem que foſſe pera o mar, (porque conforme ao regimento que levava, bem ſabia que haviam de ir navios da India em buſca delle, ou de ſeu recado,) ſe foi deſpedir do Imperador, e lhe pedio licença pera ſe vir, e elle lha deo,

e

e mandou efcrever a ElRey, e ao Governador cartas de grandes agradecimentos, do amor, e vontade que moftravam pera fuas coufas, e do trabalho que tinham levado em haver do Summo Pontifice, Patriarca, e Bifpos pera aquelle Imperio; que elle lhe ficava por iffo em grande obrigação de o fervir, e de o ter a elle Rey de Portugal em conta de pai; e que elle ficava preftes pera receber o Patriarca como elle merecia: mas não fe penhorou em palavras na mudança dos coftumes.

Recebidas as cartas, fe defpedio o Padre do Imperador, que o mandou acompanhar, e prover de todo o neceffario em abaftança; e no fim de Março chegou ao porto de Arquicó, onde João Peixoto o eftava efperando; e recolhidos nas galeotas, deram á véla, e chegáram a Goa na entrada de Maio. E o Padre Meftre Gonçalo deo ao Governador relação de tudo o que paffou com aquelle Imperador, e lhe affirmou, que fe não mudaria de fua tenção; o que elle, e os Padres fentíram muito, pelo pouco fruito que fe efperava tirar do grande trabalho, e defpezas que ElRey tinha feito naquelle negocio: e do que niffo mais paffou, adiante em feu lugar daremos larga conta. Com a chegada deftes navios fe cerrou o inverno, e o Governador ordenou finco Capitães pera

ra

ra darem mezas a todos os ſoldados, e eſtes foram Pero Barreto Rolim, Martim Affonſo de Miranda, Jorge da Silva, Pantaleão de Sá, e Ruy Barreto Maſcarenhas. E todo o inverno gaſtou o Governador na reformação da Armada, que de novo fazia, cujo trabalho, e meneio repartio pelos Fidalgos, e todos os dias viſitava a ribeira, e lá jantava; e aſſim ſe corria com a obra com muita preſteza, e alegria, porque todos andavam ſatisfeitos, e contentes.

CAPITULO IV.

Do que ſuccedeo a D. Alvaro da Silveira na viagem: e das deſavenças que teve com Bernaldim de Souſa, Capitão da fortaleza de Ormuz: e do que lhe aconteceo no Eſtreito de Baçorá.

DE todas as couſas deſte verão nos fica ſó por continuarmos com D. Alvaro da Silveira, que deixámos partido pera Ormuz no Cap. I. deſte III. Liv., e agora o faremos, porque cabe aqui melhor. Eſte Capitão foi ſeguindo ſua derrota até haver viſta da coſta da Arabia; e dobrando o cabo Roſalgate, tomou aguada em Teive, onde ſe apercebeo de agua, e dalli ſe paſſou a Ormuz, e ſurgio defronte daquella fortaleza, onde foi logo viſitado da parte de Bernal-

dim de Sousa, Capitão della, que era mui grande seu amigo, e lhe mandou pedir que quizesse ser seu hospede. D. Alvaro, que já vinha em outro bordo, por mexericos que tocavam em ciumes de huns amores, (com ser hum dos móres amigos que Bernaldim de Sousa tinha, e que já em Goa tomára bandos por elle, até contra o Governador, com quem teve paixões sobre cousas suas,) em lhe dando o recado de Bernaldim de Sousa, respondeo » que não vinha pera des» embarcar aquelle dia, e que ao outro o » faria, » e assim o fez; porque tanto que amanheceo, se metteo no batel do seu galeão, acompanhado de alguns Fidalgos, que com elle hiam embarcados, e foi demandar a terra. Bernaldim de Sousa sendo avisado que desembarcava, o foi esperar á praia muito alvoroçado pera o ver; mas D. Alvaro, que levava differente pensamento, sendo já perto da terra, que vio Bernaldim de Sousa, voltou com o batel, e foi correndo a ribeira pera a banda da Alfandega, e foi desembarcar á porta do Mosteiro de S. Domingos, que estava huma casinha pobre, (que hoje he Hospital pelos Padres já não estarem nesta terra,) deixando Bernaldim de Sousa na praia, porque de proposito lhe quiz fazer este tiro, pera que entendesse que não vinha seu servidor. Bernal-

naldim de Soufa tanto que o vio voltar de tão perto, logo o entendeo, e diffimulou com o negocio, e abalou com toda a gente pera S. Domingos, onde achou D. Alvaro da Silveira á Miffa, e foi-fe pera elle, e falláram-fe, achando a D. Alvaro fecco, e differente do que dantes moftrava.

Acabada a Miffa, fe fahíram pera fóra, e Bernaldim de Soufa o convidou pera o jantar, que lhe elle acceitou; e indo pera a fortaleza, chegando á Feitoria de ElRey, lhe diffe D. Alvaro da Silveira, que tinha hum negocio com o Feitor, que lhe déffe licença pera fe deter, que logo fería com elle. Bernaldim de Soufa fe foi, e diffe pera os que hiam com elle: » Não ha de vir, » porque fe nós tiveramos a vacca preza, » o novilhinho entrára no curral. » D. Alvaro ficou negociando com o Feitor algumas coufas pera o provimento de fua Armada, e deo ordem pera fe armarem mais alguns navios, por Provisões que para iffo levava, porque determinava de paffar logo a Baçorá; e acabando de fazer aquelle negocio, fe foi embarcar, mandando da praia dizer a Bernaldim de Soufa, que não efperaffe por elle, porque fe lhe offerecêra hum negocio, que lhe era forçado ir-fe pera o galeão. Bernaldim de Soufa nem então lhe quiz dar a entender que o entendia, (porque na verdade

de eſtava ſem culpa na materia, por que elle vinha eſcandalizado,) e lhe mandou de jantar ao galeão muito bem. D. Alvaro da Silveira foi dando preſſa ao aviamento de ſua Armada, deſembarcando todos os dias em terra, e ſempre Bernaldim de Souſa o eſperou, mas nunca quiz entrar na fortaleza; e armou mais ſeis navios de remo, e os proveo de Capitães, que foram, Henrique Soares, Franciſco Jorge, Gaſpar do Amaral, Antonio Nunes, e Antonio Gonçalves; e outro, a que não achámos o nome.

Preſtes tudo, ſe partio D. Alvaro da Silveira pera Baçorá em Junho; e antes de chegar á fortaleza de Reixel do Eſtado da Perſia, que fica ſobre a boca do rio Eufrates, encontráram huma terrada, que levava cartaz de Bernaldim de Souſa; e ſendo levada ao Capitão mór, mandou recolher no ſeu galeão todos os mercadores, e fazendas com huma boa cópia de dinheiro, ſem lhe querer guardar o cartaz, com os mercadores lhe fazerem ſobre iſſo muitos proteſtos, e requerimentos. E eſtando ſurto hum pouco fóra do rio Eufrates, eſperando por recado dos Gizares, e do Rey, que foi de Baçorá, lhe deo huma tormenta tamanha, que a não pudéram aguardar ſobre a amarra, e foi-lhes forçado darem á véla, e correrem com os traquetes á vontade dos ventos pera Ormuz;

e

e de feição, que ſe dividíram todos os navios, e os mais delles chegáram deſtroçados, e alagados a Ormuz, como tambem fez D. Alvaro da Silveira no ſeu galeão, que ſurgio no porto ſem querer deſembarcar, porque logo foi aviſado, que Bernaldim de Souſa eſtava muito tomado de lhe não guardar o ſeu ſeguro á terrada que tomára, do que ſe havia por tão affrontado, e offendido, que esbravejava de ira de feição, que a paixão lhe não dava lugar algum ao ſoffrimento. E affirmáram algumas peſſoas, que deſejára de ſe encontrar com D. Alvaro da Silveira, e que o fora eſperar de noite, cuidando que deſembarcaſſe, e foſſe a parte onde o encontraſſe; mas D. Alvaro da Silveira não deſembarcou. E depois de tomar alguns provimentos, e reformar a Armada, ſe partio pera Maſcate, onde eſteve até ſer tempo de ſe partir pera Goa, e recolher as náos de Ormuz pera lhe ir dando guarda. Bernaldim de Souſa ficou tão apaixonado, e deſgoſtoſo, que cahio em cama, e de feição, que deſta feita veio a falecer, como adiante diremos.

CA-

CAPITULO V.

Das cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e da guerra que se proseguio contra o Tribuli Pandar: e de como elle fugio pera Jafanapatão, onde foi morto: e da guerra que o Madune tornou a fazer a ElRey da Cota.

DEixámos o inverno passado recolhido o Tribuli Pandar nas sete Corlas, depois de desbaratado; e vendo-se alli tão perseguido, se foi metter com o Principe de Urunguré, que he huma das Corlas, por ser muito seu parente, e elle o agazalhou bem, e o favoreceo contra o Madune, e lhe deo todas as cousas necessarias pera a guerra; mas como o Tribuli Pandar era máo, e perverso, em pago deste grande beneficio, matou huma noite o Principe, apoderando-se da Cidade, em que se fortificou com os seus, fazendo-se Senhor dos Paços, casa, e thesouro do Principe. Vendo-se este tyranno com posse, e senhor de Urunguré, determinou senhorear todas as sete Corlas, que era hum Estado grande, e em que os Portuguezes, nem o Madune lhe podiam fazer damno, por ser todo de serras altas, e de passos estreitos, e difficultosos. Determinado nisto, ajuntou gente, e começou a entrar pelas outras

tras Corlas com mão armada a tomar-lhes, e deſtruir-lhes ſeus lugares.

Vendo os naturaes tamanha maldade em hum homem, como foi matar hum Principe, que o agazalhou em ſeus trabalhos, e perſeguições, e tanto ſeu parente, ſe carteáram todos, e fizeram huma liga geral contra elle, jurando com ſuas ceremonias de morrerem todos aſſim na defensão de ſuas Cidades, como na vingança da morte daquelle Principe; e ajuntando todo o poder, occupáram, e fortificáram os paſſos por onde eſte tyranno os podia entrar; e pera mór ſegurança, mandáram Embaixadores a Affonſo Pereira de Lacerda, Capitão de Ceilão, a pedir-lhe ſoccorro de ſoldados, promettendo que a todos os que lá foſſem, pagariam a quinze pardáos de ouro por mez a cada hum.

Vendo Affonſo Pereira de Lacerda ſeu requerimento, e razão, havendo que era ſerviço de ElRey favorecerem aquelles póvos, porque ſe não vieſſe aquelle tyranno a fazer ſenhor daquellas Cidades, (porque daria muito grande oppreſsão, e trabalho a toda aquella Ilha,) deſpedio logo hum João Fernandes Columbrina, ſoldado velho, e bom Cavalleiro, com ſeſſenta Portuguezes, que folgáram de ir áquelle negocio, pelas groſſas pagas que lhes promettêram; e foram-ſe ajun-

tar com os naturaes daquellas Corlas, e começáram a fazer guerra ao Tribuli Pandar pela parte de ſima, e o Rajú, filho do Madune (de quem ſe tambem valêram) pela parte debaixo; e aſſim perſeguíram aquelle tyranno, que de ſe ver perdido, tratou de ſalvar ſua peſſoa, como fez huma noite, levando ſua ſogra, e a mulher, filha do Madune, com os theſouros que pode; e por caminhos eſcuſos ſe foi pera Jafanapatão a pedir ſoccorro áquelle Rey, pera tornar a voltar com mór poder; e elle o recebeo humanamente. E praticando depois em ſeu negocio, e dando-lhe conta de ſuas couſas, a voltas dellas lhe diſſe a obrigação que tinham todos os Reys daquella Ilha, de lançarem fóra della os Portuguezes, fazendo-lho tão facil, que o moveo a lhe dar ſoccorro contra elles, e a ſolicitar todos os Reys amigos, e parentes. E para mór ſegurança diſto, ajuntáram-ſe em hum Pagode, pera nelle jurarem aquella liga com as ceremonias antre elles coſtumadas. Mas como a couſa, que mais aborrece a Deos, ſão homens falſos, e tyrannos, quiz logo caſtigar eſte Tribuli Pandar, quando elle eſtava mais embebido na vingança do ſeu odio; e foi deſta maneira.

Eſtando eſtes Principes diante de ſeus Idolos pera fazerem ſeus juramentos com grandes

des feſtas, e regozijos, acertou de cahir a hum ſoldado huma pouca de polvora do fraſco da eſpingarda, e outro traveſſo, que eſtava junto delle, a lhe pôr o fogo, o que ſuccedeo pegado com ambos aquelles Principes. E como o Tribuli Pandar andava receoſo, e de todas as couſas ſe temia, (que he o pezo que os máos trazem ſempre ſobre o coração, em pena de ſua maldade,) tanto que vio a labareda da polvora, cuidando que era traição, arrancou da eſpada contra ElRey; e antre todos ſe ateou huma grande briga, em que o Tribuli Pandar foi morto, ficando deſta feita a Rainha velha, o neto, ſua nora, e theſouros em poder daquelle Rey; e por aqui ſe acabáram todas ſuas guerras, e trabalhos, (que os Capitães de Columbo perſeguíram, tendo pela ventura no principio pequenas culpas; porque ſe chegou a morder, foi porque o acoſſárão.) E depois que elle acabou, começáram os grandes trabalhos daquella Ilha, e ſe perdeo o Reyno da Cota; e houve tantos cercos ſobre aquella fortaleza, e ſobre a de Columbo, como pelo decurſo das Decadas oitava, nona, e decima ſe veram; porque nunca o Madune ſe deſavergonhára tanto, ſe o Tribuli Pandar vivêra, por ſer o que lhe quebrava, e abatia ſua ſoberba, e tyrannia.

Vendo o Madune morto o Tribuli Pan-

dar, e o Camereiro mór de ElRey da Cota, e ſeu cunhado Alança Modeliar, e o filho do Capitão preto prezos, e homiziados com os Portuguezes, (tudo ordenado por ſua induſtria a eſte fim,) ordenou logo de proſeguir na guerra da Cota, e não levár mão della, até ſe fazer Senhor daquelle Reyno, pera ſe coroar por Imperador livremente. E ajuntando ſeus exercitos, mandou ſeu filho o Rajú, que elle foi creando, e dando azas, e brio pera depois o matar a elle, e a ſeus irmãos legitimos, e a ſe fazer Rey, (como na undecima Decada diremos, pagando o Madune ſua tyrannia por mãos de ſeu proprio filho,) que foſſe proſeguir na guerra, e puzeſſe cerco a Cota; o que elle fez, ſahindo de Ceitavaca com hum groſſo exercito; e entrando pelas terras daquelle Rey, foi fazendo grandes damnos, e eſtragos.

Eſtava neſte tempo na Cidade da Cota com aquelle Rey Affonſo Pereira de Lacerda com pouca gente, e com eſſa que tinha provêo os paſſos da Cidade, e os fortificou o melhor que pode, e pelos rios eſpalhou dez, ou doze navios, de que eram Capitães Fernão de Caſtro, Domingos Rapoſo, João Rodrigues Correa, Antonio de Eſpindola, Diogo Juzarte, Chriſtovão das Neves, Gaſpar Lopes, Vicente Bello, Anto-

nio

nio Fernandes, Gonçalo de Chaves, Antonio de Araujo, Antonio Jorge, Domingos Dias; e por Capitão mór de todos Fernão Peres de Andrade. Estes navios andáram defendendo a passagem ás gentes do Rajú, dando-lhe tambem em alguns lugares do pai, que destruíram, e abrazáram. ElRey da Cota, posto que estava desbaratado, ajuntou tambem suas gentes, e lançou no campo alguns Modeliares, que tiveram muitos recontros com os inimigos, em que houve damno de parte a parte. E porque estes assaltos foram muitos, e miudos, e não achámos lembrança de cousa notavel, passaremos por elles; basta que ficáram parte do veram, e todo este inverno, fazendo-se toda a guerra que pudéram, e assim os deixaremos até tornar a elles.

CAPITULO VI.

Da Armada que este anno de sincoenta e seis partio do Reyno, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira: e do que lhe succedeo na viagem: e do em que o Governador Francisco Barreto proveo sobre as cousas do Patriarca: e da viagem que fizeram as náos até o Reyno.

PEla Armada do anno de sincoenta e quatro, que chegou em Agosto de sincoenta e sinco, soube ElRey ficar na India o Vi-

Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, que nella foi, o que eſtimou muito; e na entrada de Janeiro de ſincoenta e ſeis mandou dar preſſa á Armada que havia de ir pera a India, de que era Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira. E porque deſejava de deſpedir eſtas náos cedo, (porque as da Armada do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas por partirem tarde arribáram humas, e outras tiveram muito ruim viagem,) entrou logo no deſpacho das couſas da India, e na embarcação do Patriarca da Abaſſia, e Biſpos, que haviam de ir aquelle anno. E pera mais authoridade, e obrigar com iſſo muito áquelle Imperador, ordenou de lhe mandar hum Embaixador, e dizem que commettêra pera iſſo D. Antonio de Noronha o Catarraz, que havia de ir pera a India neſta Armada, e que por pedir muitas couſas ſe deſaviera, e elegeo ElRey pera iſſo a Fernão de Souſa de Caſtello-branco, e o deſpachou com a Capitanía de Chaul, e com mil pardáos de tença, em quanto não entraſſe nella; e mandou eſcrever áquelle Imperador cartas de muita obrigação, em que lhe pedia quizeſſe dar a obediencia á Santa Sé Apoſtolica, e receber o Patriarca, como huma tamanha dignidade merecia. E paſſou Proviſões ao Governador pera dar a Fernão de Souſa de Caſtello-branco quinhentos

tos homens, e Armada baſtante pera elles, pera pôr o Patriarca, e Biſpos na Abaſſia.

Eſtas náos deram á véla a quinze de Março, o Capitão mór D. João de Menezes de Siqueira na Garça, Jorge de Brito em Flor de la mar, Pero de Goes no galeão S. Vicente, Martim Affonſo de Souſa, filho do Veador do Cardeal D. Henrique, e que depois foi Governador de Angola, em São Gião, e Antonio Fernandes em S. Paulo, cujo ſenhorio elle era. Neſta náo ſe embarcou D. Antonio de Noronha o Catarraz, que tinha arribado na náo Flamenga, de que era Capitão D. Manoel Tello, como atrás diſſemos.

Tanto que D. Antonio de Noronha chegou ao Reyno, ſe foi recolher em S. Franciſco; e ſendo ElRey diſſo aviſado, mandou ſaber delle, ſe aquillo era fazer mudança na vida, ou ſe por outro algum reſpeito; ao que lhe reſpondeo » que ſe recolhêra com os Frades por pobre; porque antes » queria acceitar delles huma ração, que pejar, nem enfadar parente algum ſeu. » Vendo ElRey aquillo, o mandou chamar, e lhe fez mercê da Capitanía de Dio, por lhe caber logo apôs D. Diogo de Noronha, que nella eſtava, e lhe mandou dar dinheiro pera ſuas deſpezas, em quanto ſe não embarcava; e agora pera ſua embarcação lhe man-

dou

dou empreſtar dous mil cruzados do cofre do cabedal, que hia pera a pimenta, pera na India os tornar; porque os Reys de Portugal ſempre andáram eſpreitando as neceſſidades de ſeus vaſſallos, pera as remediarem como pais; porque ſabiam muito bem, que elles como filhos no amor, e como vaſſallos leaes na obrigação, arriſcavam as vidas, todas as vezes que era neceſſario por ſeu ſerviço, a todos os perigos que ſe offereciam.

Neſtas náos provêo ElRey em muitas couſas, que lhe parecêram neceſſarias ao bom governo do Eſtado da India, e encommendou muito ao Viſo-Rey, que mandaſſe huma peſſoa de confiança a correr os pórtos da Ilha de S. Lourenço, pera ver ſe achavam por elles algum raſto da gente das náos Burgaleza, e Santa Cruz, que deſapparecêram, vindo pera o Reyno, o anno de ſincoenta e tres, porque ſe preſumia que deram por aquella coſta; e que notaſſem em todos aquelles pórtos o que foſſe mais accommodado pera nelle ſe fazer huma fortaleza; e que aſſentaſſem pazes, e commercio com os Senhores dos pórtos de mar, e viſſem ſe aquella gente era capaz de receber a Ley de Chriſto.

Eſtas náos foram ſeguindo ſua derrota, ora com bonanças, ora com contraſtes, até paſſarem o cabo de Santo Agoſtinho, que

que foram em demanda do de Boa Esperança; sómente a náo S. Paulo, depois de passar o Cabo de Santo Agostinho, (que foi já muito tarde,) começou a haver antre os homens do mar alterações, e requerimentos ao Capitão, que arribassem, porque a náo não levava agua; e chegou a cousa a estado, que não quizeram acudir, nem obedecer ao Mestre. A isto acudio D. Antonio de Noronha, e ajuntando-se com o Capitão, elegêram alguns homens honrados, e de verdade pera darem busca á náo, e saberem a agua que havia; e descendo ao porão, e ás cubertas, em que se metteo a agua de ElRey, achában tão pouca, que nos affirmáram não chegar a vinte pipas; pelo que lhes foi necessario arribarem ao Brazil, e foram tomar a Bahia de Todos os Santos, onde estava por Governador D. Duarte da Costa, que mandou recolher os doentes no Hospital, e aos sãos ordenou darem-lhes mezas; e Dom Antonio de Noronha recolheo comsigo perto de trinta soldados, criados de ElRey, e lhes deo de comer á sua custa todo o tempo que alli esteve, e depois até os pôr na India. As mais náos passáram á India, e tomáram Goa, e nellas vieram as novas da morte do Infante D. Luiz, que todos geralmente sentíram, porque perdêram nelle os Fidalgos tamanho terceiro pera seus despachos,

chos, que depois de declarados lhe hiam beijar a mão por elles, porque sempre foi requerente de todos. E as cousas da India, por ella ser descuberta por ElRey D. Manoel seu pai, favoreceo sempre, e amou sobre todas; e assim dizem que desejou summamente ir a ella, mas que tivera a isso grandes inconvenientes.

Foi este Principe por sua boa, e real natureza muito amado de todos, não só dos naturaes, que o tinham em conta de pai, mas ainda dos estrangeiros; e assim todos o sentíram, e choráram. E eu tambem o fiz ao escrever disto, porque toda a honra, ser, e creação que tenho, me veio delle; porque de idade de dez annos o comecei a servir, e me achei na casa em que faleceo com huma tocha nas mãos; e por ficar desamparado por sua morte, me passei á India, onde atégora sempre servi, e militei. Tambem vieram nestas náos novas de como o Imperador Carlos V. de gloriosa memoria, se recolhêra á Religião no Convento de S. Jeronymo de Juste, por ser lugar sadio, e accommodado a quem larga governo, e inquietações do Mundo, e deixára o governo de seus Reynos ao muito Catholico Principe D. Filippe seu filho.

Chegadas as náos a Goa, logo o Governador se começou a fazer prestes pera ir ao

Nor-

Norte, pera o que efcreveo a ElRey de Cochim, e áquella Cidade, que lhe mandaffe alguns Naires, navios, e gente pera o acompanharem; e o mefmo efcreveo a Cananor, e que efperava de partir na entrada de Novembro; e começou logo a entender no defpacho das náos, que haviam de ir pera o Reyno. E porque faltava a náo S. Paulo, que ficou invernando no Brazil, não querendo que foffem menos náos, e carga, o feu primeiro anno, em que pertendia ficar acreditado com ElRey, comprou huma muito formofa, e nova do eftaleiro, que eftava no porto de Goa, a Eftevão Pereftrello, Capitão de Carania, e deo a Capitanía della a Francifco Nobre, que ficou em Goa, por fe perder nos baixos de Pero dos Banhos, (como atrás diffemos no Cap. VII. do II. Liv.) por fer da obrigação do Conde da Caftanheira; e defpedio com muita preffa as náos pera irem tomar a carga a Cochim, pera ficar defembaraçado, e entender fó na fua Armada, em que pertendia ir ao Norte. Eftas náos tiveram muito ruim viagem, e fó a Capitânia chegou ao Reyno; Flor de la mar, S. Gião, e o galeão S. Vicente invernáram em Moçambique, e depois em Novembro partíram pera o Reyno, aonde chegáram; e a náo S. Gião, em que hia por Capitão Martim Affonfo de Soufa, pelejou

na

na coſta do Algarve com quatro galés de Turcos muitas horas, e ſe apartáram quaſi desbaratados, ficando tambem a náo bem deſtroçada, e aſſim entrou pela barra de Lisboa dentro.

CAPITULO VII.

De como o Patriarca, e o Embaixador do Preſte tratáram com o Governador Franciſco Barreto ſobre ſua ida: e dos entretimentos, e eſcuſas de que uſou, e do conſelho que ſobre iſſo tomou, em que ſe aſſentou foſſe o Biſpo D. André de Oviedo: e de como mandou á Ilha de S. Lourenço Balthazar Lobo de Souſa.

VEndo o Patriarca, e Fernão de Souſa de Caſtello-branco, Embaixador da Ethiopia, que o Governador Franciſco Barreto ſe fazia preſtes pera ir ao Norte, ſem tratar das couſas da Ethiopia, que ElRey tanto lhe encommendava, foram-ſe a elle, e lhe apreſentáram as inſtrucções, e Proviſões de ElRey, e lhe requerêram que as cumpriſſe, e lhe déſſe a Armada, gente, e todas as mais couſas que ElRey mandava, pera paſſarem á Ethiopia, couſa, em que elle levava tamanho goſto, e tinha mettido tão grande cabedal. O Governador vendo-ſe apertado delles, reſpondeo » que aquelle

» ne-

» negocio era de muito grande consideração,
» e que o Estado não estava pera poder ti-
» rar de si seiscentos homens, e Armada bas-
» tante pera elles, tantos marinheiros, ar-
» tilheria, munições, e outros petrechos, de
» que os Armazens estavam faltos; que pri-
» meiro havia de dar relação a ElRey do que
» o Padre Mestre Gonçalo passára com aquel-
» le Imperador, e de como o achára duro
» na mudança de seus costumes; e que não
» era licito, nem honra da Sé Apostolica,
» que huma tamanha dignidade, como era
» a do Patriarca, se abalasse a cousas duvi-
» dosas, e se arriscasse a ser desprezado, e
» maltratado de homens, que professavam
» serem Christãos; e que escrever elle que
» lhe mandassem o Patriarca, e Bispos, fo-
» ra mais por cumprimento, que por vonta-
» de;» e com isto se concluio.

Os Prelados, e Padres da Companhia, que se acháram presentes, ficáram muito descontentes da pouca vontade que víram no Governador, e fizeram queixas aos principaes Fidalgos da India, como D. Alvaro da Silveira, D. Antão de Noronha, Fernão Martins Freire, Martim Affonso de Miranda, e outros, que fizeram suas lembranças ao Governador sobre aquellas cousas, que sempre insistio em não ser bem ir o Patriarca, nem o Estado lhe poder dar a gente, e Ar-

ma-

mada que ElRey mandava, resumindo-se, que todavia se o Patriarca quizesse passar á Ethiopia, que faria huma Armada conforme ao tempo; mas que havia de ir nella Fernão Martins Freire por Capitão mór, (não tratando cousa alguma de Fernão de Sousa,) que o poria em Arquicó, e lhe daria sessenta soldados pera o acompanharem até á Corte do Imperador, que isso lhe bastava. Disto ficáram o Patriarca, e Fernão de Sousa aggravados do Governador, e respondeo o Patriarca » que se não havia de abalar » de Goa, senão na fórma que ElRey man- » dava, e em companhia do Embaixador que » com elle viera; » e o Padre D. Gonçalo da Silveira, Provincial da Companhia, desgostoso disto, se embarcou logo pera Cochim, sem querer mais ver o Governador, que cuidando devagar naquellas cousas, e vendo as instrucções, e Alvarás de ElRey, e o muito que lhe encommendava aquelle negocio, e as diligencias que o Embaixador, e Patriarca sobre isso tinham feito, não quiz que escrevessem a ElRey, o pouco que naquelle caso fizera.

Pelo que mandou chamar a conselho geral todos os Prelados Theologos, e Fidalgos velhos, e lhes disse » que elle estava pres- » tes pera fazer nas cousas do Patriarca, o » que lhe ElRey mandava; mas que bem

» viam

» viam, que o Eſtado não eſtava pera tirar
» de ſi tanta gente, e Armada, porque nem
» ſoldados, nem dinheiro havia; que ſe tor-
» naſſe a ouvir alli o Padre Meſtre Gonça-
» lo, e que com a informação que tornaſſe
» a dar das couſas do Preſte, aſſim votaſſem,
» porque elle eſtava preſtes pera pôr em or-
» dem tudo o que ſe aſſentaſſe.» Sobre iſto
tornou o Padre Meſtre Gonçalo a dar rela-
ção das couſas daquelle Imperador, e de co-
mo o achára frio nas couſas da Fé, e das
inquietações que aquelle Imperio padecia com
os inimigos; mas que tambem era lá mui-
to necaſſaria a preſença do Patriarca, por-
que podia ſer que com aquelle Imperador
o ver, ſe moveſſe ao que ElRey pertendia.
Sobre iſto tornáram a votar todos; e os mais
foram de parecer, que ſe não arriſcaſſe a
peſſoa do Patriarca por então, porque o Eſ-
tado não eſtava pera o mandar com o ca-
bedal que ElRey mandava. E que ſe fizeſ-
ſe primeiro a ſaber; mas que tambem ſe não
deſamparaſſe aquella Chriſtandade, porque
de huma hora pera a outra podia Deos mo-
ver o coração daquelle Imperador, e que
pera iſſo ſe mandaſſe o Biſpo D. André de
Oviedo, com alguns companheiros, e Pa-
dres da Companhia, pera verem, e conſo-
larem aquella Chriſtandade, porque de to-
do ſe não apagaſſe. E que achando ſitio, e
diſ-

diſpoſição pera ſe fazer algum fruito no Imperador, e nos naturaes, então poderia ir o Patriarca, como ElRey mandava.

Com eſta reſolução mandou o Governador Franciſco Barreto negociar quatro navios, de que deo a Capitanía a Manoel Travaſſos, e deo ao Biſpo todas as couſas neceſſarias pera a jornada; e ordenou que foſſe em ſua companhia a modo de Embaixador Gaſpar Nunes, que de lá tinha vindo com o Padre Meſtre Gonçalo, que foi dos que ficáram da companhia de D. Chriſtovão da Gama; e como o Governador eſtava apreſſado pera ir ao Norte, deixou ordem pera partirem em Janeiro.

E porque ElRey lhe encommendava muito, que mandaſſe á Ilha de S. Lourenço a ſaber ſe havia por ſeus pórtos novas algumas da gente daquellas náos perdidas, de que atrás fizemos menção no Cap. VI. deſte III. Liv., e pera outras couſas, que mandava por ſuas inſtrucções, elegeo pera eſta jornada Balthazar Lobo de Souſa com huma caravela, e duas fuſtas de remo, de que eram Capitães João Gallego, e Pero Rodrigues Barriga, e lhes deo o traslado do regimento de ElRey, e outro ſeu ſobre as meſmas couſas, e com ordem que partiſſe no meſmo tempo que Manoel Travaſſos.

CA-

CAPITULO VIII.

Da Armada que o Governador Francisco Barreto mandou ao Malavar: e de como elle partio pera o Norte, e Dom Diogo de Noronha se foi ver com elle a Baçaim.

DEspedidas as náos pera Cochim, proveo o Governador Francisco Barreto a costa do Malavar com só sete navios, por não haver por então necessidade de mais Armada, de que fez Capitão mór Miguel Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova Carneiro, Secretario de ElRey; e os mais Capitães eram, Belchior Carvalho, João Rodrigues de Sousa, Antonio Pimenta, Luiz Mendes de Vasconcellos, Jorge Gonçalves, e Pero de Figueiredo. E porque a Armada não fez cousa notavel, mais que enxotar alguns ladrões formigueiros, acabaremos aqui com ella, por não tomarmos o tempo a outras cousas. E logo apôs esta Armada despedio Pero de Ataíde Inferno com huma galeota Latina, e sinco navios pera ir ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Meca, onde lhe não aconteceo cousa notavel.

Partidas estas Armadas, se embarcou o Governador em Novembro, e deo á véla com huma frota de cento e sincoenta navios,

em que entravam treze galés, e oito galeões, e tudo o mais galeotas, fuſtas, e catures. Os Capitães das galés eram, Fernão Martins Freire, D. Fernando de Monroy, Martim Affonſo de Miranda, Pero Barreto Rolim, Baſtião de Sá, Pantaleão de Sá ſeu irmão, D. Pedro de Souſa, Ruy Barreto Maſcarenhas, e o Governador na galé Reliquias, que era a mais formoſa peça que havia, D. Franciſco Maſcarenhas, Alvaro Paes de Soto-maior, e D. Filippe de Caſtro. Em galeotas Latinas D. Martinho da Cunha, D. Alvaro da Silveira, que tinha chegado de Ormuz, D. Pedro de Menezes, Ayres Gomes da Silva, e Triſtão Vaz da Veiga em galeões. Os Capitães das fuſtas eram, D. João de Ataíde, que eſte anno veio deſpachado com a Capitanía de Ormuz pera logo, D. João Coutinho, D. Pedro de Noronha, D. João Tello, D. Pedro Deça, Ayres Telles de Menezes, D. Diniz, Gonçalo Falcão, Garcia de Sá, Antonio de Souſa Coutinho, D. Franciſco de Moura, André Pereira, Alvaro Pires de Tavora, Jorge Pereira Coutinho, Chriſtovão de Souſa, Manoel de Mello, Martim Affonſo de Mello Hombrinhos, Alvaro de Caſtro, Jeronymo de Souſa, Luiz Cabral, André de Souſa, João de Mello de Brito, Antonio de Noronha, D. Luiz de Almeida, Antonio

Fer-

Ferrão, Fernão Peres de Andrade, que tinha vindo de Ceilão, Pero Mafcarenhas, Luiz Freire de Andrade, Lopo de Brito, Alvaro Reinel, Triftão de Paiva, Antonio de Sampaio, Cifal Pinheiro, Nuno Vaz de Villa-lobos, Ruy de Mello da Camara, Pero Fernandes de Carvalho, Ayres Falcão, Cofmo de Caftro, Antonio Gomes da Silva, Jorge Tofcano, Fernão de Sá, Jeronymo de Mefquita, Ruy Dias Pereira, João Alvares Pereira, Vafco da Silva, Gonçalo Guedes de Soufa, Diogo de Miranda de Azevedo, Martim Lopes da Fonfeca, Belchior Correa, o Ouvidor Geral, o Secretario Antonio Coelho, Antonio Martins, João Rodrigues, Antonio Borges, João Peixoto, João Freire, Manoel Boto, Fernão Paes, Aleixos Malho, Simão da Cunha, André Coelho, Anadel mór dos efpingardeiros, Antonio de Siqueira, Capitão da guarda do Governador, Balthazar Monteiro, Manoel Mouro, Antonio de Arzila, Manoel Pinto, André de Villa-lobos, Manoel Affonfo, Francifco Dias, Belchior Godinho, Miguel Rodrigues Coutinho Fios feccos, Pedro Alvares de Cananor, Antonio de Almeida, Gonçalo Sanches, Jorge Gomes, Ruy Godinho de Cananor, Vafco Martins, Capitão de tres navios, que ElRey de Cochim mandou com Naires, Braz Frago-

ſo de Coulão, João Freire, Franciſco Rodrigues em huma galeota ſua, Franciſco de Alboquerque, Eſtribeiro do Governador com os ſeus cavallos, Diogo Banha, Chriſtovão Fernandes, Capitão de duas fuſtas, que a Cidade de Cochim mandou; e outros muitos Capitães, a que não achámos os nomes. O Governador foi tomar Chaul com toda eſta Armada, e de paſſagem deo ordem a algumas couſas; e deſpachou Baſtião de Sá pera ir entrar na Capitanía de Çofala, e Moçambique, que lhe cabia entrar naquelle Fevereiro, por acabar ſeu tempo D. Diogo de Souſa, neto do Conde do Prado, que depois foi General da Armada de ElRey Dom Sebaſtião na deſaſtrada paſſada de Africa.

Deſpachadas eſtas couſas, paſſou o Governador a Baçaim, onde deſembarcou, e ſe lhe fez o mór recebimento que podia ſer, porque fora alli Capitão, e eſtava muito bem áquiſto nella. Poucos dias depois chegou áquella Cidade D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, em quatro, ou ſinco navios, (porque do caminho lhe mandou o Governador recado pera que ſe foſſe ver com elle a Baçaim,) que foi bem recebido delle; e depois pedio ao Governador, que o ouviſſe, preſentes os Fidalgos do conſelho. E ſendo todos juntos, fallou muito largamente ſobre a troca, que o Governador queria

fa-

fazer da ametade do rendimento da Alfandega de Dio com a Cidade de Damão, apontando grandes inconvenientes, e desferviços, que niſſo ſe faziam a ElRey; porque naquella Ilha não era razão tornaſſe ElRey de Cambaya a ter quinhão, porque perdeſſe de todo as ſaudades della. E que ſe pareceſſe que cumpria ao Eſtado accreſcentar-ſe a elle a Cidade de Damão com toda ſua jurdição, e terras, que alli a tinha á mão; porque pelas differenças que havia antre os Governadores de Cambaya, ſer-lhehia muito facil tomalla, porque a poſſuia hum alevantado, que tinha muito pouca poſſe; e que ainda dizia mais: Que pelo eſtado em que as couſas de Cambaya eſtavam, elle ſe obrigava chegar até á Corte de Amadabá com ſó dous mil homens de pé, e trezentos de cavallo; e ſobre iſſo diſſe muitas couſas, com que venceo a todos, e votáram, que ſe deſiſtiſſe daquelle negocio; e que pois as couſas eſtavam tão diſpoſtas, que pera o anno tornaſſe o Governador ſobre Damão, e que entre tanto trabalhaſſe por haver as fortalezas de Aſſari, e Manorá, que eram da jurdição de Damão, pera ſegurarem as terras de Baçaim; porque os alevantados que as poſſuiam, faziam dellas muitas entradas nas terras, e aldeias de Baçaim. E que além diſſo lançariam mão de muitas aldeias da jur-

di-

dição daquellas fortalezas, que eram muito groſſas, e muito importantes a ElRey, e dariam de comer a muitos homens. Aſſentado iſto, deſpedio o Governador a D. Diogo de Noronha pera Dio, e elle ficou entendendo em outras muitas couſas.

CAPITULO IX.

De hum Embaixador de ElRey do Cinde, que veio ao Governador Franciſco Barreto: e do tempo, em que os Magores conquiſtáram aquelle Reyno da mão dos antigos Gentios.

PArtido o Governador Franciſco Barreto de Goa, ficou-ſe negociando Manoel Travaſſos pera levar o Biſpo á Abaſſia, que ſe embarcou com elle no ſeu navio, e levou comſigo ſeis Padres da Companhia de Jeſus, e todas as couſas neceſſarias pera naquelle Reyno celebrar o culto Divino com a mageſtade neceſſaria á ſua dignidade, pera que viſſem aquelles Chriſtãos a differença que havia dos coſtumes, e ceremonias Romanas das ſuas. Eſtes navios ſe fizeram á véla em Dezembro, e de ſua jornada adiante daremos razão.

No meſmo tempo chegou a Baçaim hum navio, em que vinha hum Embaixador do Rey do Cinde a tratar certas couſas com o Go-

Governador, que elle mandou deter na aguada, em quanto ſe lhe negociava ſeu recebimento, que foi com grande mageſtade; porque o Governador era hum Fidalgo muito apparatoſo. Depois o ouvio, e elle lhe deo huma carta de ElRey do Cinde, em que lhe mandava pedir ſoccorro de huma Armada pera contra hum tyranno alevantado, e que pagaria todas as deſpezas de gente, e navios que lá foſſem; e que ſempre em ſeu porto achariam os Portuguezes favor, e recolhimento, e ficaria antre elles commercio, e amizade perpétua. O Governador Franciſco Barreto poz aquelle negocio em conſelho; e aſſentou-ſe, que pois os gaſtos da Armada eſtavam feitos, e elle ſe havia de deter alli todo o verão, que devia ſatisfazer áquelle Rey, porque era amigo do Eſtado; e de ſeu commercio reſultavam a todos grandes proveitos, além dos que ſe eſperavam da jornada, que ſeriam bons, pera forrar parte das deſpezas, que naquella jornada eſtavam feitas.

Aſſentado iſto, começou o Governador a dar ordem á Armada, que havia de mandar, e elegeo pera Capitão mór della a Pero Barreto Rolim, e lhe nomeou vinte e oito navios, e ſetecentos homens; pera o que não foi neceſſario rogar algum, porque os ſoldados ſe offerecêram pelos proveitos que eſ-

esperavam ; e antes do Natal se fez Pero Barreto Rolim á véla , levando comsigo o Embaixador.

Os Capitães que nesta jornada o acompanháram , são os seguintes : D. Francisco de Noronha , Diogo de Miranda de Azevedo , Jorge Pereira Coutinho , Ayres Telles de Menezes, Jeronymo de Sousa , Manoel de Mello , André de Sousa , Diogo Juzarte Tição , Christovão de Sousa , D. João Tello , João de Mello de Brito , D. Luiz de Almeida , Antonio de Noronha , D. Pedro de Noronha , Gil de Goes de Lacerda , Martim Lopes de Faria , Pero Mascarenhas , Luiz Freire de Andrade , Gonçalo Sanches , Alvaro Affonso , Sebastião da Costa , João Rodrigues de Sousa , Christovão Cordeiro , Jorge Gomes , Belchior Godinho , Cifal Pinheiro , Antonio Godinho , Antonio de Sampaio , Gaspar Luiz , Pero Fernandes de Carvalho , e o Feitor da Armada.

Partidos estes navios , foram seguindo sua viagem , a que logo tornaremos , porque he necessario dar razão desta embaixada , e pera que mandava aquelle Rey pedir este soccorro. Pelo que se ha de saber , que estando por Governador da Cidade Cahandar , e suas terras , que partem com o Reyno Coraçone , hum Magor , chamado Xabec , filho de Janubec , muito parente dos Reys

Ma-

Magores, que ElRey Babur Paxá, pai de Hamaú Paxá, e avô de Hecbar, que hoje reina antre os Magores, tinha posto naquelle Estado, que era seu. Este Xabec era homem prudente, grande Capitão, e desejoso de subir a mais, e de se fazer Rey de algum grande Reyno. E querendo-o a fortuna favorecer nisto, offereceo-lhe huma occasião, de que logo lançou mão, que foi saber que havia divisões no Reyno do Cinde antre ElRey, e os Capitães. E ajuntando hum grande exercito, foi descendo de longo do rio, indo abaixo, quasi nos annos de 1525, sendo Governador da India D. Duarte de Menezes, senhor da casa de Tarouca, e foi ter ao Reyno do Cinde, que então era cousa muito grande, e o começou a conquistar. Reinava então nelle Jaraparos, Casta Camal, dos antigos Reys Gentios, em cujo poder havia muitas centenas de annos aquelle Reyno andava, e tinha seu assento, e Corte na Cidade Tantá, principal do Reyno, e das maiores, e mais ricas do Oriente, assim pela grossidão de seus mercadores, como pelas louçainhas, e subtileza de suas mecanicas, em que precediam, e faziam vantagem a todos, tirando os Chins.

E sabendo elle que Xabec lhe entrava por seus Reynos, ajuntando suas gentes, o foi buscar; e depois de ter muitos recontros,

tros, e batalhas, em que os Magores recebêram bem de damno, ficou elle roto, e desbaratado de todo, e com alguns poucos ſe recolheo pera o certão do Reyno de Cambaya, onde foi recolhido de alguns Reys Resbutos ſeus parentes, que reinavam em ſerras aſperas, e fragoſas. O Xabec vendo-ſe vitorioſo, foi entrando pelo Reyno, e ſujeitou tudo até a Cidade de Tantá, onde ſe fez alevantar por Rey; e como era prudente, ſocegou, e quietou os naturaes de feição, que já o amavam não como eſtrangeiro, ſenão como natural. Viveo eſte Rey dous annos, e deixou o Reyno pacifico, e quieto a ſeu filho Mirzachan o Hocen, em cujo tempo morreo Babur Paxá Rey dos Magores, e lhe ſuccedeo Hamaú Paxá ſeu filho, de quem na quarta, e quinta Decada démos larga relação, quando conquiſtou os Reynos de Cambaya.

Eſte Hamaú Paxá como era cubiçoſo de grande Monarquia, e deſejava de ſer outro Tamorlão, (cujo quarto neto era,) determinou conquiſtar os Reynos vizinhos todos, e depois os do Decan. E ſabendo no principio de ſeu reinado, como o Xabec, ſendo vaſſallo de ſeu pai, e Governador do Cahandar, conquiſtára o Reyno do Cinde; e que pelas obrigações ditas ficava ſeu vaſſallo, enviou-lhe a dizer por ſeus Embaixado-

res,

res « que aquelle Reyno fora conquiſtado por
» ſeu pai Xabec, que era vaſſallo de Babur
» Paxá ſeu pai, com gente, e cabedal ſeu;
» que ficava tambem obrigado a ſer ſeu vaſ-
» ſallo, e a lhe reconhecer ſuperioridade; e
» que ſó com iſſo o deixaria ficar no Rey-
» no. » O Mirzachan ouvindo a embaixada,
lhe reſpondeo com eſcuſas, e entretimentos,
que entendidos pelo Hamaú Paxá, ajuntou
groſſos exercitos, e entrou pelas comarcas
do Cinde (no principio das differenças de
Pero Maſcarenhas com Lopo Vaz de Sam-
paio) nos annos do Senhor de 1527. O Rey
do Cinde ſabendo como lhe entrava por ſuas
terras, como eſtava muito proſpero, e bem
quiſto de todos, o foi eſperar, e lhe deo
batalha, onde o desbaratou, e o fez fugir
a unhas de cavallo, ficando com iſto paci-
fico, e temido até á entrada deſte anno de
ſincoenta e ſeis, em que andamos, que fa-
leceo, depois de reinar trinta e tres annos;
e dizem alguns que de peçonha.

Morto eſte Mirzachan Hocen, por lhe
não ficarem filhos, alevantáram os naturaes
por Rey hum parente ſeu, chamado Mir-
zamhiſá Magor, Argú de nação, que era
Capitão geral de todo o Reyno, a quem
obedecêram todos os Governadores das Pro-
vincias; ſómente Soltão Mahamude, que eſ-
tava por Governador na Provincia Bachar,
que

que tanto que teve novas da morte do Rey, e da fuccefsão de Mirzamhifá, grangeou os grandes, e alevantou-fe por Rey daquella parte. O Mirzamhifá tanto que teve avifo difto, mandou-lhe Embaixadores, que defiftiffe do titulo de Rey, e ficaffe naquella parte por Governador, como eftava, reconhecendo-lhe obediencia. Ao que Soltão Mahamede refpondeo, que affim como elle fe alevantára com o Eftado do Cinde, que governava, affim elle o fizera com aquelle do Bachar por vontade de todos; e que o mefmo direito que elle tinha no Cinde, o tinha elle tambem naquelle em que era Rey. Vendo Mirzamhifá aquella refpofta, tratou de ir fobre elle, e de o deftruir de todo; e pera iffo fe quiz valer do braço Portuguez, e mandou ao Governador aquelle Embaixador, que atrás temos dito.

CAPITULO X.

Da famofa Ilha de Salfete de Baçaim: e do feu efpantofo Pagode, chamado do Canari: e do grande labyrintho que a Ilha tem.

Esta Cidade de Baçaim tem o mór termo, e jurdição de todas as da India; porque pera o Levante fe eftende até ás fortalezas de Affarim, e Manora, que feram

oi-

oito leguas, em que ha fertiliſſimas aldeias, e de grandes rendimentos. Pera o Norte ſe eſtende até o rio de Agaçaim, e para o Sul até o rio Bombaim, ou ainda mais abaixo até outro braço ſeu, que ſe chama de Caraniá, por ſe fazer antre hum, e outro huma Ilheta, em que temos hum caſtello deſte nome. O rio que faz eſta Ilha de Salſete, faz duas bocas; a do Norte he o rio que entra ao longo da Cidade de Baçaim, e vai correndo ao Sul em muitas voltas; e a meio caminho, que ſerá perto de tres leguas, ſe faz huma colonia, que os Portuguezes alli fundáram, que ſe chama Taná, em que haverá quaſi ſeſſenta Portuguezes, que naquella Ilha tem ſuas aldeias, que são muito rendoſas. Aqui faz o rio dous paſſos muito eſtreitos, e que ſe podem paſſar a váo á outra banda de maré vaſia da terra dos Mouros até eſta Ilha de Salſete. Neſtes paſſos ha dous caſtellos roqueiros fundados ſobre a agua, pera defenderem aquella paſſagem. Continuando o rio ao Ponente outras tres leguas, vai fazer a formoſa barra de Bombaim, que ſahe ao mar mais de meia legua de largura, onde ſe recolhem náos do Reyno, e de outras partes, por ſer de bom fundo, ſem banco, e impedimento algum. E antes de chegar ao mar, lança hum braço ao Sul, que faz a Ilha de Caranjá,

e outra ao Norte , que ſe chama Bandorá. Deſta boca de Bombaim vai correndo a coſta pera o Norte perto de quatro leguas até tornar a entrar pela barra de Baçaim, ficando-lhe eſta Ilha de Salſete pela banda de fóra , que ſerá de quinze leguas em roda, e duas de largura.

No meio deſta Ilha eſtá aquelle admiravel Pagode do Canari, que ſe preſume ſer obra dos Canarás, e por iſſo ſe chama aſſim , que eſtá feito ao pé de hum arrezoado monte, todo de pedra de côr pardo claro , e á entrada delle ſe faz huma formoſa ſala, e no pateo de fóra da porta de huma, e da outra banda della, eſtam duas figuras de vulto entalhadas na meſma pedra, tamanhas como duas vezes os gigantes que vam nas procisſões da feſta do Corpo de Deos de Lisboa, tão formoſas, tão primas, e tão bem lavradas , que nem em prata ſe podiam entalhar melhor , nem mais perfeitas. A porta da banda de fóra tem algumas ciſternas feitas na meſma rocha , que recebem a agua do inverno , que no verão eſtá tão fria , que não ha mão que a ſoffra. Pela ſerra aſſima até o cume della, a modo de caracol , ſe fazem mais de tres mil camarinhas pequenas , a modo de cubiculos, cortadas na meſma rocha , e cada huma dellas tem á porta huma ciſterna da meſma agua.

E

E o que he mais pera admirar, he, que ha hum cano feito por tal artificio, que corre por todas estas tres mil camarinhas; este cano recolhe todas as aguas vertentes daquella serra, e a reparte por todas as cisternas, que estam ás portas das camarinhas.

Aqui neste Pagode habitavam muitos Jogues, que se sustentavam de muitas esmolas, que lhes davam em todas aquellas aldeias, cuja cabeça era hum de cento e sincoenta annos de idade, que os Padres de S. Francisco, que primeiro foram habitar na Cidade de Baçaim, fizeram Christão, e se chamou Paulo Raposo; e assim bautizáram outro, chamado Calete, de mais fama que o Paulo Raposo, a quem puzeram por nome Francisco de Santa Maria, e viveo depois muito christãmente, e com muita satisfação dos Padres, e ainda ficou sendo Prégador Evangelico, e converteo muitos daquelles Jogues, e outros Gentios. Viveo este homem depois de bautizado sinco annos, ou póde dizer como Similo, que não viveo mais que aquelles sinco. O Padre que andou por esta Ilha naquelle principio convertendo aquelles Jogues, chamava-se Fr. Antonio do Porto, da Ordem dos Menores, Varão Apostolico, e de vida exemplar, que penetrou todos os segredos daquella Ilha, que eram muitos. E neste Pagode que digo, chamado

do do Canari, se assentou, e o consagrou em Templo da invocação do Anjo S. Miguel; e no tempo que alli esteve, foi informado do mais novo, admiravel, e intrincado labyrintho de todo o Mundo, que por espanto se póde relatar, como o farei aqui brevemente.

Estando o Padre Fr. Antonio do Porto nesta Igreja de S. Miguel, foi informado dos Christãos, que alli converteo, que naquella serra havia hum labyrintho, a que nunca puderam achar fim, e que se affirmava, que hia correndo até o Reyno de Cambaya. E desejoso o Padre de o ensacar, e penetrar por ver as maravilhas, e grandezas que delle se diziam, tomou comsigo hum companheiro, e negociou vinte homens com armas, e espingardas pera defensão das bestas féras, e outros servidores, que levavam as cousas necessarias pera a jornada, como agua, arroz, biscouto, legumes, manteiga, e outros mantimentos, e alguns almudes de azeite pera tochas que levavam pera se alumiar, e verem por onde hiam, e tres pessoas carregadas de novelos de cordeis grossos, que pera isso se fizeram pera irem largando pelo caminho, como fizeram os que entráram no labyrintho de Creta.

Prestes tudo, foram entrando por aquellas grutas, cuja boca sería de quatro bra-

ças de largura, onde deixáram a ponta do fio atado a huma grande pedra; e por aquelle labyrintho caminháram sete dias continuos por caminhos huns largos, e outros mais estreitos, tudo cortado em viva rócha; hiam vendo de huma, e de outra parte camarinhas pequenas, como as do Pagode que já disse, e á porta suas cisternas, sem me saberem dizer se tinham agua, e como a podiam recolher, pois por todo aquelle caminho não havia buraco, agulheiro, nem outra alguma cousa, que pudesse dar alguma claridade. Tudo por sima era huma abobada de pedra viva da mesma rócha, e as paredes de huma, e da outra parte de todo este caminho era da mesma sorte. Vendo o Padre que tinham gastados sete dias sem acharem sahida alguma, e os mantimentos, e agua que levavam quasi acabados, foi-lhe necessario tornarem a voltar pera fóra, guiando-se pelo fio, sem saberem por todo este caminho se subiam, ou desciam, ou a que rumos navegáram, por não levarem agulha por onde se governassem.

E praticando eu com Gentios muito antigos sobre isto, me affirmáram, que por aquelle caminho podiam ir até Cambaya, e ainda até ás terras do Magor, e Cidade de Agará, e que fora este caminho antigamente muito usado, e continuado; e que assim

o affirmavam as eſcrituras dos antigos Gentios ; e que outros muitos caminhos como eſtes por baixo da terra havia em muitas partes de Cambaya , e no Decan , e que ſem dúvida fora iſto mandado fazer por hum potentiſſimo Rey Gentio , chamado Bimelamenta , que havia mais de mil e trezentos annos reinára em todos os Reynos deſte Oriente , deſde Biſnaga , ou Bengala até o Magor , e ainda até Ormuz ; e eſte tem ſuas eſcrituras , que viveo trezentos annos , e que deſtes reinou cento e tantos.

E como em todas ſuas couſas mettem muitas fabulas , e patranhas , pera darem principios honroſos a ſeus Reys , como muitas vezes temos dito , affirmam que eſte Bimelamenta era hum Gentio , homem prudente , e de muita boa razão , natural das terras do Magor , Cidepur , e Patan , por onde andava fazendo vida religioſa , a quem apparecêra hum idolo da antiga Gentilidade , chamado Ambani , e lhe revelára muitos theſouros , e lhe dera muitas leis pera fazer guardar áquelles Gentios que viviam ſem ellas , e pera que os governaſſe em policia , e trouxeſſe , e ajuntaſſe em lugares communicaveis , porque andavam eſpalhados pelos matos , vivendo como brutos ; o que elle fizera , e os ordenára , e mettêra em razão , fundando Cidades , Villas , e povoações , e

que

que fora por todos alevantado por ſeu Rey. Deſte homem contam ſuas hiſtorias tantas grandezas, que cauſam eſpanto. Affirmam, que fez eſtes labyrinthos, e que mandára fabricar infinitos Pagodes de admiravel artificio, e que eſte do Canari, e do Elefante era obra ſua.

E eſtando eu eſcrevendo actualmente iſto, vieram ter comigo huns Baneanes de Cambaya, mercadores ricos, que continuam eſta Cidade de Goa; e praticando com elles ſobre iſto, me affirmáram ſer tudo verdade, e que elles víram as eſcrituras que diſſo tratam, e que com ſeus olhos víram tambem alguns Pagodes famoſiſſimos por eſſes Reynos do Decan, Cambaya, e Magor feitos por eſte Rey, e que ſobre ſuas portas tinham hum letreiro, que dizia aſſim: » Eſ» te Pagode mandou fazer ElRey Bimela» menta » e que elles o lêram muitas vezes. E ſe aſſim he, a pedra que eſtava ſobre a porta do Pagode do Elefante, que tinha aquellas letras, que ſe mandou a ElRey Dom João o III., que nunca ſe achou quem as pudeſſe ler, devia de ter eſte meſmo letreiro de Bimelamenta. Eſcreve-ſe tambem delle, que mandára fazer muitos, e formoſos tanques, e alguns tamanhos, que mais ſe podiam chamar grandes alagôas, de que todos eſtes Reynos eſtam cheios. E em alguns

põem algumas virtudes, como em hum que eſtá a meio caminho de Baçaim pera Agaçaim, onde hoje eſtá a caſa de noſſa Senhora dos Remedios, em que reſidem Padres Dominicos, huma Senhora, que tem obrado tantas maravilhas, e milagres, que eſtam todas as paredes do Templo cubertas de paineis delles. Defronte fica eſte tanque, em que elles põem tanta virtude, que affirmam, que toda a peſſoa que ſe metteo nelle, ſarará de toda a enfermidade que tiver, ſobre quem tem os Padres tanta vigia, que não deixam chegar a elle nenhum Gentio, por não fazerem ſuas ſuperſtições.

Ora deixando iſto, e tornando ao labyrintho, vendo que andáram eſtes Padres por elle dentro ſete dias continuos, ſem repouſarem mais que a hora de comer, e dormir; e quero que não andaſſem mais cada dia que ſeis leguas, que vem a ſer nos ſete dias quarenta e duas leguas, me faz parecer que pudéra ſer verdade o que os Gentios dizem delle, que vai até Cambaya; porque a Ilha de Salſete, quando muito, tem quatro leguas de comprido, e o labyrintho eſtá no meio della. E pera dizermos que poderiam aquelles caminhos ir em tantas voltas, e ſer tão intrincados, que lhes fizeſſe gaſtar aquelles dias, nem iſſo póde ſer, por (como diſſe) a Ilha ſer muito pequena, e eſ-

estreita. Em fim, como quer que seja, a culpa de se isto não ensacar he da muita miseria, e pouca curiosidade desta nossa nação Portugueza, que até hoje não houve Viso-Rey, nem Capitão de Baçaim, nem outra alguma pessoa, que mandasse saber, e ensacar estes segredos, que são muito pera se saberem. O que não houvera de acontecer aos estrangeiros, que são tanto mais politicos, e curiosos que nós, que não digo eu cousas desta qualidade, mas ainda outras muito mais pequenas não deixam de ver, e levallas ao cabo até as ensacar, e saber. Certo, que esta obra se póde ter por huma das maravilhas do Mundo, e ainda pela maior delle.

Havia tambem nesta Ilha de Salsete outro Pagode, chamado Manazaper, que tambem era talhado na rócha viva, em que vivia hum Jogue muito affamado antre elles, chamado Ratemnar, que tinha comsigo outros sincoenta Jogues, que os moradores daquellas aldeias os sustentavam. E sabendo o Padre Fr. Antonio do Porto deste Pagode, foi-se a elle; e como era muito temido de todos os Jogues daquella Ilha, tanto que aquelles o víram, largáram o Pagode, e foram-se pera a terra firme; o que devia de ser pela força Divina, que víram que Deos tinha posto em seu servo, que outra huma-

na

na não a havia pera a poderem temer sincoenta homens, vendo sós dous Frades vestidos nuns saccos, sem arma alguma com que os pudessem offender. O Padre se metteo no Pagode, e logo o consagrou em Templo da invocação de nossa Senhora da Piedade; e depois se fez nelle o Collegio Real de toda a Ilha de Salsete, onde se recolhem, e ensinão os filhos de todos os Christãos convertidos á Fé, a quem ElRey D. João concedeo as rendas, e cousas que o Pagode dantes tinha, de que os Jogues se sustentavam, que he hoje administrado pelos Religiosos do glorioso, e Serafico Padre S. Francisco.

Tendo eu algumas práticas com alguns Christãos muito velhos, e daquelles primeiros, que alli converteo o Padre Fr. Antonio do Porto, indo ver esta casa de Manapazer, hum delles, que affirmava ser de mais de cento e vinte annos, que fallava muito bem Portuguez, e o lia, e escrevia, e continuava a lição do Flos Sanctorum, e as Vidas dos Santos, me affirmou, que sem dúvida a obra do Pagode Canari fora mandado fazer pelo pai do Principe, e Santo Josafat, que Barlão converteo á Fé de Christo pera nelle o recolher, e encerrar, por lhe dizerem seus Astrologos, que aquelle Principe havia de receber a Fé dos Christãos. E assim sua nascença, e vida, segundo suas escrituras,

e

e ainda hoje cantão em ſuas cantigas eſtes Gentios, he tão ſemelhante á do Santo Joſafat, ſegundo temos em ſua lenda, que fiquei admirado quando ma contáram; e porque não ſerá deſaprazivel, a trarei aqui o mais brevemente que puder.

Dizem ſuas Eſcrituras, que hum Rey, que reinava ſobre todo eſte Oriente, (que cuido deve de ſer o Bimelamenta, de que atrás fallei, que affirmam mandar fazer o Pagode do Canari,) naſcendo-lhe hum filho muito formoſo, lhe tiráram ſeus Aſtrologos ſeu naſcimento, e acháram que aquelle menino ſería ſanto, e deſprezaria os Reynos do pai, e que ſe faria Jogue; de que o pai poſto em cuidados, querendo atalhar aquillo, tanto que ſahio do leite das amas, o mandou recolher em huns Paços, que mandou fazer pera iſſo, de obra maravilhoſa, mui fechados, e guardados, pera que não fallaſſe ſenão com as peſſoas que lhe ordenaſſe, nem viſſe couſa que lhe déſſe pena, e lhe cauſaſſe triſteza, e paixão. Alli eſteve até idada de dezoito annos, em que mandou pedir ao pai o deixaſſe ir ver as Cidades, e povoações, que lhe elle concedeo. E indo cercado dos que o creáram, vio hum homem manco ſobre huma muleta; e perguntando o que aquillo era, lhe diſſeram, que eram couſas mui ordinarias no Mundo haver mancos,

cos, coxos, e cegos, e outros defeitos desta qualidade. Outra vez que sahio fóra encontrou hum homem muito velho decrepito encostado a hum bordão todo tremendo; e espantado o Principe daquella visão, perguntando o que era, lhe disseram, que aquillo procedia dos muitos annos que aquelle homem tinha vivido. Outro dia encontrou com hum morto, que levavam a enterrar com grandes prantos dos filhos; e dizendo-lhe os seus o que aquillo era, lhe perguntou elle: Como? eu, e todos havemos de morrer assim? e dizendo-lhe que aquillo era muito ordinario nos homens, porque todos nascêram pera morrer, ficou muito melancolizado. E andando com esta imaginação, dizem que lhe appareceo hum Jogue; e tendo práticas com elle, o persuadio ao desprezo do Mundo, e á vida solitaria. E como elle andava abalado, e tinha já mais largueza na vida, teve modo com que desappareceo, e se fora pelo Mundo. Sobre este desapparecimento contam muitas cousas no modo delle, e mettem muitas fabulas, como fazem em todas suas escrituras.

Este Principe dizem elles que fora ter á Ilha de Ceilão, levando já comsigo grande número, e concurso de Jogues seus discipulos, e que se aposentára naquella serra, onde está o piço de Adão, onde vivêra mui-

tos

tos annos, fazendo vida ſanta. E querendo-ſe partir dalli, pedíram-lhe os diſcipulos, que alli ficáram, que lhes deixaſſe alguma memoria ſua: ao que fixando o pé em huma lagea, imprimio nella aquella pégada, como ſe a fizera em huma pouca de cêra molle, que veneram, e reverenceam por de noſſo pai Adão; e he tida de todos em tanta veneração, como tenho dito no Cap. XX. do VI. Liv. da minha V. Decada, onde conto eſte negocio deſta pégada muito particularmente, e moſtro como eſta Ilha de Ceilão he a Tapobrana de Ptholomeu, em que trato muitas curioſidades, que nenhum eſcritor eſcreveo. A eſte Principe nomeam ſuas eſcrituras por muitos nomes; mas o principal he Drama Rayo; e depois que o tiveram por ſanto, lhe chamavam Budon, que quer dizer Sabio, a quem toda eſta gentilidade tem alevantado por toda a India muitos, e mui cuſtoſos, e ſumptuoſos Pagodes; e contam em ſua lenda grandes maravilhas, que por não enfaſtiar, e cançar aos leitores, deixo de trazer.

CAPITULO XI.

Do muito notavel, e espantoso Pagode do Elefante.

ESte notavel, e sobre todos espantoso Pagode do Elefante está em huma Ilheta pequena, que terá menos de meia legua em roda, que faz o rio de Bombaim já quando quer sahir ao mar da parte do Sul. Chama-se assim, por hum Elefante de pedra grande, que se vê entrando pelo rio dentro. Dizem que foi mandado fazer por hum Rey Gentio, chamado Banasur, que senhoreára tudo o que havia do Gange pera dentro. Neste Pagode se affirma, (e assim o mostra,) que se despendêram mui grandes thesouros, e que andáram na fabrica delle muitos milhares de obreiros, e que gastáram muitos annos. O sitio deste Pagode se estende de Norte a Sul, he quasi aberto por todas as partes, principalmente da parte do Norte, Nascente, e Ponente, porque as costas deste grande templo ficam pera o Sul. Será o corpo delle de oitenta passos de comprido, e de sessenta de largura. He todo talhado em viva rócha; e todo o tecto de sima, que he o cume da rócha, se sustenta sobre sincoenta columnas lavradas do mesmo monte, que estam por tal ordem, e compasso,

que

que fazem o corpo defte templo de fete naves. E cada huma deftas columnas até o meio he quadrada de vinte e dous palmos de quadro, e do meio pera fima são roliças, e de dezoito palmos em roda. A pedra defte monte, em que fe entalhou efte Pagode, tem a côr parda; mas todo o corpo de dentro, columnas, vultos de Pagodes, e tudo o mais era antigamente cuberto de huma fina tea de cal com certo betume, e confeições, que fazia o Pagode de todo tão claro, que era coufa formofa, e muito pera ver; e não fó fazia as figuras muito formofas, mas fazia divifar mui diftintamente as perfeições dos vultos, e fubtilezas da obra: de maneira, que nem em prata, nem em cera fe podia fazer, nem efculpir com mais primor, nem com mais lindeza, e perfeição.

Entrando por efte Pagode, á mão direita delle eftá huma Capella, cuja porta he de dezefeis palmos e meio de largura, e quinze e meio de alto; dentro no corpo della eftam muitos idolos, e no meio da Capella fe vê hum de altura de dezefete palmos, com huma grande, e formofa tiara na cabeça, lavrada de tantas laçarias, lavores, e fubtilezas, que mais parecem debuxadas, que entalhadas em pedra com efcopro. Tem efta figura oito braços, e fó duas pernas. Em huma das mãos direitas tem hum fceptro alevan-

vantado, e nelle enroſcada huma cobra de capello, aſſim como pintam o de Mercurio; ſobre a ponta do ſceptro eſtam tres idolos pequenos de covado cada hum; e em huma das mãos eſquerdas, que tem alevantadas, ſuſtenta com os dedos tres idolos do tamanho dos outros. Ao lado eſquerdo deſte idolo grande eſtá outro com hum cutélo na mão, e aſſima deſte outro muito grande com o corpo de homem, e a cabeça de Elefante, de quem eu cuido que a Ilha tomou o nome. Neſte veneram a memoria de hum Elefante, a que os Gentios chamam Gaves, de quem contam muitas fabulas. Apar deſte idolo ſahe da rócha hum aſſento de pedra, em que eſtá aſſentado hum idolo de hum ſó corpo com tres cabeças, e em cada huma dellas tem hum ſó braço, ſalvo a do meio, que tem dous, e na eſquerda tem hum livro. E ao lado eſquerdo deſte idolo eſtá huma figura de mulher de tres palmos arrimada com o braço eſquerdo ſobre o hombro de outro idolo mais pequeno tambem de figura de mulher, e com a mão direita travado de outro mais pequeno. Logo aſſima deſte idolo eſtá outro cavalgado ſobre a cabeça de hum Elefante, e apar deſte outro cavalgado ſobre o peſcoço de outro idolo.

Deſta Capella a ſinco paſſos pera a parte do meio dia vai eſte Pagode alargando pe-

ra

ra o Ponente onze paſſos, e no fim delles torna a proſeguir pera o Sul outros onze paſſos; e daqui voltando outra vez pera o Ponente onze paſſos á mão direita, eſtá huma Capella aberta na rócha, cuja porta tem vinte e ſeis palmos de alto, e de vão ao comprimento ſete pés e meio, e de largura dezeſeis. No meio deſta Capella eſtá aſſentado hum idolo, que da cinta pera ſima tem doze palmos, e ſobre a cabeça tem outra tiara lavrada com muitas perfeições, e lindezas. Tem oito braços, e duas pernas, com huma das mãos direitas, e com outra das eſquerdas eſtende por ſima da cabeça hum manto, ou ſobreceo da meſma pedra muito ſubtil, e fica eſtendido por ſima delle no ar hum eſparavel, e ſobre eſte eſparavel eſtam muitos idolos de covado, machos, e femeas. Na ſegunda mão direita tem huma grande eſpada de dous gumes, e na terceira hum idolo pequeno pendurado pelos pés. A quarta mão direita com a parte do braço eſtá quebrada pela traveſſura dos ſoldados que alli vam das Armadas, como o eſtá quaſi tudo. Na ſegunda mão eſquerda tem hum chocalho, e a tiracolo hum colar muito grande de muitas cabecinhas humanas enfiadas humas com outras, e todas cortadas na meſma pedra, e lavradas ao buril no meſmo peſcoço. E na terceira mão tem huma

ma caldeira, e sobre ella hum idolozinho. A quarta mão esquerda com o braço está toda quebrada. Dum lado, e do outro deste idolo, e por toda a Capella em roda estam trinta idolos pequenos em pé. Desta Capella a nove passos á mão esquerda, que he pera a parte do Sul, está huma casa quadrada de dez passos em comprido, e outros tantos de largo, toda aberta na rocha, e de tal feição, que toda se anda á roda, e tem quatro portas, huma em cada lanço do quadro, e entra-se nesta casa por cada huma destas portas, subindo por sinco degráos, e no meio da Capella está hum poial quadrado de vinte e quatro palmos de quadro: sobre elle está alevantada huma figura de hum idolo, que por deshonesta se deixa de nomear, a que os Gentios chamam Linga, e adoram aquillo com grandes superstições; e assim a estimam tanto, que os Gentios Canarás as trazem bem afiguradas ao pescoço. Este torpe costume tirou hum Rey Canará, homem de razão, e justiça.

E tornando ás quatro portas desta casa, cujas couceiras ainda hoje apparecem, não se abriam pera mór veneração, senão huma vez no anno no dia da sua mór festa. A' entrada de cada huma dellas estam dous grandes Gigantes de vinte e quatro palmos de altos, feitos com muito primor, e perfei-

ção.

ção. Desta casa a dez passos, proseguindo pera o meio dia, está outra Capella com hum formoso portal de obra Mosaica de vinte e quatro pés de largo, e vinte e seis de alto; no meio della está hum idolo de dezeseis palmos de alto, com quatro braços, e duas pernas, travado pela mão com outro idolo de figura de mulher. A' mão esquerda deste idolo está assentado outro de igual grandeza, e feitio, e abaixo outro pequeno com tres cabeças, quatro braços, e duas pernas; e por toda esta Capella em roda outros muitos idolos. Desta Capella ao Ponente está huma cisterna de agua excellentissima, a que nunca se acha fundo, de que vulgarmente corre esta fama, e assim fica sendo semelhante ao que se conta das fontes de Alfeo, e Aretusa.

Aqui acabou o lanço Occidental, que he o da mão direita do corpo deste Pagode: voltando daqui pera o Ponente, vam dar em huma Capella muito curiosamente lavrada de quatorze pés de largo, e dezoito de comprido; no meio della está hum idolo agigantado com pernas cruzadas com huma tiara na cabeça lavrada subtilissimamente, e de ambas as partes tem muitos Pagodes de homens, e mulheres, e alguns a cavallo. Daqui vai o Pagode alargando pera o Nascente, onde está outra Capella como as mais,

e

e debaixo della ſahe hum idolo da cinta pera ſima agigantado com ſinco roſtos proporcionados ao corpo, com ſuas tiaras nas cabeças, e com doze braços, e com as mãos ſuſtenta hum aſſento de pedra ſobre quem eſtá outro idolo Gigante de hum ſó roſto com ſeis braços, e duas pernas, e huma das mãos direitas tem ſobre o peſcoço de huma mulher tambem agigantada, que eſtá aſſentada junto a elle; e a cada lado deſte idolo tem outros quaſi do ſeu tamanho aſſentados no meſmo aſſento; e pelo mais corpo deſta Capella ha outros cem idolos de homens, e mulheres. Caminhando daqui ao meio dia, dam em outra Capella, em cujo meio eſtá aſſentado outro Gigante com ſua tiara na cabeça com quatro braços, e duas pernas, e a cada ilharga tem hum idolo tambem agigantado, hum de figura de mulher, e outro de homem; e ao lado da mulher eſtá outro idolo Gigante, a fóra outros muitos idolos que ha por toda a Capella.

Aqui ſe acaba o lanço Oriental da mão eſquerda deſte Pagode. No fim deſtes dous lanços Oriental, e Occidental eſtam tres grandes Capellas; e a do meio, que he mais interior, tem trinta pés de largo, e dezeſeis de comprido. Do pavimento deſta Capella ſe alevanta hum corpo da cinta pera ſima de tão disforme grandeza, que ſó elle enche

che o vão, e largura da Capella: tem tres muito grandes rostos, o do meio olha pera o Norte, o segundo pera o Ponente, e outro pera o Nascente; cada hum destes rostos tem dous braços, e ao pescoço dous grandes collares lavrados com admiravel subtileza. Sobre estas tres cabeças tem tres formosissimas tiaras; e este rosto do meio, que he o maior, tem na mão hum grande Globo, e o que quer que tinha na direita não se enxerga por estar desfeito. O rosto da parte direita tem na mão direita huma grande cobra de capello, e na esquerda huma rosa, a que chamam Golfo, que nasce nas alagôas grandes. A' entrada da porta desta Capella estam dous Gigantes a pé de cada lado, e encostados cada hum em seu idolo de dez palmos de alto. A segunda Capella, que está ao lado direito, tem dezenove pés de largo, e onze de comprido, e trinta de alto; no meio della está hum idolo agigantado de quatro braços, e duas pernas, como todas as mais, com huma formosa tiara na cabeça, e sobre ella está outro idolo mulher de vinte palmos de altura; e por toda a Capella de huma, e de outra parte estam outros muitos Pagodes pequenos. Ao lado direito desta Capella está huma porta de sete palmos de alto, e sinco e meio de largo, por onde se entra em huma camara quadrada escura

de dez palmos de largo, e outros tantos de comprido, em que não ha cousa alguma. Voltando ao lado desta Capella do meio, está a terceira, que tem vinte e tres pés de comprido, e trinta de largo; e no meio della está outro idolo de vinte e dous palmos de alto de quatro braços, e está sobre hum só pé, e a cabeça com huma formosa tiara, reclinado sobre a de hum touro. Este idolo tinham os antigos por meio homem, e meia mulher, porque tem huma só teta á maneira das antigas Amazonas, e tem em huma das mãos huma cobra de capello, e na outra hum espelho, e ao redor mais de sincoenta idolos. Ao lado esquerdo desta Capella está huma porta de seis palmos de alto, e sinco de largo, por onde se entra em huma camara quasi quadrada, e muito escura, onde não ha que ver: com esta se acaba a fabrica deste grande Pagode, que está desfeita em muitas partes; e isso que deixáram os soldados, tão mal tratado, que he mágoa ver assim destruida huma das cousas admiraveis do Mundo. Agora faz sincoenta annos que fui ver este estranho Pagode; e como não entrei nelle com a curiosidade com que hoje o podia fazer, não notei muitas cousas, que se acabáram já; mas lembra-me todavia, que achei huma Capella, que hoje se não vê, aberta pela fronteria toda, que

teria mais de quarenta pés de comprido, e ao longo da rócha se fazia hum taboleiro do comprimento da casa á maneira dos nossos Altares, assim de largura, como de altura; e neste taboleiro havia muitas cousas notaveis pera ver. E entre ellas me lembra, que notei a historia da Rainha Pacifae com o touro, e o Anjo com huma espada nua lançar fóra de debaixo de huma arvore duas figuras mui formosas de homem, e de mulher, que estavam nuas, como no-lo pinta a Sagrada Escritura em nossos primeiros pais Adão, e Eva.

Quando logo os Portuguezes tomáram estas terras de Baçaim, e de sua jurdicção, que foram ver este Pagode, lhe tiráram huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum letreiro de letras mui bem abertas, e talhadas, e foi mandada a ElRey, depois do Governador da India, que então era, a mandar ver por todos os Gentios, e Mouros deste Oriente, que já não conhecêram aquelles caracteres; e ElRey D. João o III. trabalhou muito por saber o que estas letras diziam, mas não se achou quem as lesse, e assim ficou a pedra por ahi, e hoje não ha já memoria della.

Na lombada da serra, em que está este Pagode do Elefante pera o Nascente a dous tiros de pedra, está outro Pagode aberto por di-

diante; e o tecto de ſima ſe ſuſtenta ſobre muitas columnas formoſiſſimamente lavradas, de que já não ha mais de duas, que são de dezenove palmos de alto, e doze de groſſura. Tem o Templo quarenta e tres paſſos de comprido, e treze de largo, e a huma parte tem huma camarinha muito bem lavrada. Nella adoram a ſua Deoſa Paramiſori. Foi eſte Pagode, que eſtá hoje todo desfeito, de obra eſpantoſa naquelle ſeu tamanho.

Noutro monte deſta Ilheta pera o Naſcente, a reſpeito do Pagode grande na lombada delle quaſi no meio, eſtá outro Pagode, em que antigamente ſe entrava por huma formoſa porta, que tinha hum portal de marmore curioſiſſimamente lavrado. Tem eſte Pagode huma caſa grande, e tres camaras: na primeira da mão direita não ha já couſa alguma; na ſegunda havia dous idolos ſobre hum grande poial quadrado. Hum deſtes idolos ſe chamava Vithalá Chendai, tem ſeis braços, e huma ſó cabeça, e eſtá arrimado a dous idolos pequenos, que tem a cada parte.

Eſte Pagode grande, e os outros pequenos, ſe ſabe por ſuas eſcrituras dos Gentios, que os mandou fazer hum Rey Canará, chamado Banaſur, e que os mandára fabricar, e junto a elle huns formoſos Paços, em que

ſe

ſe apoſentava quando alli hia, de que ainda em meu tempo ſe achavam alguns veſtigios, e muitas ruinas de pedra de cantaria, e adobes mui grandes. Chamavam-ſe eſtes Paços, ou Cidade, que dizem que foi mui formoſa, Sirbali; e a ſerra, em que eſtá o Pagode do Elefante, ſe chamou Simpdeo. Aqui viveo alguns annos huma filha deſte Rey, que ſe dedicou a eſte Pagode a perpetua virgindade, que ſe chamava Uquá. Dizem os antigos, que neſta Ilha do Elefante em tempo de ElRey Banaſur, choveo ouro por eſpaço de tres horas, e por iſſo lhe puzeram nome Santupori, que na ſua lingua quer dizer Ilha do ouro. Não relato todas as couſas deſte grande Pagode particularmente, porque são tantas, que ſe não podem particularizar, e porque não enfaſtiem aos que as lerem.

CAPITULO XII.

De como o Governador Franciſco Barreto houve ás mãos as fortalezas de Aſſari, e Manorá: e de como Antonio Moniz Barreto foi tomar poſſe dellas por mandado do Governador: e de outras couſas, em que proveo até ſe partir pera Goa.

Aſſentado em conſelho que ſe tomaſſe a fortaleza de Aſſari, que era tão inexpugnavel por natureza, que ſe havia por couſa

fa

ſa impoſſivel tomar-ſe por força, quiz o Governador Franciſco Barreto ver ſe por dadivas, e peitas a podia haver. Communicou eſte negocio com hum Coge Mahamede, Mouro antigo do tempo de Soltão Badur, que já no do Governador Nuno da Cunha andára na entrega da Cidade de Baçaim, e ficou nella vivendo rico, e honrado. Eſte Mouro, que era prudente, aſtuto, e muito conhecido do Capitão, que eſtava em Aſſari, foi-ſe ter com elle; e primeiro que tratemos do em que iſto parou, nos pareceo bem darmos razão do ſitio deſta ſerra, e de quem eſtava nella por Capitão.

Eſtá eſta ſerra de Aſſari quaſi tanta diſtancia de Baçaim, como de Damão, e eſtará do mar pera o certão perto de quatro leguas: tem a meſma fórma, e feição da ſerra de Damá na Abaſſia, de quem no Cap. X. do VII. Liv. da V. Decada démos razão, na jornada de D. Chriſtovão da Gama, que he a em que aquelles Imperadores encerram todos os filhos, tirando o herdeiro, por não haver antre elles alguma alteração; e aſſim os tem alli tão fechados, que em ſua vida não podem ſahir fóra. Da meſma maneira eſtá a ſerra de Aſſari.

Sóbe ingreme pera ſima quaſi huma legua, e tão direita de todas as partes, que parece que a foram talhando ao picão até

hum

hum pouco antes do cume, onde faz hum releixo á roda, e delle pera ſubir ao plano não tem mais que dous paſſos; hum tão ingreme, que não póde ſubir por elle mais que huma peſſoa, com tanto trabalho, e riſco, que parece deſatino querer hum homem trepar por alli, ao menos por curioſidade, porque de ambas as partes fica tão ingreme, que ſe vai o lume dos olhos a huma peſſoa, ſe olha pera baixo. O outro paſſo ſe chama das Vacas, porque por elle as levam aſſima, pera mantimento da gente que alli reſide. Eſte paſſo, tanto que chegam áquelle releixo, ficam como debaixo da aba de hum ſombreiro, com huma abertura em ſima, por onde lançam cordas pera levarem aſſima o que querem, como fazem de huma eſcotilha de huma náo ás pipas, que eſtam em baixo das cubertas. Neſte releixo debaixo, que corre á roda, e que fica como huma lapa, tem os ſoldados das vigias ſuas eſtancias, que são doze; porque em tantas partes tem as aguas do inverno feito algumas quebradas, por que ſe póde ſubir, ainda que com muito riſco; porque em todas eſtas eſtancias tem os ſoldados grandes galgas de pedras, com huns eſpeques amarrados por humas cordas, e prezas nas ſuas camas; e ſe de noite ſentem rumor, aſſim deitados, não fazem mais que ſoltar as cordas com os pés,

e

e dando nas galgas, vam pelo caminho abaixo com tamanho eſtrondo, e terremoto, que mettem medo, e tudo o que acham diante de ſi levam, e não tem neceſſidade de outras armas pera ſua defensão.

Em ſima no cume faz eſta ſerra hum plano redondo, onde eſtam os gazalhados, e apoſento do Capitão, armazens, ciſterna de agua, e a Igreja; e no tempo da guerra ſe recolhem aqui mantimentos pera hum anno, e na paz ſe provêm das aldeias á roda, que são fertiliſſimas, e de continuo reſidem em ſima ſeſſenta ſoldados, a que pagam ſeus quarteis, e mantimentos, que lhe o Feitor de Baçaim leva, como ſe lhe acaba o tempo.

Vigia-ſe eſta ſerra de noite com grande cuidado, e os dos quartos são obrigados corrella por ſima toda em roda, com tochas accezas de hum páo, como preto, que ſe dá naquelles matos, que arde como tochas de cera, e não ſe apagam nem com vento, nem com agua. Ao pé da ſerra tem huma tranqueira de madeira em fórma quadrada com ſeus cubellos, onde reſide hum Naique com cem peães, e hum Capitão do campo Portuguez com alguns ſoldados.

Eſtava neſte tempo por Capitão da ſerra hum Gentio, chamado Condixá, e em Manorá hum Turco por nome Agader, e

por

por Veador da Fazenda de todas aquellas terras hum Gentio, chamado Calegi, e todos póstos da mão de Cide Bofatá, que se tinha alevantado com a Cidade, e terras de Damão no alevantamento geral, (como na VI. Decada no Cap. XVI. do X. Livro fica dito.) O Coge Mahamede, de quem hiamos tratando, chegou á serra de Assari, como que hia visitar o Condixá, de quem era grande amigo; e detendo-se com elle alguns dias, o veio a apalpar com dissimulação; e achando-o disposto, lhe commetteo, que entregasse a serra ao Governador, que lhe daria o que fosse razão logo em dinheiro, e que lhe faria outras honras, e mercês. O Gentio vencido das muitas razões do Coge Mahamede, e mais do interesse, (que he o que faz render tudo,) abrio-se-lhe todo, affirmando que o faria; mas que não poderia ser sem o Calegi, Veador da Fazenda, que se visse com elle, e tratassem sobre aquelle negocio, e que querendo, elle estava prestes pera servir o Governador; e com isto se víram ambos com elle, e praticáram aquelle negocio, sobre que o Coge Mahamede não foi avaro nas promessas; e por tal modo os levou, que os rendeo, e assentáram que dando-lhes o Governador seis mil e quinhentos pardáos logo em dinheiro, lhe entregariam aquella fortaleza, e se passariam

a

a viver a Baçaim. E como tiveram rendido o Calegi, lhe pedio o Coge Mahamede, que tratasse com Agader, Capitão de Manorá, se queria entrar naquella liga, e que lhe dariam o que elle pedisse, porque pera segurança das terras de Baçaim era necessario ficarem aquellas forças ambas pera o Estado da India.

Sobre isto se foi o Calegi ver com Agader; e apalpando-o sem se lhe declarar, o achou duro, e de tão roim digestão, que não apertou com elle, e o deixou, e deo conta de tudo aos outros, que disseram ao Coge Mahamede, que depois de elles entregarem a serra, poderia o Governador mandar tomar por força Manorá, porque Agader tinha pouca posse pera se defender. Com esta resolução voltou o Coge Mahamede pera Baçaim, e deo conta ao Governador de tudo o que tinha passado com o Condixá, e Calegi, dizendo-lhe quão facil elles lhe fizeram a tomada de Manorá; porque tanto que Assari estivesse em seu poder, (que era o mais duvidoso, e importante,) logo Manorá ficava sendo mais fraco, e o Agader não teria remedio pera se defender.

Vendo o Governador quão barato lhe offereciam o que elle tanto desejava, poz logo em obra aquelle negocio; e porque El-Rey não tinha dinheiro, mandou vender a

sua

ſua prata, e ajuntou a quantia dos ſeis mil e quinhentos pardáos, que ſe carregáram por empreſtimo ſobre o Feitor de Baçaim Duarte do Soveral, em cuja arrecadação achámos eſta receita, com a declaração do pera que aquelle dinheiro foi empreſtado; e deſpedio o Coge Mahamede com recado a Calegi, e Condixá, pera ſaber o modo que queriam ter na entrega da ſerra, e no recebimento do dinheiro. O Coge Mahamede negociou iſto de feição, que veio o Calegi tomar o dinheiro a Baçaim, e ficou em refens até Condixá entregar a fortaleza de Aſſari.

Como o Governador teve comſigo o Calegi, e lhe deo o dinheiro, deſpedio logo Antonio Moniz Barreto pera ir tomar entrega da ſerra, levando cartas do Calegi de como já tinha o dinheiro em ſi; e chegando ao pé da ſerra, ſe foi o Condixá ver com elle, e lhe fez entrega della, mandando tirar de dentro todas as couſas que nella tinha. Entregue Antonio Moniz Barreto da ſerra, deixou nella hum Capitão com ſeſſenta ſoldados, e a provêo de mantimentos, lenha, e vaccas em abaſtança, e ordenou guarda pera as terras, que foi hum Naique com duzentos peães, e mandou lançar pregões pelas aldeias » que todos os lavradores cultivaſſem, e lavraſſem ſuas aldeias, e que reſpondeſſem com os fóros a ElRey de Por-

» tu-

» tugal, como faziam ao de Cambaya pe-
» los mesmos foraes, e costumes, sem lhes
» innovar cousa alguma, senão em seu fa-
» vor: » com o que começáram acudir ás
aldeias, e lhes ordenáram recebedores, pe-
ra correrem com a arrecadação de seus fó-
ros.

Negociadas estas cousas muito bem, vol-
tou pera Baçaim, e o Governador o tornou
a despedir com seiscentos homens pera ir to-
mar a fortaleza de Manorá, e mandou D.
Antão de Noronha com dez navios pera ir
pelo rio assima favorecendo-o, e Antonio
Moniz Barreto foi entrando pelas terras de
Manorá sem achar resistencia; e indo de-
mandar a fortaleza, a achou despejada, por-
que o Agader o não ousou a esperar; mas
não foi isto tão secco, que os nossos da di-
anteira não tivessem algumas escaramuças
com os inimigos, em que lhes derribáram
alguns. Despejado o forte, tomou Antonio
Moniz Barreto posse delle, e poz nelle por
Capitão hum Jorge Manhãas, Cavalleiro hon-
rado, da obrigação do Governador, com
cento e vinte soldados, e alguns Naiques,
e peães da terra, e deo ordem á arrecada-
ção das terras, como fez a Assari.

Acabado este negocio, se tornáram pe-
ra Baçaim, onde o Governador já estava
prestes pera se partir pera Goa, por lhe te-
rem

rem chegado cartas , em que o chamavam com muita pressa , por serem entrados nas terras vizinhas a Goa alguns Capitães do Idalcan com muita gente , e que estavam arriscados Salsete , e Bardés a se perderem. E dando despacho a algumas cousas , (principalmente ás de Ormuz , por lhe terem vindo novas ser falecido Bernaldim de Sousa , que lá estava por Capitão , pera onde despachou D. João de Ataíde ,) se embarcou , deixando setecentos homens em Baçaim com ordem pera lhes darem mezas , de que deixou Capitães nomeados pera isso. Antonio Moniz Barreto , Capitão da fortaleza , a trezentos e sincoenta. D. Martinho da Cunha , irmão de D. Pedro da Cunha , Capitão geral das galés do Reino , a duzentos. E Duarte do Soveral , Feitor , e Alcaide mór de Baçaim , a cento e sincoenta ; e em breves dias chegou o Governador a Goa ; e passando pelo rio assima com todos os navios de remo , sem querer desembarcar na Cidade , foi visitar os passos da Ilha , que provêo de Capitães , e soldados pera sua guarda , e de navios ligeiros pera correrem os rios ; e nas Ilhas de João Chorão , Divar , e nas mais metteo gente de guarnição , e na fortaleza de Racol poz D. Jorge de Menezes Baroche , e D. Pedro de Menezes o Ruivo , com quatrocentos homens pera guarda daquellas terras ;

ras; e depois de prover tudo isto mui bem, se foi pera Goa, e despedio Antonio Pereira Brandão com seis navios ligeiros pera andar por aquella costa até Dabul, fazendo toda a guerra que pudesse ao Idalcan; e elle se foi aposentar em humas casas, que estão adiante de Santa Luzia pera dalli correr os passos, e entender nas cousas da guerra, que de proposito determinava fazer ao Idalcan.

CAPITULO XIII.

Do que aconteceo na jornada a Pero Barreto: e do engano que com elle usou o Principe do Cinde: e de huma façanhosa serpente, que hum soldado chamado Gaspar de Montarroio matou.

PArtido Pero Barreto Rolim de Baçaim, (como atrás dissemos no Capitulo IX. deste III. Livro,) foi atravessando a enceada de Cambaya até Dio, onde chegou vespera de Natal. E depois de passada a festa, tornou á sua viagem, e foi de longo da costa até a ponta de Jaquete, onde se acabam os limites do antigo Reino Guzarate, e dalli foi atravessando aquella enceada, e foi tomar a barra do Cinde, que commummente se chama a de Cambaya, por entrarem por ella todos os navios, que vam áquellas partes; porque a outra boca, que tem mais ao

Nor-

Norte, ſe chama de Ormuz, por ſahirem por ella todos os navios que navegam por aquelle Eſtreito; e chegada a Armada, foi entrando pelo rio ás toas, pelas grandes correntes de ſuas aguas, e puzeram oito dias até á Cidade de Tatá, não ſendo mais de trinta leguas. Eſtava na Cidade o Principe Mirahan Baba, moço de doze annos, que o pai alli tinha deixado com alguns tutores pera governar o Reino, porque havia pouco tinha partido com ſeus exercitos em buſca do inimigo. E ſabendo o Principe ſer aquella Armada, que ſeu pai mandára pedir, mandou viſitar o Capitão mór, e a fazer-lhe a ſaber, como ſeu pai lhe deixára ordem, pera que como chegaſſe aquella Armada a fizeſſe eſperar até ſeu recado. Pero Barreto recebeo eſte Enviado, e mandou a terra o Embaixador, que o fora buſcar, e com elle hum homem honrado, por quem mandou dizer ao Principe que elle vinha com aquella Armada em ſerviço de ElRey ſeu pai, e que eſtava preſtes pera tudo o que lhe mandaſſe, e que déſſe ordem pera ir hum homem a ElRey, que elle queria mandar; o que o Principe fez, e lhe mandou dar aviamento de tudo pera o caminho. Eſte homem, que Pero Barreto mandou, tomou a ElRei ſobre a Cidade de Tiguir, que he no eſtremo daquelles Reinos, e fi-

ca-

cava da parte do Soltão Mahamede Bachari, que a tinha muito fortificada, e alli o ouvio, e o tornou a despedir logo com recado a Pero Barreto « em que lhe pedia que » se entretivesse alguns dias, e que nelles » lhe mandaria resolução do que havia de » fazer, com o que se deixou Pero Barre- » to ficar no rio da outra banda defronte da » Cidade. »

ElRei Mirzanhisá foi continuando o cerco de Tiguir, em que teve muitos recontros com os inimigos, de que houve damno em ambas as partes; e Bachari, que era valente cavalleiro, sempre lhe teve o encontro, e proveo os de dentro da Cidade, sem o inimigo lho poder defender. Vendo o Rei do Cinde que por força não podia tomar aquella Cidade, e que o inimigo estava poderoso, veio a entrar com elle em partidos, por meio de Capitães, que se mettêram antre elles, e por fim se vieram a concertar, que o Bachari lhe largasse a fortaleza de Tiguir, por ficar, como dissemos, nos estremos de ambos os senhorios, e que ficasse com o que mais possuia; e com isto se lhe entregou a fortaleza, que elle proveo de Capitão, e soldados, e voltou pera o Cinde.

Todo este tempo esteve Pero Barreto no rio esperando o recado de ElRei; e porque não he razão que passemos por hum caso es-

eſpantoſo, que aqui aconteceo, daremos conta delle. Coſtumavam os noſſos ſoldados ir a terra á caça; e deſviando-ſe hum delles, chamado Gaſpar de Montarroio, natural da Cidade de Farão, com ſó ſua eſpada, e rodella, foi-ſe affaſtando por hum mato; e encontrando com huns Gentios, lhe diſſeram que não paſſaſſe ávante, porque eſtava alli huma ſerpente, que acabára de comer hum bezerro. O Gaſpar de Montarroio deſejoſo de a ver, lhes pedio lhe foſſem moſtrar o lugar onde eſtava, o que elles fizeram; e chegando perto, a vio eſtar deitada no mato com a cabeça ſobre o caminho, e eſtava farta, e pejada, e pela cabeça entendeo que devia ſer couſa façanhoſa, porque o corpo ficava eſcondido no mato; e deſejoſo de a ver bem, ſe foi chegando tanto a ella, que lhe pode chegar com a eſpada com ſer curta: ella em o ſentindo alevantou a cabeça, a tempo que elle hia com hum golpe, e quiz ſua boa ventura que a tomaſſe pelo degolladouro, onde não tinha fortaleza; e como a eſpada era larga, e cortadora, a degollou toda, e ella com a dor da morte deo com o corpo tamanhas pancadas, que punha eſpanto, e medo, até que acabou de morrer. Os Gentios, que eſtavam de longe vendo aquillo, ficáram paſmados, e forão fugindo; e o Gaſpar de Montarroio voltou

 pe-

pera a praia; e tomando alguns marinheiros da fusta, em que hia embarcado com remos, e cordas, se foi com elles aonde estava a serpente, e a fez amarrar, e ás costas de todos a levou á praia, onde Pero Barreto sahio pela ver, que foi cousa, que admirou a todos, por sua grossura, e grandeza; porque era tão grossa como hum homem ordinario, e de comprido teria trinta pés, e dizião os naturaes que era ainda criança. Pero Barreto mandou fazer huma forca na praia, e a mandou dependurar por espanto: e por este feito ficou o Gaspar de Montarroio tão nomeado dos Gentios do Reino do Cinde, e Cambaya, que o buscavam, e lhe levavam presentes, e peças. Viveo este homem até os annos de noventa e quatro, que se foi pera o Reino, e no caminho nos parece que desappareceo a náo em que hia.

Vendo Pero Barreto Rolim que o recado de ElRey tardava muito, e que todo o mez de Fevereiro era passado, mandou requerer ao Principe, que pois ElRey seu pai não lhe mandava o que havia de fazer, e que se hia o tempo gastando, que lhe mandasse cumprir os contratos sobre que viera aquella Armada, pois debaixo da fé, e palavra de ElRey seu pai fizera o Governador com ella tamanhas despezas. O Principe depois de alguns recados, e requerimen-

tos

tos deſtes, a que ſempre reſpondeo com eſcuſas, lhe mandou dizer « que ſe ſe quizeſſe ir o podia fazer, porque elle não ti-
» nha ordem de ElRey ſeu pai pera mais,
» que pera prover a Armada de mantimen-
» tos, que ſe os quizeſſe, lhos mandaria
» dar. » Deſte deſengano ficou Pero Barreto enfadado, e começou logo a haver união por toda a Armada, porque quizeram os ſoldados que logo ſe lhe dera o caſtigo; mas Pero Barreto diſſimulou com aquillo, porque deſejava de não chegar a rotura, até ver o que ElRey mandava. E como os ſoldados da India são muito ſoltos, e livres, davam de noite grandes matracas ao Capitão mór; e a voltas de muitas palavras deſordenadas lhe chamavam fraco, puſillanime, e que de medo não vingava tamanha offenſa; e tantas vezes lhe diſſeram eſtas couſas, e outras, que lhe deo a deſconfiança de maneira, que ſem tomar conſelho com alguem, mandou dizer pelas fuſtas que fizeſſem pelouros. Com eſte recado ſe alvoroçáram os ſoldados, e começáram a guarnecer ſeus arcabuzes, e alimpar ſuas armas; e entre tanto mandou o Capitão mór com muita diſſimulação comprar mantimentos á Cidade, de que proveo a Armada baſtantemente.

CAPITULO XIV.

De como Pero Barreto Rolim destruio a Cidade de Tatá, e todas as Villas, e Lugares de huma, e outra banda do Rio: e donde nasceo o erro aos Geografos modernos chamarem á Provincia do Cinde Dulcinda.

EM quanto se os nossos preparavam com dissimulação, succedeo daquella banda donde estava a armada, este caso. Costumavam os da Cidade ir á outra banda a vender suas mecanicas aos soldados; e como elles já sabiam que se havia de dar na Cidade, hum delles mal soffrido tomou huns couros do Cinde a hum mercador sem lhos querer pagar, e ainda sobre isso o esbofeteou; e a noite seguinte, estando os nossos navios surtos, bem cozidos com a terra, ajuntáram-se huns poucos de Diulis, (que são huns Gentios, que vivem daquella banda,) e de sima das barranceiras, que ficavam altas, descarregáram sobre os nossos navios grande somma de arcabuzadas, e fréchadas, com que encraváram muitos soldados; e foi a cousa tal, que se levantáram os navios, e foram surgir no meio do rio, e dalli esbombardeáram bem os que lhes fizeram aquelle damno. Ao outro dia pela

ma-

manhã mandou Pero Barreto chamar os Capitães a conselho, e lhes disse « que era ne-
» cessario castigarem aquella affronta, e des-
» truirem por ella a Cidade, e que pera is-
» so se fossem logo a tomar as armas, o
» que todos fizeram com grande alvoroço. »

Tomando o remo em punho, foram desembarcar na face da Cidade, e puzeram suas bandeiras em terra, onde se ordenáram; e com grande determinação commettêram a Cidade, por onde foram entrando, e mettendo á espada a toda a pessoa viva que achavam, levando diante de si alguns magotes de inimigos, que acudíram a lhe defender a entrada, com quem apertáram tanto, que de todo os puzeram em desbarato. E hum esquadrão de cavallo de mais de duzentos se foram com a pressa recolher a huma formosa Mesquita, que hum soldado nosso vio; e vendo que o Capitão mór hia passando ávante, lhe disse « que voltasse,
» porque lhe ficava aquella gente nas costas,
» e que o seguisse, porque elle o levaria
» aonde se recolhêram. » Pero Barreto voltou logo, e disse ao soldado que o guiasse; e chegando á Mesquita, a commettêrão com grande furia, sendo Pero Barreto o primeiro que quiz entrar; mas atravessou-se-lhe diante Cifal Pinheiro, dizendo-lhe, « que se
» detivesse, que aquelle não era o seu lugar,
» nem

» nem officio, que ſoldados levava, que
» fariam aquillo muito bem feito. » E aſſim o deteve, e foi commettendo a entrada com alguns companheiros. A Meſquita era muito grande, e da feição de noſſos Templos, e tinha tres portas, huma principal, e duas traveſſas, e na fronteria havia tres Capellas grandes todas de abobada, como tambem o era o corpo da Meſquita, que ſe ſuſtentava ſobre mais de trinta formoſas columnas de pedra. Os noſſos trabalháram tanto, que entráram da porta pera dentro, e começáram a laborar com a arcabuzaria, que fez nos Mouros grande eſtrago, e ſe foram recolhendo pera as Capellas. E como o corpo daquelle Templo era todo de abobada, e arcabuzaria, fazia hum eſtrondo eſpantoſo, andavam os cavallos de huma pera outra parte, ſem darem pelos freios, e como deſatinados faziam tamanho eſtrepito, e terremoto, que parecia huma confusão, e aſſim a noſſa arcabuzaria não fazia ſenão derribar nelles á vontade; e o que foi mais cruel que tudo, foi chegarem alguns ſoldados com panellas de polvora, lançando antre os Mouros huma ſomma dellas; e desfazendo-ſe em labaredas, foram dar em huns callões de polvora, (que são tamanhos como grandes cantaros,) que elles tinham dentro; e tomando fogo, rebentáram com tan-

ta braveza, que parecia arder algum grande forno de cal. Os cavallos com aquelle estrondo, e espanto davam com os donos pelos esteios, e pelas paredes; outros se impinavam, e cahião sobre elles; e alguns, que quizeram commetter as portas, se foram espetar nas agudas alabardas, e lanças, de que os nossos tinham feito grandes bastidas; de maneira, que todos os que dentro estavam acabáram no mais cruel, e miseravel genero de morte, que se podia imaginar.

Concluido este negocio, foram os nossos entrando a Cidade, e mettendo á espada toda a cousa viva que achavam, até os brutos animaes; e como não tiveram em que executar sua furia, mandou o Capitão mór que saqueassem a Cidade, como logo fizeram, tomando todos tantas fazendas, que se carregáram os navios, não roubando nem a quarta parte do que havia nella, e a tudo o mais se deo fogo, que se apossou de toda a Cidade em tanta maneira, e com tão grande braveza, que parecia abrazar-se o mundo; porque além de ella ser das maiores da India, estava recheada de fazendas grossas, e ricas, de drogas, manteigas, azeite, cifas, e outros materiaes, que faziam subir as chammas aos Ceos, tão escuras, negras, espessas, e fedorentas, que se na terra havia cousa, que representasse a semelhan-

lhança do inferno, era esta montaria. O que se roubou, e queimou em fazenda, era passante de dous milhões de ouro, e morrêram perto de oito mil pessoas, a mór parte della gente inutil, sem custar da nossa parte mais que alguns feridos.

Feito este negocio, se tornáram a embarcar, e foram pelo rio abaixo queimando, e destruindo todos os lugares que havia de huma, e outra parte daquelle famoso rio Indo, achando em alguns passos estreitos muita gente, que ao passar lhes deram grande trabalho com a multidão de tiros, que descarregavam sobre elles, e em hum mais estreito de todos os mettêram em grande confusão, por lhes ficarem os navios debaixo das barranceiras, donde elles de sima empregavam seus tiros bem á sua vontade, com que derribáram alguns dos nossos, largando os marinheiros os remos, e escondendo-se debaixo, porque as frechas cahiam sobre elles tão espessas, que parecia que choviam, ficando os navios todos anhotos, e embaraçados huns com os outros. Vendo Pero Barreto que ficava desta maneira arriscado a lhe matarem muita gente, brádou aos Capitães que puzessem as proas em terra, e que com a artilheria franqueassem a desembarcação, e caminhassem de longo da ribeira; porque ainda que fossem sempre pelejando com os

ini-

inimigos, não poderiam receber tanto damno como por mar; e virando todos as proas á terra, fizeram affaſtar os inimigos com os falcões; e ſaltando todos fóra, puzeram ſuas bandeiras em ſima das barranceiras á viſta dos inimigos; e alli ordenou Pero Barreto dous eſquadrões, hum de trezentos homens, de que fez Capitão hum daquelles Fidalgos, a que não pudémos ſaber o nome, e lhe mandou ſe paſſaſſe da outra banda, e foſſe caminhando por terra, e de longo della ametade dos navios pera os favorecerem, e elle com o outro eſquadrão de quatrocentos homens foi marchando de longo da agua muito á ſua vontade, tendo ſempre muitas eſcaramuças com os inimigos, que os hiam ſeguindo de longe, por ſe ſatisfazerem em parte de tantos damnos, como eram os que ſe lhes tinham feito. E os noſſos a todas as povoações a que chegavam lhes punham logo o fogo, e as abrazavam; e tanto que anoitecia, aſſentavam ſeus exercitos nos lugares mais accommodados, e com as coſtas no mar, e os navios com as proas na terra, e com as poppas de huns nos outros, e em terra de cada banda dous berços, que a cada quarto ſe deſparavam, e apôs elles toda a eſpingardaria dos ſoldados da vigia, e deſta maneira caminháram muito ſeguramente. Os Mouros ven-

vendo a boa ordem que os noſſos levavam, adiantaram-ſe, e foram atè o Bandel, que era perto da barra, e deram em dous navios de alto bordo, que os Portuguezes alli tinham abicados, matando alguns, e cativando todos os mais, e aos navios tiráram as eſcoras, e deram com elles em baixo, onde ſe quebráram, roubando toda a fazenda que nelles acháram. Os noſſos foram caminhando por terra na ordem que diſſemos, ſinco dias, até chegarem ao Bandel, onde os Mouros tinham huma arrezoada fortaleza. Pero Barreto ſe ajuntou com a outra companhia, e acommetteo á eſcala viſta, arrombando-lhes as portas com vaivens, por onde entráram os noſſos com grande determinação, fazendo recolher pera dentro os Mouros que nella eſtavam; e entrando todo o poder, mettêram á eſpada toda a couſa viva que ſe achou, ſem eſcapar hum ſó.

Rendida, e deſpejada a fortaleza, foi eſcalada, e ſaqueada dos ſoldados, em que acháram muitas fazendas, e alguns dos Portuguezes das náos prezos, que logo foram ſoltos; e não tendo mais que fazer, deram fogo á fortaleza, em que toda ſe conſumio, e ſe embarcáram. Neſte caminho gaſtáram os noſſos oito dias, em que fizeram pelo rio abaixo os móres damnos, e perdas, que nunca aquelle Reyno recebeo, porque lhes

não

não ficou Villa, nem lugar em pé. Pero Barreto vendo que já não havia que fazer, sahio-se do rio, mandando primeiro pôr fogo aos navios dos Portuguezes, que estavam quebrados, porque se não servissem os da terra da sua madeira, e pregadura; e deo á vela pera Goa. E assim o deixaremos nesta viagem, até tornarmos a elles, pera darmos razão donde nasceo a confusão dos Geografos modernos chamarem a esta Provincia Dulcinda, como nos penhorámos no principio do Capitulo.

Pelo que se ha de saber, que os mercadores Italianos, e outros da nossa Europa, que passáram á India por terra, muito antes que ella se descubrisse por mar, navegando de Ormuz, e de outros portos pera o Cinde, que sempre foi huma das mais celebradas feiras do Oriente, como chegavam á boca do rio Indo, achavam da outra banda do Ponente aquelles póvos Diulis, chamados assim da sua principal Cidade chamada Diul, onde elles faziam sua habitação, e dalli passavam ao Cinde, e hiam fazer suas mercadorias á Cidade de Tatá; e como eram homens idiotas naquellas partes, e não sabiam fazer differença dos nomes daquella Provincia, dando lá na Europa razão das terras por onde andáram, diziam que foram ter a Dulcinda, confundindo huma

ma cousa com a outra, sendo Diul nome da Cidade, e Cinde de todo o Reyno; e daqui ficáram os Geografos modernos chamando a todo este Reyno Dulcinda. Desta mesma maneira confundio Marco Polo Veneto, ou seus trasladadores, o nome da Provincia da China, fazendo de huma só duas, por esta maneira.

Aquelle Imperio da China se chama antre os naturaes Cin, Macin; e dividindo elle este nome (que he todo hum) em dous, chamou a huma parte China, e á outra Mangi. E ainda Abrahão Ortelio passou adiante, que deo limites a estas duas Provincias, lançando no seu *Theatrum Orbis* a Provincia Mangi mais ao Norte da da China. E tornando aos povos Diulis, nelles se começa a Provincia Gedrosa, que Aiton Armenio, e Sabellico chamam Tarse. E Josefo Moletio, e Cadamosto Guzarate, (cujo erro na V. Decada fica declarado,) e Jeronymo Rusceli, fallando nesta Provincia, diz que todos os della são Christãos, e não sabemos com que fundamento, nem porque informações, porque hoje na India não temos noticia alguma disso, nem por escrituras, nem por memoria de avós, e netos, em que nestas partes se conservam por muitas centenas de annos suas antiguidades.

DE-

DECADA SETIMA.

Da Hiſtoria da India.

LIVRO IV.

CAPITULO I.

Do que aconteceo á náo S. Paulo até Cóchim: e de como Pero Barreto Rolim deſtruio a Cidade de Dabul.

A NÁO S. Paulo, que tinha partido do Reino na companhia de D. Leonardo de Souſa, (de que era Capitão, e ſenhorio Antonio Fernandes,) que deixámos invernando no Brazil, onde eſteve ſinco mezes; e tomando-ſe parecer com os Officiaes della, e com os que havia na terra, aſſentáram todos « que ſe partiſſem dalli em » Outubro, poderia muito largamente paſ- » ſar á India, e tomar ainda as náos pri- » meiro que partiſſem pera o Reino. » Conclui-

cluidos nisto, deo-lhes D. Duarte da Cosſ-
ta todo o aviamento possivel, e se fez á vé-
la na entrada de Outubro passado de sin-
coenta e sinco. E seguindo sua derrota, de-
pois de passarem o Cabo de Santo Agosti-
nho, assentado de ir por fóra da Ilha de
S. Lourenço, foram-se pondo em quarenta,
quarenta e hum gráos do Sul, paragem,
que por andar o Sol affastado pera a par-
te do Norte, ficava o dia tão pequeno, que
não havia tempo pera mais, que pera faze-
rem de comer huma vez ao dia, o que deo
grande trabalho a todos. E depois de vin-
garem a altura do Cabo de Boa Esperança,
tomáram a derrota por fóra da Ilha de S.
Lourenço, e ainda de todos os baixos, pe-
ra irem demandar a ponta de Camatra, e
dalli voltarem com as náos de Malaca, o
que fizeram sem trabalho, porque os tem-
pos os favorecêram bem. E como estiveram
na altura de Camatra sem quererem ver a
terra, voltáram com os levantes em outro
bordo, e foram na derrota de Ceilão, e
houveram vista da ponta de Gale, sem pode-
rem ferrar terra; e atravessando a outra cos-
ta, foram tomar as arêas gordas junto ao ca-
bo Çamorim. E de longo daquella costa com
os ventos, que eram bonançosos, chegáram
a Cóchim aos trinta do mez de Janeiro de
mil quinhentos sincoenta e sete, onde ainda
achá-

achâram a náo Capitânia, de que era Capitão D. João de Menezes, que deo á véla ao dia ſeguinte, muito contente por levar novas daquella náo, porque ſe tinha della muito ruins ſuſpeitas. A náo S. Paulo tanto que ſurgio, deſembarcou D. Antonio de Noronha, e tomou logo alguns navios de remo, em que ſe embarcou com ſeſſenta ſoldados, e ſe foi pera Goa, onde foi bem recebido do Governador Franciſco Barreto, e lhe fez mercê de dous mil cruzados, que ElRey lhe tinha mandado empreſtar do cofre do cabedal, pelas muitas deſpezas que naquella jornada tinha feito; e a náo S. Paulo ſe partio logo pera Goa, onde invernou, e ſe concertou pera eſtar preſtes pera o anno ſeguinte.

Agora deixaremos eſtas couſas, e tornaremos a continuar com Pero Barreto Rolim, que ficou partido do Cinde, por levar aſſim a hiſtoria enfiada. Eſta Armada, depois que deo á véla, foi ſeguindo ſua derrota; e antes de chegar a Dio, lhes deo hum tempo tão groſſo, que lhes foi neceſſario alijar ao mar tudo o que traziam do Cinde, porque os comiam os mares; e aſſim tornáram a perder com muito riſco da vida o que com tantas mortes dos inimigos tinham ganhado naquella Cidade, vendo-ſe muitas vezes alagados, e perdidos. Mas quiz

Deos

Deos que cessasse o tempo, com que destroçados, e alagados foram tomar Chaul, onde se ajuntou toda a Armada, que tomou differentes portos. Alli achou Pero Barreto Rolim cartas do Governador, em que lhe mandava « que de passagem desembarcasse » em Dabul, onde acharia Antonio Pereira » Brandão, e que destruisse aquella Cidade » de todo, porque era do Idalxá, com quem » ficava de guerra. »

Com estas cartas se refez, e ajuntou mais alguns navios, e gente, que estava pera ir pera Goa, e deo á véla com vento prospero; e chegando áquella barra de Dabul, achou Antonio Pereira Brandão com os seus navios, que lhe deo hum regimento do Governador sobre o mesmo negocio. Com isto se negociou, e deo recado a todos os navios, pera que estivessem prestes pera o outro dia de madrugada: e tanto que foi meio quarto de alva rendido, foi entrando pela barra dentro; e pondo as proas na praia da face da Cidade, saltáram em terra com suas bandeiras, e guiões, e Pero Barreto por derradeiro com a de Christo, e em muito boa ordem foram commetter a Cidade com grande estrondo de artilheria dos navios, e dos instrumentos militares. E Antonio Pereira Brandão, que levava a dianteira, achando hum grande esquadrão de

Mou-

Mouros, que sahíram a lhes defender a desembarcação, tão determinadamente os commetteo, e escandalizou, que os foi levando de arrancada, e mettendo pela Cidade, entrando todos elles de volta. Pero Barreto chegou á entrada; e sabendo que Antonio Pereira Brandão hia vitorioso, receando algum desarranjo, mandou pôr fogo á Cidade por algumas partes, pera que os soldados se não embaraçassem com o roubo, de que hiam já tão cubiçosos. Os moradores tanto que sentíram o fogo, e víram o estrago que os nossos hiam fazendo, tomando as mulheres os filhos ás costas, foram fogindo pera fóra da Cidade, deixando os nossos senhores della; e como já hia amanhecendo, e elles viam tudo, mettêram á espada toda a cousa viva que achåram; e os que mais passáram este transe, foram mulheres, meninos, e gente mesquinha, porque a da guerra soube-se pôr em salvo; e nesta foi tamanha a crueza, que corriam pelas ruas arroios de sangue.

Tanto se mettêram os nossos pela Cidade, apôs os que hiam fogindo, que foram subindo até o monte, onde estava huma formosa Mesquita de abobada, que derribáram, e puzeram por terra, sem deixarem cousa em pé. Pero Barreto Rolim mandou por alguns Capitães, que déssem fogo a toda a

Cidade, como se fez, porque os soldados se não mettessem pelas casas a roubar, o que lho não estorvou, porque a mór parte delles se recolhêram carregados de fazendas, por estar esta Cidade muito rica, como aquella, que era a principal escala de toda a costa do Idalxá. Feito este negocio, se embarcou Pero Barreto Rolim, e mandou Antonio Pereira Brandão com os seus navios, pera que fosse pelos rios assima queimar, e destruir todas as povoações que por elles houvesse: o que elle fez muito bem, deixando tudo tão assolado, e destruido, que não havia em que pôr olhos. Acabado isto, se recolheo Pero Barreto Rolim pera Goa, onde o Governador o recebeo com honras, e assim o merecia, porque deixava assoladas, e destruidas as mores, e mais ricas duas Cidades da India.

CAPITULO II.

De como o Governador Francisco Barreto passou á terra firme em busca dos Capitães do Idalxá: e da batalha que lhes deo, em que os desbaratou: e de outras cousas.

VEndo o Idalxá o damno que os nossos lhe fizeram por toda sua costa, e que lhe destruíram, e abrazáram a Cidade de

de Dabul, em que seus vassallos recebêram tamanhas perdas, e elle tanta affronta, determinou de se vingar, e de fazer guerra ao Estado, por ver se podia lançar mão das terras firmes de Salsete, e Bardés. Pera isto fez chamamento de seus Capitães, e lhes fez sobre isto huma grande falla, em que lhes representou a obrigação em que elles, como vassallos tão leaes, estavam de satisfazerem as affrontas, que tinham recebido dos Portuguezes; e como havia tantos annos que lhe comiam as suas terras firmes de Salsete, e Bardés, que lhes deram por mandar Mealecan pera Portugal, o que nunca os Governadores da India lhe quizeram cumprir: e que elle agora, pois lhe tinham dado tamanha occasião, queria lançar mão do que era seu, e que determinava de mandar descer seus exercitos abaixo; e commetteo logo alli aquella empreza a Nacer Maluco, seu Capitão geral, e com elle outros quatro Capitães; Calabatecan o segundo, e hum filho seu esquerdo chamado Cahircan, Miaberu, e outro; e deo por regimento a Nacer Maluco, que se fosse ajuntar com Moratecan Governador do Concan, que tinha descido o Gate contra D. Antão de Noronha, como já atrás contámos no Cap. X. do II. Liv., pera que ambos com igual mando fizessem guerra a Goa, e ás terras, e Ilhas de sua jurdição.

Estes Capitães chegáram a Pondá na entrada de Abril, e alli fez Nacer Maluco alardo de sua gente, e achou vinte mil homens, em que entravam dous mil de cavallo, e escreveo a Moratecan, que estava em Carule, que fizesse elle por aquella banda guerra contra as terras de Bardés, e suas Tanadarias, e que elle ficaria destoutra banda de Salsete, pera assim darem mais que fazer aos Portuguezes. O Governador foi logo avisado da Cidade destes Capitães, e acudio logo a prover todos os passos da Ilha de Goa, e pelos rios espalhou muitos navios, e manchuas pera defenderem a passagem aos inimigos; e o mesmo fez pelos passos das mais Ilhas, e lançou espias sobre aquelles Capitães, pera que o avisassem de como estavam, e do poder que tinham. A primeira cousa que fez o Nacer Maluco, foi despedir Calabatecan, e seu filho com sinco mil homens, pera irem tomar posse das terras de Salsete, e arrecadarem o rendimento daquellas aldeas; o que elles fizeram, mandando diante grandes seguros pera os lavradores, e naturaes se não alterarem, nem affugentarem, mas que grangeassem suas terras pacificamente, e pagassem seus foros ao Idalxá, cujas eram, porque elles vinham pera os favorecer, e defender de quem lhes quizesse fazer injúria, damno, ou affronta.

Fei-

Feito iſto, e quietos os moradores, foram aquelles Capitães dar viſta á fortaleza de Rachol, onde eſtava D. Pedro de Menezes, o Ruivo, por Capitão, que lhes ſahio com duzentos ſoldados, e quinhentos peães da terra, e travou com os da dianteira algumas eſcaramuças, em que lhe matou alguns Mouros, deixando-ſe ficar no campo com as coſtas na fortaleza, e dalli lhes ſahio muitas vezes a dar toques, em que ſempre os eſcalavrou; e todavia de algumas o fizeram recolher á fortaleza com trabalho, por carregar ſobre elle todo o poder, ficando os Mouros comendo as aldeias, que ſe lhes não pudéram defender por ſer o poder groſſo. O Governador teve logo recado de ſua entrada nas terras de Salſete, e que as gentes de Moratecan appareciam já pelas de Bardés, pelo que determinou de paſſar a Salſete em peſſoa, e dar-lhes batalha, porque o cançariam muito, ſe lhe ficaſſem invernando nas terras; e aſſim fez logo alardo de toda a gente que havia em Goa, e achou tres mil ſoldados muito luſtroſos, e duzentos de cavallo ginetes, que eram os moradores, debaixo da bandeira de Jorge de Mendoça, Capitão de Goa, e o Tanadar mór fez pelas Ilhas mil peães, que o haviam de acompanhar naquella jornada.

Preſtes tudo, paſſou-ſe o Governador a Ga-

Gaçaim, porque eſtava aſſentado que paſſaſſem por Dorubate, por chegarem as eſpias, e affirmarem que o Nacer Maluco eſtava em Pondá, e que tinha tomado todos os caminhos, que vam de Benaſtarim pera lá, e impedidos com muitas tranqueiras, por ſe recear que o foſſem lá buſcar. Alli em Gaçaim repartio o Governador toda a ſoldadeſca por ſeis bandeiras, cujos Capitães eram D. Antão de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonſo de Miranda, Pantaleão de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, e Alvaro Paes de Sotomaior. Com o Governador hiam mais de ſincoenta aventureiros de cavallo, a fóra a gente de ſua obrigação, em que entrava D. Antonio de Noronha o Catarraz, que levava ſeis homens de cavallo. Toda eſta gente paſſou a Salſete em muitas barças, e jangadas, que pera iſſo eſtavam feitas; e derradeiro de todos paſſou o Governador, e foi marchando até o paſſo de Dorubate, por onde paſsáram á outra banda da terra firme.

Poſto lá o Governador, começou a marchar neſta ordem. D. João Bellez, que foi Mouro, que era Capitão do campo diante de todos, com mil e quinhentos laſcarins, pera ir deſcubrindo tudo, e logo os Capitães da Infanteria, e pelas pontas do eſquadrão

drão a gente de cavallo, cento de cada banda: no meio toda a bagagem com algumas peças de campo, e na retaguarda o Governador com todos os aventureiros, e a ſua guarda, que era de cem eſpingardas. E porque os noſſos peães Gentios coſtumavam metter nas toucas ramos verdes no tempo da batalha pera ſerem conhecidos dos Portuguezes, e ſe deſenferençarem dos inimigos, (que coſtumavam, quando ſe viam perdidos, pôrem nas toucas os meſmos ramos pera paſſarem por noſſos,) mandou o Governador fazer a todos carapuções de bertangil vermelho pera ſerem differentes dos outros.

Partidos de Dorubate, chegáram antes do meio dia á fortaleza de Pondá, e acháram em campo a Nacer Maluco com quatorze mil homens, que já o eſtava eſperando pera lhe dar batalha, e eſtava poſto a huma ilharga da fortaleza, com as coſtas em huma ſerra, e tinha feito huma cava de ſinco paſſos de largo, que tomava huma paſſagem por onde os noſſos haviam de paſſar pera onde elle eſtava. O Capitão da Infateria da terra, que era D. João o Mouriſco, tanto que deo na cava, foi-ſe deſviando, e tomando o caminho pela banda de ſima, pera travar com os inimigos, e o meſmo fizeram os Capitães das bandeiras, que ſempre

pre o foram ſeguindo. Os inimigos, que ficavam daquella parte, tanto que víram que os noſſos os hião demandar, lançáram ſobre elles muitas bombas de fogo, que fizeram algum damno; e paſſando por tudo, começáram a travar huns com os outros, diſparando a noſſa Infanteria aquella primeira carga, com que lhe derribáram muitos. O Governador, que hia detrás com toda a gente de cavallo, foi-ſe apreſſando pera ir pegar pela parte, em que via a bandeira de Nacer Maluco, levando hum galope apreſſado; e como a cava era raſteira, e não ſe enxergava de fóra, achou-ſe ſobre ella, e não vio outro remedio melhor que apertar as pernas a hum formoſo cavallo mellado, em que hia; e achou-o tão preſtes, que ſaltou da outra banda, e o meſmo fizeram alguns que hiam junto delle, como foram D. Antonio de Noronha o Catarraz, e ao ſalto alcançou o cavallo com os pés na borda da cava, e esbarrou de feição que cahio; mas quiz Deos que foſſe pera huma ilharga já da outra banda, e que não perigaſſe o D. Antonio de Noronha, antes levando as redeas na mão, e levantando-ſe o cavallo, tornou a ſaltar nelle. Antonio Soares, irmão de André Soares, que era Procurador de ElRey, ao ſaltar não vingou o cavallo á outra banda, e cahio dentro na cava debai-

xo do cavallo, onde logo morreo; e o mesmo aconteceo a outros dous, a que não soubemos os nomes. Todavia muita parte delles vingáram a outra banda, e os outros foram rodeando a cava. O Governador tanto que se vio da outra banda com os que o seguíram, enrestando a lança, e appellidando *Sant-Iago*, foi romper aquelle encontro em os Mouros com tanta força que cada hum acertou o seu, e derribou aquelle com que pegou, ficando já todos baralhados por todas as partes, fazendo a nossa arcabuzaria nelles arrezoado damno. Vendo o Nacer Maluco a determinação do Governador, e sentindo medo em os seus, tocou a recolher, e foi-se retirando pera huma ilharga da fortaleza, sem se querer metter nella, por se não haver por seguro, deixando-a ao Governador, que alli logo a mandou derribar por todas as partes por muitos roçadores que levavá, o que se fez com muita presteza. O Governador lançou espias aos inimigos, e soube que hiam em desbarato, recolhendo-se por esse Concan dentro; pelo que se deixou alli ficar descançando, e tomando refeição, e das tres horas por diante se foi recolhendo pelo caminho de Benastarim, e de passagem foi desmanchando todas as tranqueiras que achou, e aquella noite foi dormir da outra banda da Ilha, e ao dia

se-

ſeguinte entrou em Goa com grandes feſtas, e regozijos.

CAPITULO III.

De algumas couſas, em que o Governador Franciſco Barreto proveo: e de alguns Capitães que deſpachou pera fóra: e de huma grande vitoria que João Peixoto houve em Bardés de hum Portuguez arrenegado.

REcolhido o Governador a Goa, porque era já tarde, entrou no deſpacho dos provimentos das fortalezas, e de alguns Capitães, que haviam de ir entrar nellas, que foram D. Antonio de Noronha o Catarraz pera a de Dio, por acabar ſeu tempo D. Diogo de Noronha, que lá eſtava; e mandou com elle ſeis Capitães pera darem mezas a mil e duzentos homens, que lá haviam de invernar; e eſtes foram Aires Telles de Menezes, que hia nomeado por Capitão mór da Armada da enſeada de Cambaya, Alvaro Pires de Tavora, Aires de Miranda, João Lopes Leitão, Jeronymo de Souſa, D. Diogo Rolim, Aires da Silva, e Diogo Pereira. E aſſim deſpachou Antonio Pereira Brandão pera Maluco, por ſer provído daquellas viagens, que levou muitos provimentos, e foi na náo Santa Maria dos Anjos; e da meſma manei-

neira proveo Malaca, e as fortalezas das coſtas do Malavar, e Norte; e com iſto ſe cerrou o inverno, em que o Governador ordenou ſinco Capitães pera darem mezas aos ſoldados, e eſtes foram D. Alvaro da Silveira, Pantaleão de Sá, Pero Barreto Rolim, Martim Affonſo de Miranda, e Alvaro Paes de Sotomaior, e nas Ilhas poz gente de guarnição pera os inimigos lhe não entrarem nellas. Na de João Lopes, que he defronte do Paſſo Secco, poz Aires Gomes da Silva, filho de Braz Telles, com huma companhia de ſoldados. Na de Chorão, Gaſpar Pacheco, cavalleiro honrado, dos primeiros filhos de Portuguezes que houve na India, com ſeſſenta homens, e em ſua companhia hum Gentio valente homem chamado Humbraná Decais, das aldeias de Pondá, vaſſallo do Idalxá, que ſe veio pera o Governador. São eſtes Decais como Juizes, e cabeças das aldeas, e como Almotacés na repartição dellas, e eſte tinha cento e vinte peães. E pera ficar mais á mão pera tudo, apoſentou-ſe o Governador em humas caſas a Santa Luzia, e dalli viſitava todos os dias a ribeira das Armadas, onde ſe faziam os galeões novos, a que dava muito grande preſſa, e expediente, e cada ſemana corria duas, e tres vezes os paſſos, e via as guardas delles, e das manchuas, que

que andavam pelos rios, e isto fazia muitas vezes de noite pera os tomar descuidados, e ver a vigia que tinham. O Nacer Maluco tanto que teve rebate que o Governador era recolhido, tornou-se pera Pondá, e mandou reformar a fortaleza; e porque com as aguas do inverno os não podiam os nossos ir buscar, (por estarem as terras alagadas,) repartio os seus pelos passos fronteiros aos nossos, donde começáram a fazer toda a guerra que puderam, defendendo as cousas que costumavam a passar da outra banda pera a Cidade, com o que começou de haver carestia de algumas. Mas onde elles mettêram mór cabedal foi nas terras de Salsete, que o Governador Francisco Barreto proveo mui bem, mandando D. Jorge de Menezes Baroche com duzentos homens pera se ir ajuntar com D. Pedro de Menezes seu primo, e ambos juntos tiveram alguns recontros com os inimigos, que por serem miudos deixamos; e posto que os inimigos nelles leváram o peior, todavia elles andavam como senhores da terra, e as arrecadavam sem lho poderem defender, por serem tamanhas que chegavam a vizinhar com as terras do Idalxá. Assim que todo este inverno foi aos nossos muito trabalhoso, porque nunca despíram as armas, passando muitas ribeiras de noite, e terras alagadas pera irem dar nos inimigos,

que

que não dormiam em parte alguma ſeguros; e porque eſta guerra foi mais de trabalhos, que de proveitos, não trataremos della mais neſta parte.

O Moratecan, que fazia guerra ás terras de Bardes, tambem as inquietou muito com outros aſſaltos, a que ſempre reſiſtio João Peixoto, que lá eſtava por Capitão com ſincoenta ſoldados, e muitos peães da terra, com que andou ſempre nos paſſos defendendo as entradas: e o que mais o inquietou, e mais damnos fez por todas aquellas aldeas, foi hum Portuguez arrenegado, que andava com os Mouros, que por cobrar credito com elles, ſe moſtrava muito atrevido. Eſte fez huma tranqueira forte nos eſtremos das terras, em que ſe apoſentou com quinhentos peães, e dalli ſahia a ſaltear os lavradores, e a roubar os naturaes, que já com o medo delle não lavravam as terras, e a mór parte delles eſtavam recolhidos nas Ilhas vizinhas a Goa, com o melhor da ſubſtancia que tinham. João Peixoto, que era muito bom cavalleiro, armou-lhe muitas vezes algumas cilladas pera o haver ás mãos; mas nunca pode, porque o arrenegado era mui precatado, e todos os ſeus ſaltos fazia de noite, ſem dar conta nem aos ſeus, da parte por onde havia de entrar, nem o que determinava fazer, com o que trazia ao João

Pei-

Peixoto muito cançado, e quebrantado. E informando-ſe do modo da ſua tranqueira, determinou de o ir commetter nella, e lançallo dalli: pera o que mandou pedir ao Governador alguma gente, que lhe mandou cem Portuguezes de eſpingardas. Com eſtes, e com os que mais tinha, e duzentos peães da terra, partio huma madrugada pera a tranqueira, que commetteo com grande determinação: e poſto que achou no arrenegado grande reſiſtencia, todavia elle a entrou com grande damno dos inimigos, porque a arcabuzaria fez lugar a tudo, e o arrenegado ſe foi recolhendo pera os matos, deixando a tranqueira, que foi poſta toda a fogo, ſem lhe ficar nada em pé. Com eſte feito ſe recolhêram os noſſos com alguns cativos, e fato, que na tranqueira ſe achou. O arrenegado, tanto que ſahio da tranqueira, foi-ſe pelos paſſos das terras, onde os Mouros tinham gente de guarnição, e ajuntou dous mil peães, e duzentos de cavallo, e foi atalhar o caminho a João Peixoto, que ao recolher em hum paſſo bem perigoſo, deo com elle; mas como era cavalleiro, e determinado, não ſe embaraçou com couſa alguma, antes com muito acordo, e animo repartio os ſeus em dous eſquadrões, e commetteo a paſſagem, onde teve huma muita aſpera batalha com os inimigos, em que ſe vio per-

di-

dido ; mas a espingardaria fez caminho de feição, que foram os nossos passando, ainda que com muito risco, perdendo alguns companheiros, porque chegou a cousa a se baralharem huns com os outros, e chegarem ás mãos, e aos cabellos; mas como os nossos víram que o remedio de todos estava em seus braços, fizeram muito por se ajudarem delles; e assim quasi todos misturados foram caminhando grande espaço, até que quiz Deos nosso Senhor déssem huma espingardada no Capitão da gente de cavallo, que logo o derribou morto, e hum soldado lhe cortou a cabeça, com o que os seus afracáram, e os nossos cobráram tanto animo, que voltáram sobre os inimigos, e os fizeram fugir, com morte de mais de cento e sincoenta, e muitos cavallos. João Peixoto vendo desbaratados os inimigos, se foi recolhendo até Bardés, e mandou a cabeça do Capitão de presente ao Governador, que a estimou muito, e lhe mandou os parabens do honrado successo que teve. O arrenegado se recolheo ferido, e não fez por então mais assaltos, nem houve mais inquietações naquellas aldeas. Neste estado deixaremos estas cousas, porque nos cabe aqui continuarmos com Manoel Travassos, e Balthazar Lobo de Sousa, que deixámos fazendo-se prestes, hum pera levar o Bispo

á

á Ethiopia, e o outro pera a Ilha de São Lourenço.

CAPITULO IV.

Do que aconteceo na viagem a Manoel Travassos, até lançar o Bispo no Porto de Arquicó: e do que succedeo ao Bispo até Baroá.

POr muita pressa que em Goa ficáram dando aos navios, que haviam de levar o Bispo, e os que haviam de ir á Ilha de S. Lourenço, não puderam dar á véla, senão Balthazar Lobo em Janeiro, e Manoel Travassos em Fevereiro. Este levava quatro navios, de que a fóra elle eram Capitães Pero de Siqueira, Vasco Correa, natural de Alcacer do Sal, e Antonio Vaz, com quem hia embarcado o Bispo D. André de Ouviedo, e hiam com elle dous Padres da Companhia, o Padre Manoel Fernandes pera Reitor, e o Padre Gonçalo Galtamas Cordovez com alguns irmãos. Dadas estas duas Armadas á véla, foi-se Balthazar Lobo seu caminho, a que depois em seu lugar tornaremos, e Manoel Travassos por outra derrota demandar a costa de Arabia, e aos vinte e seis de Fevereiro (que foi Quarta feira de Cinza) chegáram á Ilha de Sacotorá, onde o Bispo desembarcou com os companheiros, e em hu-

huma Ermida que alli eſtava, deo Cinza, e ſe fez o Officio conforme ao tempo, e depois foi viſitar a Igreja, que fez o Bemaventurado Apoſtolo S. Thomé, que eſtava dentro na povoação, onde o Biſpo diſſe Miſſa: e acháram alli hum Ermitão dos da terra com hum companheiro, que tinha hum capello de S. Franciſco, que parece lhe deo algum Frade, que por alli paſſou. Alli ſe detiveram até o Domingo ſeguinte, em que depois de ouvirem Miſſa ſe embarcáram, e ao ſabbado dahi a ſeis dias foram haver viſta da Cidade de Adém, do que ficáram enfadados, e aquella noite embocáram as portas do Eſtreito pela Banda do Abexim; e ſendo já dentro, lhes deo hum temporal tão rijo, que apartou os navios, e dalli de Ilha em Ilha foram tomar a de Maçuá, onde Manoel Travaſſos levava por regimento, que não bulliſſe, nem alvoroçaſſe a terra, por ſer do Turco, e que pacificamente deitaſſe o Biſpo em Arquicó, ſobre o que houve antre os ſoldados grandes motins, porque deſejavam de dar naquella Ilha, em que eſperavam tomar boas prezas, e o Biſpo com muito trabalho os apaſigou. Manoel Travaſſos por não ſahir do regimento que levava, ſurgio hum pouco affaſtado da Ilha, porque quiz primeiro tomar falla do que lá hia, e logo foram viſtos da terra firme, que

era muito perto, onde acertou de eſtar hum moço de hum Gonçalo Ferreira, que era Capitão, e Senhor do Porto de Arquicó, por outro nome Decano, que lhe deo o Emperador; e vendo os navios, mandou logo a elles hum moço Abexim de hum Franciſco Jacome Monteiro, por quem mandou huma carta de ſeu amo ao Capitão mór, em que lhe dizia, que eſtivera alli muitos dias eſperando por navios da India, por lhe parecer que viria o Patriarca, e que por ter novas de Turcos ſe recolhêra. O Biſpo a eſtimou muito, por ſaber que a terra eſtava quieta, porque do moço ſoube que em Maçuá eſtava Soltão Iſmael, que era Senhor daquella Ilha, e da de Dalaca, que eſtava oito leguas ao mar, e não tinha comſigo mais que vinte e ſinco Turcos. Eſtando neſtas perguntas, appareceo huma gelva, que dous dos noſſos navios foram demandar, e a fizeram varar na Ilha de Maçuá, e logo acudíram os Turcos com eſpingardas a defendella; o que viſto pelos noſſos, ſe recolhêram por não amotinar a terra. O Soltão Iſmael, que tambem deſejava de não romper com os noſſos, ou pera melhor dizer eſtava medroſo, porque tinha pouca gente, (porque eſtes nada fazem por virtude, ſenão por neceſſidade,) arvorou logo ſobre huma guarita duas bandeiras, huma branca em ſi-

nal

nal de paz , e outra vermelha em ſinal de guerra , como que convidava aos noſſos qual daquellas queriam acceitar. O Capitão mór com o parecer do Biſpo , e dos mais reſpondeo-lhe com outra bandeira branca. Neſta meſma conjunção foi o moço de Gonçalo Ferreira , que eſtava em Arquicó por Feitor , e foi recebido dos Portuguezes com cavalgaduras , que vivião perto , porque logo tiveram as novas dos navios , e com ſua vinda deſembarcou o Biſpo no porto de Arquicó , e foi recebido dos Portuguezes com grande alvoroço. Iſto foi aos dezoito dias de Março. Manoel Travaſſos tanto que deitou o Biſpo em terra , e a todos os mais , que com elle haviam de ficar , arrecadando ſuas cartas pera o Governador , tornou a fazer véla pera a India , e no caminho lhe deſappareceo a fuſta de Vaſco Correa , que foi dar á coſta por Xael , onde os mais dos Portuguezes foram mortos , e elle com os mais navios chegou a Goa , e deo as cartas ao Governador Franciſco Barreto , que eſtimou muito ficar o Biſpo poſto em terra tanto a ſeu ſalvo.

E tornando a continuar com elle aquelle dia , que foram aos dezoito de Março , em que deſembarcou já Sol poſto , começou a caminhar com muito regozijo , e alvoroço , levando-o os Portuguezes em meio , e

por todo o caminho o foram ſervindo de tudo em muita abaſtança; e porque não fique em eſquecimento, diremos os nomes de todos. Antonio Goes de Santarem, Franciſco Dias Machado, Pero Martins, Diogo Gonçalves, Jorge Vaz, Franciſco Moreira, Diogo Moniz, João Fernandes, que foi de D. Franciſco da Gama, ſegundo Conde da Vidigueira. Gaſpar Nunes, Gonçalo Soares Cardim, natural de Cintra, que foi em companhia do Biſpo, que ainda ao preſente vive, e que de lá nos mandou a relação deſta jornada, e de tudo o que ſuccedeo ao Biſpo, do dia que entrou na Ethiopia até que morreo. Ao outro dia, que foi ſeſta feira, chegáram a huma aguada, onde dormíram; e ao ſabbado vinte do mez encontráram mais alguns Portuguezes, que vinham em buſca do Biſpo, que eram Franciſco Jacome Capitão da guarda de ElRey, Luiz Cuſtodio, Antonio Lopes de Oliveira, e Antonio de Sampaio, que traziam formoſas cavalgaduras, capas de grã, chapeos de veludo preto, muitos lacaios, e alguns criados do Barnagais com cavallos, e mulas pera o Biſpo, e ſeus companheiros, que recebeo a todos muito humanamente, e foram caminhando muito bem provídos de tudo. Ao outro dia, que foi Domingo, houve Miſſa, e prégação com muita devoção, e alegria de todos.

Da-

Daqui foram ſempre caminhando por aldeas, e povoações proſperas, e abaſtadas de mantimentos de todas as ſortes, e aos vinte e ſeis dias do mez de Março encontráram o Barnagais, que já vinha buſcar o Biſpo, e ſe lhe lançou aos pés com muita humildade, e elle o recebeo mui honradamente, e lhe deitou ſua benção, e voltou com elle, dando-lhe pelo caminho todo o neceſſario a todos até chegarem a Baroá, e o Biſpo foi levado a huma Igreja dos Abexins da invocação do *Anjo S. Miguel*, onde fez oração, e deitou a benção a todos, e depois foi apoſentado em humas caſas mui boas, e os Portuguezes todos ao redor. Aqui ſe detiveram até a Paſcoa, que cahio a onze de Abril, com muito goſto, e alvoroço, que lhes não durou muito, porque logo a primeira Oitava chegáram novas apreſſadas, que tinha deſembarcado em Arquicó hum Baxá do Turco com muita gente, que vinha em ſoccorro do Rey de Adel, que trazia guerra com o Emperador; o que o Biſpo ſentio muito, e logo ſe poz a caminho com todos os Portuguezes pera a Corte, caminhando com muita preſſa, e tento. Aſſim o deixaremos por hum pouco, porque he neceſſario continuar com Balthazar Lobo de Souſa, que deixámos partido pera a Ilha de S. Lourenço.

CA-

CAPITULO V.

Do que ſuccedeo a Balthazar Lobo de Souſa na viagem até á Ilha de S. Lourenço: e da deſcripção deſta Ilha, e das de Comoró: e qual ſeja a Menuthias de Ptolomeu.

PArtido Balthazar Lobo de Souſa de Goa, como atrás diſſemos no Cap. IV. deſte IV. Liv., foi ſeguindo ſua derrota até haver viſta da Ilha de S. Lourenço, que foi coſteando pela banda de dentro; e mandou pelos navios de remo correr todos aquelles portos pera os notarem, e ſondarem, e verem ſe havia raſto algum da gente Portugueza, que ſe por alli perdeſſe, ficando Balthazar Lobo de Souſa no rio de Manzalage commutando algumas couſas com os da terra até ſer tempo de ſe recolher. Alguns dizem que fizera alli hum Rey Chriſtão com alguma gente ſua, de que não temos mais certeza, que ouvillo a ſeu filho Diogo de Souſa, que lho contára ſeu pai: e pois deſta jornada não temos mais que dizer, concluiremos eſte Capitulo com a deſcripção deſta Ilha, e das do Comoró, que eſtão pegadas a ella.

Eſta Ilha de S. Lourenço, a que os eſcritores chamam Madagaſcar, ſerá de duzen-

zentas e noventa leguas de comprido, e cen-
to de largo, no mais eſtreito de ſincoenta:
começa em onze gráos e meio da banda do
Sul, e fenece em vinte e ſinco e meio. He
toda eſta Ilha povoada de humas gentes,
nem tão pretos como Cafres, nem tão alvos
como os Mouros de toda aquella coſta. Tra-
zem os homens cabellos compridos, são mui
bem proporcionados, e aſſim meſmo as mu-
lheres. Preſume-ſe que foi já eſta Ilha con-
quiſtada dos Jáos, e que são eſtas gentes
meſtiços dantre elles, e os antigos naturaes,
que deviam de ſer Cafres da outra banda
da terra firme. He toda eſta Ilha ſenhoreada
de muitos Reys, que de continuo tem guer-
ra antre ſi, de que não temos conhecimen-
to, porque o Sertão nunca foi tratado, nem
viſto dos noſſos, por ſerem os naturaes to-
dos grandes noſſos inimigos, e o meſmo dos
Mouros: e daqui vem que por nenhum ca-
ſo os que alli vam ter deſembarcão em ter-
ra, porque ſe os acham, logo são mortos.
Os Mouros da coſta de Melinde, que anti-
gamente alli foram ter, fundáram duas po-
voações, em que ainda hoje vivem ſeus deſ-
cendentes, governados por Xeques: huma
em huma Ilha, que eſtá no meio de hum
rio chamado Manzalage, de que logo tra-
taremos; e a outra da outra banda de fóra
em outro rio chamado Bimaro. O nome pro-
prio

prio desta Ilha, por que os naturaes a nomeão, he Ubuque, e por essa a conhecem os Mouros que pera ella navegão; Ptholomeu lhe chama Minuthias, ou presumem os Geografos que he esta a que temos as duvidas que logo diremos. Os modernos lhe chamão Madagascar, e os Portuguezes a Ilha de S. Lourenço, porque em tal dia foi descuberta por elles.

O rio de Manzalage, que assima dissemos, está em altura de dezeseis gráos e meio, he grande, e formoso, e tem no meio huma Ilha tamanha como a de Moçambique, chamada Sada, onde os Mouros habitam, porque em toda aquella costa desde Melinde até Çofala, e S. Lourenço não se aposentáram senão em Ilhas, por se recearem dos Cafres. He esta parte de redor do rio Manzalage senhoreada de hum Rey, a que chamam Lingi, e estende-se seu Reyno até outro rio, que começa da banda do Levante, a que chamam Duria, que está em quinze gráos, e atravessa pelas terras do outro Rey chamado Tumgumaro, que he o mais poderoso de todos os daquella Ilha, e faz continuamente guerra aos Reys comarcãos; e a gente que lhe cativa a manda vender aos Mouros, que vivem na Ilha Sada, e todos vem ás mãos de Portuguezes por resgate. Deste rio Duria pera o Norte está huma en-

cea-

ceada, a que chamam Sinamario, ao redor della vive outro Senhor, que ſe eſtende pera o Sertão; e adiante pera a cabeça da Ilha da banda do Levante corre outra enceada chamada Tararango, que eſtá em treze gráos e meio, ſobre quem ſenhorea outro Rey: e daqui até á ponta da Ilha, onde ella começa da banda do Levante, ha outros dous Reys, e outras enceadas, e rios. Veſtem-ſe os naturaes de huns pannos feitos de palha muita fina; ſuas armas são rodellas, azagaias, e arcos; tem muitas mulheres, e são os móres ladrões, e mais crueis que ha por toda a Cafraria. Trazem alguns daquelles rios grandes Crocodilos, e pela coſta ha formoſas Tartarugas, de que os Mouros fazem grande cópia de ſuas caſcas, que mandam vender aos Portuguezes; e acham-ſe tambem grandes pedaços de ambar. Dá a terra muito gengivre, infinitas canas de açucar, muito mel, muito gado vacum, e o mais formoſo que no mundo ſe ſabe; porque ha boi tamanho como dous do Alentejo, e com hum mamilho ſobre a canga, que he couſa façanhoſa. Dá em ſeus campos muito arroz, milho, mungo, que he hum legume, que não ha no noſſo Portugal, e cria muitas minas de ferro, e os matos dão muito Sandalo branco, mas bravo, e algum vermelho, a que os Mouros chamam Mitiſaque, e levam

vam a vender hum, e outro a Cambaya pera os Gentios se queimarem quando morrem. Prézão muito o estanho, ou Calaim, e val antre elles tanto como prata, pera joias das mulheres. Fazem hum vinho de mel, e agua, curado ao Sol tres, ou quatro dias, com o que fica tão forte, que logo embebeda; e chama-se na sua lingua Mopata. Não se criam nella feras, nem bichos peçonhentos, he toda muito viçosa, e bem assombrada, de bons ares, e aguas excellentes, assim de fontes, como de rios. Tem alguns (como já dissemos) que esta Ilha seja a Minuthias de Ptolomeu, ao que se nos offerecêram duvidas; porque se elle tivera conhecimento desta Ilha, tambem não deixára de o dar das Ilhas do Comoró tão nomeadas; porque se os mercadores daquelle tempo, que lhes podiam dar informações por navegarem por toda aquella costa de Melinde, se víram humas, e outras, forçado lhe houveram de dar relação dellas, e não da de S. Lourenço só.

E lançando sobre isso nosso juizo, nos parece que a Ilha Angazijá, que he a mór das do Comoró, (de que logo trataremos,) he a Minuthias; porque parece que algum navio dos da costa de Melinde, que hia pera Moçambique, foi com algum desgarrão haver vista desta Ilha; e vendo-a de fóra

gran-

grande, e formoſa, daria della relação, e iria de boca em boca a ter a Ptolomeu com aquella fama de ſer tão affaſtada ao mar, e tão grande; e que mettendo-a elle em ſuas taboas por aquella informação, lhe chamaria Minuthias, por Ilha famoſa, e novamente deſcuberta. E quem quizer ver iſto mais claro, o fará na noſſa nova Ethiopia, onde tratamos de todas eſtas Ilhas; e quem bem conſiderar aquella Ilha que Poſſidonio eſcreve, que Eudoxo de Sirico, em tempo da Rainha Cleopatra de Egypto, diz que achou deſpovoada neſta coſta da Ethiopia, verá que não póde ſer outra ſenão eſta de S. Lourenço: e pera melhor declaração, faremos hum breve diſcurſo ſobre eſta viagem.

Eſcreve Poſſidonio, que em tempo de ElRey Evergente do Egypto partíra Eudoxo a deſcubrir a India por mar; e que voltando de lá carregado de fazendas ricas, fora deſgarrado tomar a coſta da Ethiopia, que havia de ſer a de Melinde, porque iſſo acontece muitas vezes a quem parte de Calecut pera o Eſtreito do mar Roxo, como eſte partio, e que o tempo que alli eſtivera, tomára conhecimento com os naturaes, e ainda aprendêra parte da ſua linguagem. E depois indo ter ao Egypto ſobre contas com aquella Rainha, em que ella o alcançára,

lhe

lhe fora fogindo pera Africa, e de lá se passára a Cales, onde armára duas embarcações pera ir rodeando a costa de Africa a buscar aquellas gentes da costa da Ethiopia, a quem ficára affeiçoado, e com o olho nos grandes proveitos, que de seu commercio esperava, a que chegára, e passára o Cabo de Boa Esperança; e que tornando de lá, achára huma formosa Ilha naquelle caminho despovoada, que lhe parecêra muito fertil, e abastada de aguas, e fruitas; e que por lhe parecer muito fresca, depois de chegar a Hespanha, partíra em huma náo carregada de arados, e sementes, com alguns companheiros pera a povoarem, e cultivarem, e que se fora perder na costa da Ethiopia junto do Cabo de Boa Esperança, onde dos pedaços da náo ordenára huma embarcação, em que se salváram. E considerando nós toda esta viagem, por sem dúvida temos ser aquella Ilha, que achàram tamanha, e tão fertil, esta de S. Lourenço, porque desda costa de Melinde até o Cabo de Boa Esperança não ha outra tamanha, nem tão fertil.

E já que fallámos nas Ilhas do Comoró, daremos dellas huma breve relação. São estas Ilhas quatro, e estão em altura de treze até quinze gráos e meio. A maior de todas he a Angarica, que será de quarenta leguas de comprido, dez de largo; he tão alta quasi

ſi como a Ilha do Pico, faz por ſima hum comoro grande, e vai deſcendo com huma ponta até o mar. He toda em roda muito limpa de baixos, e reſtingas, e he ſenhoreada pela fralda de Mouros Arabios daquelles; que primeiro vieram ter á coſta de Melinde, e eſtá toda repartida em vinte ſenhorios, que continuamente tem antre ſi guerras: aqui he o principal commercio dos Mouros de Meca, porque vem todos os annos a ella muitas náos a carregar de gengivre, e de outras mercadorias, e os Cafres naturaes daqui são muito pretos, e as mulheres bem aſſombradas, e tem nas fontes fogos como Abexins, e são eſcravos muito eſtimados de todos. As outras tres Ilhas ſe chamam Anjoane, e tem hum ſó Senhor, Molalle outro, e Maoto, que he a maior, he tambem ſenhoreada de hum Rey, e ha nella trinta Cidades a ſeu modo, de trezentos até quatrocentos vizinhos: he de grandes ſerras, tem muitas ribeiras de aguas excellentiſſimas, são todas de ares mui ſádios. Não ha nellas bicho algum peçonhento, são mui fertiles de arroz, milho, vaccas, cabras, gallinhas, e de tantas canas de açucar, que são como matos bravos, muito groſſas, e formoſas; e ſe ſe ordenarem nellas engenhos, ſerão tão proſperas, como a Ilha da Madeira: ha nellas infinito gengivre, e tem diſpoſição

pe-

pera tudo o que nellas ſe quizer ſemear. Hum Fidalgo honrado andou alguns annos em requerimento com ElRey D. Sebaſtião, que lhe déſſe licença pera os conquiſtar, dando-lhe navios, e artilheria, que elle buſcaria gente, e que daria a ElRey huma copia de eſcravos todos os annos pera as galés; e não ſoubemos os inconvenientes que ſe niſſo acháram; porque ainda que não fora mais que pera arrancar dellas os Mouros, e deſterrar o commercio de Meca, fora couſa de muita importancia; quanto mais tantos proveitos, como ſe dellas podiam eſperar, como era o de ſe povoarem aquellas Ilhas de Portuguezes, que alli ficariam vivendo ricos, e da grande Chriſtandade que ſe poderia fazer, e vir por tempo a ſobmetter as Ilhas todas debaixo do jugo de Chriſto. Havia antigamente outras ſinco, ou ſeis Ilhas junto da de Maoto, que por ſerem baixas as alagou o mar, e ficam como baixos, onde o mar quebra: tem todas formoſiſſimos, e ſeguriſſimos portos pera todos os ventos, e capazes de náos grandes.

CA-

CAPITULO VI.

Do que aconteceo ao Biſpo D. André de Oviedo até chegar a ſe ver com o Emperador da Ethiopia: e do que com elle paſſou.

DEixámos o Biſpo partido de Baroá com as novas que lhe chegáram do Turco; e antes de chegarem á Corte, ſe adiantou Luiz Cuſtodio pera ir negociar ſeus recebimentos, e por todo aquelle caminho foram comendo muitas gallinhas do Perú, perdizes, vaccas bravas, merus, pombas, rolas, e outras aves, de que por aquella terra ha infinidade, e o vinho que bebiam era ſerveja, e todos os dias até o Eſpirito Santo comêram carne, ſeſtas, e ſabbados, por ſer aſſim coſtume dos Abexins; e paſſada a feſta, jejuam todo o mais do tempo tres dias na ſemana. Ao cabo de dez dias chegáram a huma Igreja do Orago de *N. Senhora de Nazareth*, onde reſidia o Patriarca, que lhe mandou o de Alexandria, que era Neſtoriano, com quem ſe não quiz ver o Biſpo, e paſſou logo adiante até huma feira real, que ſe chama Mantadelle, aonde acháram hum criado de hum Chriſtovão Nunes de Serpa, natural de Arouca, que agazalhou a todos eſplendidamente.

He

He esta feira de hum Mouro grande pessoa, e muito rico, que lhe rende muito, e della vai o sal pera todo o Reyno. Daqui se partíram huma quinta feira, e atravessáram huns campos muito formosos, em que acháram muitas vaccas, porcos, elefantes, renocerotes, e ao sabbado chegáram a huma terra, onde estava o Luiz Custodio, que era sua, e esperava pelo Bispo com tres tendas armadas, e com infinitos refrescos de todas as sortes de fruitas, e carnes que na terra havia, com que hospedou a elle, e a todos os mais mui honradamente. Era este homem casado, e tinha alli sua mulher, que não quiz apparecer ao Bispo, porque era Nestoriana, e nunca quiz ser Catholica; mas logo houve o castigo disso, porque passáram poucos tempos que não morresse de peste, e foi lançada no campo, onde a comêram os lobos. Daqui se partio o Bispo á segunda feira, e foram todos caminhando por huma formosa estrada, até chegarem a huma aldea de hum primo com irmão do Emperador, que se chamava Abitichon Acabo; e estava alli com outro seu irmão chamado Abitichon Anes, (Abitichon he titulo antre elles, como antre nós o Dom.) Estes Senhores agazalháram o Bispo, e todos os mais mui honradamente. Daqui foram caminhando por campos fertilissimos, e povoações mui

mui grandes, e abaſtadas de tudo. Á ſeſta feira chegou ao Biſpo o Feitor de Gonçalo Ferreira, que tinham achado em Arquicó, e lhe apreſentou da parte de ſeu amo huma formoſa tenda com ſua cerca á roda, e huma rica alcatifa, e hum eſcravo, e tres mulas, o que elle eſtimou muito. Á ſegunda feira ſeguinte chegou o meſmo Gonçalo Ferreira, (que vinha pera acompanhar o Biſpo até a Corte,) e trazia huma copia de criados, e offereceo ao Biſpo, e a todos os que com elle vieram da India, ouro, e tudo o mais que houveſſem miſter.

Logo adiante acháram outro Portuguez chamado Jorge de Barros, que vinha da Corte, e trazia ſua mulher em huma formoſa mula, veſtida ao modo da terra, e por ſima dos trajos hum rico bedem, e rebuçada com huma fina beatilha, que não appareciam mais que os olhos, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e o Biſpo lhes fez honras, e gazalhados; e tornáram a voltar com o Biſpo até huma aldea de Gonçalo Ferreira, que hia com elles, onde foram agazalhados, e banqueteados eſplendidamente. Aqui veio ter com o Biſpo hum Portuguez, chamado João Gonçalves, que tambem trazia ſua mulher, que era Abexim, de caſta principal, e rica, e vinha em huma formoſa mula, cuberta com hum panno de borcado,

que lhe ficava como gualdrapa, e ella com huma roupa larga de veludo negro, e por ſima hum formoſo bedem, e na cabeça hum chapeo de veludo alto, e calções até os pés, mouriſcos de ſeda, com muitos botões de ouro, trajo que as ſenhoras Abexins usão, e nos braços muitas manilhas de ouro maciſſas; e o marido vinha em huma boa mula, e trazia hum formoſo ginete á deſtra, e elle veſtido cuſtoſamente, e na cabeça barrete preto com golpes, e pontas de ouro á Portugueza antiga. Com elle vinha outro Portuguez chamado Manoel Gonçalves em hum cavallo, com huma béſta no arção, e trinta lacaios de eſpadas, rodellas, lanças, e eſpingardas. Eſta gente recebeo o Biſpo honradamente, e á mulher de João Gonçalves fez particulares gazalhados, e todos voltáram com elle, que hia louvando a Deos por ver naquella terra tão diſtante, e apartada Portuguezes caſados, tão ricos, contentes, e tão zeloſos de agazalharem, e ſervirem ſeu Prelado.

Indo aſſim, chegáram a huma Igreja da invocação da Santiſſima Trindade, rica, e em bom ſitio, rodeada toda de formoſos acipreſtes com muitos Conegos, que tem arrezoada renda. E antes della hum eſpaço ſahíram hum golpe de Portuguezes vizinhos, e moradores daquellas aldeas, e povoações;

e fo-

e foram beijar a mão ao Biſpo, e ſe lhe offerecêram pera o acompanhar. E dia da Aſcensão pela manhã chegáram a huma Provincia muito freſca chamada Guimite Jorge, onde fizeram a feſta, e todos aquelles Portuguezes ſe confeſſáram, e commungáram. Aqui paſſáram aquelle dia, e outro, e tornáram a caminhar, e ao ſabbado ſeguinte encontráram Gaſpar de Souſa de Lima, Capitão de todos os Portuguezes, e com elle hum Azaguereito do conſelho do Emperador, que da ſua parte hia viſitar o Biſpo, que eſtavam em hum formoſo campo em tendas armadas paſſando a féſta. O Biſpo, que já ſabia delles, mandou tambem armar ſuas tendas hum pouco affaſtado, onde Gaſpar de Souſa de Lima com o Abexim logo o foram viſitar da parte do Emperador, e lhe apreſentáram vinte mulas, que elle mandou repartir pelos que vieram com elle da India, e fez muitas honras ao Abexim, e o aſſentou apar de ſi, e eſteve ſabendo da ſaude do Emperador, do lugar em que eſtava.

Eſtando aqui, ao outro dia foram ter com o Biſpo Affonſo de França Moniz, Diogo de Alvelos da Azinhaga, Simão do Soveral, Alvaro da Coſta da Covilhã, Portuguezes da companhia de D. Chriſtovão da Gama, e eram grandes privados do Emperador, e todos beijáram a mão ao Biſpo,

e elle os recebeo com muito amor, e caricias, e todos lhe deram a obediencia como a ſeu Prelado. Daqui ſe abalou o Biſpo acompanhado de todos aquelles Portuguezes, que era couſa formoſa de ver, porque antre os Abexins luſtravam tanto (pela diverſidade, e riqueza dos trajos, mulas, cavallos, criados, tendas, ſerviço, e tudo o mais) que pareciam elles os ſenhores da terra. E indo aſſim caminhando, foram dar em huma formoſa ribeira, e de longo della tinham os mais daquelles Portuguezes quintas, e caſas de prazer muito freſcas, principalmente Gonçalo Ferreira, que o mais do tempo reſidia alli, e elle levou o Biſpo, e todos os que o acompanhavam pera ſua caſa, e os banqueteou eſplendidamente.

O Emperador, que tinha correios poſtos por paragens, foi logo aviſado, que o Biſpo era chegado á ribeira, e mandou por hum correio chamar Franciſco Jacome pera ſe informar do caminho do Biſpo, e de ſuas couſas, e o tornou logo a deſpedir com recado de como já eſperava por elle muito alvoroçado, com o que elle ſe apreſſou mais, até chegar a hum formoſo rio chamado Axé, que traz infinito peixe de differentes ſortes, onde armáram tendas, e deſcançáram. Alli chegáram todos os mais Portuguezes, que andavam com o Emperador, que

eram

eram da ſua guarda, e eſtavam de continuo á porta da ſua tenda, e beijáram a mão ao Biſpo, que folgou de os ver. Naquelle rio eſtiveram até o Domingo do Eſpirito Santo, em que chegáram todos os Senhores, e Grandes da Corte pera acompanharem o Biſpo por mandado do Emperador, que eſtava da outra banda do rio, a quem elle fez muitos gazalhados, e todos lhe beijáram a mão com grande humildade, e no meio dos mais honrados foi levado ao Emperador, que eſtava em huma tenda branca redonda, toda alcatifada de alcatifas grandes, e formoſas, e elle deitado em huma camilha, veſtido em hum bedem em ſima de huma camiſa mouriſca, e na cabeça hum chapeo de veludo preto, e huns calções de taficira da Perſia calçados. Era homem largo, preto, de olhos grandes, e de preſença veneranda. O Biſpo entrou com os Padres junto comſigo, e ſe apreſentou ao Emperador, e lhe beijáram a mão, e elle os recebeo com gazalhado, mandando aſſentar o Biſpo junto á camilha em hum coxim de cordovão, que eſtava ſobre huma muito rica alcatifa de ſeda; e logo abaixo os Padres, e Gaſpar Nunes, que hia por Embaixador, que ao beijar da mão ao Emperador lhe apreſentou as cartas de ElRey, e do Governador da India Franciſco Barreto, e hum rico roupão de eſcarlata

com

com muitos botões de pedraria, e algumas cousas outras curiosas, que elle não festejou muito. O Emperador depois de saber do Bispo da saude de ElRey, do Governador, e da sua viagem, o despedio, e elle se foi a suas tendas, que estavam a huma parte do campo; e os soldados, que da India tinham vindo com o Bispo, os leváram os da terra por hospedes, mandando o Emperador prover a todos de tudo em muita abundancia.

CAPITULO VII.

De como D. Duarte Deça Capitão de Maluco prendeo ElRey de Ternate em huma asperissima prizão: e das grandes guerras que por isso se levantáram em todas aquellas Ilhas contra os nossos Portuguezes.

NÃo pareça que nos temos descuidado nas cousas de Maluco, com que imos continuando todos os invernos, porque não foi senão por estes dous annos atrás não succederem cousas dignas de lembrar, e de se pejar o tempo com ellas. E porque houve muitas outras em differentes partes, em que o houvemos mister, o despendemos, e gastámos nellas; mas agora que succedêram muitas, e que foram causa de se vir a perder

aquel-

aquella fortaleza, continuaremos com ellas por ſua ordem

Deixámos D. Duarte Deça o Abril paſſado de ſincoenta e ſinco partido pera Maluco, onde chegou o Novembro ſeguinte, e tomou poſſe da fortaleza, começando logo a correr com ſua obrigação, e a tratar de ſua fazenda, como os mais dos Capitães hoje fazem, pera o que já partem de Goa com regimentos, e ordens pera iſſo, que não faltão curioſos que lhas dão, porque tambem niſſo tratam de ſeus proveitos, ainda que ſeja á cuſta das almas dos meſmos Capitães, de que lhe a elles dá bem pouco. Aſſim eſte Capitão começou a querer tomar todo o cravo da Ilha Maquiem, que aquelle Rey tinha ſeparado pera as deſpezas de ſua caſa, como já diſſemos na V. Decada; e como elle vio que lhe queria D. Duarte Deça tomar o ſeu, foi-lhe á mão, ſobre o que ſe começáram os deſgoſtos, que foram o principio da perdição daquella fortaleza, como na XI. Decada ſe verá. D. Duarte que era teimoſo, forte, e trabalhoſo de condição, e eſtava cego com ſua cubiça, (e com iſſo não faltáram máos homens, que accendêram mais eſte fogo) tratou logo de ſe vingar de ElRey, e de o prender; e não dando conta do que determinava a peſſoa alguma, mandou hum dia chamar ElRey, e

e Cachil Guzarate ſeu irmão; e como os teve na fortaleza, os prendeo, e mandou metter em huma logea da torre, que ſervia de celleiro do cravo, que eſtava fedorentiſſima, e chea de baratas, e largatixas, e outros bichos peçonhentos: e ainda aqui lhes mandou lançar groſſiſſimos adobes, e fechados em correntes pelas azas de cameras de falcões, com o que ficáram tão inhabilitados, que ſe não podiam mover de huma pera outra parte, clamando, e gritando, e dizendo laſtimas, que puderam fazer compadecer peitos de feras. E não contente ainda D. Duarte Deça com iſto, mandou tambem trazer a velha mãi, que era huma Senhora muito honrada, e a metteo com elles, lançando fama, que ſe carteavam com a Rainha de Japorá na coſta da Jaoá, pera lhe entregarem aquella fortaleza, (eſtando todos bem innocentes daquelle crime, de que os accuſava.) E como ſua tenção era matallos alli á fome, defendeo que ninguem lhes déſſe de comer, nem de beber; o que elles ſentíram ſobre tudo, porque eſtavam na caſa do cravo, de que comiam por neceſſidade, que lhes aſſava os bofes, ſem lhes quererem dar huma pouca de agua pera lhes matar aquelle fogo, nem ſe apiedarem dos gritos, e laſtimas que de dentro diziam. E além deſtas deshumanidades, os eſcravos todas

das as manhans hiam purgar os ventres á porta da banda de fóra, o que faziam com ſujidades, e palavras indignas de ſe nomearem.

Vendo os Padres, e o Provedor com a Irmandade da Miſericordia tão aborrecidas cruezas, ajuntáram o povo, e foram fazer proteſtos, e requerimentos ao Capitão, pera que ſoltaſſe ElRey, affirmando-lhe « que eſ» tava ElRey innocente do que lhe alevan» tavam, e que não déſſe com iſſo occaſião » a huma grande deſaventura, porque já » havia atoardas que o Rey de Tidori fazia » preſtes ſuas Armadas pera ſe ajuntar com » os Ternates em favor de ſeu Rey, e pera » pôrem cerco áquella fortaleza; » a que D. Duarte Deça não deferio couſa alguma, dizendo « que os não podia ſoltar, porque » tinha delles culpas graves. » Vendo elles aquella teima, e injuſtiça, lhe pedíram « que » ao menos lhes déſſe licença pera os ſuſten» tarem na prizão, porque não era juſto que » os mataſſe á fome, e á ſede, que era hum » genero de morte, que nem barbaros a da» vam a ſeus inimigos. » O que elle lhes concedeo, e dalli por diante ordenáram antre ſi « que a Miſericordia déſſe huma ſemana » de comer aos prezos, e outra os mora» dores. » E aſſim foram continuando, com o que os pacientes ſe conſolavam já alguma

cou-

coufa. Mas como D. Duarte Deça eftava encarniçado no odio, não quietava, nem repoufava em bufcar modos pera matar os pobres prezos, até ordenar « que fe lhes » lançaffe peçonha na agua que lhes manda- » vam, como lhes fizeram duas vezes » que ElRey logo conheceo por virtude de hum annel que comfigo trazia, que era de tal confeição, que fe na cafa em que eftiveffe, entraffe alguma peçonha, logo mudava a cor, como lhe fez de ambas as vezes. Os Governadores do Reyno tanto que víram o feu Rey prezo, mandáram requerer por muitas vezes ao Capitão « que lho foltaffe; e » que não o querendo fazer, elles protefta- » vam de lhe não prejudicar em todos os » modos que pera iffo bufcaffem; e que dos » damnos que difto refultaffem, elle daria » conta ao Rey de Portugual » a que elle nada deferio. Vendo elles aquillo, concertáram-fe com o Rey de Tidore feu genro, pera os ajudar na guerra que ordenáram de fazer á fortaleza, pera que começáram a fazer feus preparatorios, e lançáram fuas corocoras ao mar, e ElRey de Tidore fez o mefmo, e em peffoa fe embarcou pera começar a profeguir na guerra.

E como era máo, e manhofo, jogou lanços de ladrão, que foram apoderar-fe de muitos lugares de ElRey de Ternate, com

ten-

tenção de se fazer senhor de todo aquelle Reyno; o que lhe fora muito facil, se tomára a fortaleza, como pertendia, porque então ficava-lhe ElRey nas mãos, e elle senhor de tudo. Os Ternates ajuntáram seu poder, e foram pôr cerco á fortaleza, dando-lhe tantos, e tão continuos assaltos, que se vio D. Duarte Deça mui apressado, e arriscado; e o em que mais cuidado puzeram, foi na prohibição dos mantimentos, pera que nem por mar, nem por terra pudessem passar á fortaleza; com o que comeáram a faltar, e os nossos a passar necessidades. Vendo-se D. Duarte Deça tão apressado, foi-lhe necessario valer-se do mór inimigo que aquella fortaleza tinha, que era Cachil Guzarate Sangage de Geilolo, a quem Bernaldim de Sousa destruio de todo, tirando-lhe o nome de Rey, como na VI. Decada no Cap. XIII. do IX. Liv. fica dito. E pera mais o obrigar, lhe mandou huma Provisão em nome de ElRey de Portugal » em que lhe tornava o titulo de Rey, e » o libertava das pareas que era obrigado a » pagar.»

Isto moveo tanto aquelle Sangage, que lançou logo suas corocoras ao mar, pera ir soccorrer D. Duarte Deça, e se começou outra vez appellidar Rey de Geilolo. No mesmo tempo despedio D. Duarte Deça hum Pa-

Padre da Companhia, chamado Antonio Vaz, homem letrado, e virtuoso, que ainda hoje vive na casa dos professos de Goa, » pera que fosse á Ilha de Bachão a pedir » ajuda áquelle Rey, assim de gente, como » de mantimentos, porque era amigo dos « Portuguezes. » Esta jornada foi de tanto proveito, que não só fez o Padre com El-Rey que provesse a D. Duarte Deça de mantimentos honestamente, mas ainda o convidou pera as Bodas do Senhor; porque achando-o domestico, e capaz, o rendeo, e catequizou, e depois o fez Christão com muita solemnidade, e a outros muitos do seu Reyno. E por estas santas obras, e por outras, que estes Religiosos, e os de todas as mais Religiões andam obrando por todo este Oriente, permitte Deos que as fortalezas da India estejam em pé, e que se sustentem, deixando o castigo das tyrannias de alguns Capitães só pera elle; porque huns não acabam de lograr o que dellas injustamente tiram, e outros não lhes chegáram a luzir nem em filhos, nem em netos.

E tornando a nosso fio. A guerra se foi continuando por terra, e por mar, por onde o Rey de Tidore andava com sua Armada, fazendo todos os damnos que podia. Nas corocoras de Ternate andava por Capitão mór Cachil Labuzaza, primo de El-

Rey,

Rey, muito grande cavalleiro, que depois ſe fez Chriſtão, e ſe chamou D. Henrique, e por ſeus muitos ſerviços lhe mandou El-Rey D. João o habito da Cavalleria de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, e o cargo de Pandará de Malaca, onde viveo caſado, e com filhos, e fez tantos ſerviços, quantos pelo decurſo de noſſas Decadas ſe verão. Eſte homem fez muita guerra então áquella fortaleza, e pelejou com algumas fuſtas, que D. Duarte Deça armou; e com ellas, e com os ſoccorros que lhe vieram de Geilolo, de Bachão, e de outras partes, a que tambem acudio Gonçalo Pereira Governador de Momohia com algumas corocoras, e mantimentos, ſe foi ſuſtentando. E como foi tempo, deſpedio a náo S. João, de que era Capitão Franciſco de Barros com a carga do cravo pera a India, por quem eſcreveo ao Capitão de Malaca, que o mandaſſe ſoccorrer com muita preſteza: e o meſmo fez ao Governador, dando-lhe conta de tudo o paſſado, pondo áquelle Rey crimes que elle nunca commetteo; mas não faltou tambem quem lhe eſcreveſſe a verdade deſte caſo. Neſte eſtado deixaremos a guerra, que deo bem de trabalho aos noſſos.

CA-

CAPITULO VIII.

Da differença que ha antre Persas e Arabes sobre a opinião de suas seitas: e de como o Rey da Persia mandou aos Reys do Decan o titulo de Xas, com condição que seguissem sua seita.

NA nossa IV. Decada no Cap. I. do Liv. X., onde fallamos na seita que seguem os Magores, démos brevemente conta de sua lei; agora será necessario declararmos isto melhor pera a materia que havemos de tratar. Pelo que se ha de saber que por morte de Mafamede (em que os mais dos escritores variam na conta do anno em que foi) deixou nomeado em seu testamento por seu successor, e cabeça da sua doutrina Alé filho de Sabutabel, irmão de seu pai; assim por ser seu primo com irmão, como por ser seu genro, casado com Fatima filha de sua primeira mulher, de que tinha dous filhos nascidos de hum ventre, chamados Hacem, e Hocem, e lhe deixou encommendado que tomasse a dignidade de Califa, que he como a do Summo Pontifice antre nós. Isto tomou mal Abubar sogro de Mafamede, em cuja casa elle morreo, porque houve que lhe pertencia a elle melhor aquella dignidade, assim por sogro delle Mafa-

mede, como por ſua idade, authoridade, e poſſe, porque era muito poderoſo: e ajuntando-ſe com dous parentes ſeus de muita poſſe chamados Homar, e Othomão, perſeguíram o Alé de feição, que o deſterráram, e por conſentimento de todos foi logo levantado o Abubar por Califa. Neſta dignidade viveo pouco, e ſua morte não careceo de ſuſpeitas de peçonha, que diziam mandar lha dar Homar; porque tanto que elle faleceo, ſe alevantou com o Califado quaſi por força. Eſte viveo com aquelle titulo dez annos e meio, e foi morto, eſtando na Meſquita, por hum eſcravo ſeu, e affirmou-ſe que por ordem do Alé, que eſtava recolhido na Cidade de Cufa, e por ſua morte ſe alevantou Othomão, allegando pera iſſo que fora duas vezes genro de Mafamede, como de feito foi caſado com duas filhas chamadas Coſulma, e Roqueia, que morrêram em vida do pai. Eſte tambem viveo pouco, porque foi morto em humas alterações que houve no Cairo, e por ſeu falecimento ſe ajuntáram os Grandes a conſelho, e por parecer de todos (tirando o de Mauhia Capitão de Othomão) foi chamado Alé, cujo era de direito o Califado, e o aſſentáram na cadeira daquella dignidade; e o Mauhia, que ficou de fóra, e era poderoſo, o perſeguio com guerras grande-

men-

mente, e por fim o mandou matar aos seis mezes de seu governo, e lá teve industria com que subio á dignidade do Califado, em que viveo doze annos, e tres mezes: em sua vida renunciou a dignidade em seu filho Lazit que governou, temendo-se de Hocem, que era outro filho de Alé, e teve industria com que o mandou matar. Este Lazit foi muito máo homem, perverso, e havido por herege, porque vivia como Gentio.

Ora vamos a Hocem, que elle fez matar, a quem ficáram doze filhos chamados Zeinal, Mahamed, Bager Mahamed, Jafart, Musá Casim, Musi Ali, Musera Ali, Mahamed Tangui, Mahamed Alivaugi, Ali Hocem, Asqueri Hacem, e Mahamed Mahedi mais moço: affirmam os Persas que não morreo, e que este ainda ha de vir declarar a verdade de todas as opiniões, que antre elles, e os Arabios ha, e que ha de converter o mundo todo á sua doutrina, e que esta conversão ha de começar em Maxadali, onde Alé seu avô está enterrado. E esta he a razão, por que naquella Mesquita tem continuamente hum cavallo sellado esperando por elle, pera como alli chegar, cavalgar logo. Este cavallo tanto que se esconde o Sol, logo o levam á Mesquita com muitas luminarias, e em huma sesta feira do anno o fazem com grandes ceremonias, e orações

a

a Mafamede, pedindo-lhe que acabe já de mandar ſeu neto a declarar as duvidas que antre elles, e os Perſas havia, ſobre quem fora o verdadeiro Califa: ſobre o que havia de continuo antre elles guerras, porque os Perſas ſuſtentavam, e ainda hoje o fazem, que ſó o Alé o foi legitimamente, e que os mais foram ſciſmaticos, tyrannos, e alevantados, e por iſſo tomáram aquelle appellido de Xiai, que quer dizer união de hum corpo, porque eſtavam ſempre com as armas nas mãos pera ſuſtentarem ſua opinião.

Os Arabios pelo contrario affirmam, que elle não fora Califa, e que os outros o foram legitimamente eleitos, e que os Perſas são os que vivem errados em ſua opinião, e contra elles tomáram aquelle appellido de Sonijs, de que ſe tanto prezam, que quer dizer ſeguidores, ou ſuſtentadores da verdade; e quando nomeam os Perſas, lhes chamam Rafaſis, que he o meſmo que chamar-lhes homens errados, e deſencaminhados. Eſtas duas opiniões ſeguem todos os Mouros aos Arabios daquella parte de Africa, Mauritania, Berberia, e todos os que ſe eſpalháram por Heſpanha, e os que vivem por toda a Provincia do Egypto, Abaſſia, Coſta de Melinde, Moçambique, Çofala, e em todas aquellas Ilhas, e todos os Turcos, Rumes, e todos os deſtas par-

tes da India até Maluco ; porque como os Arabios foram homens , que ſe deitáram á navegação , e paſſáram até o Oriente , e por todos os Reynos delle , aſſim nas terras firmes , como nas Ilhas todas , achando os Gentios faciles , e domeſticos , lhes prégáram a largueza de ſua ſeita , a que logo todos ſe convertêram , e aſſim os ſeguem todos eſtes Reys do Decan , de que já démos razão , quando tratámos do tempo , em que os Mouros conquiſtáram aquelles Reynos.

Neſta lei vivêram até eſte inverno de ſinçoenta e ſete , em que andamos , até que o Xathamás Rey da Perſia , filho de Xaiſmael , zeloſo da obſervação de ſua ſeita , mandou no principio deſte anno alguns Perſas muito doutos em companhia de Embaixadores muito graves , e com grande apparato a todos os Reys do Decan pera os perſuadirem a receber ſua ſeita , e a ſeguirem Alé ſeu Califa ; e pera mais os obrigar , lhes mandou a todos o titulo de Xás , de que lhes paſſou ſuas patentes , e formões. Eſtes Embaixadores foram nas náos de Ormuz ter a Dabul , e dalli corrêram ás Cortes do Mirão , Verido , Zamaluco , Idalcan , e Cota Maluco , e deram áquelles Reys ſuas Embaixadas , e prégáram ſua opinião , a que foi mui facil de os render , e começáram logo em ſuas Meſquitas a rezar de Alé , e a clamarem

por elle em ſeus Alcorões, appellidando-ſe dalli em diante Sonijs, e com iſſo ſe intituláram Xás, que elles houveram por muito grande honra, e nós aſſim lhe chamaremos nas noſſas Decadas daqui em diante, deixando o titulo de Cais, de que até agora uſáram, e que com mais razão ſempre lhes cabe deſtes do Zamaluco Rey de Chaul, (que ſerá de agora por diante Nizamoxá.) Faremos aqui huma breve relação, já que a temos feito de todos os Reys de Viſapôr, que são eſtes, que vizinham comnoſco neſta parte de Goa, o que faremos neſtoutro Capitulo por ſer mais folgado aos leitores.

CAPITULO IX.

De huma relação de Nizamoxá, e de ſua morte: e de como o que lhe ſuccedeo no Reyno ſe ajuntou com o Catubixá contra o Idalcan, e largou o Inizamoxá ao Mealecan, que tinha prezo.

NO Cap. IV. do X. Liv. da IV. Decada démos larga conta daquelles ſinco Capitães, que ſe alevantáram com todo o Decan, que antre ſi repartíram em Reynos, e deſtes coube aquella parte que jaz de Ciſardão até o rio Nagotana, que he pelo rio de Carania dentro, a Nizaman Maluco, a quem erradamente chamamos Zamaluco, cu-

jo proprio nome era Boran. Este diziam que era filho de Daudar Soltão, legitimo, e verdadeiro Rey de todos estes Reynos; porque affirmam que huma mulher, que elle deo ao pai deste Boran, que era seu Capitão, já hia prenhe delle. E assim depois que este herdou o Reyno, tomou por appellido, e por armas hum falcão, dizendo, que assim como esta ave era mais real que todas, assim elle o era antre os Reys do Decan, que foram escravos de seu pai. Este Boran Soltão foi o mais valoroso, franco, liberal, e mais justiçoso Rey de todos os de seu tempo, e dos vizinhos. E em principio do governo de Affonso de Albuquerque foram ter ao porto de Chaul (que era seu, e onde elle acertou de se achar) doze Portuguezes, que vinham de Cambaya em hum navio seu; e vendo-se com ElRey, elle os agazalhou bem, folgando tanto de os ver, que lhes quitou os direitos de suas fazendas, e lhes rogou « que se aposentassem naquella par» te, em que hoje está a nossa Cidade de » Chaul, e que elle os libertaria dos direi» tos, e não só a elles, mas ainda a todos » os mais que alli fossem viver, e que lhes » faria outras honras, e favores » de que lhes mandou passar hum largo formão.

Por estas liberdades se deixáram alli ficar aquelles homens, e se aposentáram naquel-

quella parte, em que hoje eſtá a Cidade, e depois poucos e poucos ſe lhes foram ajuntando outros, e fizeram alli huma colonia de Portuguezes, e daqui teve principio eſta povoação de Chaul, e as liberdades que ſeus moradores, e todos os mais tem em os direitos de ſuas fazendas, ſegundo huma lembrança que nos mandou, tirada dos tombos da Corte daquelle Rey, hum Antonio de Aguiar, que ha muito vive nella Mouro, chamado Islancan, homem eſperto, e pratico em muitas linguas, com quem communico por cartas, e delle me informo das couſas daquella Corte, de que ſempre deo muito boa razão.

Eſte Rey Boran Soltão ficou ſempre tão affeiçoado aos Portuguezes, que paſſando por Chaul o Governador Diogo Lopes de Siqueira, lhe concedeo lugar pera fazer fortaleza, onde ainda hoje eſtá, porque folgou de ter os Portuguezes em ſeu Reyno pela fama que corria de ſeu valor, e esforço; porque era tão affeiçoado aos bons cavalleiros, e aos homens doutos, que em lhe vindo fama de algum nos Reynos vizinhos, logo o mandava buſcar, e lhe fazia muitas honras, e mercês; com o que concorrêram em ſeu tempo todos os bons Capitães, e doutos em ſuas ſciencias, que paſſáram de todos os Reynos eſtranhos a eſte. E de dentro

tro de Conſtantinopla mandou trazer hum afamado fundidor, que lhe fez duas mil bombardas de bronze, e ferro, com que ſe fez temido a todos os vizinhos. Foi muito doente do mal de S. Lazaro, pera o que buſcou todos os remedios poſſiveis, até ſe banhar em ſangue de meninos, mandando matar muitos pera eſte effeito, e encher grandes banhos delle, (por lhe fazer crer hum feiticeiro que com iſſo ſararia;) mas não lhe valeo, porque veio a morrer aborrecido do meſmo mal tão nogento os annos paſſados de 1555, tendo reinado ſincoenta e oito.

Tinha eſte Rey muitos filhos, e já em ſua vida ſentia alteração nos Capitães, e andarem bandeados huns a huns, e outros a outros; e receando-ſe que por ſua morte houveſſe mui grandes diviſões, mandou chamar hum Portuguez, que deſdo tempo de Nuno da Cunha andava em ſeu Reyno, que dizem alguns que fora bombardeiro, e ſe chamava Sancho Pires, e lá ſe fez Mouro, e lhe puzeram nome Tringuican; e lhe pedio, que tanto que elle morreſſe, fizeſſe alevantar por Rey a ſeu filho mais velho chamado Uzen, e alli lho entregou logo, porque ſó delle fiava aquelle negocio; e o Sancho Pires lhe diſſe que aſſim o faria, e que niſſo lhe havia de pagar as honras, e mercês que delle tinha recebido. Era eſte homem tão va-

valoroſo por ſeu braço, que ſe póde metter no conto dos famoſos que houve no mundo; porque chegando ſó, e homiſiado áquelle Reyno, aſſim deo logo tamanhas moſtras de ſeu valor, que lançou ElRey mão delle, e o fez Capitão da gente de cavallo, em que tambem deo tal conta de ſi, e deo tão verdadeiras moſtras de ſeu esforço, que veio a ſer General de todo o Reyno, e o principal dos do Conſelho de ElRey, que lhe deo tantas terras, e rendas, que ſuſtentava dez, e doze mil homens de cavallo; e aſſim era tão temido de todos os Capitães, e Mouros, que não havia quem lhe não fizeſſe veneração, e ſe lhe não baqueaſſe.

Aſſim que vindo aquelle Rey a falecer, tomou Sancho Pires o filho Uzen, e o poz na cadeira do pai, e o fez levantar por Rey a pezar de todos os outros Capitães, que eſtavam divididos em bandos pelos outros filhos; mas elle teve tal maneira, que por força fez vir todos a dar-lhe obediencia, e quietou os tumultos, ficando em companhia do Rey, governando o Reyno com tanta prudencia, e valor, que não houve vizinho que ouſaſſe a bullir com elle, e aſſim ſe fez poderoſo, e temido, e tão reſpeitado, que ſe ſe quizera fazer Rey, ſem dúvida o fora. E ſe eſte homem não eſcurecêra ſeus feitos com a negação que fez da fé, morrendo

Fran-

Franguican, puderam elles ser havidos no mundo por espantosos, e nós deixaramos delle huma memoria, que nunca se acabára; porque foram seus feitos tantos, e taes, que bem puderam occupar a mór parte desta nossa VII. Decada; mas fique assim com isto, pois não foi merecedor de mais. Huma cousa não he bem que se lhe negue, e foi, que todos os Portuguezes, que em seu tempo foram fogidos pera Visapôr, e se queriam fazer Mouros, elle lho estorvava, pondo-lhes diante as obrigações que tinham á Lei de Christo, persuadindo-os a viverem nella; e aos que se não faziam Mouros, recolhia, e tratava muito bem, e os outros lhe aborreciam tanto que os não queria ver.

Quietados os tumultos, e seguro Soltão Uzen em seu estado, determinou de se satisfazer de algumas affrontas, que tinha recebido do Idalcan com a vizinhança que tinha com a sua fortaleza de Calibraga, que estava nos estremos dantre ambos os Reynos: pelo que determinou de lha tomar, e convocou em sua ajuda o Cota Maluco, que reinava naquella parte de Galecunda contra Masulepatão, que tambem foi hum dos Capitães alevantados, que estava inimigo do Idalcan, e foi ajudar o Uzen com vinte mil de cavallo, dando-lhe o Veridó passagem por suas terras, que jazem ao Norte das do

Idal-

Idalcan. E ajuntando-se ambos em huma Mesquita, juráram a liga com grandes ceremonias, e alli naquelle auto pedio o Cota Maluco a Uzen « que lhe fizesse mercê de » mandar soltar o Mealecan, que estava pre» zo na serra de Baula, e o deixar ir pera » sua mulher, e filhos, porque bem lhe bas» tavam suas desaventuras. » Vendo Uzen que aquelle Rey lhe pedia aquillo naquelle tempo, em que não era licito negar-lho; lhe disse, que pelo servir o faria. E não querendo o Cota Maluco, que aquelle negocio ficasse pera depois, lhe disse « que lo» go lhe mandasse passar hum formão pera » o entregar a hum Capitão, que a isso man» daria; porque as mercês que se logo fa» ziam, eram de mór preço, e gosto, assim » pera quem as fazia, como pera quem as » recebia » o que lhe ElRey Uzen não negou, e logo se lhe passou o formão que pedia, em que « o mandava soltar, e que lhe » déssem dinheiro pera as despezas, e alguns » cavallos pera sua pessoa » com o que Cota Maluco despedio hum Capitão seu, a quem o Amircan (que o tinha em poder) o entregou com tudo o que lhe mandavam dar, e com elle se partio logo pera Chaul, e lá o entregou a Garcia Rodrigues de Tavora, que era Capitão, que como veio o verão, o mandou pera Goa ao Governador.

Feitas, e juradas as conjurações, abaláram aquelles Reys contra a fortaleza de Calibraga, e aſſentáram de redor della ſeus exercitos, e a começáram a bater, tudo por ordem de Sancho Pires, que era General. O Idalcan ſendo aviſado da conjuração, deſpedio muitos Capitães dos que tinha pera mandar ſobre Goa, e os mandou ſoccorrer aquella fortaleza, e elle ſe poz em campo pera o fazer em peſſoa, ſe foſſe neceſſario. O Sancho Pires na bateria que deo á fortaleza, lhe derribou hum lanço de muro, por onde commetteo a entrada, ſendo elle o primeiro; mas os de dentro a defendêram tão bem, que os lançáram fóra, ficando alli o Sancho Pires morto de huma eſpingardada. Vendo os Reys aquelle eſtrago, alevantáram o cerco, em que perdêram quatro mil homens, e alguns Capitães, em que entravam Jamaldican, e Rumecan, com o que o Idalcan ficou deſalivado pera mandar proſeguir na guerra de Goa, pera onde deſpedio mais alguns Capitães.

DE-

DECADA SETIMA.

LIVRO V.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Das cousas, que acontecêram na guerra de Goa: e de hum assalto que os nossos deram na outra banda, em que houve algum desarranjo: e de como os inimigos entráram a Ilha de João Lopes.

A Guerra de Goa se hia continuando, ainda que com pouco perigo, e damno, todavia com trabalho, porque começáram a faltar na Cidade muitas cousas, de que ella se provê das aldeas da outra banda, e miseravelmente se achavam frangãos, e gallinhas pera os doentes, porque chegou a valer hum duas tangas, e huma gallinha hum cruzado, de que se havia mister grande quantidade pera enfermos, e Hos-

Hoſpitaes. Só com a lenha ſe remediavam melhor, porque ſe cortava dos matos da Ilha, que pera eſtas neceſſidades ſe guarda, e poupa com grandes penas, que no tempo da paz não poſſa peſſoa alguma cortar lenha nelles, e nem ainda dos quintaes particulares ſe póde derribar huma arvore, ſob pena de dez pardaos pera o rendeiro do verde. Aſſim que com eſtes trabalhos ſe foram remediando o melhor que puderam das Ilhas circumvizinhas, e das aldeas da de Goa; porque os inimigos ſó na defensão dos mantimentos puzeram toda ſua diligencia; poſto que tambem não deixáram de inquietar os noſſos com alguns aſſaltos miudos, e de pouca importancia, dando rebates nos paſſos, ſó a fim de divertir os noſſos, e os quebrantar. Mas a iſſo tinha o Governador dado ordem, e provído mui bem, com mandar pôr fachos nas Ilhas de Juan, e Chorão, e em ſima do outeiro de N. Senhora do Monte, donde ſe deſcobre tudo, onde eſtava hum Baſiliſco pera fazer ſinal. E tanto que em qualquer parte daquellas ſentiam Mouros, derrubavam os fachos, e os que vigiavam o Baſiliſco, vendo o ſinal, deſparavam huma bombardada, a que acudiam logo aonde lhe davam o ſinal. Mas onde os inimigos deram mór trabalho, foi nas terras de Salſete, onde eſtavam D. Jorge, e D. Pedro

de

de Menezes, que todo este inverno andáram com as armas ás costas, guardando, e defendendo as terras, tendo alguns recontros com os inimigos muito arriscados, em que houve damno de ambas as partes, ainda que todavia muitas das aldeas se deixáram de lavrar, e semear, e os lavradores dellas se recolhêram ás partes seguras; e algumas comêram os inimigos, que foram as de Cocoli, e Asolona, e outras, que estam pegadas ás suas terras, e algumas vezes foram dar vista á fortaleza de Rachol; mas recolhêram-se escalavrados das mãos dos nossos. Nos passos da Ilha de Goa continuáram elles com mais rebates, a fim de cançarem os que os guardavam; e não se contentando com isso, determináram de entrar na Ilha de João por ordem do Calabatecan, que tinha suas estancias defronte, do que logo o Governador foi avisado; pelo que determinou de lhe mandar dar hum assalto, porque não só desconfiassem de entrar nas terras do Estado, mas pera que se receassem de lhes irem lá quebrar as cabeças, porque não vivessem com tanta segurança; e pera isso elegeo alguns Capitães, de que não achámos o nome, a mais que a Pantaleão de Sá, e lhe deo quinhentos homens pera irem dar no Calabatecan, que passáram pela Ilha de João Lopes defronte do passo secco, e

no

no quarto da Lua foram demandar as estancias dos Mouros, levando diante os espingardeiros. O Calabatecan estava já avisado, porque dantre os nossos havia quem lhe mandava cada dia aviso do que se passava, e estava esperando com as armas nas mãos, e tinham lançados em cillada seiscentos homens, em parte que ficavam nas costas aos nossos; que tanto que os víram passar adiante, lhes arrebentáram por huma ilharga, e deram na retaguarda, que era Pantaleão de Sá, e da primeira carga derribáram, e feríram alguns, e depois traváram com elles; e posto que os achou, e tomou descuidados, voltando com grande animo, começáram huma muito aspera, e perigosa batalha á espada, porque lhes faltou a arcabuzaria que hia diante. Pantaleão de Sá se vio de todo perdido, mas nem por isso se descuidou de sua obrigação; antes com muito valor, e esforço sustentou o pezo da batalha, posto diante dos seus, animando-os a cada passo, e trazendo o olho nelles, porque se não desmandassem. Neste transe acudíram os que hiam na dianteira com a arcabuzaria, (porque tiveram rebate do aperto em que estavam,) e dando em os inimigos, os puzeram em desbarato com morte de alguns. E porque o poder todo vinha já contra elles, se foram recolhendo o melhor que pudéram,

fi-

ficando no campo perto de vinte dos noſſos mortos, a fóra muitos feridos, que não perigáram.

Paſſado eſte ſucceſſo, de que os inimigos ficáram mui ufanos, determináram de fazer huma entrada pela Ilha de João Lopes. E huma noite muito eſcura a commettêram, e paſſáram a ella mais de quatrocentos, de maré vaſia, com a agua pelos peitos, e huns poucos delles foram de longo da praia, onde Ayres Gomes da Silva tinha a ſua eſtancia, porque eſtava alli com ſeſſenta homens. E como o eſcuro era grande, e elles hiam em muito ſilencio, entráram alguns na cozinha de Ayres Gomes da Silva, que eſtava apartada, em que não havia mais que hum eſcravo cozinheiro, que eſtava dormindo, em quem deram algumas cutilladas; e ſahindo della, foram dar com dous ſoldados que vinham de fóra, que ſentindo ſerem inimigos, voltáram com muita preſſa, e ſe foram pera hum tezo, que eſtava a ſima das eſtancias, em que havia duas peças de artilheria, com que varejavam as dos inimigos, que eſtavam da outra banda, e de ſima começáram a gritar, que acudiſſem á artilheria. Ayres Gomes da Silva ouvindo a revolta, acudio com os ſeus ſoldados áquella parte, e fez ſinal com huma peça, pera que ſoubeſſem nos paſſos que havia Mouros na Ilha.

E

E tanto que ſe ouvio, ſe lançáram logo muitos á agua, pera paſſarem a ella; mas os inimigos ſentindo já os noſſos, ſe foram recolhendo. E Ayres Gomes da Silva, que teve rebate, ſe foi apôs elles, e lhes deo tanta preſſa que os fez lançar ao rio, onde ſe affogáram alguns, ficando a Ilha deſpejada, a que eram paſſados já mais de ſeiscentos dos que eſtavam em os paſſos, mas não tiveram que fazer. E acudindo o Governador, mandou logo paſſar Jorge de Mendoça Capitão da Cidade pera a Ilha de João (que fica antre a de João Lopes, e a terra firme) com ſeiscentos homens, e alguns moradores de Goa, porque ſe receou que os inimigos entraſſem nella.

CAPITULO II.

Da Armada que eſte anno de ſincoenta e ſete partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos: e de huma breve relação da devoção, que os mareantes tem ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, a que elles chamam o Corpo Santo.

POucos dias depois do aſſalto paſſado, ſurgíram na barra de Goa tres náos de ſinco, que tinham partido do Reyno: e porque deſta viagem he neceſſario darmos mui-

to particular razão , o faremos aqui. No principio deste anno de sincoenta e sete, em que andamos, mandou ElRey D. João negociar sinco náos pera mandar á India, de que deo a Capitanía mór a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, que escolheo a náo Santa Maria da Barca, em que D. Leonardo de Sousa tinha chegado da India pera ir nella. As outras quatro náos eram, Santo Antonio, cujo Capitão era Cide de Sousa; a Assumpção, que levava por Capitão Braz da Silva. Da Framenga era Antonio Mendes de Castro; e da Aguia João Rodrigues Çalema de Carvalho. Estando estas náos prestes, e carregadas pera darem á véla, abrio a náo Capitânia huma agua tão grossa, que se hia ao fundo, e chegou a ter em si quatorze palmos della: e acudindo os officiaes pera a remediarem, não sómente lhe não puderam tomar a agua, mas nem saberem por onde a fazia, antes viam que cada vez lhe crescia mais, porque nem bombas, nem barrís, nem outras vasilhas, que corriam por andaimes, lha puderam esgotar em muitos dias, trabalhando de dia, e de noite. Vendo ElRey que se hia gastando o tempo, mandou fazer as outras náos á véla, e que aquella se descarregasse, o que elles fizeram já em Abril. A

Capitânia ſe deſpejou toda com muita preſſa, pera verem ſe lhe achavam por onde fazia eſta agua. Vendo D. Luiz Fernandes que já naquelle anno não podia fazer viagem, no que recebia muito grande perda, porque era hum Fidalgo pobre, e tinha gaſtado muito em ſe aviar, andava mui triſte, e deſcontente. A náo foi revolvida, e buſcada de poppa a proa, ſem lhe poderem dar com a agua, e andava huma grande borborinha antre os peſcadores de Alfama ſobre aquelle negocio, que affirmavam publicamente que Deos N. Senhor permittíra aquillo, porque aquelle anno lhe tirára o Arcebiſpo aquellas ſuas tão antigas ceremonias, com que veneravam, e feſtejavam o dia do Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, levando-o ás hortas de Enxubregas com muitas folias, cargos de fogaças, e outras interiores de alegria, e de lá o traziam enramado de coentros freſcos, e elles todos com capellas ao redor delle, dançando, e bailando.

E porque nos não lembra vermos eſcritas eſtas ceremonias em alguma parte, o faremos aqui brevemente. Tem todos os homens do mar tamanha devoção, e veneração ao Bemaventurado S. Fr. Pero Gonçalves, e o tem por tão ſeu advogado nas tormentas do mar, que crem de todo ſeu coração, que aquellas exhalações, que nos tempos for-

tuitos, e tormentosos apparecem sobre os mastos, ou em outras partes das náos, que he o Santo, que os vem visitar, e consolar; e tanto que acertam de ver aquella exhalação, acodem todos ao convés ao salvar com grandes gritas, e alaridos, dizendo: *Salva, salva, ó corpo Santo.* E affirmam que quando apparece nas partes altas, e duas e tres, ou mais daquellas exhalações, que he sinal que lhes dá de bonança; mas se apparece huma só, e pelas partes baixas, que denuncía naufragio. E tão crentes, e firmes estam nisto, que quando aquellas exhalações apparecem sobre os mastareos, sobem os marinheiros assima, e affirmam que acham pingos de cêra verde; mas elles nem os trazem, nem os mostram. Ao menos nós os não vimos alguma hora, passando por muitas vezes esta carreira. E se os Religiosos, que vem nas mesmas náos, lhes querem ir á mão, dando-lhes razões pera lhes mostrar que aquillo são exhalações, e dando as causas naturaes, porque se geram, e porque apparecem, não falta mais que tomarem as armas, e alevantarem-se contra quem lhes contradiz aquella sua fé, que por tal o tem.

A festa deste Santo se faz, e celebra nas Oitavas da Pascoa, e aquelle dia he o de maior triunfo de todos os pescadores, que todos os outros, e em que elles fazem mó-

res gaſtos , e deſpezas , que em todos os mais. Eſta pequena luz, que eſtes mareantes Portuguezes veneram em nome de S. Fr. Pero Gonçalves , e os eſtrangeiros no de Santo Anſelmo , he tão antiga ſua veneração, que já em tempo dos Gregos ſe celebrava; porque ſegundo muitos Authores ſeus contam, quando aquelles famoſos Argonautas hiam na demanda do Velloſino de ouro, em huma grande tormenta que tiveram no mar, appareceo aquella luz ſobre a cabeça do Caſtor, e Pollux, e que logo lhes ceſſára a tormenta; o que moveo aos homens a terem eſtes dous irmãos em tanta veneração, que os contáram no numero dos Deoſes. E aſſim Plinio no II. Liv. da natural hiſtoria, fallando neſta luz, affirma que ſe víra muitas vezes nas pontas das lanças dos ſoldados em os exercitos , e que o meſmo apparecia em as náos , e lhe chamáram *Stella Caſtoris* , porque appareceo ſobre a cabeça de Caſtor, como aſſima diſſemos.

E tornando aos noſſos mareantes. Quando víram que ſó a náo do filho do Arcebiſpo deixára de fazer viagem, crêram que o Santo ſe quizera ſatisfazer niſſo da offenſa que o Arcebiſpo lhes fizera em lhes defender ſuas tão antigas feſtas; e aſſim o affirmáram ao meſmo Arcebiſpo, que vendo tamanha fé, e devoção, movido daquelle zelo, lha

tor-

tornou a conceder, depois que ſe achou a agua, porque nas voltas que lhe deram foi hum marinheiro dar com hum furo de hum prégo na quilha, que eſtava deſtapado, que por deſcuido deixáram os Calafates de lhe pôr prégo, e quando a breáram ſe tapou o buraco, e por alli fazia aquella agua. E permittio Deos N. Senhor que aconteceſſe iſto a eſta náo, eſtando no porto, porque ſe não perdeſſe á ida, que ſe fora no mar, nenhum remedio tinha. Aſſim que a agua foi tomada, com grande alvoroço a tornou a carregar, porque diſſeram os officiaes que ainda tinha tempo; e que quando não pudeſſe paſſar á India, ficaria invernando em Moçambique; e aſſim deo á véla a dous dias de Maio, e foram ſeguindo ſua derrota, e na coſta de Guiné acháram tantas calmarias, que os deteve ſetenta dias; e tomando parecer ſobre o que fariam, aſſentáram, que foſſem invernar ao Brazil, porque era muito tarde, e logo ſe fizeram na volta da Bahia de todos os Santos, aonde chegáram a quatorze de Agoſto veſpera de N. Senhora da Aſſumpção. D. Duarte da Coſta, que alli eſtava por Governador, foi logo deſembarcar o Capitão mór, e os Fidalgos que hiam na náo, que eram Luiz de Mello da Silva, D. Pedro de Almeida, deſpachado com a Capitanía de Baçaim, D. Filippe de Me-

Menezes, irmão de D. João Tello, hum dos Governadores do Reyno, filhos de D. Henrique de Menezes, que estivera por Embaixador em Roma, e trouxe a Santa Inquisição a Portugal, e de Dona Brites de Vilhena, filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, D. Paulo de Lima, Nuno de Mendoça, e Henrique de Mendoça seu irmão, Jeronymo Correa Barreto, Henrique Moniz Barreto, e outros Fidalgos, que agazalhou, banqueteou, e deo pousadas á sua vontade; e o mesmo fez a toda a mais gente da náo, a quem deo mantimentos em quanto alli esteve. As mais náos, que tinham partido diante, a Framenga de que era Capitão Antonio Mendes de Castro, foi tomar Melinde, onde invernou; a Aguia, em que hia João Rodrigues de Carvalho, invernou em Moçambique, por chegar tarde: as duas Assumpção, e Santo Antonio chegáram a Goa. Foi este anno assinalado, assim pela morte de ElRey D. João, que faleceo, depois das náos partidas, em onze de Junho dia de S. Barnabé Apostolo, em idade de sincoenta e sinco annos, tendo reinado trinta e sinco; como pela morte do Emperador Carlos V., de gloriosa memoria, que faleceo o Outubro seguinte, em idade de sincoenta e oito annos e sete mezes, deixando por herdeiro de seus Estados

O

o muito Catholico, e poderoſo Principe D. Filippe ſeu filho, que foi o ſegundo deſte nome em Caſtella, e o primeiro depois nos Reynos de Portugal.

CAPITULO III.

Das couſas que ſuccedêram em todo eſte anno em Maluco: e de como os moradores prendêram D. Duarte Deça, e ſoltáram aquelle Rey.

DEixámos as couſas de Maluco o anno paſſado na guerra, que os Ternates faziam á noſſa fortaleza, pela prizão de El-Rey, e de como deſpedíra D. Duarte Deça o galeão, de que era Capitão Franciſco de Barros, a pedir ſoccorro a Malaca; agora continuaremos com as couſas que ſuccedêram todo eſte anno, pelas não contarmos por pedaços. Partido o galeão da carreira, ficou correndo a guerra com muito grande aperto, porque ſe metteo nella o Rey de Tidore, que era genro do de Ternate, e deitou ſuas corocoras ao mar, e mandou ſeus Capitães humas vezes, e elle em peſſoa ſe embarcou outras, e foram pela coſta da Ilha de Ternate; e á conta de dizer que favorecia o ſogro, lhe tomou alguns lugares, em que deixou ſeus preſidios; porque como os Mouros não guardam fé em materia de

rei-

reinar, todas as vezes que o filho, o irmão, e o parente póde tomar o Reyno ao outro, não perde occasião, como este fez, que vendo o sogro prezo, e o Reyno revolto, porque desejou de se fazer senhor delle, intentou o que fez, pera ficar só com o Imperio de todas aquellas Ilhas. Os nossos padecêram com esta guerra trabalhos excessivos de fomes, e perseguições, sem D. Duarte Deça se mover a compaixão, nem querer soltar o pobre Rey, antes lhe estreitava mais a prizão, e lhe mandava fazer avexações, e affrontas, indignas de animo Christão; e todavia trazia suas embarcações no mar, com o que sustentava a guerra, e outras mandava a Geilolo a buscar mantimentos, e o mesmo a Bachão, donde sempre lhe acudiam, e soccorriam com elles; porque aquelles Reys, por verem acabado o de Ternate, não só o provêram com elles, mas ainda lhe mandáram navios, e gente em favor de D. Duarte Deça.

Estando assim as cousas no peior estado que se podia imaginar, chegáram áquelle porto D. Jorge Deça, e D. Diniz de Menezes, que hiam de soccorro; porque tanto que o galeão de Francisco de Barros chegou a Malaca, e que D. João Pereira Capitão daquella fortaleza vio pelas cartas de D. Duarte Deça o trabalhoso estado, em que aquel-

aquella fortaleza eſtava, logo negociou eſtes dous Capitães pera lhe irem de ſoccorro, D. Jorge Deça na náo Conceição com ſincoenta ſoldados, e muitos mantimentos, munições, e roupas, e D. Diniz em huma galeota com trinta homens; porque os Capitães das fortalezas naquelle tempo não tinham as mãos tão atadas, como neſte, em que iſto eſcrevemos, nem havia tantos regimentos, e defezas ſobre não tocarem na fazenda de ElRey; porque hoje póde-ſe perder huma fortaleza á mingua, ſem os Capitães das outras lhe poderem valer, por eſtarem atados a tantos regimentos, que ſe não podem menear: em tanto que aconteceo perder-ſe hum galeão de ElRey na barra de huma Cidade por falta de huma amarra, por o Capitão delle, nem os Officiaes da fazenda poderem fazer deſpezas, nem comprar-lha, porque lha fariam pagar. E a couſa que neſta materia mais eſcandaliza he, que ouvimos dizer a alguns Officiaes da fazenda, e juſtiça, com quem praticámos ſobre eſta materia, que deixaſſem perder as fortalezas, e as náos, e que não tocaſſem na fazenda de ElRey, em que não vimos até hoje luzir eſtes accreſcentamentos, mas ſim cada hora as perdas, e riſcos, que pela pouparem acontecem por toda a India. E poſto que eſtranhamos iſto com muita razão, tambem o

não

não deixaremos de fazer as grandes desordens, e despezas excessivas, que os Capitães, e os Officiaes faziam á conta de mandarem soccorros, que foram tantas, que quiz ElRey antes pôr suas fortalezas a riscos, que dissimulallas; e porque os exemplos disto são muitos, e nós em algumas partes os apontaremos, os deixamos agora. Com a chegada deste soccorro começáram os nossos a resfolegar, e D. Duarte Deça fez a D. Jorge Deça Capitão mór daquelle mar, e lhe deo huma fusta pera andar nelle, e com elle D. Diniz de Menezes na sua galeota, e Christovão de Sá em outra fusta, e Henrique de Lima, e Francisco de Araujo, e Gonçalo Fernandes em outras embarcações; e as corocoras de ElRey de Bachão, e Gonçalo Pereira Regedor de Momoia com tres corocoras suas, com que havia pouco tinha vindo de soccorro.

Depois que esta Armada se ordenou, e andou no mar, ficou a fortaleza alguma cousa mais desassombrada dos inimigos, que cada dia lhe faziam sobrançarias, porque logo elles se retiráram, e reforçáram suas Armadas, ordenando os Regedores de Ternate por Capitão mór de todas as suas corocoras a Cachil Labusasá, que se foi logo ver com o Rey de Tidore, pera com elle assentar o modo de como se procederia na guer-

guerra contra os nossos: que assentou, que pelejassem com a nossa Armada, pera o que mandou negociar de novo toda a sua, e a proveo de muita, e lustrosa gente, e fez della Capitão hum Regedor seu, e lhe mandou que fosse com Cachil Labusasá buscar a nossa Armada, e que pelejasse com ella, pera o que tambem lhes deo as suas corocoras mui bem negociadas. Estando as cousas neste estado, chegou áquella fortaleza o galeão da carreira, que tinha partido de Goa, de que era Capitão Antonio Pereira Brandão, que trazia muitas roupas, provimentos, e munições, que chegáram a muito bom tempo; e depois de estar na terra, e soube as cousas da guerra, e de como se esperava pela Armada dos inimigos pera pelejar com D. Jorge Deça, fez prestes o batel do seu galeão, com os soldados que comsigo trazia, e se foi metter na Armada. O Cachil Labusasá, depois que ajuntou a sua Armada á de Tidore, foi buscar a nossa, que estava á vista da fortaleza já prestes pera o esperar; e chegados huns aos outros, descarregáram aquella primeira salva de artilheria, que fez em huns, e outros bem de damno, e logo ainda no meio daquellas nuvens de fumo envestio o Labusasá o navio de D. Jorge Deça, a que se lançou logo dentro com mais de cem homens escolhidos,

e

e antre elles ſe ateou huma muito arriſcada batalha, e o meſmo ſe fez por toda a mais Armada, e a Capitanía de Tidore inveſtio D. Diniz de Menezes, e todas as mais corocoras as noſſas embarcações, em que ſe começáram alevantar mui eſpeſſas labaredas de fogo, e fumo das muitas panellas de polvora, que de huma, e outra parte ſe lançavam, e atroar o ar com os eſtouros da arcabuzaria que não deſcançava, e cauſava hum grande eſtrondo, que ajuntado a iſto o retinir das armas, e os gritos de todos, parecia que ſe acabava o mundo, e que fervia o mar. D. Jorge Deça, que era muito bom cavalleiro, vendo-ſe entrado do Labuſaſá, que era muito determinado, arremetteo a elle com grande valor pera o lançar fóra, o que não pode fazer por ſer ajudado dos mais eſcolhidos Mouros de Ternate, e Tidore. Todavia apreſentando-ſe-lhe diante com alguns que tambem eſcolheo, começou com elle huma muito perigoſa, e arriſcada batalha, onde ſe pelejou com muito valor, e esforço. D. Diniz de Menezes, e Antonio Pereira Brandão tambem foram inveſtidos de muitas corocoras; mas elles como esforçados cavalleiros que eram, fizeram tantos eſtragos nos inimigos, que lhes cauſou grande eſpanto, axorando algumas das corocoras. Todas as mais embarcações da noſſa

Ar-

Armada eſtavam travadas com outras dos inimigos , pelejando com grande furia , e eſpanto ; mas onde a batalha eſtava mais arriſcada , era no navio de D. Jorge Deça , onde era tamanho o numero dos mortos , e feridos , que quaſi faziam eſtorvo aos vivos.

Eſtando aſſim a couſa tão duvidoſa , ſem ſe ſaber declarar a vitoria por nenhuma das partes , quiz a deſaventura que tomaſſe fogo huma pouca de polvora na fuſta de D. Jorge Deça , cuja força lançou ao mar todos os que nella pelejavam , tirando D. Jorge Deça , e hum Belchior Lopes , que ficáram ambos ſós nella , defendendo-a de algumas corocoras que acudíram pera a levarem á toa , ſobre que ambos pelejáram mui valoroſamente com muito damno dos inimigos. ElRey de Bachão , que eſtava da parte dos noſſos , e Gonçalo Pereira Regedor de Momoia , axoráram muitas corocoras. D. Diniz de Menezes , Antonio Pereira , Henrique de Lima , e todos os mais Capitáes Portuguezes neſte dia fizeram couſas dignas de ſe engrandecerem com mais eloquencia da que em nós ha. D. Jorge Deça , ſobre quem carregava todo o pezo deſta batalha , foi o que mais fez , e o que móres trabalhos paſſou que todos , porque elle ſó com Belchior Lopes defendêram o ſeu navio de feição , que de medo delles não ouſavam os inimigos ao en-

entrar; e ſempre ſe perdêra, ſe Deos não encaminhára hum pelouro de hum berço de huma das noſſas embarcações, que deo no Labuſafá, Capitão mór dos inimigos, e o derribou como morto. O que viſto pelos ſeus, cuidando que o eſtava, ſe affaſtáram; e fazendo ſinal á mais Armada, ſe foi toda recolhendo com grande damno, deixando porém os noſſos tão deſtroçados, que lhes foi neceſſario recolherem-ſe pera a fortaleza, pera ſe curarem os feridos, que eram muitos, ficando aſſim a guerra ainda viva, e os noſſos em muito grande aperto, porque os inimigos tornáram a reformar ſuas Armadas, e a continuar em ſeus aſſaltos.

Vendo os moradores que D. Duarte Deça por teima não queria ſoltar ElRey, e que eſtavam arriſcados a grandes deſaventuras, ajuntáram-ſe todos, e aſſentáram de o prender, e ſoltar a ElRey, pera ſe acabarem todos aquelles trabalhos, e fizeram pera iſto cabeça a Henrique de Lima. E conſultando em ſegredo o negocio, eſtando o Capitão hum Domingo á Miſſa, entráram os da conjuração na Igreja, e remettendo a elle, o liáram, e aſſim nos ares foi levado á torre da menagem, onde foi fechado, e as chaves entregues a Henrique de Lima. Dalli ſe foram logo á prizão, onde ElRey eſtava, e o ſoltáram com lhe pedirem grandes

des perdões, e darem muitas desculpas, e o acompanháram até sua casa, o que lhes elle agradeceo, affirmando a todos « que » não seriam parte os aggravos, e avexações » que D. Duarte Deça lhe tinha feito, pe- » ra deixar de ser muito grande servidor de » ElRey de Portugual; que nas desordens » de seus Capitães não tinha culpa, e mui- » to particular amigo de todos os moradores » daquella Ilha, e fortaleza » e assim o mos- trou em todo o tempo que viveo.

Feito isto, quizeram os da conjuração eleger por Capitão a D. Jorge Deça; o que elle não quiz acceitar, ainda que todos lho pedíram com muita instancia. Nem o mesmo quiz Antonio Pereira Brandão por muito que sobre isso trabalháram; e tanto, que estando hum dia á porta da Igreja, vieram todos os moradores com os Padres, e hum Crucifixo alevantado, e lhe pedíram da parte daquelle Senhor quizesse acceitar o cargo daquella fortaleza até o Governador prover, fazendo-lhe sobre isso protestos, e requerimentos. O que visto por elle, disse « que » acceitava ser olheiro da fortaleza, e da ar- » tilheria de ElRey, já que assim era neces- » sario, e não Capitão; » e assim dizem que mandou fazer logo seus papeis, e tirou seus instrumentos. Entregue elle da fortaleza, e o D. Duarte Deça na mesma prizão, tanto

que

que chegou a monção pera a India, o embarcáram no galeão da carreira prezo em ferros, com os autos de ſuas culpas, e na India foi ſentenciado que ſe foſſe apreſentar a ElRey (ſegundo ouvimos a algumas peſſoas) como fez, e lá no Reyno ſe livrou; e deo taes querelas contra Antonio Pereira Brandão, que o mandou ElRey ir prezo, e que lhe confiſcaſſem a fazenda, e aſſim foi entregue a peſſoas de confiança, e elle mettido no caſtello, onde D. Duarte Deça o accuſou de alevantado, e lhe poz outros crimes, porque diziam tivera votos que morreſſe; em que ſe não fez execução, porque veio com embargos, em que provou que nunca ſe nomeára por Capitão, ſenão por olheiro da fortaleza, do que apreſentára certidões de todos os Officiaes. Com tudo foi ſentenciado em alguns annos de degredo pera Africa, e que pagaſſe os ordenados a D. Duarte Deça. O degredo lhe perdoáram depois, por ir com Franciſco Barreto á conquiſta de Manamotapa, onde morreo. E contava Antonio Pereira Brandão que o meſmo D. Duarte Deça lhe mandára rogar que acceitaſſe a Capitanía, do que depois de magoado lhe contrafez aquelle Romance velho de Durandarte em D. Duarte, mal cavalhero provado. E tornando ás couſas de Maluco. Com a ſoltura de ElRey ceſſou a guerra,

e

e tornáram as coufas a feu lugar, correndo ElRey em tudo muito pontual com o ferviço do de Portugal, tendo fó trabalho em tornar a tomar alguns lugares, que lhe o Rey de Tidore tinha tomado com côr de o favorecer, e ajudar, como já diffemos. Nefte eftado deixaremos as coufas de Maluco até tornar a ellas.

CAPITULO IV.

Da embaixada que o Governador Francifco Barreto mandou a ElRey de Chaul, e fobre que: e de como os Mouros entráram na Ilha de Chorão, donde foram lançados com grande damno feu: e de como o Governador mandou metter nella D. Francifco Mafcarenhas.

POr hum navio ligeiro, que veio de Ormuz, teve o Governador Francifco Barreto recado, que em Suez fe faziam preftes galés pera paffarem á India, o que o poz em grande cuidado, pelo que logo defpedio recado ás fortalezas do Norte, e a Dio, pera que eftiveffem fobre avifo. Com ifto mandou dar muita preffa á Armada, e lançar ao mar os galeões novos, que tinha feitos em o lugar em que fe os outros queimáram, porque determinava de ir bufcar os Turcos, onde quer que eftiveffem, e foffem

ter. E pondo estas cousas em conselho, assentou-se « que mandassem hum Embaixador » ao Inizamoxá Rey de Chaul sobre algu- » mas cousas necessarias, em que entravam » duas principaes. Huma persuadillo a fa- » zer guerra ao Idalcan, e que tornasse so- » bre a fortaleza de Calabraga, que lhe se- » ria facil de tomar, pela gente que tinha » em baixo sobre a Ilha de Goa; e isto a fim, » que como o elle soubesse, devia mandar » recolher seus Capitães, pera mandar acu- » dir áquella fortaleza, e que assim ficaria » Goa desapressada. A outra era, pedir-lhe » licença pera fazer hum castello roqueiro » no Morro de Chaul, que fica sobre aquel- » la barra, pelas novas que havia de Galés, » pera dalli lhe defender a entrada, se qui- » zesse tentar commetter aquella Cidade; o » que a elle mesmo Inizamoxá vinha bem; » porque se os Turcos mettessem pé naquel- » le porto, nunca mais havia de ter delle, » nem dos mais de sua costa proveito al- » gum. »

Concluido o conselho, levantou-se em pé D. Diogo de Sousa, (que tinha aquelle verão vindo de servir a Capitanía de Çofala, e estava pera se embarcar naquellas náos pera o Reyno,) e disse ao Governador Francisco Barreto « que se tinha as novas das » galés por certas, lho dissesse, porque não

» era elle homem, que se havia de ir do Es-
» tado da India, deixando-a em trabalhos,
» que elle estava muito rico de mercês, que
» lhe ElRey fizera, e que em tempo de ne-
» cessidades queria elle mostrar agradecimen-
» to dellas, e tornar a gastar tudo em seu
» serviço, porque elle, que lhe deo o que
» tinha, lhe faria outras mercês; e que as
» despezas, que tinha feito pera sua embar-
» cação, importavam pouco, porque a ma-
» talotagem alli estava o Hospital de ElRey,
» onde se despenderia.» O Governador lhe
agradeceo de parte de ElRey aquelle offere-
cimento, certificando-lhe « que elle o sabe-
» ria por suas cartas, pera que elle lhe fi-
» zesse a mercê que merecia, que esperava
» pelo segundo recado, e que não se desfi-
» zesse de cousa alguma até elle o avisar.»

Passado isto, ordenou o Embaixador que
havia de mandar, e elegeo pera isso Jorge
Correa de Antas, hum cavalleiro nobre, e
rico, de grande pessoa, e aviso, e lhe deo
as cousas necessarias pera aquella jornada,
que elle fez com grande apparato, e com-
panhia; e mandou por elle de presente áquel-
le Rey seis formosos ginetes com seus telli-
zes ricos. Este Embaixador partio em navios
ligeiros, e de sua jornada adiante daremos
razão. A guerra de Goa hia por diante,
ainda que não havia nella mais trabalho,

 que

que o da falta das cousas, e as inquietações dos rebates, que os inimigos davam em todas as partes. Succedeo quasi no fim de Outubro querer hum dos Capitães chamado Miaberú dar hum assalto na Ilha de Chorão, por ser avisado que estava nella recolhida muita fazenda dos naturaes das Ilhas do derredor; e assim commetteo a entrada hum dia no quarto da alva por hum passo, que se chama Sacorla, que está da outra banda da terra firme, que chamam Vangani, que he a parte mais estreita do rio, que terá perto de vinte braças de largura, e de maré vasia de aguas vivas se passa com agua pela cinta. Por aqui foram passando perto de quinhentos Mouros, huns a nado, e outros em cabaças, e foram tomar o valado da Varzea de Chorão, (que he na ponta que fica pera a banda da Ilha Divar, que se divide da outra por hum pequeno esteiro,) e ao passar víram alguns estar huma fusta surta no rio, (de que era Capitão hum Portuguez chamado João Marrão, que estava quasi só, porque assim o Capitão, como os soldados eram idos a Goa,) e sentindo-a os Mouros sem gente, a foram demandar, e entráram nella, e os que dentro estavam (que eram tres, ou quatro soldados) acordáram á grita dos marinheiros; e com aquelle sobresalto se lançáram ao mar, e se foram pera a

Ilha Divar, ficando os Mouros ſenhores do navio. Os que paſsáram á Ilha ſeriam perto de quinhentos, e foram demandar a povoação, onde reſidia hum Gonçalo Pacheco, e com elle dous Gentios chamados Zeitarane, e o outro Humbraná, tio, e ſobrinho, que eſtavam alli de vigia com muitos peães; e em ſentindo os inimigos, tomáram as armas, e foram-ſe ſahindo, e pelejando com elles, e ao eſtrondo acudio Domingos Rodrigues, que eſtava na meſma Ilha por Anadel dos eſpingardeiros da terra; e ajuntando-ſe todos, foram pelejando com os Mouros valoroſamente, e recolhendo-ſe pera o alto da Ilha. Os que tinham cuidado do facho que nelle eſtava, em ſentindo Mouros fizeram ſinal, e atiráram huma bombardada, a que logo acudio o Governador ao caes, e mandou embarcar alguns Fidalgos com ſoldados pera ſoccorrerem os da Ilha. O Capitão de Naroá Ruy Dias da Silveira tambem deſpedio ao ſinal algumas embarcações, que alli andavam em guarda daquelles rios, e a primeira foi huma almadia, em que hiam dous companheiros filhos da India chamados Simão Rodrigues, e Gonçalo Vaz; e prepaſſando pela fuſta de João Marrão, logo que os Mouros a entráram, e ſentindo-os fallar, conhecendo pela lingua que eram inimigos, puzeram-ſe de fóra ás eſpingardadas,

das, com que derribáram alguns. Os Mouros em os ſentindo, cuidando que era o ſoccorro maior, ſaltáram no mar, e a nado ſe foram pera a terra firme. Ao meſmo tempo chegou Lançarote Picardo, Capitão de hum Catur; e ſentindo pera a ponta do eſteiro, que vai antre a Ilha de Divar, e Chorão, rebolliço, foi pera aquella parte, e chegou a tempo que os Mouros apertados dos noſſos, que pelejavam com elles, e por ſentirem grande rebolliço da outra banda da Cidade do ſoccorro que vinha, ſe hiam recolhendo; e lançando ao mar pera ſe paſſarem á outra banda, e dando Lançarote Picardo, e os companheiros da almadia nelles, foram matando muitos, que já acháram a nado. Ao meſmo tempo chegou Henrique Jaques, Ouvidor geral da India, que andava em huma galeota, e vinha de rodear os rios de noite: ſentindo pera aquella parte o rebolliço, acudio depreſſa lá, e chegou a tempo que já os outros andavam á peſcaria do mar, como aſſima diſſemos, e ajudou por ſua parte a fazer nelles huma mui grande deſtruição.

O Governador Franciſco Barreto, que eſtava no caes, deſpedio Jorge de Mendoça Capitão da Cidade, e outros Fidalgos, e cavalleiros, que ſe embarcáram em muitas embarcações, que o Governador mandou pôr no caes pera aquelle effeito; e chegando

do á Ilha já de dia, defembarcáram nella, e acabáram de arrematar a vitoria; porque os Mouros vendo o poder, fe lançáram ao mar por onde pudéram, onde muitos acabáram ás mãos dos noffos, e outros chegáram á outra banda bem efcaldados, e efcalavrados, e muito mais arrependidos do feito. Lançarote Picardo, e o Ouvidor geral, e os dous companheiros da almadia fe enchêram de cabeças de Mouros, e fe foram logo ao Governador, que eftava no caes, e os foldados que as levavam lhas puzeram aos pés, e elle os abraçou a todos; e mettendo a mão na bolfa, a cada hum que lhe aprefentou cabeça, deo a finco, e a feis pagodes, tirando a hum homem foldado, que fe chamava Belchior Callaça, que foi dos primeiros, e lhe aprefentou duas ou tres, deo o Habito de Chrifto, que tirou do feu pefcoço, botando-lho no do foldado, a quem depois mandou quarenta pardaos. Paffado ifto, mandou o Governador Francifco Barreto a D. Francifco Mafcarenhas, (que depois foi Conde de Santa Cruz, e Vifo-Rey da India,) que fe foffe metter naquella Ilha com trezentos foldados, e nella efteve em quanto foi neceffario, fem os Mouros quererem outra vez provar fua ventura nella. Com efte fucceffo fe começáram os Capitães do Idalcan a affaftar pera dentro

com

com tenção de não provarem outra vez a mão, nem fazerem mais que defenderem os mantimentos, que não passassem a Goa.

CAPITULO V.

De como o Governador Francisco Barreto despachou as náos pera o Reyno, e os Mouros começáram a fallar em pazes, que se lhes concedêram: e de como o Inizamoxá prendeo o Embaixador que o Governador lhe mandou: e do exercito que logo despedio pera lhe fazer huma fortaleza no Morro: e de como Alvaro Paes de Sotomaior partio pera o Estreito, e ficou em Chaul por causa da guerra.

NA entrada de Novembro depois do successo passado chegáram as náos de Ormuz, por quem o Governador teve novas certas das galés, que não sahíram; pelo que logo deo despacho ás náos do Reyno, pera irem tomar a carga a Cochim, que partíram até quinze de Janeiro deste anno de sincoenta e oito, em que com o favor Divino entramos, e todas chegáram a salvamento, sómente a náo Patifa, por outro nome a Aguia, de que era Capitão João Rodrigues de Carvalho, arribou a Moçambique, onde invernou. O Governador ficou proseguindo na guerra de Goa. Mas vendo os Capitães do

Idal-

Idalcan quão mal lhes ſuccèdia nella, e que não faziam mais que deſpezas, começáram a fallar em pazes, porque puxáram, com ordem de ElRey, e de feição que os ouvio o Governador, e lhas concedeo com as condições com que antes eſtavam feitas, com que ſe alevantáram, e começáram a correr os mantimentos, e tornáram as couſas ao que dantes eram, e o Governador teve tempo pera entender em outras, e dar preſſa á Armada toda, porque determinava de partir na entrada de Setembro pera o Achem, por achar huma inſtrucção de ElRey, em que lhe encommendava fizeſſe aquella jornada, pera tirar aquelle inimigo de tão perto de Malaca, e pela fama da riqueza daquella Ilha, e theſouros daquelle Rey, pera o que ſe hia apercebendo de todas as couſas que lhe eram neceſſarias pera a jornada. Deixando agora iſto por hum pouco, porque he razão continuemos com o Embaixador, que no Capitulo paſſado deſte V. Liv. deixámos deſpedido pera o Inizamoxá.

Partido elle de Goa, chegou a Chaul em breves dias, e dalli paſſou logo pera a Corte de Amadanager, onde foi muito bem recebido daquelle Rey, que o ouvio preſentes todos os do ſeu Conſelho. E quando chegou a lhe fallar na fortaleza de Morro, (de que elle eſtava tão cioſo, parecendo-lhe que com

o achaque dos Turcos se queria fortificar nelle, pera depois pôr Alfandega naquelle porto, do que elle receberia muito notavel perda,) despedio o Embaixador pera sua casa, sem o acabar de ouvir, e depois por conselho dos seus o mandou prender, e a todos os que com elle foram: e despedio com muita pressa a Faratecan com vinte mil homens, em que entravam sinco mil de cavallo, dando-lhe por regimento, que se fosse metter no Morro, e fizesse nelle hum forte pera desimaginar o Governador. Esta gente chegou a Chaul de quinze de Março por diante, e o Faratecan se foi logo metter no Morro, e o começou a fortificar com muita pressa, sem bollir com cousa alguma da nossa fortaleza. Aquelle dia que chegou, apparecêram os montes da outra banda cheios de tendas, e gente, o que poz naquelles moradores tamanho espanto, que começou a haver antre elles grandes desconfianças, a que acudio Garcia Rodrigues de Tavora, Capitão da fortaleza, aos animar, e esforçar, mandando logo fazer tranqueiras muito fortes nas bocas das ruas pera se defender do inimigo, se o quizesse commetter; e os moradores todos mandáram logo suas mulheres, e filhos pera Baçaim, e Goa, pera ficarem mais desembaraçados, e desassombrados. Mas como o Faratecan não trazia mais

re-

regimento que pera ſe fortificar no Morro, não bollio com outra couſa alguma.

Aqui aconteceo huma couſa maravilhoſa, e digna de ſe ſaber, pera edificação noſſa, e pera darmos a Deos noſſo Senhor muitas graças, e louvores pelas grandes maravilhas que cada dia obra nas partes do Oriente, pera gloria ſua, e confusão dos infieis, que o não adoram, nem conhecem, e foi, que em os Mouros entrando o Morro, vendo eſtar huma Cruz na ponta delle, que fica ſobre o mar, foram pera a cortar, e nenhum machado de muitos que lhe puzeram ao pé, quiz cortar por ella, e todos a acháram tão dura, como ſe fora de hum muito forte diamante. O que viſto pelos meſmos Mouros, chegáram hum elefante a ella pera a arrancar, que poz niſſo toda ſua força, mas não a pode mover, com ſer tão pequena, de páo, e eſtar mal encaixada em huma pedra grande, com o que a deixáram ficar, e alli eſteve muito tempo. O Capitão de Chaul deſpedio recado ao Governador, e foi-ſe fortificando o melhor que pode, ajudando-o os moradores com muito cuidado, e deſpezas, dando alguns delles mezas, e provendo os ſoldados, que acudíram de fóra com todo o neceſſario. E hum delles chamado Mem Lopes Carraſco, homem rico, e abaſtado, armou mezas públicas pera todos os que a el-

ellas quizessem ir a todo tempo, em quanto esta necessidade durou; que deo de comer a mais de cem homens muito abastadamente, servindo-os a elles em pessoa com seus criados, e escravos, e escravas.

O recado que o Capitão tinha despedido chegou a Goa em menos de tres dias, e foi a tempo que o Governador estava pera fazer á véla huma Armada de galeões, e fustas pera a mandar ao Estreito de Ormuz, (e pera invernar naquella fortaleza por haver novas de galés,) de que era Capitão mór Alvaro Paes de Soto-maior; e sabendo aquella necessidade, o despedio logo, pera que se fosse pôr sobre aquella barra, e que ficasse alli favorecendo aquella Cidade até elle chegar, porque logo determinou de a soccorrer em pessoa. Alvaro Paes de Soto-maior deo logo á véla com toda sua Armada, que era de tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães João de Mello de Brito, e Henrique de Vasconcellos, e seis fustas mais, em que hiam Diogo Ferreira, Duarte Pereira, Diogo de Sá, Cosmo Faia, Affonso Coelho, e Gonçalo Garcia.

Partida esta Armada, foi-se o Governador pôr na ribeira, e mandou lançar ao mar todos os navios que havia, e tomar os que alli estavam de fóra pera se embarcar, e mandou dar muito grande pressa a tudo, a

que

que acudíram os Fidalgos, e Capitães, cavalleiros, e Cidadãos principaes; e tomando quaesquer que logo achavam negociados, se embarcáram com muita pressa, com muitos soldados que pera isso lhes acudíram, que naquelle tempo se offereciam pera o serviço de ElRey, e andavam grangeando os Capitães pera os levarem comsigo, sem paga, e sem mais interesse que aquella inclinação, que então tinham todos áquellas cousas. O que se veio depois a trocar de feição, que já hoje não ha hum, ou mui poucos, que se queiram embarcar, senão mui bem comprados, e alugados dos Capitães; porque além do soldo que lhes ElRey paga, não querem já menos de dous, ou tres quarteis mais dos Capitães, que se empenham pera isso; e esta he a razão, por que o serviço de ElRey custa já hoje sinco, e seis vezes dobrado, do que naquelle tempo, em que tambem pela barateza das cousas a ordinaria que ElRey dava bastava pera as despezas da jornada, e das mezas que nos invernos davam pelas fortalezas, e ainda muitas vezes poupavam hum pedaço pera se proverem de outras cousas. Mas tambem naquelle tempo pagavam aos soldados seus quarteis ordinarios de verão, e inverno, e lhes davam mezas mui abastadas; e os Fidalgos tinham suas casas tão cheas de soldados, que

quan-

quando fe embarcavam não bufcavam outros, porque já os tinham em cafa, e fempre pelas deftes Fidalgos haviam nefta Cidade de Goa nos invernos mais de quinhentos delles agazalhados, porque ellas eram feus hofpitaes. O que tambem anda mudado, porque já ha muito poucos que recolham mais que feus criados, por forrarem gaftos, e defpezas, até os que fahem ricos de fuas fortalezas, que antigamente defpendiam a mór parte do que dellas tiravam no ferviço de ElRey. E por ElRey D. João entender que era affim neceffario, tinha feito regimento, que nenhum Capitão, que fahiffe da fua fortaleza, fe foffe pera o Reyno dentro em tres annos, porque os queria ter na India, affim pera hofpitaes de foldados, como pera a authoridade do confelho do Eftado. Mas tudo o bom he tão acabado, que hoje fe nota por erro todo o paffado nas coufas do governo; e corre antre elles pratica geral, que o antigo já não he licito; e que fe os Governadores andavam todos os verões embarcados, que hoje já não era credito do Eftado fazerem-no, no que vam contra a opinião de todos os doutos antigos, que affirmam que os Eftados pera fe não desfalecerem fe hão de confervar com aquellas artes com que fe ganháram. Mas deftes males, e deftas miferias tem culpa a cubiça,

que

que tem tomado posse na India de todo o estado de pessoas, acreditando-se com a cousa, que mais vituperada foi dos antigos Capitães que todas, que he este adquirir, e guardar, authorizando aquelle antigo adajo feito pelo demonio, de quanto tens tanto vales.

E tornando á nossa ordem. O Governador foi dando muita pressa á sua embarcação, assistindo de continuo no caes, e na ribeira pera dar despacho ás partes. E pera maior aviamento, passou mandados aos Officiaes, e Almoxarifes pera darem aos Capitães dos navios tudo o que lhes fosse necessario, de mantimentos, munições, cotonias, e todos os apparelhos de navios, de que tinham junto huma grande somma.

Em quanto se faz prestes esta Armada, continuemos com a de Alvaro Paes de Soto-maior, que hia seguindo seu caminho pera Chaul devagar por causa dos Noroestes que cursavam, que lhe eram contrarios; e chegando áquella barra, entrou por ella com toda sua Armada formosamente embandeirada, salvando a Cidade com muitos tiros, e instrumentos guerreiros, e alegres; e vendo o grande exercito posto da outra banda, e a pressa que os Mouros davam na fortificação do Morro, surgio em parte donde o pudesse bater; o que fez com tanto estrondo,

do, e terremoto, que os que andavam na obra da fortificação, a foram fazendo muito devagar, porque a noſſa artilheria lha impedia. Poucos dias depois diſto chegáram áquella barra duas galés daquellas grandes, e antigas, que vinham de Baçaim, carregadas de madeira; e achando a couſa naquelle eſtado, ſurgíram mais perto do Morro que os galeões, e ſe puzeram á bateria com elle: o que acabou de inquietar os Mouros, porque totalmente lhe impedíram o ſerviço; e ſe alguma couſa faziam, era de noite, cuſtando ainda deſta maneira as vidas a muitos; mas todavia não deſiſtíram do negocio, e ſe foram fortificando o melhor que puderam com muito trabalho, e perigo.

CAPITULO VI.

Da Armada com que o Governador Franciſco Barreto partio pera o Norte, e chegou a Chaul: e das pazes que lhe os inimigos mandáram commetter, e do que niſſo paſſou.

DEſpedido Alvaro Paes de Sotomaior, ficou o Governador dando preſſa á Armada com que havia de partir; e os Fidalgos, e Capitães, que mais depreſſa ſe puderam negociar, não quizeram eſperar por elle, e fizeram véla pera Chaul, onde entravam

vam todos os dias, de ſinco em ſinco, e de oito em oito navios, carregados de muita, e luſtroſa ſoldadeſca, com o que já lhes dava a todos pouco do poder dos inimigos. O Governador de tal maneira ſe apreſſou, que em menos de quinze dias ſe embarcou, e deo á véla com toda a Armada que havia. E porque não he razão que fiquem em eſquecimento os Capitães que neſta jornada ſe acháram, daremos os nomes de todos, aſſim dos que foram diante, como dos que ficáram pera acompanharem o Governador; nem faremos diſtinção de peſſoas, nem de navios, porque tudo foram fuſtas de remo. D. Diogo de Noronha o Corcós, D. Antonio de Noronha o Catarraz, D. Antão de Noronha, D. Alvaro da Silveira, D. Pedro de Menezes o ruivo, Gonçalo Falcão, D. Affonſo Henriques, D. Jorge de Menezes Baroche, Pantaleão de Sá, D. Filippe de Caſtro, Ayres Gomes da Silva, D. Vaſco Fernandes de Ataíde, Martim Affonſo de Miranda, D. Alvaro de Ataíde, Fernão de Souſa de Caſtello-branco, D. Martinho da Cunha, D. João Coutinho, D. Lourenço de Souſa, Pero de Ataíde Inferno, D. Luiz de Almeida, Ayres Telles de Menezes, D. Jorge Pereira, D. Diogo de Ataíde, Antonio de Souſa Coutinho o Langará, Manoel de Mello, Lourenço de Souſa, Jeronymo Bar-

reto, Triſtão Vaz da Veiga, Gil de Goes, Alvaro Pires de Tavora, João Lopes Leitão, Diogo de Miranda de Azevedo, Henrique de Macedo, Manoel Travaſſos, Jorge Barreto, Manoel de Vaſconcellos, Antonio Rabello, Jorge da Silva Correa, Manoel de Mendanha, Henrique Jaques Ouvidor geral, Coſmo Faia, Jorge de Mello, Alvaro Gonçalves Pinto, Eſtevão Pereſtrello, Barnabé Maſcarenhas, Chriſtovão Pereira Homem, Duarte Paim de Mello, Luiz Cabral, Agoſtinho Nunes, Jorge de Moura, Gaſpar de Sá Pinheiro, Franciſco de Figueiredo, Diogo Pereira, Manoel Fernandes de Manar, Ruy Fernandes, Antonio de Eſpindola, Manoel Mouro, Antonio Martins, Balthazar da Coſta, Diogo Banha, Balthazar Fernandes, Meſtre Pedro, o Secretario, o Capitão da Guarda do Governador, o Feitor da Armada, João Peixoto, Belchior Correa, Domingos Borges, Manoel da Coſta, Belchior Godinho, Martim Rodrigues, André Gonçalves de Dio, Braz Fragoſo de Coulão, Franciſco Correa, Pedralvarez, Gonçalo Sanches, Ruy Godinho, Chriſtovão Cordeiro, e outros muitos a que não ſabemos os nomes. E primeiro que o Governador partiſſe de Goa, entregou o governo ao Biſpo, e Capitão da Cidade, e deixou pelos rios de Goa, e ſuas Ilhas muitas manchuas,

chuas, e catures pera ſua guarda, de que ficáram Capitães Roque Fernandes, Antonio Carrilho, Diogo Gonçalves, Lançarote Picardo, Diogo Madeira, Luiz Caſtanho, Eytor Soares, Gonçalo Correa, Balthazar Soeiro, Antonio Ferreira, André Gorjão, Antonio de Arzila, e outros.

Partido o Governador, foi ſeguindo ſua jornada até chegar a Chaul, e entrou por ſua barra com toda a Armada formoſamente embandeirada, e foi ſalvando a Cidade ſem fazer caſo do Morro, e ſe foi ao caes, onde deſembarcou, ſendo muito bem recebido da Cidade, e apoſentado em caſas, que pera elle eſtavam preſtes; e logo começou a ter conſelhos ſobre dar nos inimigos, e os deitar fóra do Morro, no que os mais dos Capitães concordáram; porque não ſabemos que eſpirito dava Deos aos homens daquelle tempo, que todas as couſas lhes pareciam faciles, ſem nunca já mais refuzarem batalha que ſe lhes offereceſſe.

Concluido em darem nos inimigos logo em freſco, começáram a fazer ſeus petrechos, e apercebimentos pera iſſo, e o Governador fez alardo da gente que havia, e achou quatro mil Portuguezes, a fóra muitos Chriſtãos, e eſcravos, que podiam muito bem pelejar; e aſſim eſtavam todos tão alvoroçados, que deſejavam de ſe lançar a

nado ás eſtancias dos inimigos. Os Capitães do Inizamoxá vendo aquella potencia da Armada, e o rio, e o mar todo cheio de navios embandeirados, e cheios de muita, e mui luſtroſa gente, e de muitos inſtrumentos alegres, e guerreiros, que de continuo atroavam eſſes ares, com que lhes davam os noſſos a entender o alvoroço com que eſtavam, por ſe verem já ás mãos com elles, receando aquelle poder; e ſendo aviſados por eſpias, como o Governador ſe fazia preſtes pera lhes dar batalha, havendo ſeu conſelho, aſſentáram, que ſeria melhor pedir-lhe pazes, e ſahirem-ſe dalli com ſua honra. Pelo que deſpedíram logo hum Mouro em huma almadia com huma bandeira de paz, que foi levado ao Governador, e lhe diſſe » que os Capitães de ElRey lhe mandavam » pedir licença pera lhe mandarem hum Em» baixador, pera com elle tratar couſas, » que lhe convinham.» O Governador o deteve; e ajuntando os Capitães do conſelho, aſſentou-ſe que ſe ouviſſe, e que ſoubeſſe o que queria, com o que o deſpedíram. E logo ſobre a tarde tornou o Embaixador, que era hum Mouro criado do Faratecan, e vinha bem acompanhado, que logo foi levado ao Governador, que já eſtava aviſado da qualidade de ſua peſſoa; e em chegando, lhe poz aos pés hum fardete de bea-

tilhas finas, que lhe mandavam de presente, (porque antre elles não se costuma fallar em negocio algum sem aquillo, que he final de amor, e amizade.) O Governador mandou tomar o fardete, e deitar-lho por huma janella fóra; e muito menencorio lhe mandou dizer pelo lingua « que o não lançava tam» bem a elle, porque não tinha culpa; mas » que dissesse a seu amo que a elle o havia » de fazer. » O Mouro pasmado da paixão do Governador, sem responder cousa alguma, se foi sahindo, e recolhendo a suas embarcações; e passou-se logo da outra banda tão amedrontado, que ainda depois de estar com os Capitães no exercito, não podia cobrar folego pera fallar.

Sabendo o Faratecan o que passava, despedio logo com muita pressa hum daquelles Capitães chamado Rafarecan, muito bem acompanhado, e com hum presente muito differente do outro. O Governador recebeo este homem bem, porque era grave, e honrado, e o ouvio, e elle lhe disse da parte de seu Rey « que sua tenção nunca fora rom» per guerra com os Portuguezes, de quem » era amigo havia tantos annos, e a quem » elle dera aquelle seu porto graciosamente, » por estimar muito tellos por vizinhos; mas » que acudíra a se não mandar elle Gover» nador fortificar naquelle Morro, como lhe » dis-

» disseram que pertendia, porque isso seria
» lançar-lhe hum cadeado naquelle seu por-
» to, que era o principal que tinha em seu
» Reyno, pera não poderem mais entrar,
» e sahir suas náos, que eram livres. Que
» elle estava prestes pera guardar, e cumprir
» os contratos das pazes feitas pelos Gover-
» nadores passados, como sempre fizera,
» porque era servidor de ElRey de Portu-
» gal; e muito amigo delle Governador.»
Francisco Barreto o ouvio bem, e lhe respondeo «que se detivesse até o outro dia,
» em que com o Veador da fazenda, Se-
» cretario, e mais Officiaes de ElRey tra-
» tasse daquelle negocio, que elles o despa-
» chariam.» E o entregou ao lingua do Estado, pera que o aposentasse mui bem, e
lhe dessem todo o necessario, como se fez.

E entrando em negocio, vieram-se a confirmar as pazes que estavam feitas.

« E que quanto ao Morro, que logo
» se mandasse desfazer o forte, em que nem
» elle, nem os Governadores da India po-
» deriam nunca já mais mandar fazer nelle
» fortaleza alguma; e que o primeiro que
» tentasse fazella, ficasse sendo o quebranta-
» dor das pazes, e perdesse o direito que
» tinha nelle, e que o outro se pudesse for-
» tificar nelle sem lho impedirem.

« E que soltaria logo o Embaixador com

» to-

» todos os Portuguezes, que ElRey man-
» dou prender.

« E que diante do meſmo Embaixador
» juraria ElRey as pazes.» Aſſentados eſtes contratos, e jurados pelo Governador, e pelos Capitães Mouros, que pera iſſo moſtráram poderes baſtantes, mandou logo o Governador apregoallas; o que ſe fez aſſim na Cidade, e fortaleza, como na de Chaul de ſima, e exercito. Com iſto alevantáram os inimigos o campo, e desfizeram as tranqueiras, que eſtavam no Morro, e ſe foram pera o Balagate.

CAPITULO VII.

De como o Governador Franciſco Barreto mandou deſapoſſar D. João de Ataíde da Capitanía de Ormuz, pera onde foi D. Antão de Noronha: e do que mais fez até ſe partir pera Goa.

Declaradas as pazes pela Cidade, tomáram-ſe tanto a mal dos ſoldados, que eſtavam alvoroçados pera ſe verem ás mãos com os inimigos, que ſe começáram a ſoltar em palavras contra o Governador, e a cantarem-lhe de noite cantigas çujas, e deshoneſtas. E porque ſe hia gaſtando o verão, e era tempo de prover nas couſas de Ormuz, mandou ver pelos Deſembargadores, que le-

levou, as culpas que de lá vieram contra D. João de Taíde, que lá estava por Capitão; e foi sentenciado que se fosse livrar á India; com o que o Governador despachou logo a D. Antão de Noronha, que estava provído daquella Capitanía, de que já tinha servido hum anno; mas tinha-lhe aquelle vindo do Reyno huma Provisão de ElRey, em que lhe fazia mercê, que lhe não corresse aquelle tempo, mas que acabasse os tres annos por encheio.

E porque das culpas de D. João de Taíde não temos tratado atrás, o faremos agora, porque servirãó de aviso, assim pera os Capitães das fortalezas fazerem nellas o que devem, como pera os Governadores se não deixarem levar da paixão, e odio, cousa, que tanto desfea hum Varão, por muito famoso que seja. E assim o que mais engrandece, e sublima hum Capitão, e o que maior mágoa, e castigo he pera seus inimigos, he fazer cousas, e obrar feitos, de que lhes elles tenham inveja. Isto he o que aconselhava aquelle grande Diogenes a hum seu amigo, que lhe perguntou o que faria pera se vingar de hum inimigo? A que respondeo: Que trabalhasse por ser bom, e que lhe tivesse elle inveja.

E tornando a nosso fio. O caso de D. João de Taíde, segundo o que constava dos

au-

autos, foi este. Era este Fidalgo hum pouco livre, e apaixonado; e na sua Capitanía fazia algumas cousas, que escandalizavam, principalmente na materia dos emprestimos, que todos os Capitães pedem em suas Capitanías aos moradores, a que mais lhe podemos chamar forças, que emprestimos: no que elle parece que excedia o modo, do que se mandáram queixar ao Governador, e lhe mandáram hum summario de culpas, que lhe lá tiráram em segredo. E como elle ou não estava muito seu amigo, ou levado do escrupulo da consciencia, mandou em principio deste verão tirar delle devassas, que lhe chegáram estando em Chaul, e por ellas foi sentenciado que se fosse livrar a Goa; mas segundo alguns homens velhos, e honrados daquelle tempo nos disseram, o negocio nasceo disto. Quando Pero Barreto Rolim foi ao Cinde, que fez aquella desstruição, (como atrás dissemos no Cap. XII. do III. Liv.,) estava D. João de Taíde por Capitão em Ormuz, que recebeo grande perda naquelle alevantamento; porque os Capitães de Ormuz o mór commercio, trato, e proveito que tem he o do Cinde; e chegando-lhe novas do que Pero Barreto Rolim fizera, dizem que dissera muito apaixonado: « Tal balcarriada foi esta, que Fran» cisco Barreto mandou fazer, como a que

» elle

» elle fez em gaſtar duzentos mil pardaos em
» huma groſſa Armada, pera elle ir a Ba-
» çaim a couſas de ſeu goſto.» E como na
India nunca faltam mexedores, e corretores
de novas aos Viſo-Reys, e Governadores,
(couſa, que elles muito haviam de eſtranhar
por ſua authoridade, porque parece que em
certo modo o deſacata quem lhe vai com
mexericos; porque aſſim como o officio da
juſtiça he não enganar, aſſim o da pruden-
cia he procurar não ſer enganado,) foi al-
gum curioſo contar-lhe o que diſſera D. João
de Taíde, do que dizem ficára tão tomado,
que lhe não pezou com as culpas, que lhe
delle mandáram pera o depôr, pelo menos
não lhas quiz diſſimular, couſa tanto contra
a obrigação do que governa, conforme áquel-
la ſentença de Domicio Aphro, que o Prin-
cipe que quer ſaber, e ouvir tudo, he ne-
ceſſario que diſſimule, e perdoe tudo.

Deſpachado D. Antão de Noronha pera
Ormuz, fez véla na entrada de Abril; e
chegando áquella fortaleza, lha entregou D.
João de Taíde, tendo ſervido pouco mais
de anno e meio, e logo ſe embarcou pera
Maſcate, e depois em Setembro pera Goa.
Deſpachadas eſtas couſas, foi o Governador
a Baçaim, o que lhe todos eſtranháram mui-
to, e murmuráram diſſo publicamente, por-
que alguns dos Fidalgos não eram ſeus ami-
gos,

gos, e pejavam-ſe com elle naquelle lugar; que a inveja faz cuidar a quem a tem, que merecem as couſas melhor, que quem as poſſue, que he o de que o mundo eſtá cheio.

CAPITULO VIII.

De como o Governador Franciſco Barreto ſe partio pera Goa: e da grande Armada, e apercebimentos que fez pera ir ao Achem.

DEpois que o Governador Franciſco Barreto deſpachou D. Antão de Noronha pera Ormuz, paſſou a Baçaim, e deo deſpacho a algumas couſas muito depreſſa, porque ſe fazia tempo de ſe ir pera Goa, como fez, pera prover as fortalezas de Malaca, e Maluco, e Ceilão. Chegado a Goa em breves dias, deſpachou os provimentos pera Ceilão, Malaca, e Maluco, e com iſto ſe cerrou o inverno, em que o Governador tratou de fazer huma Armada muito groſſa pera ir ao Achem, ſe lhe não vieſſe ſucceſſor. E porque as caſas do Sabayo, pera onde elle ſe mudou por falecimento do Viſo-Rey D. Pedro Maſcarenhas, lhe diſſeram que eſtavam pera cahir, ſe mudou pera a fortaleza, que mandou concertar, e ſempre ficou ſendo dahi por diante o apoſento dos Viſo-Reys, e Governadores.

E

E porque as pazes, que eſtavam feitas com os Capitães do Idalxá ficáram imperfeitas; por ſe não jurarem, deſpachou o Governador hum Embaixador pera mandar ao Idalcan, que foi lá muito bem recebido de ElRey, e diante delle as jurou, e logo o Governador entrou nos negocios da Armada, que determinava fazer pera ir ao Achem a fazer huma fortaleza, como ElRey mandava, pera deſaſſombrar a de Malaca daquelle inimigo. E pera mór aviamento repartio os galeões, e mais vaſilhas pelos Capitães que havia de levar, pera correrem com ſeu aviamento; e paſſou Provisões pera os Almoxarifes darem por eſcritos deſtes Capitães todas as couſas neceſſarias pera os navios, porque de tudo tinha os almazens muito bem provídos. E como a ribeira das Armadas tinha ainda neſte tempo perto de quatrocentos homens do mar Portuguezes, foram os officiaes dos galeões correndo com elles, ſem ſe embaraçarem em obra alhea, com tanta ordem, e provimento, que quando ſe acabou de negociar hum, o foram todos; porque o Governador todo aquelle tempo aſſiſtio na ribeira, onde elle, e os Capitães comiam, e dormiam as mais das noites, e andava o Governador ſempre com a bolſa aberta pera os trabalhadores, que folgavam de ſervir a ElRey com muito goſ-

to.

to. E quando foi entrada de Setembro tinha no rio de Goa a mais potente Armada, que a India teve, porque eram vinte e sinco galeões, e caravelas, dez galés, e mais de setenta galeotas, e fustas; e os Capitães, que estavam nomeados pera os galeões, são os seguintes.

O Governador no S. Mattheus, Jorge de Mendoça, D. Jorge de Menezes Baroche, Henrique de Macedo, Pero de Mesquita; o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, Manoel Travassos, Manoel de Vasconcellos, D. Martinho da Cunha, Henrique Jaques, Ouvidor geral, Jorge de Moura, Diogo Pereira, Manoel de Mello da Cunha, Fernão de Noronha, e André de Sousa. Os das galés, Martim Affonso de Miranda, Ayres Telles, Tristão Vaz da Veiga, Diogo Jusarte Tição, D. Diogo de Taíde, D. Vasco de Taíde, D. Leoniz Pereira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, e Fernão de Sousa de Castello-branco. Os das fustas, e galeotas não nomeamos por ser infinitos. Todas estas vasilhas estavam provídas de officiaes, artilheria, munições, e mantimentos, e tão a ponto, que a cada hora podiam fazer viagem.

E quando foram vinte de Agosto chegou á barra de Goa D. João de Taíde, que vinha de Ormuz, e logo a tres de Setembro

qua-

quatro náos do Reyno, em que vinha por Viso-Rey da India D. Constantino de Bragança: e por isso concluiremos aqui com este Governador. Foi Francisco Barreto filho segundo do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarve, e de Dona Branca de Vilhena. Foi casado com Dona Francisca de Castro, filha de D. Luiz de Menezes, Alferes mór que foi de Portugal, irmão de D. Duarte de Menezes, Senhor da casa de Tarouca, de quem houve dous filhos, Ruy Nunes Barreto, e Luiz da Silva, que ambos morrêram na India. E por sua morte della, depois que acabou de ser Governador, casou com Dona Brites de Taíde, irmã do Conde de Atouguia D. Luiz de Taíde, mulher que fora de Christovão de Brito. Depois o encarregou ElRey de Capitão mór das galés, com que se achou em favor de ElRey de Castella na tomada do Pinhão de Bellez. Depois o mandou por Governador, e conquistador do Imperio de Monamotapa, onde faleceo, como na IX. Decada se verá.

FIM DO LIV. V. DA DECADA VII.